

LUCIANA MARIA DIAS DE ÁVILA RODRIGUES

25 anos do **PET Matemática** da UnB



**25 anos do
PET Matemática
da UnB**



Conselho Editorial da Editora Livraria da Física

Amílcar Pinto Martins - Universidade Aberta de Portugal

Arthur Belford Powell - Rutgers University, Newark, USA

Carlos Aldemir Farias da Silva - Universidade Federal do Pará

Emmánuel Lizcano Fernandes - UNED, Madri

Iran Abreu Mendes - Universidade Federal do Pará

José D'Assunção Barros - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Luis Radford - Universidade Laurentienne, Canadá

Manoel de Campos Almeida - Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Maria Aparecida Viggiani Bicudo - Universidade Estadual Paulista - UNESP/Rio Claro

Maria da Conceição Xavier de Almeida - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Maria do Socorro de Sousa - Universidade Federal do Ceará

Maria Luisa Oliveras - Universidade de Granada, Espanha

Maria Marly de Oliveira - Universidade Federal Rural de Pernambuco

Raquel Gonçalves-Maia - Universidade de Lisboa

Teresa Vergani - Universidade Aberta de Portugal

LUCIANA MARIA DIAS DE ÁVILA RODRIGUES

25 anos do PET Matemática da UnB



2022

Copyright © 2022 Luciana Maria Dias de Ávila Rodrigues
1ª Edição

Direção editorial: José Roberto Marinho

Revisão: Maria Virgínia Dias de Ávila

Capa: Fabrício Ribeiro

Projeto gráfico e diagramação: Fabrício Ribeiro

Edição revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rodrigues, Luciana Maria Dias de Ávila
25 anos do PET matemática da UnB / Luciana Maria Dias de Ávila Rodrigues. – São Paulo:
Livraria da Física, 2022.

Bibliografia
ISBN 978-65-5563-175-3

1. Educação 2. Ensino superior 3. Extensão universitária 4. Matemática - Estudo e ensino 5.
Pesquisa científica 6. PET - Programa de Educação Tutorial I. Título.

22-99286

CDD-378.198

Índices para catálogo sistemático:

1. Programa de Educação Tutorial: Extensão universitária: Educação superior 378.198

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida
sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora.

Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107
da Lei N° 9.610, de 19 de fevereiro de 1998



Editora Livraria da Física
www.livrariadafisica.com.br

Sumário

AGRADECIMENTOS	7
PREFÁCIO	11
APRESENTAÇÃO	15
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DO PET NO BRASIL.....	21
Criação e consolidação dos grupos PET (1979 - 1997).....	21
Luta em defesa do programa (1997 - 2008)	23
Programa de Educação Tutorial: 2009 a 2021	28
CAPÍTULO 2 – A HISTÓRIA DO PET MATEMÁTICA DA UnB..	31
Entrevistas com os tutores	32
Entrevistas com os PETianos egressos, atuais professores da UnB	82
CAPÍTULO 3 – PERFIL DOS EGRESSOS DO PETMAT UnB.....	133
Relação dos PETianos egressos.....	134
Perfil dos PETianos egressos e análise dos dados.....	136
CAPÍTULO 4 – COMEMORAÇÕES DOS 25 ANOS DO PETMAT	
UnB.....	147
Webinários: 25 anos do PETMAT UnB.....	147
PETMAT 25 anos: Eu faço parte dessa história!	150
Depoimentos	154
PALAVRAS FINAIS	205
REFERÊNCIAS	207

AGRADECIMENTOS

A produção deste livro iniciou-se em 2019, já em preparação para as atividades comemorativas dos 25 anos do PETMAT, que ocorreram em 2020. Contudo, com a crise sanitária que se estabeleceu no país em decorrência da pandemia causada pela COVID-19, as comemorações foram alteradas para o formato online e a finalização do livro foi adiada para 2021. Durante este período, nos anos de 2019, 2020 e 2021, a produção do livro fez parte do planejamento anual das atividades do grupo que incluíram a realização de entrevistas, de estudos coletivos sobre a história do programa no Brasil e da análise do perfil dos egressos do PETMAT.

Portanto, a elaboração deste livro contou com a imprescindível colaboração dos PETianos, alguns deles hoje egressos, a quem registramos os nossos agradecimentos: Amadeus Cabral Maldonado, Ayrton Anjos Teixeira, Bárbara Guerra Ribeiro, Caio Tomás de Paula, Carlos Henrique Campos Souza, Davi Batisaco Lírio Nunes, Gabriel Dias do Couto, Giulia Albuquerque de Oliveira, Herbert Luan Silva, Jorge Lucas de Azevedo Ribeiro, Manoel Fernando dos Reis, Matheus Andrade Ribeiro de Moura Horácio, Matheus de Freitas Souza, Melissa de Sousa Luiz, Rafael Meira Carvalho Lino, Railandi Sousa Assunção, Rodrigo Duarte Freitas de Oliveira Porto, Seabra Fernando Alves Pimenta, Thailany Machado dos Santos e Thais Regina Duarte Marçal.

Agradecemos também aos tutores egressos que nos presentearam com suas valiosas memórias e nos possibilitaram resgatar a história do grupo pelas palavras de quem a construiu: Celius Magalhães, Hemar Godinho, João Carlos de Pádua e Mauro Rabelo.

Agradecemos, da mesma maneira, aos PETianos egressos, hoje colegas professores da UnB, os quais, nas entrevistas, dividiram suas memórias e as suas experiências vivenciadas no grupo: Marcelo Furtado, Lucas Seco, Aline Pinto, Daniela Amato, Mauro Patrão, Wesley Bezerra, Jhames Sampaio, Luís Miranda, Paulo Henrique, Igor dos Santos e Matheus Bernardini.

Registramos nossos agradecimentos à Maria Virgínia, ao Caio Tomás e ao Matheus Freitas, que examinaram cuidadosamente todo o manuscrito e deram uma porção de sugestões úteis tornando essas linhas legíveis.

Por fim, agradecemos o apoio financeiro do MEC (Ministério da Educação) ao programa, como também o apoio às atividades realizadas pelo grupo do MAT (Departamento de Matemática), do IE (Instituto de Ciências Exatas), do DEX (Decanato de Extensão), do CLAA/DEG (Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação/ Decanato de Graduação) e da UnB (Universidade de Brasília).

“O PET existe porque resiste.
O PET resiste, por isso ele existe.”

PREFÁCIO

Senti-me honrado com o convite feito pela professora Luciana Ávila Rodrigues para fazer o prefácio desta obra, minuciosamente planejada e organizada por ela, com a colaboração de alguns PETianos, que se concretiza como de valor inestimável de registro da história dos 25 anos do Programa de Educação Tutorial do Departamento de Matemática da Universidade de Brasília – o PETMAT UnB, contada pelos seus protagonistas: estudantes e professores. Conforme muito bem observado pela professora Luciana na Apresentação do livro, este registro constitui “uma forma de assegurar a memória e a história do PET Matemática da UnB, para que novos PETianos possam conhecê-la para valorizá-la e respeitá-la”. O enredo foi traçado de forma atrativa para os leitores, escrito com espontaneidade, a partir da visão daqueles que a vivenciaram. Este princípio subordinou o plano da obra, muito bem traçado pela autora.

Hoje tenho o privilégio dos pioneiros, pois posso anunciar minhas descobertas sobre a obra antes dos demais leitores! Além disso, também fui agraciado com a possibilidade de ser tutor do programa PETMAT UnB no período de 2009 a 2012 e pude relatar essa experiência em uma entrevista transcrita neste livro.

A primeira descoberta refere-se à história do Programa de Educação Tutorial (PET) no Brasil, criado em 1979, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O professor Claudio de Moura Castro, criador do programa no período em que era diretor geral da CAPES, relata que o programa foi inspirado em um programa de bolsas para os alunos que se destacavam nos estudos na Faculdade de Economia e Administração, da Universidade Federal de Minas Gerais, criado pelo professor Ivan Leite de Magalhães Pinto, no final dos anos 1950. Experiência semelhante existia nos Estados Unidos, o *Honor Program*, um treinamento avançado em disciplinas destinado aos melhores alunos do curso. Em 1999, o programa teve a sua gestão assumida pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação. A obra revela que, apesar de sua consolidação, o programa passou por períodos de dificuldades, com ameaças de descontinuidade,

de 1997 a 2008. Após esse período, alguns normativos importantes foram criados pelo Ministério da Educação, dando maior solidez ao programa.

A segunda descoberta revela-se, ao longo do Capítulo 2, um excelente convite para o leitor, pois apresenta o relato da rica história do PETMAT UnB, contada em forma de entrevistas com os tutores e os estudantes que fizeram parte do programa e que hoje são professores da UnB. É o coração da obra, pois contempla o desenrolar dos acontecimentos dentro do programa. Apesar do roteiro estruturado, os entrevistados puderam falar livremente sobre suas vivências e expor seus sentimentos, o que trouxe vida para essa história, com depoimentos algumas vezes nostálgicos e carregados de emoção.

A terceira descoberta diz respeito à pesquisa apresentada sobre o perfil dos egressos do PETMAT durante os seus 25 anos de existência. A pesquisa foi feita com informações de 120 estudantes que participaram do programa de agosto de 1995 a agosto de 2020, dos quais a maioria, 75%, são do sexo masculino. A pesquisa revelou o percentual desses estudantes que fizeram pós-graduação no Brasil ou no exterior, inclusive doutorado e pós-doutorado, e o percentual que foi direto para o mercado de trabalho, entre outras interessantes informações.

A última descoberta está relacionada à descrição de seis webinários organizados pelos atuais integrantes do PETMAT UnB durante o período da pandemia do coronavírus de 2020. Tive, inclusive, a oportunidade de participar de alguns deles. Quatro deles foram voltados a contar a história do grupo, dividindo-a por período de tutoria, com a presença de tutores e PETianos, egressos e atuais. Foi um momento ímpar, pois pudemos conversar com os ex-orientandos e saber um pouco sobre o que estavam fazendo e onde estavam naquele momento e, principalmente, como estavam lidando com o período de confinamento devido à pandemia, já que representava um grande desafio para todos. Confesso que fiquei muito emocionado e agradeço muito à professora Luciana Ávila Rodrigues por essa oportunidade de poder contar e ouvir histórias deles.

Assim, esta obra surge como um compartilhamento de experiências incríveis e muito bem-sucedidas, vivenciadas por professores e alunos do Departamento de Matemática da UnB, durante 25 anos, de 1995 a 2020.

Não poderia terminar este prefácio sem parabenizar a professora Luciana por fazer este registro, para que os gestores do MEC e os integrantes futuros dos programas PET, da UnB ou mesmo de outras instituições, possam compreender os benefícios que o programa representa para a carreira profissional de seus participantes.

Ensinar e inspirar são duas grandes nobres tarefas do professor. Aqui está um excelente exemplo materializado pela professora Luciana.

Brasília, 10 de janeiro de 2022.

Mauro Luiz Rabelo

Professor Titular do Departamento de Matemática
da Universidade de Brasília

Secretário de Educação Básica do Ministério da Educação

APRESENTAÇÃO

*“Sonho que se sonha só é só um sonho, mas
sonho que se sonha junto é realidade...”*

Raul Seixas.

Estimado leitor, este livro é a realização de um sonho que, inicialmente, era só meu, mas se tornou coletivo quando alguns PETianos abraçaram comigo a ideia e me auxiliaram na sua produção. Com a colaboração desses PETianos, como chamamos, carinhosamente, os membros dos grupos PET, hoje, o sonho se torna realidade. Este livro é o resultado de estudos realizados pelo grupo, nos últimos anos, sobre a estrutura dos grupos PET (Programa de Educação Tutorial) no Brasil. Conta a história do PETMAT (PET Matemática), inicialmente, por meio da escuta e, em seguida, pelo registro de entrevistas realizadas com tutores e PETianos egressos, que, ao longo de 25 anos de existência do grupo, dedicaram-lhe parte das suas vidas, compartilhando conhecimento e dedicação em prol da divulgação dos pilares do PET. São pessoas que generosamente contribuíram com suas memórias e permitiram resgatar a história do grupo contada por quem ajudou a produzi-la, colaborando para a concretização desta obra. Ele mostra os reflexos da importância que a participação no PET proporciona aos integrantes na sua formação acadêmica, profissional e pessoal, confirmada na análise do perfil dos egressos e nos depoimentos deixados pelos participantes.

Quando, em 2019, tive a ideia de escrever este livro não imaginava o que o mundo iria passar, nem como seríamos atingidos. Em março de 2020, com medidas sanitárias de enfrentamento à pandemia provocada pela COVID-19, as atividades presenciais na UnB (Universidade de Brasília) foram suspensas. Todo o país parou, o mundo parou. Por essa razão, o primeiro semestre de 2020 foi difícil, pois víamos amigos, familiares, vizinhos, alunos, professores e amores partindo e, por isso, nos sentíamos impotentes. Em meio a esse turbilhão de sentimentos, tivemos que repensar nossas vidas, reorganizar nossas rotinas e, entre tantas novidades, finalizar a escrita desta obra e fazer o sonho se tornar realidade. Portanto, hoje, finalizamos com um sabor de vitória!

Resgatar a história é uma tarefa árdua para quem não a viveu inteiramente, porém muito gratificante. Fazer este registro foi uma forma de assegurar a memória e a história do PET Matemática da UnB, para que novos PETianos possam conhecê-la para valorizá-la e respeitá-la. Sendo assim, convido você, leitor, a rememorar os 25 anos do PETMAT. Tenham todos uma ótima leitura!

Luciana Ávila Rodrigues

INTRODUÇÃO

O PET, inicialmente chamado de Programa Especial de Treinamento, foi criado em 1979 pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), como parte de iniciativas que buscavam o fortalecimento do ensino superior no Brasil. Seu criador, Claudio de Moura Castro, então Diretor da CAPES, foi inspirado por uma experiência que teve ainda na graduação, cursada na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), onde havia um programa de bolsas para os alunos de destaque do curso. Nesse programa, os alunos ficavam em salas de estudo com presença controlada e recebiam uma bolsa de cerca de um salário mínimo, algo inovador para a época e de grande importância para os discentes.

Baseada nessa experiência, a CAPES cria o PET e a figura do Tutor do grupo, professor que estaria à frente do programa e responsável pelo acompanhamento e orientação dos alunos ao longo de sua trajetória acadêmica, atuando no ensino, na formação e na motivação do discente e traçando estratégias para o aperfeiçoamento de suas habilidades. Assim, definiu-se o PET como um programa de excelência que trabalha em um grupo formado por um professor tutor e estudantes de graduação previamente selecionados. Atualmente, cada grupo PET é composto por até 12 alunos bolsistas e até 6 alunos não bolsistas e um professor Tutor.

Um dos objetivos principais do programa é a preparação dos graduandos para o ingresso nos melhores cursos de pós-graduação do Brasil e do exterior. Segundo Claudio, uma das coisas que o impressionava, enquanto dirigente da CAPES, era a falta de candidatos suficientemente qualificados para fazer doutorado no exterior (CASTRO, s/d). Os egressos do PET deveriam ser a matéria-prima dos cursos de pós-graduação e, como um produto disso, os quadros de docentes das IES brasileiras sofreriam melhoras e, a partir daí, o ensino da graduação também.

O PET foi inicialmente aplicado a três grupos convidados pela CAPES: o de Economia da PUC/Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), o de Economia da UnB (Universidade de Brasília) e o de Direito da USP (Universidade de São Paulo) (MÜLLER, 2003). Ao longo dos anos, o programa se expandiu e, atualmente, o PET conta com 842 grupos distribuídos

entre 121 Instituições do Ensino Superior (BRASIL, s/d). Na UnB, há 19 grupos.

O programa, apesar de ter uma boa filosofia e bons objetivos, passou por fases e momentos de crise, incluindo ameaças de extinção. As fases do programa foram descritas como: 1ª fase – experimental (1979–1985), 2ª fase – institucionalização (1986–1989), 3ª fase – expansão desordenada, 4ª fase – consolidação (1993–1994) e 5ª fase (1995 – aos dias atuais) desestruturação do programa e articulação do movimento em defesa do PET (MÜLLER, 2003). Em defesa do programa, a comunicação e a interação entre os grupos aumentaram, o que culminou na criação dos Encontros Nacionais dos grupos PET (ENAPET) e de movimentos em protesto às constantes ameaças de corte de bolsas, incluindo manifestações em Brasília.

Em 1997, foi criado o primeiro documento de orientações para os grupos, o MOB (Manual de Orientações Básicas) (BRASIL, 1997). No final do ano de 1999, a gestão do programa foi assumida pela Secretaria de Educação do Ensino Superior do Ministério da Educação – SESu/MEC. Em 2003, o PET passou a se chamar Programa de Educação Tutorial. Em 2005, foram criados instrumentos normativos para o programa no âmbito do MEC como a Lei nº 11.180 e a Portaria MEC nº 3.385. Em dezembro de 2006, uma nova versão do MOB foi apresentada com o objetivo de orientar o funcionamento do grupo e de garantir sua unidade nacional (BRASIL, 2006). Em 2010, foi sancionada a Portaria nº 976, cujos dispositivos foram alterados pela Portaria MEC nº 343 de 2013, a qual dispõe sobre o funcionamento dos grupos PET, trazendo, por exemplo, mudanças acerca da abrangência dos grupos PET, da composição dos órgãos deliberativos e da competência de cada um deles. Essas alterações imprimiram ao programa um novo formato, ao mesmo tempo que lhe atribuíram um caráter institucional.

O objetivo geral do programa passou a ser “promover a formação ampla e de qualidade acadêmica dos alunos de graduação envolvidos direta ou indiretamente com o programa, estimulando a fixação de valores que reforcem a cidadania e a consciência social de todos os participantes e a melhoria dos cursos de graduação” (BRASIL, 2006, p. 7). Dentre as principais características, destacam-se a formação acadêmica ampla, a interdisciplinaridade, a atuação coletiva, a integração entre o corpo discente e o docente, o contato sistemático com a comunidade acadêmica e externa à IES (Instituições de Ensino

Superior), o planejamento e a execução de atividades além daquelas da própria grade curricular e que envolvam ensino, pesquisa e extensão.

De acordo com o MOB (BRASIL, 2006), o PET, ao desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão de maneira articulada, permite uma formação global tanto do aluno bolsista quanto dos demais alunos do curso, em contraposição à fragmentação, proporcionando-lhes uma compreensão mais integral do que ocorre consigo e no mundo.

O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, que está no Artigo 207 da Constituição Federal e é obrigatório nas universidades, foi uma das metas definidas no Plano Nacional de Educação, aprovado pela Lei nº 10.172 de janeiro de 2001 (BRASIL, 2001). Assim, formamos um ciclo de atividades visando aos três eixos, que se reforçam mutuamente e são os pilares sobre os quais se sustentam as universidades brasileiras. A inserção na extensão universitária propicia conhecimentos diferenciados que contribuem para o desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes, e o ensino e a pesquisa estão intimamente relacionados.

O PET é o único programa mantido pelo MEC (Ministério da Educação) destinado a alunos de graduação de IES, públicas ou privadas, que exige envolvimento dos alunos em atividades de ensino, pesquisa e extensão de forma articulada e sob a orientação de um professor Tutor (MARTINS, 2010). É um espaço formativo, cujas características lhe imprimem um caráter de programa de excelência.

No Capítulo 1, descrevemos a história do PET no Brasil, desde a sua criação em 1979 até os dias atuais. Dividimos o capítulo em seções: a primeira aborda o PET no período de 1979 a 1997 e relata a fase de criação e consolidação dos grupos até 1997, quando o programa começa a sofrer ataques e tentativas de desmonte. A segunda descreve o período de 1997 a 2008, marcado pelas lutas em defesa do programa e a consequente criação dos ENAPET. Na terceira seção, descrevemos o PET desde 2009 até os anos recentes, trazendo informações sobre as normativas que atualmente regem o programa.

Em 1995, foi criado o grupo PETMAT (PET Matemática da UnB). A ideia partiu de um grupo de professores do Departamento de Matemática da UnB, que observaram que havia ótimos alunos na graduação e queriam proporcionar-lhes a oportunidade de adquirir conhecimentos para além dos

ofertados na grade curricular. Esses professores, ao tomarem conhecimento do PET, reuniram alguns alunos, escolhidos por seu destaque no curso, formando um grupo de estudos para a realização de atividades variadas. Em 1995, foi aberto, pela CAPES, o edital de criação de novos grupos e foi submetido, então, um projeto para se criar um PET de Matemática na UnB. O projeto foi aprovado e o primeiro tutor, o professor Celius Magalhães, atuou nesta função de 1995 a 2001. Já em agosto de 1995, as primeiras bolsas foram homologadas. Em seguida, após a tutoria do professor Celius, passam pela tutoria do grupo os professores Hemar Godinho (de 2001 a 2006), João Carlos de Pádua (de 2006 a 2008), Mauro Rabelo (de 2009 a 2012) e a professora Luciana Maria Dias de Ávila Rodrigues, que assumiu o grupo em 2013 e é tutora até hoje, em 2021.

No Capítulo 2, contamos a história dos 25 anos do PET Matemática, desde a sua criação em 1995 até os dias atuais. Essa história é contada em forma de entrevistas com os tutores e com os PETianos egressos que hoje são professores da UnB. A utilização de entrevistas foi uma forma de descobrir a história do grupo pelas palavras de quem a construiu. Além disso, trazemos, ao final do capítulo, uma relação contendo os nomes dos PETianos egressos e dos atuais integrantes do PETMAT.

No Capítulo 3, descrevemos o perfil dos egressos do PETMAT nesse período dos 25 anos; trazemos informações sobre o quantitativo dos que fizeram pós-graduação no Brasil e no exterior; apresentamos informações sobre onde estão atuando no mercado de trabalho e finalizamos com uma análise de gênero desses egressos.

No Capítulo 4, descrevemos como foram realizadas as comemorações, no ano de 2020, dos 25 anos do PET Matemática da UnB, por meio de webinários, durante os quais contou-se a história do grupo por períodos de tutoria; discorreu-se sobre o mestrado e doutorado no exterior; e ressaltou-se a participação das meninas e mulheres do PETMAT. Além disso, descrevemos a campanha de divulgação realizada no Instagram e no Facebook do grupo: “PET Matemática 25 anos! Eu faço parte dessa história!”, em que listamos os depoimentos que os PETianos compartilharam sobre suas experiências como membros do grupo e qual o impacto que a sua participação no PETMAT teve em sua formação acadêmica.

A HISTÓRIA DO PET NO BRASIL

Neste capítulo, fazemos uma descrição sobre o que é o grupo PET, desde a sua criação em 1979 até os dias atuais. Ele é fruto de discussões sobre o tema realizadas nas reuniões do grupo PETMAT em 2019 e 2020 e baseadas em vários textos lidos dentre os quais destacamos Borba e Soares (2015); Castro (s/d); Corrêa (2021); Martins (2010); Müller (2003); Rosin, Gonçalves e Hidalgo (2017); Torina, Almeida e Silva (2016).

O capítulo está dividido em três seções. A primeira aborda o PET no período de 1979 a 1997 e relata a fase de criação e consolidação dos grupos até 1997, quando o programa começa a sofrer ataques e tentativas de desmonte. A segunda descreve o período de 1997 a 2008, quando houve a decisão, por parte da CAPES, de corte total de bolsas. Contudo, essa decisão foi revista e a permanência dos grupos PET foi garantida. A terceira, traz informações sobre o PET desde 2009 até os anos recentes, como as normativas que atualmente regem o programa como o MOB (BRASIL, 2006), Portaria MEC nº 976, de 27 de julho de 2010, a qual trouxe inovações para o programa e a Portaria nº 343, de 24 de abril de 2013, que altera dispositivos da Portaria 976/2010.

Criação e consolidação dos grupos PET (1979 - 1997)

O PET foi criado em 1979 com o objetivo de compor as iniciativas de fortalecimento do ensino superior brasileiro conduzidas pela CAPES. Seu idealizador foi o professor Cláudio de Moura Castro, Diretor da CAPES de 1979 até 1982. A inspiração para o modelo PET foi o que era realizado, no final da década de cinquenta, na Faculdade de Economia e Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo professor Ivan Leite de Magalhães Pinto. Dentre as suas medidas, destaca-se a seleção de 5 ou 6 alunos de destaque de cada turma que passaram a receber uma bolsa e formaram grupos de estudo, ajudando-se mutuamente, e com a disponibilidade de espaço físico para se dedicarem às atividades em período integral. Uma experiência semelhante à do professor Ivan Leite já existia nos Estados Unidos, o Honor

Programs, um treinamento avançado em disciplinas destinado aos melhores alunos (MÜLLER, 2003).

A equipe, encarregada da implementação do programa, deu o nome de PET (Programa Especial de Treinamento). Implementaram-se inicialmente três grupos: no curso de Economia da PUC/RJ; no curso de Economia da UnB; e na Faculdade de Direito da USP, (MÜLLER, 2003). A ideia era a mesma, isto é, alunos dedicados em tempo integral aos estudos, com espaço físico à disposição. Além disso, foi implementada a figura do Professor Tutor, um docente que estaria à frente do programa, atuando no ensino, na formação e na motivação do aluno, traçando estratégias para o aperfeiçoamento de suas habilidades.

Segundo Castro (s/d), o grupo PET foi criado para que seus integrantes se transformassem em matrizes de lideranças intelectuais, em pesquisadores e em profissionais excepcionais que seriam, por excelência, a matéria-prima dos programas de pós-graduação.

A partir da sua criação, o PET procura formar indivíduos de qualidades individuais amplas, com iniciativa, engajamento e ética, os quais tenham interesse e curiosidade para o aprendizado, habilidade para trabalhar em grupo, cordialidade e que compreendam o conceito de responsabilidade social inerente à sua condição de membro do grupo.

Durante os anos de 1986 a 1989, o programa passou pela fase de institucionalização, com o PET sendo oficialmente regularizado em 1987, com a criação do documento “Orientações básicas do PET-1987”, que norteava a implementação dos grupos. Durante esse período, houve a primeira expansão formal do programa. Nessa mesma época, criaram-se as coordenações de áreas dos grupos, fundamentais para o processo de acompanhamento e avaliação do programa. Como resultado dessa expansão, o programa contava, em 1989, com 82 grupos e 519 bolsistas.

Nos anos de 1990 a 1992, o programa cresceu ainda mais, passando por uma fase de expansão desordenada, contudo, em decorrência dessa expansão, ocorreu uma precariedade do acompanhamento do programa. Outra consequência de tal expansão foi a má aplicação de processos seletivos, ocasionando aprovações de grupos que iam contra a filosofia do programa. Nos anos de 1991 e 1992, a CAPES produziu a primeira versão do MOB, em substituição

ao documento “Orientações básicas do PET”. Esse manual possuía incoerências que geraram consequências negativas para os grupos, como a alta rotatividade de alunos. Também, durante essa fase de expansão, as IES criaram setores de gerenciamento interno para o PET. Ao final de 1992, o programa contava com 237 grupos e 1642 bolsistas.

Durante os dois anos seguintes, 1993 e 1994, o programa passou pela fase de consolidação, com as coordenações de área sendo reativadas e um novo MOB foi elaborado, em 1995. Como consequência, grupos com baixo rendimento foram desligados. Durante essa consolidação, buscou-se restabelecer a qualidade do programa, que contava com 255 grupos e 2613 bolsistas ao final de 1994.

A partir de 1995, o programa passou a sofrer ataques e tentativas de desmonte. De 1995 a 1997, tentou-se destruir internamente o programa, com a CAPES alegando que o PET era um programa elitista e caro para a quantidade de alunos que beneficiava, além de não causar o impacto pretendido na graduação. Para validar essa visão, a CAPES encomendou avaliações externas.

A primeira delas foi realizada pelo Núcleo de Pesquisa do Ensino Superior da USP e coordenada pela professora Elizabeth Balbachevsky, cujo objetivo era analisar a inserção do PET na graduação. O relatório “O impacto do Programa Especial de Treinamento” produzido, a partir dessa análise, mostrou que o PET é um programa bem-sucedido que se destaca em comparação a programas similares. Este relatório não agradou à CAPES, por isso outra avaliação foi encomendada. Desta vez realizada por uma comissão de três tutores que atuavam como consultores de área do programa. Além de trazer sugestões de melhoria, o relatório da avaliação trouxe novamente um parecer positivo em relação ao programa. A análise ainda destacava que a filosofia do PET era semelhante à recomendada pelo conselho americano visando à melhoria da graduação. Apesar das avaliações positivas, a CAPES suspendeu novas avaliações e começou a realizar cortes no programa, reduzindo as taxas acadêmicas e o número de bolsistas em 50%.

Luta em defesa do programa (1997 - 2008)

Em dezembro de 1997, durante o período de férias, houve corte de bolsas. Em março de 1998, a CAPES enviou um ofício circular às IES, apresentando

as adaptações do PET para o ano de 1998 e, no dia 17 do mesmo mês, enviou outro ofício, revendo os cortes ao programa. Com isso, tutores e bolsistas voltaram a receber as bolsas.

De março a dezembro do ano de 1998, houve pouca movimentação por parte da CAPES, mas o movimento em defesa do PET ganhou força. Uma das consequências foi a Carta de Araraquara, redigida por 15 grupos da UNESP. Em dezembro, foi realizada uma manifestação durante uma reunião da CAPES em cuja pauta trataria do programa, contudo o tema pairou sobre orçamentos e avaliações, não cogitando o fim do PET. Essa reunião, marcada pelas exigências dos tutores em receber as análises de seus relatórios de atividades, foi finalizada com a afirmação do professor Adalberto Vasquez de que, independentemente do corte de bolsas, pretendia-se manter o programa.

Para melhor organizar o movimento em defesa do programa, o tutor do grupo de Engenharia Mecânica da UNESP sugeriu a criação de uma lista de e-mails dos grupos. Criou-se, assim, a lista PET-1, com alcance inicialmente restrito à UNESP. Não há uma data precisa para a organização da lista nacional, que foi elaborada e ainda é administrada pelo grupo de Engenharia Elétrica da UNESP. Os e-mails mais antigos da lista nacional PETBR datam de 1998 e essa lista foi a principal forma de comunicação entre os grupos por cinco anos.

No ano de 1996, houve o primeiro Encontro Nacional dos grupos PET, chamado de ENAPET. Ele ocorreu durante a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em São Paulo. O segundo ENAPET foi realizado no ano seguinte, em Belo Horizonte e, a partir daí, o evento passou a ser realizado anualmente.

Em 1998, durante a reunião anual da SBPC em Natal - RN, o ENAPET tomou um rumo político. Discutiu-se a criação de comitês regionais e um comitê nacional, além de encontros estaduais e regionais, com destaque para a articulação política. Também foi aprovada a solicitação para incluir o ENAPET na programação oficial das reuniões anuais da SBPC e uma moção de apoio ao programa.

A primeira manifestação do movimento, que começou a ser organizada ao final de 1997 devido à ameaça do corte de bolsas, ocorreu no dia 12 de março de 1998 e contou com cerca de 400 PETianos. O protesto foi realizado

em frente ao MEC, com uma caminhada até o Palácio do Planalto. O resultado da manifestação foi reduzir em 30% os cortes ao programa e a abertura de futuros debates sobre orçamentos. Contudo, tais debates não ocorreram. Então novas manifestações foram planejadas, como a do dia 2 de dezembro de 1998, em que mais de 400 PETianos foram novamente ao Planalto Central.

Entre os dias 12 e 15 de julho de 1999 ocorreu, na PUC-RS, o IV ENAPET, que enfrentou a decisão do ofício circular da CAPES de março daquele ano, que continha o anúncio da extinção do programa no final de 1999. No dia 14, ocorreu a Assembleia Geral do IV ENAPET, durante a qual grupos PET formularam a Carta de Porto Alegre e também foi aprovada a organização de uma Comissão Executiva Nacional. Uma nova moção em apoio ao programa foi apresentada na assembleia da SBPC contra o ofício da CAPES que ameaçava extinguir o PET. Essa moção deu origem ao pedido da primeira audiência pública sobre o PET.

Entre os dias 4 e 5 de agosto de 1999, foi realizada a I Conferência Nacional do PET (I CONAPET), em Viçosa-MG, devido à insistência da CAPES em acabar com o programa. A não avaliação dos planos de atividades e dos relatórios dos três últimos anos e a falta de reconhecimento da importância do PET foram os principais motivos de debate.

Em setembro de 1999, foi organizada uma grande manifestação em Brasília, na qual o slogan PETiano: “Quem come as sementes não colhe a próxima safra” foi pronunciado. Essa manifestação mais estruturada, contou com quase 1500 PETianos e foi recebida pela UnB. Foi realizado um ato em frente ao Palácio seguindo, novamente, para o MEC.

A primeira vitória do movimento veio com uma emenda de 16 milhões ao orçamento, cuja aprovação implicaria a continuidade do programa. Ainda em 1999, uma comissão de PETianos percorreu gabinetes da Câmara e também houve encontros e audiências com líderes do governo. Como resultado, foi realizada a primeira reunião da comissão de reestruturação do PET no dia 11 de novembro de 1999. Mesmo com essa movimentação e com uma audiência pública na Câmara dos Deputados, as bolsas continuavam a não ser pagas e havia um atraso de mais de 6 meses no pagamento.

No dia 20 de setembro de 1999, a revista *Época* destacou o movimento com uma reportagem de duas páginas. O título da matéria era “Qualidade

punida”, na qual foram relatadas as experiências de grupos da PUC-SP, PUC-MG e UFF e também do professor Dante Barone, da UFRGS, e de Abílio Baeta, presidente da CAPES, que alegou que o programa era “caro demais para o número de pessoas que atinge”.

No final de 1999, o programa teve a sua gestão assumida pela SESu/MEC (Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação). Essa mudança foi efetuada com o objetivo de repensar o programa frente às diretrizes definidas pela educação superior naquele momento.

Virou-se o milênio e os tutores continuavam sem receber. Em maio de 2000, o professor Antônio MacDowell de Figueiredo, da UFRJ, assumiu a SESu e, em junho, o professor Marcos Danhoni, da UEM, enviou à Procuradoria Geral da República um documento pedindo a investigação da diretoria da SESu.

O V ENAPET, realizado entre os dias 10 e 12 de julho de 2000, paralelamente a 52a reunião da SBPC em Brasília, foi um marco. Isso porque o número de participantes chegou a aproximadamente 1000 entre PETianos e tutores. A assembleia da manhã do dia 12 de julho de 2000 discutiu o VI ENAPET e a eleição da nova Comissão Executiva Nacional em Defesa do PET. O evento ocorreu num clima peculiar de luta e greve da polícia militar. O PET, a UNE (União Nacional dos Estudantes) e a Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG) se reuniram para realizar, concomitantemente, o IV Encontro de Jovens Cientistas que chegou ao número de 400 participantes.

No dia da assembleia geral da SBPC, os grupos organizaram uma passeata e mostraram suas produções científicas. Durante a reunião, foi aprovada uma moção de apoio ao projeto de lei que formalizava o Programa Especial de Treinamento. A assembleia geral do VI ENAPET, realizada no dia 18 de julho, aprovou pontos discutidos ao longo do evento e também a composição da nova Executiva Nacional.

Uma nova manifestação foi marcada em conjunto com a audiência pública realizada na Comissão de Educação do Senado, reunindo cerca de 500 PETianos. No dia 14 de novembro, o professor MacDowell, então secretário da SESu, recebeu membros da Executiva Nacional.

Em 2000, houve 2 audiências públicas. A primeira não teve grande repercussão, já a segunda, ocorrida em 22 de novembro, contou com o plenário

lotado e abordou a questão do pagamento. No dia 20 de novembro, o MEC enviou um parecer justificando o não pagamento dos tutores.

Nos dias 22 e 24 de novembro de 2000, foi realizada a Conferência Nacional de Educação, Cultura e Desporto intitulada “Desafios para o século XXI”, na Câmara dos Deputados em Brasília. Foi designado um espaço para o PET, na tarde do dia 24. Durante a conferência, o presidente da UNE convidou representantes do PET para coordenar a área de Ciência e Tecnologia da segunda Bienal de Cultura da UNE, que se realizaria em 2001, no Rio de Janeiro.

Em 2000, apenas as bolsas dos PETianos passaram a ser subsidiadas pelo DEPEM/SESu/MEC (Departamento de Modernização e Programas da Educação Superior), sendo suspensas a taxa PET e a bolsa do tutor. Em dezembro daquele mesmo ano, os PETianos recorreram ao Congresso, em busca de uma emenda para evitar a extinção do PET. Outra emenda foi aprovada no valor de 8 milhões, mas foram necessários ajustes por parte dos grupos, que só receberam ao final de setembro de 2001 e, novamente, os tutores não receberam.

Em maio de 2001, exatamente um ano após sua entrada na SESu, o professor MacDowell foi dispensado do cargo. Em um apelo feito no dia 23 de outubro de 2001, a Comissão Executiva conversou com o secretário da Comissão de Educação do Senado discutindo a questão dos grupos PET. A UNE promoveu ainda a participação do PET no Fórum Mundial de Educação, ocorrido entre os dias 24 e 27 de outubro de 2001.

Em 2002, foi divulgado o novo MOB, cuja aprovação teve início na Assembleia Geral do ENAPET daquele ano.

Em 2003, o PET passa a se chamar “Programa de Educação Tutorial” e, em 2005, foram sancionadas a Lei nº 11.180, de 23 de setembro de 2005 e a Portaria nº 3.385, de 29 de setembro de 2005. Essa Lei restituía o programa e a Portaria estabelecia os procedimentos para atuação de bolsistas e tutores no grupo. Essa Portaria trouxe também as diretrizes para o planejamento, para a avaliação e relatório de atividades dos grupos, passando a ser o principal ponto de referência.

A suspensão da contratação de novos grupos PET, ocorrida desde 1997, foi mantida até 2005. Em dezembro de 2006, houve nova edição do MOB, e

também uma expansão do programa com a abertura do Edital nº 3/2006, que instalou processo público para seleção de 30 novos grupos.

Ainda em 2006, durante a realização do ENAPET de Florianópolis, foi fundada a CENAPET (Comissão Executiva Nacional dos grupos PET), quando seu estatuto e regimento foram aprovados. A CENAPET é a entidade representativa dos estudantes e professores tutores no contexto do PET e tem a função de representar a comunidade PETiana e de realizar a comunicação com órgãos superiores como o MEC.

Programa de Educação Tutorial: 2009 a 2021

Em 2009, ocorreram algumas mudanças no programa: a CAPES passou a financiá-lo, o sistema de envio de relatório e planejamento passou a ser feito pelo SIGPET (Sistema de Gestão do Programa de Educação Tutorial), plataforma desenvolvida pelo Ministério da Educação, que tem como objetivo otimizar as ações do programa. Projetos distintos foram unificados na SESu, fazendo com que grupos criados a partir da vinculação com cursos ou por temas passassem a ser gestados por um mesmo gestor. Grupos vinculados a cursos são aqueles que agregam estudantes que fazem um mesmo curso de graduação, a exemplo do PETMAT, e grupos criados por temas são os que têm um enfoque particular, como, por exemplo, os grupos PET Conexões de Saberes, que têm um caráter mais interdisciplinar, agregando estudantes de vários cursos.

Em 2010, com a Portaria MEC nº 976, de 27 de julho, mudam-se as leis que regulamentam o programa, causando conflitos em relação à permanência do tutor, ao MOB e à constituição do CLAA (Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação). Além disso, trouxe inovações para a estrutura do PET como, por exemplo, a flexibilização e dinamização da estrutura dos grupos, a união do PET com o Conexões de Saberes, a definição de tempo máximo de exercício da tutoria, a aproximação com a estrutura acadêmica da universidade e a definição de estruturas internas de gestão do PET.

No ano seguinte, 2011, a nova rotulação a certos grupos PET como “tradicionais” causou problemas na convivência e até mesmo desrespeito entre os grupos, como em um evento em Goiânia. Nele, os grupos “tradicionais” foram nominados como elite social e acadêmica e voltaram a ser considerados

“Programa Especial de Treinamento”. Esses atritos baseavam-se na ideia de que os grupos “tradicionais” haviam sido criados em uma época em que se pretendia apenas “adestrar” o conhecimento acadêmico. Com isso, voltaram a ocorrer eventos muito politizados e com foco em defender a existência de grupos ao invés de focar na coexistência dos mesmos.

No ENAPET de 2012, em São Luís - MA, uma nova versão do Manual de Orientações Básicas do PET foi apresentada pelo MEC, sem que tivesse havido nenhuma discussão prévia com a CENAPET.

Em abril de 2013, novos direcionamentos são dados ao programa por meio da Portaria MEC nº 343 que altera os dispositivos da Portaria MEC nº 976/2010. Dentre os direcionamentos, temos, por exemplo, mudanças sobre a abrangência dos grupos, sobre a composição dos órgãos deliberativos e sobre a competência de cada um deles. Além disso, o documento direcionou que as atividades desenvolvidas pelo PET devem continuar a envolver ensino, pesquisa e extensão e que os grupos devem contribuir para a implementação de políticas públicas e de desenvolvimento em sua área de atuação.

Atualmente, o PET conta com 842 grupos distribuídos entre 121 Instituições de Ensino Superior (BRASIL, s/d). Cada grupo é composto por 12 alunos bolsistas, até 6 alunos não bolsistas e um professor Tutor. O PET, como programa de qualificação do ensino superior, tem contribuído no âmbito dos cursos de graduação, tanto de instituições públicas como privadas, com a melhoria desses e com a formação ampla dos discentes envolvidos. O PET é, por si só, um programa de excelência.

Entretanto, a luta pela permanência e por reconhecimento do programa continua. Diante do cenário de incertezas econômicas e políticas atualmente enfrentadas no país, devemos permanecer atentos, pois queremos que o PET continue ativo, com todas as qualidades que lhe permitiram sobreviver ao longo de todos esses anos.

A HISTÓRIA DO PET MATEMÁTICA DA UnB

Neste capítulo, apresentamos a história do PETMAT (PET Matemática da UnB), de 1995 a 2020, resgatada e contada por meio de entrevistas realizadas com os tutores e com os PETianos egressos que hoje são professores da UnB.

Começamos esse trabalho no segundo semestre de 2019, preparando dois roteiros de perguntas, um para os tutores e outro para os PETianos egressos. Os roteiros serviram de direcionamento para as entrevistas realizadas. Apesar do roteiro, as entrevistas foram informais, ou seja, os entrevistados puderam falar livremente sobre suas experiências e expor suas emoções e suas lembranças sobre o PETMAT, o que possibilitou o resgate de sentimentos e de situações vivenciadas, proporcionando momentos de nostalgia. Com o intuito de captar todos os detalhes da conversa, as entrevistas foram gravadas e, para registro, transcritas.

As entrevistas e suas transcrições foram atividades que constaram no planejamento anual do grupo, anos de 2019 e 2020, e contou com a colaboração de todos os PETianos à época. Iniciamos as entrevistas, em 2019, com os tutores egressos e optamos por entrevistar os PETianos egressos que hoje são professores da UnB, campus Darcy Ribeiro, pela facilidade do contato presencial e por já estarem atuando no mercado de trabalho e assim ser possível avaliar a importância que a participação no grupo exerceu em sua formação acadêmica.

O processo de transcrição das entrevistas foi trabalhoso, assim, dadas as dificuldades encontradas, em 2020, optamos por continuar as entrevistas por e-mail, ou seja, o entrevistado recebeu o formulário, previamente elaborado, por e-mail e o retornou incluindo suas respostas. Com isso, foi possível incluir as entrevistas dos egressos que não tinham sido realizadas presencialmente e também incluir os egressos que são professores de outros campi da UnB, como o Gama e a FUP (Faculdade UnB Planaltina). Finalizadas as transcrições das entrevistas, cada uma delas foi enviada ao respectivo entrevistado e à respectiva entrevistada para que fizessem a revisão e depois autorizassem a publicação neste livro.

Durante o ano de 2020, fomos surpreendidos pela pandemia do coronavírus e por todas as restrições impostas com o isolamento físico e a consequente suspensão das atividades presenciais na UnB. Este fator, somado a escolha da forma das entrevistas, impactaram diretamente no tempo previsto para finalização da revisão das entrevistas e, consequentemente, deste livro. Apesar de todo o trabalho, foi gratificante ouvir o depoimento de pessoas que vivenciaram diferentes momentos da trajetória do PETMAT e que contribuíram com suas valiosas memórias para a concretização deste trabalho.

Dividimos o capítulo em duas seções. Na primeira, apresentamos as entrevistas com os tutores na ordem cronológica de atuação no PETMAT; na segunda seção trazemos as entrevistas com os egressos do PET que são docentes da UnB, na ordem cronológica de participação no grupo.

Entrevistas com os tutores

Nesta seção, resgatamos a trajetória do PETMAT contada pelos professores tutores: Celius Magalhães, primeiro tutor do grupo, Hemar Godinho, João Carlos de Pádua, Mauro Rabelo e pela atual tutora, Luciana Maria Dias de Ávila Rodrigues.

As entrevistas foram realizadas a partir de perguntas previamente elaboradas. As respostas são ricas em depoimentos, em momentos nostálgicos e cheias de grande emoção. Uma conversa agradável de ser lida. A seguir, apresentamos as entrevistas em ordem cronológica do período da tutoria. Usamos a notação 1995/2 para indicar o segundo semestre do ano de 1995, analogamente foi adotada esta notação para os outros períodos.

Entrevista com o tutor egresso, professor Celius Magalhães

O professor Celius Antônio Magalhães é professor do Departamento de Matemática da UnB. Foi o primeiro tutor do PETMAT, no período de 1995/2 a 2001/1. A entrevista foi realizada pelo PETiano Gabriel Dias e pela tutora, professora Luciana Ávila Rodrigues.

Gabriel Dias: Qual é a sua cidade natal?

Celius Magalhães: Araguari em Minas Gerais.

Gabriel Dias: Qual é a sua formação acadêmica e por que escolheu a Matemática?

Celius Magalhães: As perguntas começaram a ficar difíceis. Eu tinha a seguinte dificuldade: achava muito ruim a ideia de passar 8 horas em um escritório trabalhando com assuntos que não acrescentavam muito e perder aquele tempo todo da vida. Então eu tinha um plano terrível: não fazer nenhum curso profissional, para não ter profissão. Melhor aproveitar a vida de outro jeito. E na Matemática não tem ninguém, não existe a profissão de matemático. É tão gozado que eu entrei assim: “vou fazer Matemática, que não é Engenharia”. Acabei me envolvendo muito com o curso e depois as coisas mudaram muito. Então esse foi um motivo, o porquê de ter escolhido essa graduação. Hoje passo mais de 16 horas envolvido com o trabalho, mas não é só para vender o que você faz, é diferente. Atualmente estou muito contente com a escolha que fiz, apesar do modo estranho que tomei minha decisão. Fiz a licenciatura aqui em Brasília, que também era sem pretensões: a ideia era fazer uma graduação que não fosse só de Matemática, mas que tivesse uma abrangência maior, que tivesse aspectos educacionais e outros fatores. Isso me frustrou um pouco porque o curso de licenciatura foi muito fraco do ponto de vista educacional, realmente não foi o que eu esperava. Mas me formei, em seguida fiz o mestrado no IMPA durante aproximadamente 3 anos. Retornei à UnB e fiz o doutorado com o Djairo. Na época, o Djairo era professor aqui, por um ano e meio. Posteriormente fiz o pós-doutorado fora do país, em Madison, Wisconsin e fiquei lá um ano e meio também. Voltei e, desde então, estou me dedicando ao Departamento. Fiquei muito interessado no ensino e, de fato, passei a me dedicar a maior parte do tempo nisso. Publiquei alguns artigos, fiz algumas pesquisas, mas acabei me dedicando mais ao ensino mesmo. Essa é a história completa.

Gabriel Dias: Em que ano você começou a trabalhar na UnB?

Celius Magalhães: Comecei em 1985 como aluno de doutorado. Na época, o doutorando recebia a bolsa e um salário de substituto. Havia a possibilidade de ser substituto e estudante ao mesmo tempo. Comecei a dar aula aqui no segundo semestre de 1985.

Gabriel Dias: Como era a estrutura do Departamento de Matemática?

Celius Magalhães: Era bem diferente. Teve uma questão complicada: o Departamento foi muito bom, logo depois de 1964 teve a revolução e toda aquela história. A UnB era muito ativa do ponto de vista político. Nomearam um reitor, o Azevedo, que queria transformar a Universidade em uma instituição de qualidade acadêmica e não só política. Então ele investiu muito em trazer pessoas de fora que fossem representativas das áreas. Então, trouxe da Física e da Matemática. Foi nessa época que vieram os professores Djairo, Elon e Manfredo que lecionavam aqui. Então o Departamento começou com uma estrutura de excelência na pesquisa, assim como na Física, ambas muito, muito fortes. Mas como os físicos acabaram se envolvendo muito na política, houve um desmembramento da Física que trouxe consequências que ainda refletem negativamente para eles. O Departamento de Matemática, por outro lado, era mais neutro, então continuou sendo um Departamento de qualidade muito grande e que, aos poucos, foi perdendo fôlego. Isso ocorreu devido à evasão de professores e à política de não contratar novos professores de todas as Universidades. Por mais de 10 anos, ninguém foi contratado. Então havia pesquisadores antigos, alguns pouquíssimos novos alunos de doutorado, mas era um trabalho muito restrito e voltado para essa questão da qualidade de pesquisa científica. Era a única moeda de troca possível aqui dentro do Departamento. A parte do Ensino tinha pouca relevância no Departamento. O pessoal da educação era muito discriminado: eram pessoas que não faziam Matemática de qualidade e por aí vai. Isso mudou muito, principalmente para as contratações novas. Mas na época era bastante diferente. Por exemplo, você falar em fazer aula de exercício em Cálculo 1? Nunca! Você tinha que dar aula e os alunos é que estudassem, porque fazer aula de exercício era picaretagem, era tido como um subterfúgio para quem não quer dar aula. E isso foi mudando aos poucos. Mas na época em que o PET começou, em 1995, ainda era muito nesses moldes. Para sobreviver, o programa teve que investir muito na parte de pesquisa. Por exemplo, a gente introduziu atividades culturais, mas isso era visto como uma brincadeira, uma diversão. Então tivemos que ter material de pesquisa de excelência. E tiveram muitos pesquisadores. O Departamento apoiou muito o PET e também criou disciplinas novas por causa do grupo. Foram pontos relevantes. Atualmente, as matérias de Tópicos (de Análise, Geometria e Álgebra)

que são ofertadas na graduação, foram criadas, na época, para atender à orientação do programa. Aquelas disciplinas eram específicas para alunos do PET, que giravam em ciclos. Isto é, elas se alternavam e o coordenador, o orientador eram o professor da disciplina. A intenção então era orientar os alunos nessas três áreas fortes do Departamento.

Luciana Ávila: Era sempre o tutor que ministrava as disciplinas?

Celius Magalhães: Não, era o contrário, o tutor não dava. Quem dava era um outro professor, como orientador.

Gabriel Dias: Havia prova nessas matérias?

Celius Magalhães: Não. A atividade era feita da seguinte maneira: todos os PETianos juntos em uma pesquisa orientados pelos professores Hemar, Ketí, Norái e Liliane. Então todos se juntavam em uma sala, expunham as pesquisas, faziam um relatório e escreviam os resultados das apresentações para fazer um livro. Então eles tinham três atividades: fazer a apresentação, escrever em LaTeX e depois publicar o livro daquela matéria dada. Foram publicados muitos livros por meio dessas pesquisas. Os novos ficavam perdidos, mas eram orientados a “afinar os ouvidos” porque um dia seria a vez deles.

Luciana Ávila: Que contrapartida esses professores tinham para ministrar essas disciplinas? Os créditos eram contados na carga didática deles?

Celius Magalhães: Eram contados na carga. Isso foi um problema quando as disciplinas foram criadas, porque inicialmente a orientação era feita espontaneamente. Os professores se dispunham, mas depois veio uma orientação do DEG de que o professor tinha que ter uma carga horária mínima. Por conta disso, o professor falou “se eu tenho que ter uma carga horária mínima, eu não vou fazer isso”. O Departamento designava o professor para orientar e não tinha registro disso. Então a disciplina foi criada e registrada. O professor ganhava quatro créditos para lecionar essa disciplina como orientação.

Luciana Ávila: E as aulas correspondiam aos quatro créditos?

Celius Magalhães: Sim. De fato, tinha dois componentes: a parte expositiva, que ocorria uma vez por semana; depois, a parte escrita, da produção

propriamente dita, que a gente relia, tirava dúvidas, escrevia de diferentes maneiras. Com as atribuições dadas, tínhamos as quatro horas usadas para fazer o programa.

Luciana Ávila: Além dessa disciplina, vocês se encontravam para as reuniões administrativas?

Celius Magalhães: As reuniões administrativas alternavam com as reuniões de atividades culturais. Havia três grandes temas: um que a gente falava sobre “temas transversais”, fazíamos a leitura do livro e discutíamos sobre a obra; outro que realizávamos atividades culturais como assistir a teatro ou a filme e, por fim, a parte de pesquisa. Então nossas atividades culturais eram feitas no final de semana. Saíamos, às vezes, todos nós e almoçávamos fora. Foi a primeira vez que muitos PETianos foram ao teatro, pois eles não o conheciam. Então eu buscava todos na UnB, comparava os ingressos e os levava ao teatro. Depois tinha que levá-los em casa porque o teatro acabava às 23 horas e o pessoal morava em Ceilândia, por exemplo, portanto não vão para casa às 23 horas sozinhos, né? Por exemplo, eu levei a Solange em casa várias vezes. Mas a gente alternava as atividades: uma reunião era de pesquisa e a outra de atividade cultural, ou reunião administrativa ou tema transversal. E nos temas transversais eram feitas leituras assim de livros importantes. A gente leu aquele “A Era dos Extremos”. Teve um que foi de um impacto muito grande: “Raízes do Brasil”, do Sérgio Buarque de Holanda. “Motivos Endêmicos à Descoberta do Brasil”. Depois a gente leu um do Marshall Berman: “Tudo que é Sólido Desmancha no Ar”, sobre a modernidade. Eram esses estilos de temas que abordávamos. “A Ilha do Dia Anterior”, do Umberto Eco, que fala sobre a navegação um pouco antes de 1400 e das dificuldades de orientação. E é um livro, ao mesmo tempo que é científico, mas muito entrosado com a trama terrível de eles se perderem no mar. Em resumo, era dessa maneira que executávamos as atividades de leitura de livros.

Luciana Ávila: A gente também vai começar um clube do livro no próximo semestre. O GD (Gabriel Dias) teve a ideia e ele já escolheu os livros. Será ótimo se puder compartilhar a lista dos livros lidos por vocês. GD, acho que os livros que você escolheu são mais filosóficos, certo?

Gabriel Dias: Os livros que escolhi servirão para orientar os meninos a um saber intelectual, como se comportarem e a se organizarem melhor.

Celius Magalhães: Com certeza.

Luciana Ávila: A intenção é que a gente faça leituras de temas variados.

Gabriel Dias: Literatura de outras formas também é muito importante.

Celius Magalhães: A Literatura tem um apelo muito abrangente. Ela discute, ao mesmo tempo, temas muito específicos e muito gerais. A Literatura é muito importante. Vale a pena ler alguns clássicos da Literatura universal. A gente leu “Alice no País das Maravilhas”, do Carroll, que é muito bonito e fala dos paradoxos, por exemplo. De fato, você tem que ter um pé na Matemática, outro na Filosofia, mas é bom ter um conhecimento na Literatura também.

Luciana Ávila: Eu acho interessante tanto a leitura de livro quanto a exibição de filmes. A exibição de filmes proporciona diferentes percepções para cada pessoa. Por exemplo, os filmes infantis têm mensagens subliminares em suas histórias. Não se trata simplesmente de um herói que é o protagonista da história e “salva o dia”. Por exemplo, o filme “Kung Fu Panda” trata-se de um urso “gordinho” do qual os outros personagens esperam nada, mas ele se torna o líder mesmo sendo um personagem diferente do que se espera de um herói. “Quando um herói Kung Fu vai ser um urso gordo que só gosta de comer?” Então, analisando o filme, observamos uma mensagem por trás da história principal. Portanto, o que a gente pretende, de certa forma, é desenvolver esse espírito crítico nas pessoas. Ver além da imagem, ver a mensagem a ser transmitida.

Celius Magalhães: E todos esses filmes, principalmente essas histórias clássicas, como o “Aladim”, que tem um apelo mais humano. Por isso, descobrir essas mensagens é um ponto relevante.

Gabriel Dias: A Literatura e os filmes infantis moldam a moral da criança. Elas assistem e pensam: “Isso aí parece certo”.

Gabriel Dias: Por que você se interessou em criar o PET? A gente viu com o professor Marcelo que o PET, antes de se oficializar, existia não-oficialmente.

Celius Magalhães: Isso, exato. Foi uma discussão com os professores do Departamento. A gente sabia que havia excelentes alunos e não sabia como orientá-los. As disciplinas usuais são muito limitadas nesse sentido, apesar de você ter uma parte bem focada e ter que ir bem nessas disciplinas, faltava uma integração. Essa relação da Matemática com a cultura, com temas transversais, eram aspectos que poderiam motivar muito os alunos que estavam um pouco perdidos. Outro ponto importante para a criação do programa foi o fato da parte de ensino sempre me atrair mais do que a pesquisa. Uma das coisas que eu jurei quando criança era deixar o mundo melhor do que o que eu encontrei. Essa era a tarefa e encontrei no ensino uma motivação para cumpri-la. E na época apenas tinha o PET na Psicologia e creio que também tinha na Economia. Então teve uma professora que trabalhava aqui na UnB, mas tinha uma assessora no MEC: a Maria Helena. Não sei se você chegou a conhecê-la, Maria Helena Calchero. Ela descobriu o programa e falou: “Por que a Matemática não implanta ou faz algo parecido?” E tinha tudo o que a gente queria de um programa, isto é, que fosse genérico, que não fosse só de pesquisa. Tinha a parte de pesquisa, senão a gente não iria conseguir nada, mas tinha também a outra parte. Começamos com alunos surpreendentes. A Elisa talvez seja uma boa pessoa para vocês entrevistarem. Hoje ela é coordenadora da área de ensino da Escola Americana, mas ela fez o mestrado aqui com o Norai, na parte de Álgebra. Era uma aluna excepcional. O Guilherme Carvalho fez um trabalho de pesquisa no mestrado, foi orientado pela Liliane. Mas ele estudava, ao mesmo tempo que a Matemática, Música. Dizem que foi único formando da Escola de Música de Brasília, porque creio que lá tem um curso de uns seis anos, todo mundo começa e ninguém termina, mas ele terminou. Hoje ele é professor de Música na França, ele mudou de carreira para essa área.

Luciana Ávila: Quando vocês começaram esse grupo já era com interesse de montar o PET ou somente um grupo de estudos?

Celius Magalhães: Não, era para montar o PET. Era um grupo piloto para a gente estruturar, começar e tentar fazer um projeto que fosse para o grupo oficial, já era o objetivo. Sabíamos desse caráter multidisciplinar e era nisso que estávamos interessados no programa. O primeiro semestre foi feito heroicamente, ou seja, produzíamos sem ganhar nada e o Marcelo participou dessa parte. Eu fui o primeiro orientador porque ainda não estava estruturado. Mas

depois, no segundo semestre, já houve interesse de outras pessoas e o grupo foi aprovado, inclusive com as bolsas homologadas. Logo teve interesse do Departamento, que designou orientadores, o que foi bom. Foi uma surpresa porque o Departamento era muito conservador. Assuntos que diferiam das disciplinas como temas multiculturais eram considerados como perda de tempo. “Francamente, vocês vão assistir teatro? Pega um limite de Cálculo aqui”. Mas, em virtude dessa parte forte de pesquisa, o projeto foi bem aceito e a gente fez um bom trabalho.

Gabriel Dias: Como vocês estruturaram o grupo na época? Há algum outro aspecto que você gostaria de destacar?

Celius Magalhães: Não, acredito que o grupo já foi estruturado dessa maneira.

Luciana Ávila: Como foi dado esse processo de criação do grupo? Havia um edital lançado pela CAPES que consistia na seleção de novos grupos PET?

Celius Magalhães: Isso.

Luciana Ávila: O grupo foi criado em agosto de 1995, certo?

Celius Magalhães: Sim, mas a decisão oficial foi lançada seis meses antes, no início do ano. Foi quando a gente começou o grupo experimental e também a fazer o projeto. Então submetemos o projeto e em agosto foi dada a decisão oficial e já passaram a receber bolsa.

Luciana Ávila: Então a primeira turma começou a trabalhar no primeiro semestre de 1995?

Celius Magalhães: Isso. E oficialmente eles continuaram a partir do segundo semestre. Agora, teve um ponto fraco nisso: a gente fazia poucas atividades de extensão. Tinha muita atividade de pesquisa, cultural, mas ficamos um pouco perdidos nas atividades de extensão porque era tanta energia nas demais que a gente não fez extensão. Creio que isso mudou depois. O Mauro levava frequentemente o grupo para fazer atividades nas escolas. Acredito que foi um acréscimo que na época não tínhamos.

Luciana Ávila: Acredito que, na sua época, era um pouco mais difícil de fazer, porque não tinha tanta interação das escolas com a universidade como tem hoje.

Celius Magalhães: O único vínculo era o estágio ao final do curso que os alunos tinham que fazer nas escolas, mas o processo era muito burocrático e não tinha uma ligação forte.

Luciana Ávila: Ainda sobre a criação do grupo, você lembra de mais detalhes sobre o edital? Porque, por exemplo, o nosso PET pode ter tanto alunos de licenciatura quanto de bacharelado, mas determinados cursos têm o programa específico para a licenciatura. Na época em que foi criado o PETMAT, havia algo no edital dizendo que o programa deveria ser voltado para o curso específico de licenciatura ou de bacharelado?

Celius Magalhães: Eu acho, inclusive, que essa é uma opção do Departamento. Poderia até estar no projeto, mas não era uma exigência da CAPES que seja voltado a um curso específico. Era o contrário. Era enfatizado que quanto mais abrangente fosse, melhor. Limitar alunos desta ou daquela opção era contra a filosofia do projeto.

Luciana Ávila: Mas, de qualquer forma, tinham que ser alunos da Matemática? Porque não era um PET multidisciplinar como existem outros grupos.

Celius Magalhães: De fato, era voltado para alunos da Matemática. Mas a gente tinha convidados. Por exemplo, o professor Lucas Seco no início era aluno da Computação e era convidado nosso. Depois ele mudou de curso e entrou para o PET.

Luciana Ávila: O Mauro Patrão esteve no PET como convidado durante o tempo em que ele era aluno da Engenharia. Você se lembra de quanto tempo ele ficou?

Celius Magalhães: Ele ficou mais de um ano. Inicialmente fez uma iniciação científica com o professor Marcus Vinícius, em Álgebra. Ele foi excepcional como aluno de Engenharia. Em seguida, ele veio para cá, viu o PET, ficou interessado e se enturmou com os alunos do grupo. Não sei te dizer exatamente quanto tempo ele permaneceu no programa, mas, com certeza, foram mais de

três anos. Ele participou informalmente, mas consta nos relatórios suas contribuições e apresentações, suas atividades foram bem documentadas.

Gabriel Dias: Como era a colaboração dos outros professores do Departamento com as atividades do grupo?

Celius Magalhães: Era um orientador por semestre. O que mudava eram essas três áreas: Álgebra, Análise e Geometria. Era cíclico. Tinha até uma questão: por que de não ter Matemática Aplicada? A professora Chang reclamava um pouco. Mas as três áreas fortes do Departamento eram essas três e a gente focou nelas. Os professores Noraí, Hemar, Ketí e Liliane orientaram algumas vezes o grupo, por meio da dedicação nas disciplinas de Tópicos em Análise, Álgebra e Geometria. O docente ganhava créditos por estar lecionando e fazia o trabalho de orientação dos bolsistas dessa forma. O restante era comigo ou com os próprios PETianos. Eu lembro que teve um curso de verão de Análise aqui, que era pesado, e eles tinham que fazer verão porque estavam ganhando bolsa, então não havia férias nesse período e quando não era feito aqui, era fora: no IMPA, por exemplo, ou em outro lugar. Então, fizemos uma força-tarefa e eu vinha para cá todos os dias depois da aula e a gente estudava. Nessas ocasiões, a gente brincava com outros tópicos para acrescentar ao curso. Por exemplo, por que as frações eram densas nos reais? A gente discutia sobre o problema do carpinteiro em que ele media só com metro, mas a medida era um número real e ele tinha que aproximar: eu fazia uma brincadeira para a gente estudar. Mas eu conduzia o programa da seguinte maneira: eu me dedicava na parte que não era de orientação específica, visto que esta parte o Departamento fornecia.

Gabriel Dias: Quais atividades eram desenvolvidas pelo grupo em ensino, pesquisa e extensão? Alguma que você não citou ainda?

Celius Magalhães: Não, eram essas aí. Sendo que, de fato, olhando hoje, a extensão poderia ter sido melhor trabalhada, as demais foram feitas satisfatoriamente. Creio que agora está mais dinâmico. Com isso, a atividade é feita com mais facilidade.

Gabriel Dias: O que o PET acrescentou para você?

Celius Magalhães: Essa é uma pergunta boa. Foi super importante. Eu passei a dar aula de maneira diferente depois que comecei a trabalhar no PET, porque você conhece os alunos de um jeito diferente. Você percebe em que ponto eles têm dúvida e em que têm mais facilidade. Você também vê a parte humana dos alunos. Ao chegar na sala para dar aula, você coloca o conteúdo no quadro e o restante fica por conta do aluno. Mudei muito com isso. A minha relação com os alunos mudou completamente. E mesmo a relação com os professores, porque você também dependia deles. Então você não podia dizer “aquele professor é um chato”, você dizia: “ele é chatinho”. Porque, afinal, a gente tinha que negociar. Então eu aprendi muito. Não sei quem ganhou mais, mas ganhei muito com o PET. Foi difícil deixar o grupo, porque apesar de saber que eu teria que sair por já estar há muito tempo, pensei: “Poxa, vou deixar meu brinquedinho preferido”. Então foi difícil.

Luciana Ávila: Quanto tempo você ficou no PET?

Celius Magalhães: Permaneci entre 1995 e 2002 se não me engano, ano em que foi o último relatório. Então foram sete anos, acredito que é um número bom. Mas também foi bom ter deixado, tive outras experiências. O PET hoje é bem diferente do que era, o que é bom. Outra conquista que também tivemos na época foi o espaço físico, porque, desde aquela época, “espaço físico” é um dilema, por isso tivemos que nos empenhar muito para conseguir uma sala lá em cima, não sei se você se lembra.

Luciana Ávila: Lembro, era no final do corredor. Na época em que eu fazia doutorado aqui ainda não era fechado como agora.

Celius Magalhães: Uma daquelas salas era do PET. A gente ainda conseguiu uma outra em frente à nossa, no final do corredor, então a gente “fechou o corredor”. Então foi impressionante, uma conquista fantástica. Outro ponto importante era que a gente não tinha nada, então os alunos contribuíam com a mensalidade com alguma quantidade que eu não me lembro bem quanto era. Não me recordo também quanto eles recebiam de bolsa.

Gabriel Dias: Acredito que a bolsa deles era de 300 reais. Em 2000 o salário mínimo era 150 reais.

Celius Magalhães: Era diferente. Há vinte anos atrás, cerca de 300 reais valiam bem mais. Então acho que eles contribuía com 10 reais. Com esse valor a gente comparava mesa, cadeira, computador, entre outros itens. O processo como um todo foi feito pelos próprios alunos e tinha até um objetivo educacional: “Vamos fazer uma vaquinha para comprar isso”. A gente decidia no final do mês o que a gente compraria com o dinheiro. Então essa parte física foi importante para a estrutura.

Gabriel Dias: Como e por que o senhor deixou de ser tutor do PET?

Celius Magalhães: Foi mais uma questão de reconhecer que já tinha tempo suficiente e que valia a pena ventilar um pouco. E eu acho que é bom. Tudo que é muito repetitivo acaba perdendo um pouco de diversidade. Por mais criativa que a pessoa seja, ela não reinventa as coisas muito facilmente. Eu acho que foi importante, uma hora boa de ter saído. Acho até que sete anos foi muito tempo. Eu insisti, mas depois deixei e achei que foi bom, mas foi mais uma escolha pessoal mesmo.

Gabriel Dias: Existia apoio de algum órgão dentro da Universidade para as atividades do grupo? Alguém financiava, ajudava com as atividades?

Celius Magalhães: O Departamento.

Luciana Ávila: Tinha algum auxílio do DEG? O do Departamento já era suficiente?

Celius Magalhães: Não. Já era suficiente. Eventualmente a gente teve o apoio do CESPE para cartazes do ENAPET, ajudavam-nos bastante, principalmente em encontros, com pastas e materiais. Mas era muito lateral, por exemplo: o relatório era feito através do DEG, mas era a única coisa que a gente encaminhava para lá e eles encaminhavam para a CAPES. Mas não tinha nenhuma participação extremamente ativa, eventualmente o CESPE auxiliava, mas só isso.

Gabriel Dias: Vemos que alguns dos PETianos que participavam do grupo durante a sua tutoria hoje são seus colegas de trabalho aqui no Departamento. Como você se sente sobre isso?

Celius Magalhães: É uma felicidade enorme saber que esse pessoal estava lá e que agora está aqui. É um orgulho.

Luciana Ávila: De certa forma, podemos dizer que essa é a sua contribuição.

Celius Magalhães: É, tem um “dedinho”. Claro que não se pode dizer que foi você quem fez, mas que você deu uma pitadinha. Eu acredito que foi um ponto positivo. Os professores Marcelo e Aline, inclusive, me disseram: “foi importante, valeu a pena.” O professor Lucas Seco também já conversou comigo sobre esse aspecto. O professor Luís Miranda gostou mais do curso de Cálculo 1. Fui professor dele nessa disciplina e ele disse que foi o que fez a diferença na vida dele. Ele foi do PET também. Outro professor que vocês precisam entrevistar, da estatística, é o professor Jhames que foi um grande colega do Luís Miranda e os dois eram inseparáveis. Eles se dividiram um pouco no doutorado, mas vale a pena conversar com o Jhames, ele também foi importante. Aliás ele queria implementar o PET na Estatística e não conseguiu porque não tem grupos novos.

Luciana Ávila: Nos últimos anos não foram divulgados editais para criação de novos grupos PET.

Celius Magalhães: Mas ele tem um bom modelo de PET. Acho que ele inclusive faz algum projeto semelhante lá, não tenho certeza. Mas é claro que é um motivo de orgulho, primeiro de respeito pelo que eles fizeram. Eles são os autores, mas saber que você contribuiu de algum jeito, é bom. Estou deixando o mundo melhor do que eu encontrei.

Gabriel Dias: Qual memória você guarda com mais carinho da época da UnB ou do PET?

Celius Magalhães: Eu tive um professor de graduação, Célio Alvarenga, que foi um professor excepcional. Tem sempre aquele professor que marcou a sua graduação e comigo foi o Célio Alvarenga. O pessoal brincava que se ele desse um curso de Cálculo 1, ele daria um curso de Topologia. Se fosse Álgebra Linear, Geometria Diferencial, a mesma coisa. Ele sabia tudo, mas sabia muita Topologia. Creio que era a área preferida dele. Escrevi um artigo de pesquisa na época, estudando com ele e foi publicado naquelas revistas de Educação, foi um fato importante. Já durante o PET, teve uma apreciação musical. Foi

uma atividade que o Guilherme Carvalho trouxe. Ele dava aula e estudava na Escola de Música e a Música era importante para ele. Depois que ele terminou o mestrado aqui, ele se dispôs: “por que a gente não faz uma atividade cultural de apreciação musical?” Isso foi fantástico. Eu gravava as fitas, mas era bem complicado. Tenho até hoje as fitas das sinfonias, de todas as atividades. A gente vinha para cá, ouvia cada pequeno pedaço e ele comentava: “esse pedaço significa isso. Esse instrumento faz aquilo. Esse outro faz assim”, foi muito bonito. Tivemos um ano de apreciação musical: eu fazia as fitas e dava uma para cada bolsista. Assim eles iam para casa, ouviam e depois vinham para discutir sobre o tema. A gente viu desde Músicas Clássicas até Músicas Indianas. O Guilherme conhecia bastante, foi bem produtivo. Então, além da parte de pesquisa, de Matemática mesmo, foi um momento bem bonito do PET, de ter essa convivência entre Música e Matemática, mas não diretamente tratados como: “uma escala musical tem intervalos constantes.” Era a visão da Música viva como um todo. Foi muito bom.

Gabriel Dias: Deseja deixar alguma mensagem para os atuais ou futuros PETianos?

Celius Magalhães: As suas perguntas são bem difíceis. Acredito que manter o espírito do PET é importante. Se uma mensagem for dada é: não ver na Matemática especificamente um conteúdo acadêmico puro e simples. Todo conteúdo, toda a história tem um contexto e um momento em que ele se relaciona com o mundo como um todo. Então creio que seja essencial ter no ensino um aspecto multicultural. Tudo o que é feito de maneira extremamente estreita e específica acaba ficando muito empobrecido, sem os aspectos que, de fato, ele tem. Então um recado importante é manter o espírito do PET. Esse é um recado bonito.

Entrevista com o tutor egresso, professor Hemar Godinho

O professor Hemar Teixeira Godinho é professor do Departamento de Matemática da UnB e foi tutor do PETMAT no período de 2001/2 a 2006/1. A entrevista foi realizada pelo PETiano Matheus Andrade e pela tutora, professora Luciana Ávila Rodrigues.

Matheus Andrade: Qual é a sua cidade natal?

Hemar Godinho: Belo Horizonte.

Matheus Andrade: Qual é a sua formação acadêmica?

Hemar Godinho: Fiz a graduação e o mestrado na UnB, e o doutorado, na Universidade de Michigan, nos Estados Unidos.

Matheus Andrade: Durante a sua graduação, você foi PETiano?

Hemar Godinho: Não existia PET naquela época, mas participei de projetos de Iniciação Científica (atualmente chamados PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica).

Matheus Andrade: Quando você começou a trabalhar na UnB?

Hemar Godinho: Em 1993.

Matheus Andrade: Como era o Departamento de Matemática nessa época?

Hemar Godinho: Quando eu entrei na UnB não existia o andar superior, somente o térreo. As salas eram feitas com material muito tóxico e não tinham teto. Logo, as aves sujavam bastante as mesas e o restante do ambiente, então era preciso deixar tudo bem guardado. O Departamento era bem menor, tinha em torno de 40 professores, no máximo 50. Posteriormente houve um avanço fantástico com o REUNI (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) e tivemos aquisições de professores maravilhosos como a doutora Luciana.

Luciana Ávila: Muito obrigada pelo elogio. Só uma observação, eu fui aprovada no último concurso antes do REUNI. Com o REUNI o departamento cresceu bastante.

Hemar Godinho: Foi um impacto incrível no Departamento de Matemática. Toda essa mudança na estrutura foi maravilhosa, o Departamento hoje é outro e é um dos maiores, tem quase 80 professores, correto?

Luciana Ávila: Sim, somos 74 professores.

Matheus Andrade: Quais foram os motivos que te levaram a ser tutor do PET na época?

Hemar Godinho: O tutor na época era o professor Celius Magalhães e o PET estava ameaçado de ser desativado. Os tutores deixaram de receber bolsa nesse período. O Departamento, para não perder os alunos e dar prosseguimento às atividades, resolveu criar um programa de treinamento interno e me perguntaram se eu gostaria de participar. Ingressando no programa me liberaram de uma disciplina e fiquei como mentor desse pequeno grupo. Inclusive criamos algumas disciplinas como Tópicos em Geometria, Tópicos Especiais em Álgebra e em Análise, por exemplo. Tentava incluir nesse grupo alunos que faziam PIBIC e já recebiam bolsa ou algo do tipo. A mudança começou por meio do enorme movimento nacional pela manutenção do PET. Eles consultaram todos os grupos do programa, buscando aqueles que quisessem participar, criaram uma agência nacional e começaram a pressionar o governo e o Ministério da Educação por meio de encontros nacionais e outros meios. Dessa forma o PET foi mantido e nós reingressamos oficialmente no PET.

Luciana Ávila: Como ocorreu esse processo da transição? Pode nos dar mais detalhes?

Hemar Godinho: O Celius tem conhecimento mais detalhado do ocorrido. Quando houve essa questão, ele falou “Se acabar (o programa) eu vou entregar (a tutoria)”. Entretanto, cogitou-se tentar manter os alunos, porque seria bom para o Departamento. A gente não fez nenhum dos projetos externos do PET e nos concentramos somente em “estudar Matemática”. Porque no passado nós tivemos a experiência de juntar todos os alunos do PIBIC em apenas um grupo, não havia tutores individuais.

Luciana Ávila: Então o Celius era o tutor do PET nesse período em que o PET estava sob ameaça de extinção e quando os tutores ficaram sem receber as bolsas. Então para dar continuidade ao grupo, o Departamento sugeriu que você continuasse como tutor sem a bolsa e, em contrapartida, te liberaram de uma disciplina, certo?

Hemar Godinho: O próprio Celius conversou comigo acerca do formato que mudaria, perguntou se eu tinha interesse e disse que o Departamento apoiaria.

Eu aceitei, quando se é jovem, você aceita tudo. Com a pressão que foi feita, creio que durou seis meses ou um ano. O PET foi mantido com uma mobilização e vigilância muito maior de todos os grupos. A princípio, a bolsa era somente para os alunos. Acredito que um ano depois, sob mais pressão, resolveram dar bolsa aos tutores e pagaram também todos os meses anteriores. Foi bom para mim, pois com o auxílio dessas bolsas pude comparar meu fusquinha. Creio que permaneci no PET cerca de quatro anos, não lembro bem o período. Enquanto estive no grupo, tinham alunos excelentes como o Luís Miranda, o Jhames Sampaio, o PH (Paulo Henrique) e a Luciana Lima Ventura, entre outros. Acredito que atualmente quase todos os ex-PETianos são professores em alguma Universidade ou Instituto. Depois de mim, creio que o João Carlos assumiu. O PET antes era mais focado na Matemática em si. Após a movimentação e reestruturação do programa, foi solicitado esse envolvimento social. O Célius já fazia, mas ficou mais evidente a necessidade de atuação em escolas e na sociedade.

Luciana Ávila: Você tem ideia do ano em que ocorreu isso?

Hemar Godinho: Eu não me lembro. Mas há registros, porque nós fizemos alguns livros do PET, creio que se tratava de *Corpos Finitos*, ou algo parecido, então talvez lá constem as datas, mas foi seguido do Célius.

Luciana Ávila: Vocês têm algum arquivo ou documento que a gente possa resgatar e colocar no site?

Hemar Godinho: Esses arquivos estavam no site da Matemática, mas agora eu não sei onde se encontram. Talvez a Aline, que trabalhou muito nisso, saiba. Acho que o Marcelo Furtado participou desse grupo também, talvez ele tenha informações.

Matheus Andrade: Como era a estrutura do PET na sua época?

Hemar Godinho: Acredito que o modelo era semelhante ao atual. A gente fazia projetos semestrais sobre tópicos variáveis. Um semestre era Álgebra, no próximo Geometria, depois Análise, e assim sucessivamente. Fazíamos encontros semanais e programávamos também parcerias com escolas. A gente atuava muito no Paulo Freire (Centro de Ensino Médio Paulo Freire).

Matheus Andrade: Como era a colaboração dos professores do Departamento de Matemática com as atividades do grupo?

Hemar Godinho: Funcionava bem, porque a disciplina do PET entrava na carga horária do professor que a ministrava, então todos participavam. Eram bons alunos, por que não ensinar bons alunos? A Matemática sempre abraçou muito isso.

Luciana Ávila: Na época, cada aluno tinha o seu próprio orientador para uma pesquisa individual? Ou a pesquisa era somente em grupo?

Hemar Godinho: Isso eu fiquei na dúvida se a gente fazia a tutoria individual ou em grupo. Vale a pena conferir com o PH.

Matheus Andrade: Ser tutor do PET era uma função cobiçada pelos outros professores?

Hemar Godinho: Nunca senti esse desejo dos outros participarem. Mas acho que se não tivesse interesse em continuar, o professor deixaria de ser tutor e outro assumia, não tinha muito problema. Quanto mais pessoas tiverem no Departamento, mais pessoas se interessam por outros projetos, porque tudo dá trabalho.

Matheus Andrade: Na sua opinião, qual foi a melhor contribuição que você deixou no grupo?

Hemar Godinho: A maior contribuição que deixei no grupo foi a continuidade do projeto. Nós conseguimos até ter uma sala. Tínhamos uma sala no piso superior e fomos lutando no Departamento para poder guardar o material. Como havia dito, o Departamento sempre ajudou.

Matheus Andrade: Vocês não tinham uma sala antes?

Hemar Godinho: Não tínhamos, na verdade não havia salas disponíveis, aos poucos é que foi abrindo disponibilidade e conseguimos uma para o PET.

Matheus Andrade: Existia algum órgão da Universidade mesmo na época que vigiava ou apoiava as atividades dos grupos PET?

Hemar Godinho: Creio que era o Decanato de Graduação, ao qual éramos ligados. Quando o grupo se tornou oficial passamos a precisar do aval da Universidade.

Luciana Ávila: Na sua época o CLAA avaliava os relatórios e planejamentos?

Hemar Godinho: Eu imagino que sim, porque a gente enviava relatórios. Quando envolve recurso financeiro é necessária uma vigilância.

Matheus Andrade: Na sua época, você participou de eventos ou encontros do PET?

Hemar Godinho: Eu participei de eventos, mas não sei se foi aqui em Brasília, porque muita coisa acontecia aqui. Lembro de mandarmos alunos para vários eventos, como o ENAPET. A gente mandava representante em todos, no Brasil inteiro.

Matheus Andrade: Por que você deixou de ser tutor?

Hemar Godinho: Porque meu tempo acabou, quatro anos era o suficiente. Nem todo mundo tem esse coração maravilhoso da Luciana.

Matheus Andrade: Qual a memória que você guarda com mais carinho da sua época de PET?

Hemar Godinho: O contato com os alunos. Andar com eles cria uma espécie de discipulado, pois vocês estão sempre juntos, conversando, trocando ideias, falando sobre o futuro, sobre o que é ser matemático. Isso é bom.

Matheus Andrade: Tem alguma pergunta que a gente não fez que você gostaria que tivesse sido feita, que você gostaria de responder?

Hemar Godinho: Vocês já têm o registro de todos os alunos que passaram pelo PET?

Luciana Ávila: Temos, creio que a lista está completa. Ainda estamos trabalhando na lista de todos os PETianos egressos com as suas atuais ocupações.

Hemar Godinho: Mas vocês têm a lista por grupos, juntamente com seus tutores?

Luciana Ávila: Temos a lista dos nomes dos PETianos egressos e o período que cada um ficou. Essa lista por semestre está sendo organizada.

Hemar Godinho: Com isso nós podemos tentar recuperar os textos que foram produzidos. Você manda um e-mail para esses integrantes, talvez um deles encontre alguma cópia no computador ou algo do tipo. Porque às vezes você recebe informações que nem estava lembrando. As perspectivas são diferentes, de cada aluno e cada tutor. Com essa montagem, cria-se uma história, até uma página no MAT (site da Matemática), deve ter uma página no site do MAT do PET, não tem?

Luciana Ávila: Sim. Inclusive estamos fazendo um novo site do PETMAT, mais dinâmico e mais fácil de ser atualizado.

Entrevista com o tutor egresso, professor João Carlos

O professor João Carlos Nascimento de Pádua foi tutor do PETMAT no período de 2006/2 a 2008/2. É professor aposentado do Departamento de Matemática da UnB e atualmente atua como professor voluntário. A entrevista foi realizada pelos PETianos egressos Rodrigo Duarte e Amadeus Maldonado.

Rodrigo Duarte: Qual é a sua cidade natal?

João Carlos: São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais.

Rodrigo Duarte: Qual a sua formação acadêmica?

João Carlos: Fiz a graduação em São Carlos, campus da USP, o mestrado no IMPA o doutorado na UnB.

Rodrigo Duarte: Durante sua graduação você foi PETiano?

João Carlos: Não, fui aluno de iniciação científica. Creio que não existia o PET naquela época.

Rodrigo Duarte: Quando você começou a trabalhar na UnB?

João Carlos: Acredito que foi em agosto de 1995.

Rodrigo Duarte: Antes, você já era professor em Minas Gerais?

João Carlos: Sim, eu entrei na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) em agosto de 1979, quando terminei o mestrado no IMPA e, na mesma semana, fiz a prova de seleção para o cargo de professor colaborador na época. Depois fiz concurso para professor assistente, pois só tinha o mestrado. Se não me engano, em 1982 saí de licença da UFMG e vim fazer doutorado na UnB. Fiquei aqui cerca de 4 anos e alguns meses, retornei à UFMG e fiquei mais uns 8 anos lá, porque eu tinha que ficar pelo menos 4, que corresponde ao período que tinha ficado de licença. Mas quando fiz o doutorado aqui, acabei me casando. A minha esposa era de Minas Gerais, estava fazendo a pós-graduação aqui e tinha a intenção de voltar para Belo Horizonte, mas não estava tendo oportunidade. Em meados de 1995, tive a oportunidade de ser transferido para cá como professor da UnB, já era docente da UFMG na época. Acabamos ficando aqui porque consegui a transferência e ela não estava conseguindo emprego lá.

Rodrigo Duarte: Como era o Departamento de Matemática na época?

João Carlos: Quando eu cheguei aqui tinham cerca de 30 a 35 professores. Funcionava da seguinte maneira: a Análise era capitaneada pelo Djairo Figueiredo. Apesar de contarmos com os professores Geraldo Ávila, David Goldstein e José Valdo, quem estava à frente era o Djairo; Geometria era a professora Ketí Tenenblat; na Álgebra, o Said Sidki e na área de Probabilidade, a Chang Dorea. Eram esses os comandantes dos grupos. Mas o Departamento era bem menor, metade do que o tamanho atual, o número de alunos provavelmente era ainda menor que a metade.

Amadeus Maldonado: Já existia o PET na época?

João Carlos: Quando eu vim acho que já existia. Se não me engano teve uma época que não tinha mais dinheiro. Mesmo assim, acredito que o Celius continuou tocando o PET. Depois o Hemar Godinho assumiu a tutoria. Depois do Hemar, eu entrei e o Mauro Rabelo me substituiu. Eu fiquei no programa em torno de um ano e meio, acho que devo ter sido o único cara que não completou nenhum mandato. Eu pedi para sair porque tinham algumas coisas que me frustravam na situação. Em parte, era pessoal e por outro lado era a maneira

como funcionava o PET na época. Por exemplo, o que me irritava muito na época era os alunos serem obrigados, ou eu ou os alunos (nós dividíamos o serviço), a fazer uma série de atividades como o pedido de material, o planejamento para o semestre, diversos outros relatórios. Aqueles pedidos nunca eram respeitados, principalmente quanto ao pedido de materiais, que nunca eram comprados. Outro fator que eu não gostava era essa pressão para fazer pesquisa, há uma incompreensão do que é a pesquisa em Matemática, você não pode esperar que um aluno de graduação em Matemática faça pesquisa. Pode acontecer de um ou outro fazer pesquisa, mas no geral a turma não faz pesquisa, pois estão estudando!

Rodrigo Duarte: É estudar mesmo. Chamam de pesquisa, mas é somente estudo.

João Carlos: Sim. Então vinha a pressão para você publicar, “ah, o que vocês publicaram? Vocês não publicaram nada esse semestre?”, entre outros questionamentos. Era uma pressão que me deixava muito desconfortável. E não se pode comparar isso com uma área experimental, por exemplo, a Física Experimental, a Geologia, a Biologia, que você pode fazer um trabalho honesto com aluno de graduação e apresentá-lo na SBPC ou em uma reunião específica da área do aluno. Então, a gente não tinha essa oportunidade na Matemática e aquilo me frustrava até bastante, porque eu acho que não tinha um comitê que compreendia a situação. Houve um final de ano que teve um parecer muito negativo acerca do funcionamento do programa. Então percebi que não tinha nada a ver com o programa e que tinha que ir embora. Também tinha o seguinte: nos dois primeiros semestres que eu fiquei, o Departamento ainda oferecia um professor para orientar os PETianos, que contabilizava a ele como uma disciplina, constava como Seminário ou algo parecido. Ele escolhia um tema: Geometria ou Álgebra, o que fosse, e trabalhava um semestre com os alunos sobre aquele assunto, bem como também na parte de exposição e demais relações. Quando foi no meu terceiro semestre ali, eu falei com o Departamento que não precisava fazer aquilo, que eu mesmo assumiria esse serviço. Eu ganhava mais do que o chefe da pós-graduação na época. Meu serviço era muito mais leve, só interessava a mim e aos alunos. Ele fazia uma burocracia desagradável, um monte de problemas e reuniões burocráticas e, como ganhava menos que eu

na época, considerei injusto. Concordei em dar minhas aulas normalmente e assumir a tutoria do PET, sem problemas. Depois, acabou mudando o estilo.

Rodrigo Duarte: Aproveitando que você mencionou acerca da pesquisa, venho refletindo que, no nosso curso de graduação, estudamos uma quantidade ínfima de assuntos do século passado, tudo que nos é ofertado são referências dos séculos XVIII, quiçá do XIX. Diante desse panorama, é bem complicado conseguirmos pesquisar, eventualmente nem sabemos o que estudamos.

João Carlos: Não. Existem casos isolados, alguns famosos. Temos o exemplo daquela função do Weierstrass que, na verdade, é de Riemann. Este matemático tinha apresentado uma função que era contínua, mas não tinha derivada em nenhum ponto, como uma série. O Weierstrass acabou não conseguindo provar que aquela função não tinha derivada em nenhum ponto e, de fato, há alguns pontos que tem derivada. Ele apresentou outro exemplo, mas o de Riemann tinha alguns resultados, inclusive do Hatcher e de muitos outros famosos que provaram, para alguns casos, que não tinha derivada. Essa função de Riemann é de aproximadamente 1830, 1840. Posteriormente, nos anos 70, creio que foi proposto esse problema a um aluno da Columbia (Columbia University - Nova Iorque), ou ele o descobriu de alguma maneira e se interessou em desvendá-lo. Ao estudar sobre o assunto, esse aluno de graduação publicou dois artigos na AMS (American Mathematical Society), que é uma revista difícilíssima de se publicar, completando informações sobre essa função. Logo, o fato de estudar assuntos antigos não é necessariamente algo problemático. Tem casos, mas são isolados, pontos fora da curva. Entretanto, no caso da UnB, para 10 alunos esperarem que saia pesquisa desse nível, em Matemática, eu acho improvável. Talvez seja possível publicar algo mais ligado ao ensino. Dispondo de uma revista que aceite um material mais ligado ao ensino seria possível produzir algum conteúdo mais original. Porém, não tinha, eu não consegui coordenar isso, acabei me desinteressando e acreditei que era melhor sair.

Rodrigo Duarte: Quais foram os motivos que te levaram a ser tutor do PET?

João Carlos: Eu nunca havia sido tutor nessa espécie de projeto e achei que seria uma experiência interessante. Contudo, imaginava que seria parecido com a iniciação científica que tive, que consistia em estudar, aprender assuntos que não eram discutidos na graduação. Quando fiz a graduação, um cara em

São Carlos me propôs fazer uma iniciação científica, visto que lá, na época, não tinha Análise 1 no currículo da graduação, no bacharelado. Ele me disse que iríamos estudar todo o livro do Djairo e o do Robert Lee Moore, de Topologia Geral. Eu e uma aluna recebíamos bolsa, expúnhamos, cada semana um de nós, teorema por teorema. Após o estudo de Análise 1, prosseguimos com o Robert. Aquilo, para mim, foi um aprendizado muito importante. Aprendi a preparar uma exposição, aprendi de verdade a Matemática presente em Topologia e Análise 1, e isso foi muito útil para mim. Imaginei que poderia fazer algo parecido, mas não funcionava.

Rodrigo Duarte: Como era a estrutura do seu PET?

João Carlos: Creio que tinha cerca de 10 alunos. Passei o material da época para o PET, acredito que deixei com o Deivid.

Rodrigo Duarte: Como era a colaboração dos professores do Departamento de Matemática nas atividades do grupo?

João Carlos: Todo mundo sempre gostava de participar, porque o professor aproveitava esse semestre para não ter que corrigir provas de Cálculo 1 ou de Cálculo 3 e trabalhava com um grupo menor, estudando um tema da área dele, geralmente o pessoal gostava. Creio que deve ser assim ainda, sempre tiveram a extrema boa vontade no colegiado com o PET, eles percebiam que era importante.

Rodrigo Duarte: Ser tutor era uma função cobiçada pelos professores?

João Carlos: Provavelmente, porque a bolsa era maior que a de mestrado, cerca de 2200 reais, uma expressiva quantidade monetária. Não sei quanto a chefia da pós-graduação recebe atualmente, já que inclusive esse governo quer acabar, mas com certeza não deve ser mais que 1000, 1200 reais. Uma bolsa de pesquisa do CNPq não deve chegar ao valor da bolsa de tutor. O que eu acho mais aborrecedor é preencher, todo semestre, a papelada. Além de fazer apresentações, isso me incomodava um pouco. Eu achava que perdia muito tempo naquilo, ter que preparar pôster, fazer constantes mudanças. Depois me perguntei o que ficou disso? Fica um certo aprendizado, mas gasta tempo demais.

Rodrigo Duarte: Quais atividades eram desenvolvidas pelo grupo em pesquisa, ensino e extensão?

João Carlos: Trabalhávamos nessas três áreas. Alguns alunos se interessavam mais por extensão e trabalhavam nas escolas, nas cidades satélites, entre outras atividades. O outro grupo, que tinha uma interação com o CEAN (Centro Ensino Médio Asa Norte), fazia umas atividades com alunos da Engenharia e de outros grupos PET. Por exemplo, uma exposição sobre resolver uma equação de 3º grau, ou porque uma equação de grau 5 não tem solução por radical. Esses assuntos são interessantes, contudo normalmente não são vistos. Estas atividades trariam um certo interesse aos alunos. Além disso, tinha o estudo que era para todos. Em um semestre foi com o Pedro Roitman, em Geometria Diferencial. Ele pegou alguns artigos ligados à área dele e propôs que os alunos trabalhassem com base naqueles artigos e fizeram um texto. No outro semestre, o Alexei trabalhou com Álgebra. A gente revezava os temas. No último período, como assumi a orientação, estudei com os PETianos uma iniciação ao Cálculo das Variações e foi legal.

Amadeus Maldonado: Como era essa divisão do PET que você mencionou?

João Carlos: O seminário era para todos, mas o PETiano tinha a liberdade no quesito de querer trabalhar com extensão ou com uma atividade no CEAN.

Rodrigo Duarte: Os seminários que os PETianos apresentavam na época em que você era tutor eram como os que nós apresentamos atualmente?

João Carlos: Não. O estudo que fazíamos era um encontro semanal que cada um expunha seus estudos, revezando entre si. Eu os assistia e tentava ajudar com alguns detalhes. Eu ficava à disposição para tirar dúvidas antes da exposição da pessoa. E depois tentavam redigir aquilo em LaTeX.

Rodrigo Duarte: Qual você acha que foi a melhor contribuição que você deixou no grupo?

João Carlos: Eu realmente não tenho ideia, acho que não tive grandes contribuições, tinha um relacionamento legal com o pessoal, mas estava meio desconfortável e queria mesmo sair.

Rodrigo Duarte: Por que você deixou de ser tutor? Você já respondeu, certo?

João Carlos: Eu já respondi um pouco antes. Creio que tinha uma certa incompatibilidade com o sistema. Tem um problema no PET que acontece também na Universidade em outros níveis, que funciona da seguinte maneira: tenta-se padronizar uma exigência, um projeto, um tipo de relatório, um tipo de resultado e não se pode pasteurizar todas as áreas. Por exemplo, o que acontece na Biologia Experimental ou na Geologia, não se pode exigir que seja igual na Matemática Pura, dentre outras áreas também que têm essas dificuldades. Imagino que em um PET em uma área de Artes ou de Música já seja completamente diferente. Quando se faz um programa dessa maneira, que é bom de ser trabalhado e é tão heterogêneo no Brasil, com tantas áreas e fazer um programa só, é muito difícil arrumar um padrão que serve para todos. Então eu esperava que isso tivesse evoluído e tivesse os comitês específicos. Acredito que um comitê de Física e de Matemática podem viver juntos, mas com um comitê de Biologia, não dá. Letras, Biologia e Economia não podem ficar juntos com a Matemática. São áreas que têm suas especificidades e isso que achava ruim, porque ficam exigências que não fazem muito sentido. Para uma área é óbvio, a outra não se adapta. Se considerarmos um sujeito de História ou de Economia que pode estudar, por exemplo, o governo do Vargas em um item específico. A pessoa faz um trabalho completamente original, pode ser de excelente qualidade, quase uma dissertação de mestrado. Entretanto, é bem mais difícil fazer o mesmo em Matemática Pura, a não ser um ponto ou outro, um aluno ou outro, que é um ponto fora da curva. Mas para 10 alunos, de uma hora para outra, não vai acontecer.

Rodrigo Duarte: Existia algum órgão que apoiava as atividades do grupo na universidade?

João Carlos: Existia um grupo que coordenava isso, mas me esqueci do nome. Tinham alguns entraves, não sei o que acontecia, mas a questão dos recursos me irritava muito. Os alunos gastavam um certo tempo levantando preços e orçamentos e me informavam: “Precisamos desses itens” e depois não vinha nada; no outro semestre começava tudo de novo. Essa parte, nesse período, era frustrante, o dinheiro nunca vinha. Eu não sei se não vinha para ninguém.

Rodrigo Duarte: Qual a memória que você guarda com mais carinho da sua época de PET?

João Carlos: A relação com os alunos. Nos seminários experienciei acontecimentos muito legais, pois havia alunos muito prestativos, que colaboraram com tudo. Um deles virou professor aqui, o Paulo Henrique, um excelente aluno. Outro PETiano foi para a Unicamp fazer doutorado e, se não me engano, o nome dele é Erick. Teve outro que foi para fora, esse cara é o Renato. Ele terminou o curso com a MGA (Média Geral Acadêmica) 5. Esse cara é genial, ele foi daqui para o IMPA e de lá foi diretamente para o doutorado em Berkeley. Terminou e foi fazer pós-doutorado, se não me engano, em Cambridge.

Rodrigo Duarte: Esse menino (Amadeus Maldonado) aqui, professor, vai ser igualzinho.

João Carlos: Não é só porque ele (Renato) fez isso, várias pessoas podem também. Várias não, algumas. Ele participava de tudo em sala de aula, era ativo no PET, participava das reuniões nacionais, locais. Dentro do grupo, ele era extremamente organizado e eficiente, era impressionante. Na exposição de qualquer pessoa que, por ventura assistisse, entendia tudo. Acredito que em várias ocasiões entendia mais do que eu. Ele entendia tudo e dava palpites excelentes. Realmente é um cara que era um ponto fora da curva. Sempre torci para ele voltar para cá, mas, se não me engano, ele casou com uma menina do Rio de Janeiro e a menina conseguiu algo relacionado a uma atividade na Federal do Rio de Janeiro, creio eu. Salvo engano, ele foi para o Rio de Janeiro. Qualquer departamento devia batalhar por ele.

Rodrigo Duarte: Há alguma pergunta que você gostaria que fosse feita e que você gostaria de responder?

João Carlos: Não, minha participação é muito pequena no PET, então não tem muito o que contar. Mas eu acho legal o comportamento do Departamento na época, pois tinha muita boa vontade com o PET. Acho que o PET deveria permanecer mesmo, com o adendo de descobrir as pessoas que têm o perfil mais apropriado, porque você não vai mudar a burocracia do MEC, a maneira que funciona aquilo. Você pode dar uma sugestão ou outra para tentar adaptar um pouco, compreender melhor uma área como a Matemática, mas mudar

radicalmente é improvável. É importante continuar o PET e acredito que os alunos devem aproveitar uma oportunidade de ouro dessa. Recebem uma bolsa, têm um apoio e um acesso aos professores muito maior que o restante dos alunos. Então deve-se aproveitar, sugar o máximo que puderem, porque é uma oportunidade que passa e nunca mais terá outra igual.

Entrevista com o tutor egresso, professor Mauro Rabelo

O professor Mauro Luiz Rabelo é professor do Departamento de Matemática da UnB e foi tutor do PETMAT no período de 2009/1 a 2012/2. A entrevista foi realizada pelo PETiano Carlos Campos e pela tutora, professora Luciana Ávila Rodrigues.

Carlos Campos: Qual é sua cidade natal?

Mauro Rabelo: Eu sou de São João del-Rei, Minas Gerais.

Carlos Campos: Qual é a sua formação acadêmica?

Mauro Rabelo: Sou bacharel, mestre e doutor em Matemática. Ou seja, sou matemático de formação.

Carlos Campos: Sua formação foi toda na UnB ou o senhor chegou a cursar em outro lugar?

Mauro Rabelo: Foi toda na UnB. Posteriormente eu tive a oportunidade de fazer um pós-doutorado, o de mais longa duração, na Universidade de Stanford, Estados Unidos, Califórnia, durante um ano e meio.

Carlos Campos: Durante sua graduação você foi PETiano?

Mauro Rabelo: Não, o PET não existia. A minha graduação foi no período de 1978, 1980. Isso faz muito tempo.

Carlos Campos: Quando você começou a trabalhar na UnB?

Mauro Rabelo: Eu ingressei duas vezes na UnB. A primeira vez foi em 1981 e 1982. Eu fazia mestrado e era contratado como professor auxiliar de ensino. Posteriormente, em 1983 e 1984, fui para a Universidade Federal do Mato

Grosso do Sul, em Campo Grande. Retornei à UnB em 1985 e fui contratado em abril daquele ano. Se contarmos de 1985 até hoje, trabalho há 35 anos. Se considerarmos o ano de 1981, o período aumenta.

Carlos Campos: Como era o Departamento de Matemática nas duas épocas que o senhor ingressou na UnB?

Mauro Rabelo: Quando eu cheguei, o Departamento de Matemática já era de porte médio, contendo em torno de 25 a 30 professores. Sempre foi um Departamento muito bem estruturado e respeitado dentro da instituição. A Universidade tinha em torno de 7 mil alunos naquela época, uma média relativamente pequena. Hoje, se somarmos os estudantes da graduação e da pós-graduação, acredito que deve ter cerca de 40, 45 mil. A Universidade cresceu muito e o Departamento tem muitos professores estrangeiros desde aquela época. Já tinha a tradição de ser constituído por pessoas que cursaram o doutorado no exterior. Seu histórico o aponta como um Departamento de peso.

Carlos Campos: Quais foram os motivos que te levaram a ser tutor do PET?

Mauro Rabelo: Eu tinha saído do Departamento de Matemática e assumi uma função no CESPE, que hoje é Cebraspe, Centro de Seleção e Promoção de Eventos da UnB. Permaneci nesse órgão por bastante tempo e, pelo menos nos últimos três anos que estive lá, me distanciei um pouco das atividades da pós-graduação. No período em que eu assumi a direção geral do CESPE, eu também não ministrava aulas. Retornei em 2008 para o Departamento e comecei a retomar minhas atividades de docência, que eram extensas. O tutor anterior do PET, professor João Carlos, me convidou para ministrar uma disciplina para os PETianos naquele semestre que eu estava retornando. Naquela época, o Departamento criava uma disciplina com essa finalidade específica, voltada para o programa. Eu aceitei o convite, comecei a ter contato com o grupo e gostei muito. Em 2009, ele me informou que estaria saindo da tutoria do PET e sugeriu que eu me candidatasse. Eu considerei que seria uma boa oportunidade. Como tinha desenvolvido, na área da Matemática e no período que fiquei no CESPE, uma larga experiência com a questão da avaliação e da educação, achei que tinha muito a contribuir na formação desses estudantes selecionados. Dentre os princípios que o PET estabelecia, um deles é a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, sendo assim presumi que poderia colaborar

muito na formação desses alunos. Então me candidatei quando o DEG abriu o edital, escrevi uma proposta, que foi selecionada entre dois candidatos. Creio que a trajetória começou com essa interação nessa disciplina só com PETianos e mediante a oportunidade de colocar em prática o conhecimento adquirido dentro e fora dos muros do Departamento de Matemática. A minha saída fez com que eu trouxesse outro tipo de aprendizado para compartilhar.

Carlos Campos: Como era a estrutura do PET?

Mauro Rabelo: Eu concebi uma proposta de funcionamento do PET e a segui à risca, porque eu acreditava nela. Eu criei alguns ambientes de aprendizagem, que, na proposta, eram contemplados como espaços onde eu acreditava que, em cada um deles, trabalharia o desenvolvimento de algumas competências e habilidades específicas e essenciais na formação dos nossos futuros matemáticos. A minha ideia foi então estabelecer esses ambientes. Alguns desses não precisavam de espaço físico, outros precisavam do auxílio de outros colegas do Departamento e os demais ou eu trabalharia com os PETianos ou os próprios membros do grupo trabalhariam sozinhos sob a minha orientação. Tínhamos duas reuniões semanais, obrigatórias, na hora do almoço. Eu até brincava com eles que estava provando que era possível sobreviver com um pão de queijo, porque geralmente era meu almoço quando ia para as reuniões. Eles brincavam: “mas professor, só vai comer isso?” e eu respondia: “sou mineiro então estou fazendo um estudo sobre se é possível sobreviver só com um pão de queijo, não morri de fome”. Brincadeiras à parte, nós tínhamos então o encontro regular no período que disse anteriormente e as outras atividades se desenvolviam ao longo do semestre. Usávamos o espaço dessas duas horas para planejar as outras ações, que eram muitas. Dentre elas a gente tinha o PETMAT pesquisa, que eles escolhiam um tema e poderia ser feito em dupla ou individualmente. Eu sempre incentivava o trabalho coletivo. Eles escolhiam algum tema para desenvolver e estudar, sob a minha orientação ou com o apoio de algum outro professor do Departamento. Posteriormente, a pesquisa teria que virar um pôster para apresentação em algum evento, seja na UnB ou fora dela. Outra atividade que tínhamos era o PETMAT Vivências, em que eles participavam dos círculos de vivências de Educação Matemática, que creio que exista até hoje. Funcionava da seguinte maneira: os PETianos preparavam, desenvolviam as atividades, submetiam-nas para a coordenação das vivências e

as apresentavam em uma escola durante um sábado pela manhã. Também realizávamos o PETMAT Cult, que consistia em escolher um filme, apresentá-lo para a comunidade que chamávamos para assistir a ele e fazer um debate sobre a atividade, que era apresentada no próprio Auditório da Matemática. Eventualmente, até fazíamos uma pipoca. Mas o objetivo não era assistir a um filme, era fazer um debate sobre o tema, que era muito bem escolhido. A gente assistia antes e fazia um roteiro sobre a discussão que seria realizada lá. Também tínhamos o PETMAT Extramuros, que abordávamos os trabalhos de extensão. Obrigatoriamente o PET fazia uma série de participações como, por exemplo, na Semana Universitária. Inclusive, a gente acabou fazendo a Semana da Matemática dentro da Semana Universitária. Um curso tradicional que a gente ofertava era o do LaTeX. Na realidade, herdei isso do PET anterior. A Maíra já ministrava esse curso e ele foi sempre muito procurado. Impressionantemente, alunos de graduação e de pós-graduação realizavam a atividade. Eu gostava daqueles softwares Maple, então oferecia para eles um curso para aprenderem a lidar com esse software. A gente também fazia esses cursos na área das tecnologias, sempre eram bastante atraentes. Depois a gente começou a fazer uma recepção aos calouros. Teve um momento, não sei se uma ou duas vezes, fizemos um curso de “Pré-Cálculo”. Nós começamos um pouco com a história da Matemática e os PETianos trabalharam durante uma semana com os calouros da Matemática. Também tínhamos o PETMAT Monitorias, voltado para alguns estudantes indígenas (a Universidade oferecia vagas para indígenas, não sei se ainda oferece), pois eles tinham muitas dificuldades, então o PET acolhia esses estudantes e fazia uma orientação especializada. Essas atividades de monitorias ocorriam via Moodle (plataforma online de ensino da UnB), principalmente com Equações Diferenciais em Cálculo 3, em colaboração com o professor Celiús. Uma atividade que desenvolvemos, não sei se vocês ainda continuam, é a da Semana da Ciência e Tecnologia. Fui convidado, creio que já no meu primeiro ano de tutoria, pela Embaixada da França, se não me engano no aniversário da França, pois eles precisavam de um grupo de estudantes que pudessem ajudar no estande da embaixada na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT). Eles sempre traziam algum material completamente pronto, mas precisavam dos orientadores, dos expositores. Foi assim que os estudantes PETianos passaram a se dedicar a essa atividade também. Ela ocorria anualmente.

Luciana Ávila: Respondendo ao que você perguntou, depois que você deixou a tutoria e eu assumi, nós ainda participamos da SNCT, em parceria com a Embaixada da França, por mais de 2 anos. Mas depois mudou o Embaixador e eles não mostraram mais interesse. Mas mesmo assim, continuamos a participar da SNCT. Por um período, ficamos no espaço destinado à UnB, tinham poucos participantes do IE. Em uma dessas ocasiões, a professora Maria Emília, da Computação, estava lá com o projeto "meninas.comp", então conversando com ela, eu disse que podíamos fazer uma coisa maior na SNCT, juntar mais projetos, da Matemática, da computação e do IE como um todo. Logo depois a Maria Emília foi eleita diretora do IE e criou a comissão de extensão do IE. Agora o IE tem um espaço na SNCT e participa com vários projetos, e o PETMAT participa junto. Selamos de vez a parceira.

Mauro Rabelo: O trabalho foi excelente, eles adoravam. Eu também gostava.

Luciana Ávila: Na última vez em que participamos, em parceira com a Embaixada da França, eles foram à UnB, fizeram o curso de treinamento para os PETianos, levaram todo o material que seria utilizado e também levaram o tradicional lanche.

Mauro Rabelo: Nosso treinamento era na própria Embaixada e durava o dia inteiro. Eles serviam o sanduíche na hora do almoço e os meninos ainda reclamavam "Esse é o almoço? Pão?" então eu respondia "vai aprendendo, fora do Brasil é assim, é pão". Mas eles adoravam, tenho certeza que todos eles lembram dessa atividade. Nós também organizamos eventos do grupo PET da Matemática e participamos dos encontros fora de Brasília, dos ENAPETMAT (Encontro Nacional dos Grupos PET de Matemática). Como decano organizei o ECOPET (Encontro Centro-Oeste dos Grupos do Programa de Educação Tutorial), contudo já não era mais o tutor.

Luciana Ávila: Organizamos o ENAPETMAT aqui no ano que eu te substituí como tutora. Depois ajudamos na organização do ECOPET, você já era decano, exatamente.

Mauro Rabelo: Creio que fomos ao ENAPETMAT em Goiânia. Eles também foram participar do ENAPETMAT em Santa Maria, acredito que uns dois meses antes daquela tragédia da boate. No meio do caminho, o pôster

não chegou no voo, ele ficou perdido. Questionei a necessidade de despachar o pôster posteriormente. Quando chegaram ainda tiveram que arrumar um lugar para poder imprimir o pôster novamente.

Carlos Campos: Agora para evitar esse problema, a gente faz o pôster digital.

Mauro Rabelo: Agora o pôster é digital, manda por e-mail para não perder no pendrive. Um evento que foi bom para o PET foi quando conseguimos a sala. Antes da reforma do Departamento o PET, tinha uma sala, na gestão anterior à minha. Quando aconteceu a reforma, o grupo ficou sem sala. Então assumi o PETMAT e consegui fazer uma ação no subsolo, uma sala que era um depósito, cheio de materiais velhos. Conseguimos com a chefe retirar aquele material daquela sala e a organizamos para que se tornasse a sala do PET. Não conseguimos que a prefeitura pintasse nada, então fizemos nós mesmos. Os PETianos e eu resolvemos dar um jeito naquela sala. Eu tenho as fotos da pintura, da lavagem e todo o trabalho que tivemos na reestruturação do espaço. Compramos um ácido para lavar aquele chão, porque ele era todo manchado. Pintamos, limpamos o ar condicionado, todos trabalhamos em equipe. O grupo, nesse conceito de desenvolvimento de competências, de trabalho em equipe, trabalhamos nesse quesito que é fundamental para a vida profissional atualmente, em qualquer área, em qualquer profissão. No programa isso é evidente, como o grupo se divide nas atividades, se ajuda e compartilha. Como eu fui meio ambicioso na quantidade de atividades propostas, a maneira que eu achei de cumprir aquele planejamento ambicioso foi dividi-las bem. Não precisa todo mundo fazer tudo. Quem gosta mais das atividades de extensão se envolve mais nas atividades de extensão, e o mesmo se aplica para as demais áreas. Todo mundo passa um pouco por tudo, tanto pelo ensino quanto pela pesquisa e pela extensão. Mas, à medida que você vai conhecendo o aluno, cada um tem mais tendência, mais gosto para uma área, tem mais perfil. Nem todos estavam dispostos a ir às vivências, apesar da grande maioria participar. Mas, por outro lado, nem todos faziam a monitoria. Entretanto algumas atividades eram obrigatórias para todo mundo, então tanto a discussão do filme quanto a leitura dos livros, que líamos um por ano e discutíamos sobre a obra, eram obrigatórias para todos. Essa atividade do livro eu herdei do Celius. Eu acompanhava esse trabalho do Celius com os PETianos na época e sempre tinha

um livro para leitura. Creio que discuti o projeto quando eu fui apresentá-lo com ele e foi uma ideia que me deu, discutir um livro, foi muito bom.

Luciana Ávila: Nós iniciamos um Clube do Livro no semestre passado, por iniciativa de um PETiano. Conversei com o Celius também, mas não sei se hoje estamos fazendo como vocês faziam antes. Como era o de vocês?

Mauro Rabelo: O nosso era simplesmente ler um livro e a gente combinava os prazos. Por exemplo, ler o primeiro capítulo para daqui a 15 dias. Logo, uma das nossas seções do PET, na semana, teria como pauta a discussão daquele capítulo do livro.

Luciana Ávila: Qual eram os tipos de gêneros dos livros?

Mauro Rabelo: Em geral, um livro que discutia algum conteúdo relacionado à Matemática.

Luciana Ávila: Como era a colaboração dos professores do Departamento de Matemática nas atividades do PET?

Mauro Rabelo: Em geral, era em orientação de alguma pesquisa. Tinham dois alunos que queriam muito estudar algum tema da Álgebra. Se eu fosse orientar sobre isso seria muito básico e eles queriam aprender temas mais avançados. Então, às vezes os próprios PETianos solicitavam “Eu gostaria de fazer trabalho com o professor fulano” e eu conversava com o fulano “Você está disposto a orientar os dois estudantes?” Em geral eles já até tinham sido alunos e criado algum vínculo com o professor, então sempre encontrei alguma disponibilidade. O máximo que eu podia fazer era dar uma declaração. Quando eles iam apresentar um pôster, o nome do professor apareceria no trabalho, o nome dos PETianos e do orientador. Sempre tinha algum envolvimento.

Mauro Rabelo: Outra atividade legal que também fizemos foi relacionada ao projeto Klein que os alunos se envolveram. Era interessante porque o projeto Klein era transposição didática de um assunto avançado da Matemática para o nível da Educação Básica. Era bom porque eles apresentavam. Também chegamos a realizar alguns seminários e contávamos com a presença do pessoal da Física e de outros grupos PET. Porém, não era uma atividade muito regular, eu

tinha que “forçar a barra”. Às vezes, forçamos algumas coisas para tentar dar certo, outras fluem com maior naturalidade.

Carlos Campos: Ser tutor era uma função muito cobiçada pelos professores na época?

Mauro Rabelo: Na época, que eu saiba, só tinha um professor que queria muito, que apresentou o projeto, mas o meu foi o selecionado. Eu sei que ele ficou chateado porque ele queria, mas não sei se tinha mais alguém interessado em ser tutor. Eu sei que adorei ser tutor, então digo que é uma das melhores atividades que desenvolvi no Departamento ao longo dessa minha vida acadêmica.

Carlos Campos: Qual você acha que foi a melhor contribuição que você deixou no PET?

Mauro Rabelo: Eu acho que a melhor contribuição foi conseguir mostrar para os estudantes a importância de trabalhar em equipe. Eu gosto de falar em equipe e não em grupo, porque pressupõe compartilhamento. Eu acredito que consegui criar uma boa sinergia entre os estudantes que participaram do programa ao longo desse período. Esse ano, por exemplo, em janeiro, eu recebi um e-mail tão bonito de um ex-PETiano. Eu já recebi alguns ao longo desse período, do pessoal que está no exterior. Ele já tinha me mandado e-mails no passado. Neste último, ele escreveu um texto longo, me atualizou sobre a vida dele, como ele estava, o que estava fazendo e terminou mais ou menos assim: “Muito obrigado por esses 10 anos de muita inspiração”. Então fiquei emocionado, creio que tentar inspirar, acho que essa é uma palavra legal, dita por um próprio PETiano da época. Acredito que tentei inspirá-los, mostrando uma gama, uma variedade de possibilidades de atuação dentro desse ambiente de formação, de conteúdo, de professores e pesquisadores, uma oportunidade que eu não tive quando fiz iniciação científica. Como estudante da UnB, fui monitor e aluno de iniciação científica, mas é uma dimensão só. Então creio que o PET mostra os diferentes perfis de um grupo de 12, às vezes tinha até alguns voluntários, mas cada um com o próprio viés. Tem o indivíduo que tem mais o viés do pesquisador, mas todos podem contribuir de alguma forma e isso é relevante em diversas dimensões. Acredito que consegui mostrar isso para eles, isto é, inspirá-los nesse sentido, mostrando como é gostoso essa busca

pelo conhecimento, por tentar ajudar o outro, tentar trabalhar em conjunto com outro colega, desenvolver uma atividade, tentar se colocar a serviço das escolas, dos aprendizados dos alunos, a serviço da comunidade, devolver um pouco desse investimento que é feito. Você está numa instituição pública e alguém está investindo para você poder se beneficiar da qualidade da educação pública. Assim, é preciso aprender a se doar. Alguns alunos do bacharelado tinham muita dificuldade nesse sentido e começaram a lidar com crianças nas vivências, ou mesmo nas atividades de extensão nas Semanas de Ciência e Tecnologia, nas mostras de curso. Então começaram a ter contato e foram mudando, foram ampliando a capacidade de se portarem nesse tipo de situações. Hoje, seguem seus caminhos, são pesquisadores, mas não se esquecem disso. Me mandavam a dissertação de mestrado e colocam o nome na dedicatória, vão para doutorado e pedem carta de recomendação para pós-doutorado, “fala aí da minha experiência no PET”. Teve um que tinha iniciado doutorado fora, no exterior, que me mandou um e-mail: “Eu dei meu primeiro seminário aqui na Universidade e só recebi elogios do professor”, e ele complementou: “graças a você professor, estou te escrevendo para agradecer, aprendi isso no PET.” Isso porque, obrigatoriamente, todos tinham que apresentar no PETMAT Talk e eu nunca deixava passar batido, ficava na cola deles: “não está bom, melhora isso, melhora aquilo.” Não é assim sempre, obviamente com muito respeito, mas a gente consegue.

Luciana Ávila: Às vezes, no momento em que estamos ali ajudando, fazendo as correções, eles nem percebem o quanto isso será importante para eles no futuro, principalmente nas apresentações em seminários ou eventos.

Mauro Rabelo: Quando fomos a Mato Grosso do Sul, Campo Grande, em um evento e o professor Said estava lá, ele comentou comigo: “Nossa, Mauro, você está fazendo tudo isso com esses alunos, e o Departamento não tá sabendo?”. Ele viu a apresentação dos estudantes, os pôsteres, do que se tratava. Simplesmente pensam “ah, ele é tutor do PET, fazendo as atividades do PET, pronto, tranquilo”, mas na realidade não é bem assim.

Luciana Ávila: Sim, engraçado você comentar isso porque, ultimamente, no final do ano, estou apresentando os relatórios anuais do PET nas reuniões do colegiado.

Mauro Rabelo: Ah! Que ótimo!

Luciana Ávila: Da última vez, depois que eu terminei de apresentar tudo o que o que fizemos e todo o material que produzimos, algumas pessoas comentaram: “Não acredito que vocês fazem tudo isso!” Nós trabalhamos muito no PET! E algumas pessoas não têm noção do que é o trabalho em si.

Mauro Rabelo: Não têm. Fora a parte burocrática que temos de fazer, desde o planejamento, até a confecção do relatório e avaliar o dos outros. Eu fui convidado na época para avaliar os novos grupos PET. Dar parecer nos relatórios dos outros, participar dos editais, das entrevistas. Lembrei também da vez que alguns PETianos foram participar do colóquio no Rio de Janeiro e apresentaram um pôster da pesquisa que estavam fazendo. Todos voltaram empolgadíssimos. Mas para você materializar isso não é fácil. Por exemplo, o recurso não sai, então não tem o custeio e com isso não pode viajar. Sempre foi assim. A bolsa dos estudantes saía com certa regularidade, mas o custeio às vezes não saía.

Luciana Ávila: Ano passado ficamos sem custeio.

Mauro Rabelo: Isso prejudicava o desenvolvimento das atividades, para viajar, para comprar material, muitas coisas precisávamos comprar do bolso. Viajar não dá, já complica.

Carlos Campos: O senhor gostaria de fazer mais algum comentário acerca de algum evento, encontro do PET que o senhor participou?

Mauro Rabelo: Creio que em encontros tivemos uma participação muito ativa do PET, porque participamos do EBREM (Encontro Brasileiro de Educação Matemática), colóquios e outros eventos de Matemática mesmo. Mas quanto aos encontros entre os grupos PET, creio que tivemos uma participação mais ativa em um na UFG (Universidade Federal do Goiás), um ENAPETMAT. Como Goiás é perto, fomos em um grupo grande, eu fui no meu carro inclusive. Fomos em dois carros, creio eu, e ficamos lá o tempo todo, demos oficina, apresentamos trabalhos, comunicações, acredito que foi bem intenso. Teve também o do Mato Grosso do Sul que foi em Campo Grande, em que a gente esteve e tivemos alguns alunos que foram sem o tutor em outros eventos. Acho

que no evento de Santa Maria eles foram sós. Todos os anos nós participamos. E já fizemos o nosso, organizamos aqui na UnB também.

Carlos Campos: Existe algum órgão da Universidade que apoiava as atividades do grupo?

Mauro Rabelo: A gente sempre fazia com recurso do programa mesmo. Eu tive apoio da FINATEC (Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos), mas para projeto de pesquisa. Eles abriram o edital, eu submeti para conseguirmos comprar equipamento, como computador para o grupo, com recurso da FINATEC. E fizemos um projeto de pesquisa lá.

Carlos Campos: Por que você deixou de ser tutor?

Mauro Rabelo: Eu só deixei de ser tutor porque eu assumi o Decanato de Ensino de Graduação. Como decano eu inclusive passaria a ser o presidente do CLAA. No comitê, eu não podia ser tutor e decano, por isso não seria possível fazer tantas atividades e eu não conseguiria me dedicar, mesmo que não tivesse nenhum impedimento, não fazia muito sentido, porque a dedicação é muito grande para o PET, para você realmente fazer bem feito. Como decano, descobri que tinha que me dedicar à Universidade inteira. Eu não tinha mais 12 ou 30 alunos, mas cerca de 37 mil, 38 mil alunos de graduação para eu começar a me preocupar. Então vi o tamanho do problema e tratei de fazer a transição, a nova seleção. Fiquei feliz quando a Luciana assumiu.

Carlos Campos: Ficou em ótimas mãos. Qual é a memória que você guarda com mais carinho da época do PET?

Mauro Rabelo: Uma coisa sobre a qual ainda não comentei: os jantares aqui em casa. Jantar ou almoço aqui em casa no final do ano, feito por todos nós, era um encontro essencial, que simbolizava o coroamento das atividades do ano. No último, ainda ganhei uma panela maravilhosa de presente que eu uso até hoje, tenho essa foto. Eu gosto muito de cozinha, sou metido a achar que sei cozinhar. Então a gente fazia essa socialização, que eu acho que também é importante. Nós também saímos para ir em algum local e comer. Mas vir aqui para casa tinha algum sabor, porque a gente (ou eu) fazia uma comida. Creio que chegamos a fazer algum churrasco também e passamos o dia juntos. Sempre foi bom, porque era um momento para a gente fofocar também e para

cada um se abrir. Não era só um momento para fazer esse social, servia também para avaliarmos o ano. Em geral, isso era feito no final do semestre ou do ano e avaliávamos o que a gente tinha desenvolvido, o que tinha dado certo. Então são boas as lembranças.

Carlos Campos: Tem alguma pergunta que você gostaria que fosse feita que gostaria de responder, algum comentário extra?

Mauro Rabelo: Não, eu acho que já conversamos bastante. O que você acha, Luciana?

Luciana Ávila: Eu acho que foi muito importante saber como foi seu período de tutoria, foi muito bom ouvir você falar da sua época com tanto entusiasmo e da importância que o grupo teve para você, de como o grupo funcionava. Muito obrigada pela sua disponibilidade em participar.

Entrevista com a atual tutora, professora Luciana Maria Dias de Ávila Rodrigues

A professora Luciana Maria Dias de Ávila Rodrigues é professora do Departamento de Matemática da UnB e, desde 2013, é a tutora do PETMAT. A entrevista foi feita pelo PETiano Caio Tomás e pelo PETiano egresso Gabriel Dias.

Caio Tomás: Qual é a sua cidade natal?

Luciana Ávila: Eu sou de Araguari, Minas Gerais, cidade que fica no triângulo mineiro.

Caio Tomás: Qual a sua formação acadêmica?

Luciana Ávila: Fiz graduação na UFU, licenciatura e bacharelado, me formei nos dois cursos ao mesmo tempo. Depois fui fazer mestrado na Unicamp, que é o sonho de muitos alunos que estudam em Uberlândia. Ainda era aluna de mestrado quando fiz o concurso na Universidade Federal de Goiás (UFG) em Goiânia, fui aprovada e comecei a trabalhar lá em julho de 1998. Depois, pela proximidade de Brasília com Goiânia, resolvi fazer o doutorado aqui na UnB.

Quando terminei o doutorado voltei para Goiânia e, em 2008, eu fiz concurso na UnB e vim ser professora aqui.

Caio Tomás: Durante sua graduação você foi PETiana?

Luciana Ávila: Sim, o meu primeiro contato com o PET foi na graduação, na UFU. O PET já existia em outros cursos e universidades, mas ainda era uma novidade no curso de Matemática da UFU. O PETMAT UFU foi criado em 1992 e, quando eu entrei na UFU no segundo semestre de 1992, participei da segunda ou da terceira seleção. Acho que entrei no terceiro semestre do curso e fiquei no grupo até me formar. Depois, já professora na UnB, ingressei como tutora no PETMAT em março de 2013 e estou nesta posição até hoje.

Gabriel Dias: Quando você começou a trabalhar na UnB?

Luciana Ávila: Eu comecei a trabalhar na UnB no final de julho de 2008, mas desde 1998 eu já era docente na UFG, como já mencionei. Comecei a trabalhar como professora do ensino superior bem cedo.

Gabriel Dias: Como era o Departamento de Matemática na época?

Luciana Ávila: Eu tive o primeiro contato com o Departamento ainda como estudante de doutorado, ele ainda não tinha passado pela reforma. Nessa época, havia dois espaços, um superior e outro inferior. O superior tinha uma parte com salas e a outra parte não tinha teto. Quando eu voltei como professora, em agosto de 2008, o departamento estava passando por uma reforma. Fiquei em uma salinha no subsolo até terminar a reforma, naquele local onde é hoje a sala do PETMAT. À época, a sala funcionava como uma espécie de depósito, então tinha algumas caixas que ficavam lá, mas era o espaço individual que eu tinha para ficar como professora. Terminada a reforma, eu ganhei uma sala no térreo e o PET ficou com a minha sala no subsolo. Essa era a estrutura física do Departamento. Em termos de estrutura de pessoal, o departamento já era grande. Eu vim um pouco antes do REUNI e já havia um número considerável de professores e, com o REUNI, vieram mais professores. Mas, mesmo antes do REUNI, o departamento já tinha uma estrutura muito boa, excelentes professores, tanto em pesquisa quanto em ensino e extensão.

Caio Tomás: Quais foram os motivos que te levaram a ser tutora do PET?

Luciana Ávila: Os motivos que me levaram a ser tutora começaram desde a graduação. À época, eu entrei no PET porque era a oportunidade que tinha de participar de um programa ou projeto com bolsa. Naquele período, não havia tantas bolsas quanto hoje: PIBIC, PIBID, bolsas de projetos de iniciação científica e de projetos de extensão. Tinha o PET e o valor da bolsa era significativo, em termos de poder aquisitivo valia bem mais do que vale hoje. Além disso, eu trabalhava para conseguir pagar minhas despesas e me manter na universidade, então eu vi na oportunidade de entrar para o PET uma maneira de não mais precisar trabalhar e poder me dedicar, ainda mais, ao estudo. Então eu quis bastante entrar para o grupo, participei do processo seletivo e fui aprovada. Hoje vejo que foi a melhor coisa que aconteceu na minha graduação, porque o PET foi muito importante em termos financeiros, como eu já disse, e também me abriu várias portas. Eu aprendi muita coisa no PET, participei de muitos eventos, fiz muita pesquisa, muito trabalho e, com certeza, tudo isso contribuiu para minha formação acadêmica.

Na verdade, aconteceu o seguinte, eu entrei para o curso de Matemática querendo mudar de curso, pois queria fazer Computação e a Matemática era como um trampolim. Mas, na primeira semana de aula, eu conheci a UFU e a sua estrutura. Era um mundo novo para mim, fiquei encantada com tudo aquilo e com aquele ambiente, então decidi, logo no início do curso, que eu queria ser professora universitária, defini o meu objetivo bem rápido. Mas para isso eu deveria seguir carreira, fazer uma boa graduação, mestrado e doutorado. O PET me possibilitou fazer um bom curso de graduação, o que me ajudou a abrir caminhos para o mestrado. Fui aceita direto, sem necessidade de fazer curso de verão, e com bolsa, no mestrado da Unicamp e da UnB, mas decidi ir para a Unicamp. Então eu tenho um sentimento de amor e gratidão pelo programa desde essa época.

Mas agora, falando de coisas mais recentes, já como docente da UnB. O tutor anterior a mim era o professor Mauro Rabelo e ele me disse que estava deixando a tutoria do PET para assumir o decanato de graduação. Então seria aberto um processo seletivo para tutor e ele sugeriu que eu participasse da seleção, porque seria interessante, segundo ele, ter entre os candidatos uma pessoa com meu perfil, que pudesse acolher o grupo e dar continuidade às atividades que estavam sendo feitas sem prejuízo aos integrantes. Inicialmente

eu relutei, pois não queria muito entrar como tutora naquele momento pois eu estava passando por problemas particulares e também estava investindo na pesquisa, pois tinha a intenção de sair do país para algum programa de pós-doutorado. Mas eu conversei com alguns amigos do MAT e com a professora Ketí, que tinha sido minha orientadora de doutorado, e eles me incentivaram a participar da seleção do PET por acharem que eu, de fato, tinha o perfil. Esse fato, adicionado ao fato de eu já conhecer o programa desde a época da minha graduação, motivou-me a participar do processo seletivo e acabei sendo selecionada. Hoje agradeço ao incentivo deles e principalmente ao Mauro por ter me alertado sobre a abertura do edital de seleção. Participar da seleção foi uma decisão acertada.

Gabriel Dias: E quais foram os motivos que te levaram a tentar a recondução do grupo?

Luciana Ávila: Na verdade não foi uma recondução, foi um novo processo seletivo. Comecei um novo mandato de tutoria porque fui selecionada em outro processo seletivo, regras do MEC. Eu decidi fazer o novo processo seletivo por achar que ainda tinha e tenho a contribuir com o grupo. Quando você inicia um trabalho, nesse caso a tutoria, nos primeiros anos aprende como funcionam as coisas. Apesar de eu ter tido contato com o PET na graduação, e isso faz um tempo, como tutora é diferente, são outras responsabilidades.

Nesse primeiro período de tutoria, eu aprendi muito sobre uma outra parte do PET que eu não conhecia, que é o PET num contexto nacional e a parte política do programa. Comecei a me envolver com os encontros nacionais: ECOPET, ENAPET e ENAPETMAT. Esse envolvimento não ocorreu na minha época de graduação. Foi como tutora que eu percebi a importância da participação nesses eventos, tanto dos professores tutores quanto dos alunos. Me tornei representante docente dos tutores no CLAA e me envolvi na elaboração do regimento interno dos grupos PET da UnB e na melhoria dos editais de seleção de tutores e discentes. Então, quando estava finalizando o tempo, eu percebi que tinha muita coisa relativa à tutoria inacabada. Os editais e o regimento dos grupos PET ainda sem aprovação, precisava terminar.

Além disso, tem toda a questão do grupo em si. Eu percebi que tinham muitas ideias de atividades que ainda poderíamos fazer e que eu tinha que deixar

registrado pelo menos a parte da minha contribuição para o grupo. Outro fator que impactou a decisão foi a necessidade que eu sentia de resgatar a história do grupo, percebi que nem uma lista de egressos existia. E eu queria muito comemorar os 25 anos do grupo em grande estilo. Era muito trabalho a ser feito. Enfim, eu achei que podia continuar contribuindo com o grupo e com o CLAA. E claro, também porque ser a tutora do PET é a atividade que eu mais gosto de fazer.

Caio Tomás: Como era/é a colaboração dos professores do Departamento de Matemática nas atividades do grupo?

Luciana Ávila: A contribuição dos professores é fundamental, o Departamento de Matemática sempre apoiou o PET em tudo. E agora, com a atividade PETMAT Pesquisa Individual, que é uma iniciação científica do grupo, a colaboração dos professores do Departamento na orientação é essencial. Uma coisa legal é que conseguimos que essa orientação passasse a pontuar na lista de atividades do MAT. Agora, os professores estão sempre dispostos a orientar os alunos do PET porque, em geral, são alunos que realizam um bom trabalho. Eu fico bem feliz pois eu tenho o apoio dos professores do MAT, que são colaboradores da pesquisa, da coordenação de graduação, da chefia do Departamento, do Instituto de Ciências Exatas (IE), da comissão de extensão do IE e até de outras parcerias externas à UnB como a SBEM/DF (Sociedade Brasileira de Educação Matemática / Distrito Federal).

Caio Tomás: Existia/existe algum órgão da universidade que apoiava/apoia as atividades do grupo?

Luciana Ávila: Sim, existe. O órgão dentro da UnB responsável por acompanhar e avaliar os grupos PET é o CLAA. A criação e função do CLAA é designada pelo MEC. Agora, as atividades do grupo, como já disse, são apoiadas pelo Departamento de Matemática e pelo IE, e as atividades extensionistas pela CEX/UnB e SBEM/DF.

Caio Tomás: Ser tutor era/é uma função cobiçada pelos professores?

Luciana Ávila: Quando eu participei do primeiro processo seletivo, só teve um candidato. Nesse último processo seletivo, houve mais candidatos. O Departamento cresceu bastante com o REUNI e com os últimos concursos e,

com isso, também cresceu o interesse dos professores pelo PET. Eu também acho que com a intensificação da divulgação das atividades do PETMAT e pelo reconhecimento do trabalho feito pelo grupo, de certa forma, desperta o interesse das pessoas em colaborar com o programa.

Caio Tomás: Quais atividades eram/são desenvolvidas pelo grupo?

Luciana Ávila: Vou começar falando do início da minha tutoria. O professor Mauro Rabelo, tutor anterior, na sua época criou ambientes de aprendizagem e nomeou as atividades colocando sempre PETMAT antes. Era PETMAT Vivências, PETMAT Extramuros, PETMAT Talk, PETMAT Pesquisa, etc. O Mauro, pessoa por quem tenho admiração e respeito, desenvolveu um excelente trabalho como tutor do PET. Foi um desafio assumir a tutoria de pois dele. Assim, no meu primeiro ano de tutoria, eu dei continuidade às atividades do grupo, pois, como entrei em março de 2013, o planejamento das atividades deste ano já tinha sido aprovado pelo CLAA e pelo MEC e precisava ser cumprido. E a ideia era essa mesmo, respeitar esse processo de transição para que o grupo não sentisse tanto a mudança de tutor. Eu não podia simplesmente chegar e falar “sou a nova tutora e as atividades que faremos agora são outras diferentes de tudo que vocês estão acostumados.” Foi um ano especial, pois aprendi muito sobre o grupo e também porque organizamos, pela primeira vez na UnB, o ENAPETMAT. Além disso, foi um ano de avaliar o que podia ser melhorado. A partir do segundo ano, eu comecei a propor mudanças em algumas atividades e sugeri a criação de outras, mas todas essas decisões foram tomadas coletivamente. Hoje ainda mantemos o minicurso de LaTeX, criado desde a tutoria do Celius e mantemos outras atividades da época do Mauro, como o PETMAT Vivências. Estruturamos outras como o PETMAT Pesquisa, que se transformou em PETMAT Pesquisa Coletiva e PETMAT Pesquisa Individual, que é uma iniciação científica do grupo; em relação ao PETMAT Talk, hoje as palestras são proferidas por professores convidados e não mais pelos PETianos.

E criamos outras atividades de acordo com a demanda do MAT e o perfil dos PETianos à época. Por exemplo, na ocasião dos 20 anos do PETMAT eu pensei que, para comemorar, nada mais justo que os próprios PETianos serem os protagonistas. Eles adoraram a ideia, acharam legal apresentar seus

trabalhos para os colegas do curso e para os professores do MAT. Então surgiu o PETMAT Seminários que, desde então, é feito semestralmente, e os PETianos apresentam os resultados das pesquisas. A ideia do PETMAT Seminários deu muito certo que hoje no Departamento já existem, seguindo este modelo, os Seminários de Iniciação à Pesquisa (SIP), para os alunos da graduação que participam de algum projeto de IC, e os Seminários dos bolsistas do PICME (Programa de Iniciação Científica e Mestrado). Na parte cultural, temos o PETMAT Cultura, que prevê exibição de filmes, de peças teatrais como a peça que os PETianos criaram sobre Malba Tahan, em comemoração ao dia Nacional da Matemática, dia 6 de maio. Foi muito legal. Além disso, temos confraternizações, comemoração dos aniversariantes do mês. Continuamos com a participação nas vivências, que é um projeto de extensão, mantivemos a Recepção aos Calouros com algumas adaptações.

Recentemente criamos atividades novas como o Clube do Livro, que conta com a participação de outros grupos PET e de pessoas externas à UnB; o PET com PET, em que recebemos membros de outros grupos PET para uma conversa; o PETMAT Oficinas, que é um ciclo de oficinas em que gravamos vídeos para o YouTube. Isso é uma novidade, devido ao distanciamento físico imposto pela pandemia do COVID-19, criamos o nosso canal no YouTube para melhor divulgar nossos trabalhos. Agora as atividades são transmitidas pelo YouTube. Temos também a celebração das mulheres na Matemática, dia 12 de maio. Criamos a organização e participação em eventos, tanto de eventos científicos das áreas de Matemática pura, Matemática aplicada e educação Matemática, como também de eventos voltados para os grupos PET como o ECOPET, ENAPET e ENAPETMAT. Já ajudamos a organizar, aqui na UnB, o ECOPET e o ENAPET e organizamos no Departamento, por duas vezes, o ENAPEMAT. Participamos de vários destes eventos, tanto do PET como científicos. Também vale destacar a participação do PETMAT nas instâncias superiores do PET como a InterPET (Associação Integrada dos grupos PET) e o CLAA. Alguns dos membros do PETMAT foram os protagonistas na criação da InterPET, e depois assumiram cargos da gestão e cargos representativos, outros membros já foram representantes discentes no CLAA e eu também sou uma das representantes docente do CLAA. A participação nesses órgãos se intensificou nos últimos anos.

Então são várias atividades, devo ter esquecido alguma, mas a ideia é ir criando novas e adaptando outras de acordo com a realidade que estamos vivendo e com o perfil dos integrantes do grupo em cada ano. Alguns dizem que não sabem de onde eu tiro tantas ideias! Também sempre procuro estimular que os PETianos proponham novas atividades, que sejam protagonistas. Por exemplo, tem um projeto, ideia do GD, o “Universitário por um dia” que eu achei genial. Funciona assim: os estudantes do Ensino Médio vêm para a UnB e passam um dia tendo a rotina de universitário. Tivemos a oportunidade de colocar em prática, eu cadastrei o projeto como projeto de extensão e organizamos, junto com a InterPET, duas edições. Enfim, são várias atividades, todas de ensino, pesquisa ou extensão e que contribuem para a formação ampla dos PETianos.

Gabriel Dias: Em alguns momentos, você falou da pandemia. Como está o funcionamento do grupo durante a modalidade de “webpet”? Por que você é a única tutora que tem o “webpet”.

Luciana Ávila: O início da pandemia, em março do ano passado, 2020, foi algo inesperado para todos nós. Estávamos na primeira semana de aula na UnB e no início de um processo seletivo para novos integrantes do PETMAT. Tínhamos feito somente a primeira etapa da seleção quando veio a suspensão das atividades presenciais, por causa da pandemia causada pelo coronavírus. Eu fiquei sem saber o que fazer, precisei de duas semanas para assimilar a nova realidade e pensar como iríamos continuar. E então decidi que devíamos fazer tudo remotamente, tanto a seleção quanto às atividades do PET. Logo assinei o Zoom para fazer as reuniões remotamente. Em seguida, vieram as exigências do MEC com relação ao programa, para garantir o pagamento das bolsas tivemos que mandar um relatório com todas as atividades que iríamos desenvolver, de forma remota, durante a pandemia. Então fui aprendendo com a nova realidade, adaptando as atividades para a forma remota, incluindo a seleção dos novos integrantes do grupo, o que se deu em maio. Para a adaptação, contamos com a ajuda da tecnologia e das redes sociais. Foi um ano de muito aprendizado, mas também difícil, tanto pela pandemia e pela adaptação à nova realidade quanto pelo fato de ter sido um ano de muito trabalho. As comemorações dos 25 anos do PET, que tiveram que se online, e as outras atividades nos deixaram bastante cansados. Como tudo tem seu lado positivo, uma das vantagens de ter sido remoto foi a participação dos PETianos egressos nos

webinários em comemoração aos 25 anos do PET. Os que estavam fora do país, ou ainda no Brasil, mas distantes de Brasília, puderam participar. Muitos deles não se encontravam há muito tempo e puderam se ver, mesmo que pela tela do computador ou celular. Foi emocionante, foi nostálgico. Valeu a pena todo esforço. E, no fim, conseguimos cumprir todos os nossos objetivos.

Gabriel Dias: Pelo seu histórico no PET, é notório que você é uma tutora bem-aventurada: participação em eventos do PET, participação em eventos fora do PET, participação no CLAA, participação em projetos de pesquisa, de ensino e de extensão, orientadora de pesquisas com foco em Matemática, de pesquisas com experiência de ensino, pesquisas em tópicos sociais, com a participação de mulheres no Departamento de Matemática da UnB e em geral também, entre outras coisas que você mesma pode citar. Você já fez muita coisa. Pensando nisso tudo, qual foi a importância do PET na sua formação, já como professora e pesquisadora?

Luciana Ávila: Como você listou, eu já fiz e ainda faço muitas coisas. Eu contribuí e ainda contribuo com o Departamento em todos os níveis: no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão. Agora, na pesquisa, minha área de formação é Geometria Diferencial. Depois que eu entrei no PET continuei minha pesquisa nessa área, mas, obviamente, a quantidade de publicações reduziu, por falta de tempo para me dedicar exclusivamente a ela. Quando você assume a tutoria de um grupo como o PET e quer fazer um bom trabalho, você tem que se dedicar. Eu dedico grande parte do meu tempo ao PET, mais que as dez horas semanais exigidas pelo MEC. Por outro lado, no PET, tive a oportunidade de orientar trabalhos relacionados às questões de gênero e na área de ensino, que muito me interessa, principalmente o ensino superior, e hoje também trabalho nessa área. Assim, a participação no PET permitiu que eu ampliasse as áreas de pesquisa para além da Geometria Diferencial. Na extensão fazemos várias ações, muitas das atividades feitas pelo PET se caracterizam como extensão, então o que tenho feito nos últimos anos é cadastrar, formalmente, parte dessas atividades nos sistemas do DEX (Decanato de Extensão) como os eventos que organizamos, os minicursos e as oficinas, mas ainda não consegui cadastrar todas. Eu inclusive escrevi um capítulo de um livro sobre algumas das atividades extensionistas do PETMAT que foi publicado recentemente (RODRIGUES, 2021).

Outra coisa que o PET contribuiu foi para me tornar uma professora melhor, essa aproximação com os PETianos permitiu que eu melhorasse minhas aulas e a maneira de me relacionar com os alunos. Além disso, no PETMAT, eu me vi como formadora de pessoas, olha que legal isso e que responsabilidade. Os PETianos veem no tutor uma referência e isso é importante, pois me estimula a ser sempre uma pessoa melhor, pelo menos no meu caso está sendo assim. Às vezes, estou na minha sala e entra um PETiano ou um outro aluno e conversamos sobre coisas da vida, coisas da Matemática, coisas do Departamento, e você percebe que, de certa forma, você está contribuindo com esse aluno e isso me deixa feliz. Então, para mim, o PET contribuiu muito nesse sentido, de me tornar uma pessoa muito melhor pessoalmente e profissionalmente. Aprendi e ainda aprendo muito com o grupo, com todas as diversidades e particularidades dos PETianos. Sou grata por estar vivendo essa experiência.

Gabriel Dias: Agora na direção contrária: qual você acha que foi a melhor contribuição que você deixou no grupo até hoje?

Luciana Ávila: Eu acho que estar no PET é um aprendizado de mão dupla. Eu aprendo bastante com o grupo e acho que contribuí para a formação dos PETianos. O que me faz pensar assim é que muitos egressos mandam mensagens no WhatsApp, e-mails, agradecendo por tudo o que eu fiz por eles. Recentemente uma egressa me escreveu uma mensagem que tinha uma frase que me deixou muito comovida, ela disse “Sua competência, inteligência, diligência e compaixão são todas coisas que admiro muito e só posso torcer que um dia consiga me tornar uma mera fração da profissional que a senhora é”. Isso é gratificante, é o reconhecimento pelo meu trabalho e pela minha dedicação ao grupo. Me faz sentir que o que estou fazendo é certo, que eu fiz a escolha certa me tornando professora e tutora do grupo.

Agora, em termos do grupo em si, posso dizer que uma das contribuições é a oportunidade de uma formação ampla dos PETianos, já que oferecemos uma diversidade de atividades. Com isso, eles podem experimentar atividades de ensino, pesquisa e extensão e isso possibilita escolher, com mais certeza, o caminho que querem seguir quando se formar. Inclusive, permite desenvolver habilidades que são necessárias e que vão contar favoravelmente num processo seletivo de mestrado ou qualquer outro que fizerem.

Outra contribuição é a visibilidade às atividades do grupo. Isso foi facilitado pelas redes sociais e também o reconhecimento do trabalho do grupo no MAT, no IE e no CLAA/DEG. O PET Matemática, hoje, é considerado um grupo PET modelo em termos de planejamentos de atividades, relatórios anuais e engajamento nas instâncias deliberativas dos grupos PET na UnB.

Gabriel Dias: Voltando naquela pergunta sobre tutora aventureira, tem a parte dos eventos, que eu não citei. Nesse tópico de eventos, você já participou da organização das três abrangências possíveis do grupo PETMAT: abrangência nacional, com o ENAPET; a regional com o ECOPET (só que na modalidade virtual); e, na área de Matemática, com o ENAPETMAT em dois eventos, um no começo da sua tutoria e o outro recentemente. Como foi a experiência da organização desses quatro eventos em todos os sentidos? Qual dos quatro eventos foi mais marcante?

Luciana Ávila: Em 2013, organizamos o ENAPETMAT na UnB, eu tinha acabado de assumir a tutoria do grupo. O evento é destinado à PETianos de grupos PET de Matemática, um evento pequeno quando comparado aos outros, um evento acolhedor. Foi uma experiência muito legal organizá-lo. Recentemente, em 2019, organizamos mais uma edição desse evento. Já os encontros nacionais como o ENAPET que você citou, que foi feito no Centro Comunitário Athos Bulcão.

Gabriel Dias: Com mais de 1000 pessoas, não foi?

Luciana Ávila: Sim, mais de 1000 pessoas de todo o país. Foi um evento voltado para todos os grupos PET, um evento mais político, foi surpreendente. Tivemos a assembleia e os grupos de discussão e trabalho (GDT). Esse evento foi muito diferente de todos os outros que já tinha participado nas áreas de Matemática como colóquios, escolas de geometria e outros. Eu aprendi bastante! No ano passado, organizamos também o ECOPET, que foi online. Outra novidade! Nesse evento, o que mais me marcou foi a capacidade e a criatividade, principalmente dos alunos, na organização, uma competência extraordinária. Com a pandemia, o evento teve que ser todo reformulado para o formato online, o que era também uma novidade. Com isso, surgiram muitos problemas, entre eles como implementar, de forma online, os GDTs e a votação na assembleia. E tiveram uma solução fantástica, principalmente para a

assembleia que era a mais difícil. Deu tudo muito certo. A equipe organizadora está de parabéns!

Gabriel Dias: E qual dos eventos foi o mais marcante?

Luciana Ávila: Eu acho que todos tiveram coisas marcantes. Mas a experiência com o ENAPET foi a mais marcante porque era um número gigantesco de pessoas. Conheci integrantes, tutores e discentes, de outros grupos PET, pessoas engajadas e comprometidas com o programa.

Gabriel Dias: Vocês foram lá no MEC, certo?

Luciana Ávila: Sim, exatamente. No ENAPET foi a primeira vez também que eu fui em uma manifestação do MOBILIZA PET. Fizemos o abraço simbólico no MEC. Foi marcante. Outra coisa foi a solução encontrada para a distribuição das refeições e o alojamento para um número tão grande de participantes. Ajudar na organização desse evento foi um aprendizado para toda a minha vida.

Gabriel Dias: Qual a memória que você guarda com mais carinho da sua época de PET, que está sendo agora?

Luciana Ávila: Eu acho que não existe uma única memória. Existem várias memórias que guardo com muito carinho desse período. Quando penso, vêm flashes de tantos momentos bons: conversas com os PETianos, acompanhar o crescimento deles, ver o brilho nos olhos por terem se encontrado ao longo do curso, brilho nos olhos de gratidão, mensagens carinhosas de egressos, confraternizações, vários churrascos no clube, sempre com jogos interessantes. Viagens para eventos. Eu já fui com os alunos para apresentar trabalho em eventos no Sul, Ouro Preto, Uberlândia e até na Argentina. Foram momentos inesquecíveis. Lembrança das nossas atividades junto as escolas públicas, nos reunir na UnB aos sábados de manhã e irmos às escolas. Eu ia no meu carro levando os PETianos e o material das vivências. Até meus filhos iam com a gente. Os PETianos se encantavam com as crianças, chamando-os de “tios” ou “professores”. Os seminários da pesquisa sobre superfícies mínimas, sobre bolhas de sabão, que fizemos debaixo das árvores no caminho para a reitoria. Tenho uma lembrança linda das bolhas de sabão voando por ali. As formaturas dos PETianos! Choros, risadas, muitos sentimentos. Que alegria participar de

todos esses momentos! Sou muito grata a tudo que vivi e vivo com o grupo. Deixar o PET será um momento difícil para mim.

Caio Tomás: Há alguma pergunta que você gostaria que fosse feita e que você gostaria de responder?

Luciana Ávila: Não, acho que não. Acho que já conversamos bastante. Já falei bastante sobre o quanto o programa é importante e o quanto eu me dediquei nos últimos anos para o PETMAT. No zelo que tenho pelo grupo e por todos do grupo. Ser tutora do grupo é uma atividade gratificante.

Gabriel Dias: Alguma mensagem ou palavras finais, então? Alguma declaração para o PET?

Luciana Ávila: O que eu poderia dizer para os PETianos é: mesmo em tempos difíceis como o de pandemia que estamos vivendo agora, tentem manter o espírito do PET. E o espírito do PET é viver em grupo, respeitando as diferenças e buscar pelo conhecimento. Aproveitem a vida de forma consciente, sejam pessoas boas, façam boas escolhas. Porque a vida é assim, cheia de surpresas, um dia você tem surpresas boas, outro dia você tem surpresas ruins. Procurem ter perto de vocês pessoas que acrescentem algo de positivo, que os ajudem nas suas escolhas, nos momentos ruins e nos momentos difíceis. E sejam felizes!

Entrevistas com os PETianos egressos, atuais professores da UnB

Esta seção é o resultado do registro das entrevistas com os PETianos egressos que hoje são professores da UnB nos campi Darcy Ribeiro, FUP e Gama. Escolhemos esse grupo de egressos pela facilidade de contato e por já estarem inseridos no mercado de trabalho e assim temos condições de analisar o impacto que a participação no PETMAT teve em sua formação acadêmica e pessoal.

A seguir, listamos, em ordem cronológica de participação no PETMAT, as entrevistas dos PETianos egressos: Marcelo Furtado, Lucas Seco, Aline Pinto, Daniela Amato, Mauro Patrão, Wescley Bezerra, Jhames Sampaio, Luís Miranda, Paulo Henrique, Igor dos Santos e Matheus Bernardini.

Entrevista com o professor Marcelo Furtado

O professor Marcelo Fernandes Furtado é professor do Departamento de Matemática da UnB. Foi bolsista do PETMAT no período de 1995/2 a 1997/2 e integrou o primeiro grupo de PETianos. A entrevista foi realizada pelo PETiano Gabriel Dias e pela tutora, professora Luciana Ávila Rodrigues.

Gabriel Dias: Qual é a sua cidade natal?

Marcelo Furtado: Araguari, Minas Gerais.

Gabriel Dias: Qual é a sua formação acadêmica? Em quais as regiões você estudou?

Marcelo Furtado: Graduação e mestrado na UnB, doutorado na Unicamp. Tudo em Matemática.

Gabriel Dias: Você lembra quando ingressou no PET?

Marcelo Furtado: Quando eu entrei, acho que em 1994, tinha um grupo que ainda não era oficial, pois não havia aprovação do projeto por parte da CAPES. Havia um grupo de alunos com uma atividade voluntária coordenada pelo professor Celius Magalhães. Acredito que o projeto do PET foi aprovado no início de 1995. Em seguida houve a seleção e entrei oficialmente para o grupo.

Gabriel Dias: Quais os motivos que te levaram a entrar no PET?

Marcelo Furtado: Apenas porque eu gostava de Matemática, então me chamaram.

Gabriel Dias: No começo, depois de oficializar o PET, você era bolsista?

Marcelo Furtado: Sim, fui bolsista da primeira turma oficial do PET. De fato, não tinha não-bolsista nessa época, porque muitos dos que participaram dos projetos piloto já estavam avançados no curso. Havia uma regra que somente permitia a entrada no PET para os alunos que estivessem até o terceiro semestre, de modo que eles não puderam ingressar como bolsistas.

Gabriel Dias: Quanto tempo você permaneceu no PET?

Marcelo Furtado: Tem que somar 8 menos o semestre que eu entrei, se eu tiver entrado no terceiro semestre foram 6. Fiquei até o fim da graduação.

Gabriel Dias: Quais eram as exigências para permanecer no PET?

Marcelo Furtado: Creio que somente não se poderia reprovar em nenhuma disciplina.

Gabriel Dias: O tutor na época era o Celius?

Marcelo Furtado: Sim.

Gabriel Dias: Qual a importância do PET na sua formação acadêmica e pessoal?

Marcelo Furtado: Eu considero que, para a formação acadêmica, o período em que estive no PET foi aquele em que eu mais aprendi Matemática na minha vida. Depois que você entra no mestrado, doutorado, acredito que o conhecimento se torna muito especializado. Do ponto de vista pessoal, acho que não há nenhum aspecto muito especial por ser do PET. Era legal porque fazíamos outras atividades, como a leitura de livros. Entretanto, eu creio que poderiam ter sido feitas em outros lugares. Pessoalmente só era legal também porque fiz amigos lá. Eu acho que foi mais relevante profissionalmente do que pessoalmente.

Gabriel Dias: Como era o convívio social do grupo?

Marcelo Furtado: Era muito bom, todo mundo era bem unido. Eventualmente tinham alguns desentendimentos, mas o pessoal era muito amigo.

Gabriel Dias: O que você mais gostava do PET?

Marcelo Furtado: Eu gostava de praticamente tudo no PET. Na verdade, tinha uma coisa de que eu não gostava: todo semestre nós líamos e discutíamos um livro. Houve semestres em que achei o livro chato, mas na nossa época não tinha tantas atividades como agora. Todos os PETianos estudavam um mesmo tema de Matemática. Havia dois encontros por semana em que fazíamos exposições, em forma de seminário, sob a tutela de um professor. A professora Ketí Tenenblat, entre outros professores, foi uma das nossas

orientadoras. Outra atividade do grupo era o livro a ser lido e discutido junto com o Célius. Também tinha a questão da monografia que nós tínhamos que escrever anualmente, que eu também gostava muito. Então diria que gostava de tudo.

Luciana Ávila: A monografia, vocês estudavam e escreviam por conta própria?

Marcelo Furtado: Dependendo do tema, alguém te ajudava. Eu, por exemplo, fiz duas. Fiquei três anos no PET, mas não fiz a última porque estava no final da graduação e, ao invés da monografia, pedi ao Célius para “trocar” por duas disciplinas do mestrado que gostaria de cursar e ele deixou. A primeira monografia que escrevi, escolhi um tema que fora parte do que havíamos estudado, se não me engano com o professor João Carlos, que tinha relação com os polinômios de Hermite. Achei interessante e resolvi escrever sobre ele e parte de sua obra. Na segunda, pesquisei um tema mais avançado, em que o Célius me ajudou. Não era uma tutoria oficial, mas eu tirava as minhas dúvidas com ele. O tema para a monografia era livre, não precisava ser de Matemática. Um de nossos colegas, Claud Wagner, fez sua monografia sobre o Noel Rosa.

Gabriel Dias: Você já participou de algum evento do PET?

Marcelo Furtado: Participei de um, mas acho que não era mais membro do PET. Acho que era o que hoje é o ENAPET, pois envolvia todos os grupos do Brasil. Tenho a impressão de que foi o primeiro encontro dessa natureza. Ouvei dizer que o PET é da década de 60 e/ou 70 e, portanto, me refiro à “era moderna” do PET. Lembrando que tem a era “pós-moderna” porque o PET mudou muito nos últimos anos. Porém, salvo engano, fazia um semestre que eu tinha saído do PET e o encontro foi na UFMG.

Gabriel Dias: Algum comentário, ou curiosidade ou mensagem sobre o PET que você quer deixar? Alguma atividade que você gostava muito e você quer falar?

Marcelo Furtado: Não tenho nenhum comentário. O que seria interessante que você perguntasse, GD (Gabriel Dias) é o seguinte: “Houve alguma pergunta que você gostaria que tivesse sido feita e não foi?”

Entrevista com o professor Lucas Seco

O professor Lucas Conque Seco Ferreira foi voluntário do PETMAT durante sua graduação, de 1996/2 a 1998/2 e, desde 2009, é professor do Departamento de Matemática da UnB. A entrevista foi realizada pelos PETianos Rodrigo Duarte e Amadeus Maldonado.

Rodrigo Duarte: Qual é a sua cidade natal?

Lucas Seco: Niterói, mas me considero nascido em Brasília porque eu vim para cá com 5 anos. Eu tenho poucas lembranças de Niterói.

Rodrigo Duarte: Qual é a sua formação?

Lucas Seco: Fiz vestibular para Arquitetura e Computação, estava na dúvida ainda. Eu sempre gostei muito de desenhar e inclusive descobri Matemática por meio dessa atividade. Comecei a desenhar e a usar programas de desenho no computador. Na época, ainda estava surgindo o computador pessoal. Meu pai sempre gostou de tecnologia e comprou um, colocou eu e meus irmãos para usar e começamos a desenhar no computador. Então comecei a ficar muito curioso em como o computador fazia os desenhos. No Paint é feito pixel a pixel, mas também tem os vetoriais, que desenharam uma curva bonita a partir de poucos pontos de controle: eu ficava muito curioso como o computador fazia aquilo. A minha curiosidade me levou a estudar programação com 11 anos de idade. Meu pai me influenciou e me incentivou muito, já que ele mexe bastante com computador e queria que o filho seguisse o caminho. Comecei a programar e, antes de entrar na faculdade, já trabalhava programando e tinha até começado a usar a biblioteca da UnB para estudar a Matemática por trás da Computação Gráfica. Fiquei entre Computação e Arquitetura. No meio do vestibular, optei pela primeira opção. Fiz a prova específica de Arquitetura e depois apaguei tudo para aparecer a segunda opção. Na Computação, tive a sorte de cursar Cálculo 1 com o professor Celius. Isso mudou minha vida. Como eu já tinha bastante conhecimento de Computação nessa época, minha curiosidade ficou muito voltada para Matemática. No primeiro semestre, estava olhando a livraria da editora da UnB e vi o livro azul de Geometria Diferencial da Ketj Tenenblat. Na mesma semana, zanzando pelo Departamento de Matemática, encontrei ao acaso a sala dela. A porta estava

aberta, então entrei e lhe disse, audaciosamente, que estava me interessando por Matemática, mas não tinha ideia de qual era o rumo profissional e as opções do matemático. Ela me explicou como era e me convidou para o PET, na época ela era orientadora do grupo. Comecei a participar do programa e, no primeiro semestre, já estava convertido, mas não sabia como ia mudar de curso, porque não queria fazer o vestibular novamente, então pedi transferência. Esse processo foi demorado, havia muita burocracia: tive que pedir mais de uma vez. Acredito que consegui mudar no terceiro ou quarto semestre, aproveitei praticamente tudo de Computação e continuei indo para o PET, mas sempre como convidado, nunca pertenci formalmente ao grupo. No meio da graduação, não me lembro quando, mas me lembro que foi no “Ceubinho” que pensei “vou ter que ir até o fim, fazer mestrado e doutorado e depois vejo o que faço com isso”. Todas essas novidades, principalmente o PET, aguçaram muito a minha curiosidade. Me recordo que, quando estava fazendo Cálculo 2, já havia estudado praticamente tudo no PET. Ficava até sem graça porque já sabia que a derivada em várias variáveis era uma transformação linear (antigamente isso era estudado em Cálculo 2). Creio que foi o único curso da graduação que atrapalhei o professor por conversar em sala de aula, pois já havia estudado tudo no PET. O grupo tinha um pessoal bom: o Marcelo, por exemplo, que já era veterano, ensinava esses assuntos mais avançados para a gente. No mestrado, pensei em voltar para Computação Gráfica, mas não tinha esse curso disponível aqui na Matemática. Minha filha nasceu no final do meu primeiro semestre do mestrado, então quis ficar por aqui mesmo e estudei Geometria com Análise. Foi bem legal. Fui orientado pelo Mauro Rabelo, que, na época, era meu vizinho no Lago Norte, e coorientado pelo Elves sobre um conteúdo de Cálculo Variacional que envolvia bastante Topologia e que remetia, inclusive, ao meu primeiro semestre do PET. Eu queria entender melhor o que tinha estudado no PET, grupo fundamental e outras propriedades mais topológicas e tinha pouco na UnB nesta época. Não havia curso regular de Topologia Geral nem de Topologia Algébrica aqui na pós-graduação do MAT e fui tentar explorar isso no meu assunto de pesquisa no mestrado. No doutorado, tentei fazer Matemática Aplicada, pois com a minha filha eu precisava de uma bolsa melhor. Até pensei em ir para a Computação Gráfica e cheguei a conseguir uma bolsa da agência de petróleo lá no IMPA para estudar Matemática Aplicada com o Dan Marchesin. Achei ele e o curso muito legais,

mas não me dei muito bem com o grupo de Matemática Aplicada porque tinha muita programação e eu já estava satisfeito com essa área. No IMPA, decidi voltar para a Matemática Pura e, para ter uma bolsa legal, fui para a Unicamp, estudar com o Luiz San Martin. Pedi uma bolsa da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e consegui. Cheguei a ver a PUC do Rio, que também tem muita coisa legal de Matemática Aplicada, mas que também envolvia muita programação.

Rodrigo Duarte: Mas você já queria estudar Grupos de Lie e temas afins?

Lucas Seco: Não. Quando eu estava lá, o professor Mauro Patrão já tinha começado o doutorado na Unicamp e a gente tinha esse link. Então visitei lá durante um evento internacional, uma escola do CIMPA, para conhecer a área e as pessoas. Esse mundo das simetrias foi sensacional e o San Martin criou um grupo bem diversificado e forte dessa área, espalhado pelo Brasil, em contato com centros internacionais. O conteúdo de Grupos de Lie ainda misturou com coisas que eu já tinha visto no começo do doutorado em Matemática Aplicada. Muita coincidência, mas nem tanto, porque é dinâmica com simetria: você pega um modelo linear e itera num espaço não-linear, o espaço projetivo das direções, por exemplo. O San Martin foi uma influência muito importante como pessoa, pesquisador e como meu orientador de doutorado. Depois que concluí o doutorado, além de trabalhar com Dinâmicas e Simetrias voltei fazer uns três anos para a Geometria, que era meu tema de mestrado, mas agora Geometria com Simetrias. Sendo assim, tenho trabalhando com aplicações de Grupos e Álgebras de Lie tanto na Dinâmica quanto na Geometria.

Amadeus Maldonado: Você já mencionou, mas quando você ingressou no PET?

Lucas Seco: Não lembro bem se foi no meu primeiro semestre 1995/2 ou no meu segundo semestre 1996/1 de UnB. Ingressei entre aspas, me convidaram ou eu me convidei, não sei como foi e eu fui ficando.

Amadeus Maldonado: Mas você nunca chegou a entrar no sistema formalmente?

Lucas Seco: Que eu saiba não. A não ser que alguém tenha me colocado. Acho que, quando eu consegui transferência para a Matemática, já havia passado o

prazo para entrar no PET, que na época era menor do que agora. Mas também não lembro bem se foi isso.

Amadeus Maldonado: Quando a Ketí te convidou para participar do PET, você aceitou na hora? Quais motivos te levaram a aceitar?

Lucas Seco: Aceitei na hora, como recusar? Eu estava muito curioso. É aquela história: você entra na Universidade sem saber direito o que é Matemática, mesmo fazendo a faculdade você não sabe. Acredito que mais da metade dos aprendizados importantes que tive na universidade não foram dentro da sala de aula por procedimentos formais.

Amadeus Maldonado: Era bolsista?

Lucas Seco: Nunca fui. Eu ia atrás de IC (Iniciação Científica) e fiz na área de Computação Gráfica. Foi bem legal, ganhei um prêmio na época da seção de Matemática e Computação. Depois eu fiz IC com a Ketí por dois semestres e depois não lembro direito. Cheguei a trabalhar mais um semestre com programação, porque se pagava bem, só para ver que aquele realmente não era o rumo profissional que eu queria tomar.

Amadeus Maldonado: Quanto tempo você permaneceu no PET?

Lucas Seco: Não lembro se entrei no PET no primeiro ou segundo semestre, acredito que tenha sido no segundo. E permaneci participando no programa até me formar.

Amadeus Maldonado: Quais eram as exigências para a permanência no PET?

Lucas Seco: Não lembro. Nunca me importei muito com isso (notas). Com exceção de um semestre que tranquei por motivos de saúde, a formação foi tranquila. Até porque depois que eu tranquei por motivos de saúde, eu peguei leve: me formei em 5 anos, não quis correr.

Amadeus Maldonado: Quem era o tutor na sua época?

Lucas Seco: Quando eu entrei, o Tutor era o Celius e a Ketí estava orientando os trabalhos daquele semestre, mas todo semestre mudava. Foi tão marcante o da Ketí que eu nem lembro dos outros muito bem.

Amadeus Maldonado: Qual é a importância do PET na sua formação acadêmica e pessoal?

Lucas Seco: Eu não consigo nem medir, na parte acadêmica, o PET foi fundamental para mim. Para a vida pessoal tivemos a influência do Célius. Na época que ele foi Tutor, o programa era mais flexível e metade das atividades eram extra-acadêmicas. Dentre elas, tínhamos a leitura de livros de autores Dostoiévski e de um importante crítico literário dele, o Bakhtin. Todos integrantes do PET daquela época se lembram dessas leituras: pode perguntar! O Célius indicava e fazia essas atividades culturais conosco, era parte integrante do programa. Não decidíamos o que iríamos ler, ele decidia e sempre fazia escolhas muito legais. Também lemos Ítalo Calvino, que é um escritor de literatura fantástica do século 20. Sempre quando tinha uma exposição legal no CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil) íamos junto com o Célius. Lemos um historiador chamado Eric Hobsbawn, foi o conteúdo mais denso que li na graduação. Tratava-se do último livro dele, “A Era dos Extremos”, foi sensacional. Na época, às vezes, eu não levava a leitura tão a sério, não entendia ou nem dava muita bola, apesar de tentar ler. Futuramente percebi o quanto foi importante. Na Matemática tinha um professor de quem todo o pessoal da velha guarda se lembra, o Guilherme “Cabeleira”. Creio que se chama Guilherme Carvalho. Ele era um gênio da Análise, estava fazendo mestrado na época e terminando a formação dele na Escola de Música: ele também era músico e violoncelista. Teve um semestre que o Célius o chamou para fazer apreciação musical. Ao invés de ler o livro, escutávamos as músicas que o Guilherme trazia. Ele nos apresentou música clássica, jazz e nos deu elementos do que e como escutar. Todo mundo do PET fazia parte de tudo, todo mundo fazia tudo junto. Na parte teórica, o pessoal do começo e o do fim tinha muitas formações diferentes, então um ajudava o outro. A gente apresentava seminário, outro assistia. Tivemos algumas sessões dessa iniciação musical na casa do Célius, lembro que ele tinha um sistema de som bem apurado. Nessa apreciação, tinha umas tarefas como “escuta isso aí, aula que vem você diz o que você escutou”. Era engraçado demais, eu me lembro de algumas até hoje. Eu me recordo que o Guilherme nos colocou para escutar Don Quixote de Strauss e solicitou “primeiro escuta em casa, Thiago, e depois nos traz o que você escutou” e o Thiago trouxe uma descrição super engraçada. Acho que essa atividade

rendeu. No segundo semestre continuou, então foi um ano de apreciação musical, mas foi um pouco diferente. O Guilherme já estava começando a compor, então ele trazia algumas composições dele e trazia também um companheiro da banda que ele tinha, o Milani, e eles tocavam algumas músicas mais modernas para a gente, era muito legal. Era logo depois do almoço, tinha hora que eu dormia, outras eu prestava mais atenção, só fui perceber a importância mesmo na minha formação depois. Foi ali que comecei a aprender a ideia de gosto adquirido, de coisas que para gostar exigem um certo esforço e insistência. Já no mestrado eu comecei a escutar, dessa vez sem a orientação do Celius, mais música clássica, ópera e jazz principalmente, sempre com minha quedinha por rock. Desde então, essa apreciação musical faz parte integral da minha vida. Inclusive, faz uns 2 anos comecei a aprender meu primeiro instrumento musical, o trompete, para tocar no Carnaval de rua de Brasília. Posteriormente, o Guilherme largou a Matemática e foi se dedicar à Música. Foi para a França estudar composição com uma mulher super talentosa, Nadia Boulanger, que já orientou vários compositores importantes. Eu até procurei na internet esses dias para ver se achava alguma notícia do Guilherme e não obtive sucesso. Talvez o nome artístico dele possa ser outro atualmente. Lembro que quem me iniciou na ópera foi um PETiano daquela época, o Santiago: ela era entusiasta do Mozart e eu nunca havia escutado uma ópera, mas estava curioso. Ele me emprestou o disco da ópera Don Giovanni (Don Juan) do Mozart e, desde então, não parei. Outro convidado do PET que nunca pertenceu formalmente ao programa foi o Mauro Patrão, que também era de outro curso e participou de muitas dessas atividades. Nós nos conhecemos no grupo e desenvolvemos, desde essa época, uma amizade que mantemos até hoje, amizade com trabalho.

Amadeus Maldonado: Como era o convívio social no PET?

Lucas Seco: As pessoas se davam bem. Eu sempre fui muito antissocial, sou até hoje. As pessoas se davam bem talvez porque não tinha rede social, então não tinha confusão. Eu não era muito de festa, churrasco, nem nada disso, não sou até hoje, então o convívio social era realmente mais restrito à universidade mesmo.

Rodrigo Duarte: O que você mais gostava dentro do PET?

Lucas Seco: Vários fatores. Um deles é o acesso a pessoas mais velhas, alunos ainda, não professores, que você pudesse perguntar acerca de assuntos mais avançados da Matemática, pedir referências. Se você não está no PET, quando você vai ter isso? Outro aspecto era o clima de seriedade, o pessoal estava no programa para aprender mesmo. Nunca fui nem participei do CA (Centro Acadêmico), mas os relatos que eu tenho da época é que a última coisa que se conversava no CA de Matemática, era Matemática. Você poderia chegar no PET segunda-feira às 8 horas da manhã e já falar de Matemática sem precisar chegar pedindo licença ou falando de futebol. Também era o lugar para ter convivência com os professores do MAT, até mesmo professor que você eventualmente nunca pegasse matéria você podia conhecer no grupo.

Amadeus Maldonado: Você já participou de algum evento ou encontro do PET?

Lucas Seco: Não. Eu lembro que o Mauro Patrão era muito envolvido nisso, ele até ajudou a organizar um ENAPET. Com meu lado antissocial, eu não.

Amadeus Maldonado: Há alguma pergunta que a gente não fez, mas você gostaria de responder? Deseja deixar um comentário final?

Lucas Seco: Talvez. O PET está sempre meio ameaçado, teve uma época que ele quase acabou. Sei que houve uma mudança recente que não sei inteiramente como funciona, fiquei com a impressão de sobrecarregar os PETianos e o tutor com atividades além da pesquisa, com pouco espaço para atividades de fruição e apreciação. Vejo tudo isso com bastante preocupação. Por exemplo, quantos professores da Matemática hoje eram do PET? Fizeram a conta? Isso sem contar com outros que viraram professor em outro lugar. Aqui na UnB, temos o Marcelo, a Aline, eu, Mauro, Luís Henrique, Paulo Henrique, Dani (Daniela Amato). Acredito que já seja pelo menos 10 por cento dos professores.

Rodrigo Duarte: Sem contar as pessoas que eram de grupos PET de fora que estão aqui e as que participaram do programa daqui e se tornaram professores fora.

Lucas Seco: Sim, dá mais de 10 por cento. O Departamento de Matemática da UnB, não consigo nem dizer como seria hoje sem o programa. Hoje eu tenho orientado estudantes do PET em pesquisas individuais (não havia essa

modalidade na minha época e ela é bem bacana) e penso que o PET, em todas as universidades do país, continuará sendo fundamental para a formação dos quadros que vão avançar a Matemática no nosso Departamento, no país e mundo afora. Então temos que cuidar muito, ainda mais nesse momento de desmonte do país, nada sendo construído, tudo sendo destruído, tem que tomar um especial cuidado com o PET: cuidar do PET é cuidar do futuro da universidade.

Entrevista com a professora Aline Pinto

A professora Aline Gomes da Silva Pinto foi bolsista do PETMAT no período de 1997/2 a 2000/2 é professora do Departamento de Matemática da UnB. A entrevista foi realizada pelo PETiano Manoel Reis e pela PETiana Melissa Luiz.

Melissa Luiz: Qual é a sua cidade natal?

Aline Pinto: Brasília.

Melissa Luiz: Qual a sua formação acadêmica?

Aline Pinto: Fiz a graduação em Matemática (bacharelado), o mestrado em Teoria de Números, ambos na UnB, e o doutorado em Álgebra, na Unicamp.

Melissa Luiz: Quando você ingressou no PET?

Aline Pinto: Entrei na graduação em 1996 e ingressei no PET um ano depois, após cursar Cálculo 1. O professor Celius, tutor do programa na época, me convidou para fazer um estudo que era um pré-PET, mas ele não dizia que era relacionado ao grupo. A gente fez alguns estudos, porém não me lembro se durou um ou dois semestres. Ingressei no PET na metade de 1997 ou no início de 1998.

Melissa Luiz: Quais foram os motivos que a levaram a entrar no PET?

Aline Pinto: Comecei a fazer esse estudo com o Celius e ele explicou como seria o programa. O PET era diferente na época, o estudo tinha um foco mais científico, não tinha tantas atividades como atualmente. O objetivo era estudar

conteúdos que geralmente não são vistos no ensino de graduação, tópicos extras. Achei legal e logo quis participar do grupo.

Melissa Luiz: O que fez você entrar no pré-PET?

Aline Pinto: Quando cursei Cálculo 1, os alunos da Matemática cursavam a matéria na mesma turma e a minha professora foi a professora Haydée Werneck Poubel. Suponho que ela tinha um acordo com Celius ou ele pediu para ela indicar alguns alunos que tinham ido bem na disciplina. Então o Celius ligou na minha casa e perguntou se eu queria estudar algumas coisas extras. Ele me explicou que a professora de Cálculo 1 tinha indicado alguns alunos a pedido dele. Aceitei o convite e, após eu estar estudando conteúdos mais aprofundados, pensei: “Ah, legal, acho ótimo fazer alguma coisa além da graduação”. A princípio foi isso.

Melissa Luiz: No pré-PET vocês tinham contato com as pessoas que estavam no PET ou era separado?

Aline Pinto: Não, o Celius que nos orientava e a gente se reunia uma vez por semana. Em cada reunião, alguém apresentava uma pequena parte de um livro, creio que devo tê-lo até hoje. Trata-se de Máximos e Mínimos de Funções, pois a gente só tinha cursado Cálculo 1. Então ele dividia a ordem das apresentações a cada encontro, um por vez.

Melissa Luiz: Era bolsista?

Aline Pinto: Sim, fui bolsista desde o começo, mas não lembro se todo mundo era bolsista ou se havia voluntários. Na época, era um número bem menor de alunos, depois a Universidade ampliou muito.

Melissa Luiz: Quanto tempo permaneceu no PET?

Aline Pinto: Fiquei no PET até me formar, cerca de três anos.

Melissa Luiz: Quais eram as exigências para permanecer no PET?

Aline Pinto: Tínhamos que participar das reuniões, fazer os trabalhos, estudar os tópicos e apresentar seminários. O Celius também fazia a atividade da leitura de um livro. Sempre tinha a parte Matemática e também essa outra

parte cultural, que foi muito bacana. A maioria de nós não tinha muito acesso, então ele nos levava para ver filmes “Cults”, entre outros programas que nos enriqueceram culturalmente. Além disso, cada semestre, ele sugeria um livro. Geralmente aceitávamos a proposta e líamos aos poucos. Havia uma reunião semanal também e não podíamos reprovar nas disciplinas da graduação. Não sei exatamente se era uma determinação, porque não tinha um edital com regras tão específicas como hoje. Tinha todo um processo, com critérios, mas não era tão claro.

Melissa Luiz: Quem era o tutor na sua época?

Aline Pinto: Foi o Celius durante todo o período que fui PETiana. Ele criou o PET no Departamento de Matemática e ficou por muito tempo como tutor. Houve uma transformação e passamos por uma fase em que o PET poderia ser extinto. Porém, continuou a existir com pequenas mudanças, como o tempo de exercício de tutoria. Então o Celius decidiu sair, achou que seria o momento de ele passar para outra pessoa. Acredito que ele saiu depois de mim, pois quando me formei ele ainda estava no programa.

Melissa Luiz: E qual foi a importância do PET na sua formação acadêmica e pessoal?

Aline Pinto: Na formação acadêmica foi fundamental, porque, ao entrar no curso de Matemática, por gostar da área, ainda não tínhamos uma noção muito clara do que é a Matemática como ciência. Então o conhecimento que o PET trouxe para a gente foi muito bom nesse sentido, pois o estudo era como uma iniciação científica em grupo. Me proporcionou ver que todas as pessoas têm suas dificuldades, estão se desenvolvendo, você não acha que é a pior pessoa do mundo, nem que é super inteligente, geralmente as pessoas que são arrogantes vão melhorando com o tempo, a soberania da Matemática supera esses obstáculos. Nesse ambiente em que todos estudam em grupo, é difícil para mim separar o que foi experiência acadêmica e o que foi pessoal pois são vivências construídas juntas. O PET mudou muito o curso da minha vida, porque a princípio eu entrei para ser professora de Matemática de escola, já que eu pensava que quem estudava esse curso ia ser professora de colégio. Eu não sei como seria se eu não tivesse ingressado no programa, talvez me envolveria com

outras atividades, também poderia ter sido bom, mas o grupo abriu bastante os meus horizontes.

Melissa Luiz: Como você acredita que a parte cultural que tinha na sua época te influenciou?

Aline Pinto: Teve uma influência grande para mim. Eu não tinha hábito de leitura, de ir em exposições de arte, por exemplo. Eu ainda era jovem, entrei no curso com 18 anos. Apesar dos meus pais gostarem de atividades culturais, eu não tinha esse hábito, fazia somente o mínimo para o colégio. Então ter isso no PET despertou um interesse bem grande, houve várias atividades. Teve um semestre que foi muito legal, em vez de ser a leitura do livro, fizemos atividades relacionadas à Música. Um ex-PETiano, o Guilherme Cabeleira, como chamávamos, fez o mestrado em Matemática, mas foi fazer o doutorado em Música, na França. Ele tocava violoncelo. O Celius convidou-o para trabalhar com a gente, então ele vinha e falava de música para a gente, mostrando as Clássicas, outras de diferentes estilos. Também abordou um pouco sobre teoria musical, não de uma forma técnica, mas como um estudo. O Guilherme convidou um colega, eles vinham voluntariamente e adoraram. Esse colega dele falou bastante de História da Música, vinha uma vez por semana e foi bem legal. Conheci, através dessas atividades, outras coisas que hoje em dia eu adoro. Eu gosto de ler, nem sempre tenho tempo para ler hoje, então foi muito importante para enxergarmos além da Matemática. Além dos livros, tinham os filmes que o Celius levava para a gente ver, diretores de cinema que ele explicava. Ele é uma pessoa muito incrível.

Melissa Luiz: Como era o convívio social no PET?

Aline Pinto: Era bom, tinha alguns desentendimentos, normal. Mas em geral era bacana, às vezes até demais. O Celius eventualmente intervinha: “Não pessoal, olha a seriedade”, “Vamos ser mais sérios”. Mas era legal. A gente dividia os dilemas e se entendia. O pessoal mais velho acolhia os mais novos, isso também era bacana, essa diversidade. É difícil pensar no estudo em grupo com pessoas formando e outras entrando, mas era respeitado, tanto o professor que estava orientando no semestre quantos os colegas entendiam que, às vezes, não dava para acompanhar, porque os novos PETianos ainda não tinham uma base. Mas foi legal, ora um pouco traumático, ora bem legal. Enquanto eu fazia

o pré-PET, o assunto era para todo mundo no mesmo nível. Ao ingressar no PET, entretanto, o nível já não era para um iniciante, mas superamos. O programa também fez com que sempre levássemos as disciplinas a sério porque você queria continuar no grupo, mesmo que não gostássemos da matéria, tinha muita coisa em jogo.

Melissa Luiz: Você já participou de algum evento ou encontro do PET?

Aline Pinto: Eu participei de um evento que foi na Universidade de Viçosa e teve um aqui na UnB também. Algo engraçado que ocorreu há alguns dias, o Celius colocou no meu escaninho o certificado do evento que ele havia encontrado em uma gaveta dele que ele estava arrumando. Fiquei bem emocionada. Esse evento em Viçosa foi o CONAPET (Conferência Nacional dos Grupos PET). Lembro que teve uma discussão na época de que o programa estava ameaçado, as pessoas foram com muito empenho para discutir sobre isso. Em 1999, creio eu, teve um na UnB também, devo ter o certificado. Fomos para um encontro da SBPC, em Natal, outra iniciativa do Celius. Ele ajudou financeiramente, não sei como era o auxílio para o tutor na época, mas ele abria a mão do auxílio dele para financiar o programa, se doando bastante.

Melissa Luiz: O que você mais gostava no PET?

Aline Pinto: Não sei dizer, porque gostava de tudo, achava super legal essa variedade de temas nos semestres. Cada semestre estudávamos um assunto, assim podíamos ter uma melhor ideia dos conteúdos. Pouco tempo depois, eu já queria fazer mestrado, então a gente ia se familiarizando conforme víamos os conteúdos. Adorava a parte cultural também, gostava de tudo. Mas como havia dito, a organização do nosso grupo era diferente do atual, porque hoje em dia o PET também faz extensão. Não trabalhávamos nessa parte, fazíamos a pesquisa, a outra parte era um material trazido pelo Celius, não era pelo programa. Ele fazia isso porque achava importante e ele realmente tinha uma visão. Era mais difícil dizer o que a pessoa gostava, hoje em dia o aluno já pode optar por atuar nas escolas ou, se preferir, focar na pesquisa. Mas na época as atividades do PET eram mais uniformes, logo é mais difícil separar, era uma atividade como um todo e era muito bom.

Melissa Luiz: Tem algum comentário, curiosidade ou mensagem que queira deixar?

Aline Pinto: Ficaram muitas mensagens nas outras perguntas, mas gostaria de acrescentar que o programa é lindo, é uma oportunidade muito grande e uma pena que seja tão seletivo. O PET não pode ser uma coisa que atrapalha a graduação da pessoa. Às vezes o aluno está com muita dificuldade, enfrenta problemas com horários, então o grupo tem que ser um projeto que venha somar. Então, por isso, há realmente algumas exigências, quando o indivíduo já tem muita dificuldade, o que torna difícil fazer mais coisas ainda, é complicado. O PET realmente proporciona uma formação completamente diferente. É a formação que seria a ideal. Penso que, quem participou do PET, fez uma graduação incrível. Todo mundo mereceria, se tivesse essa disposição e sonho.

Melissa Luiz: Tem alguma pergunta que você acha que não foi feita e queria ter respondido?

Aline Pinto: Hoje em dia eu já tenho pensamentos diferentes, porque eu já estou do outro lado. Tentei fazer esse estudo coletivo esse semestre e achei muito complicado. Então creio que essa mudança que fizeram, separando um pouco a pesquisa coletiva para a individual, foi legal. Às vezes, no estudo coletivo, a pessoa tem que abaixar tanto o nível, a profundidade da pesquisa, que para os mais avançados fica a desejar. Portanto, se fosse uma pergunta: “O modelo do PET, você prefere antes ou agora?” Eu não sei dizer exatamente o que eu prefiro, mas creio que a mudança foi boa para o programa, mas que pode ter algum ponto negativo também. Abrir para licenciatura também foi legal, porque realmente diferencia a caracterização da iniciação científica. Incluir no programa pessoas interessadas somente na licenciatura. Então talvez seria pertinente perguntar sobre o modelo atual, se o PETiano acredita que haja algum aspecto que possa melhorar o programa. É interessante ver outros pontos de vista, às vezes a sugestão não melhora, mas ter novas ideias e trazer para o grupo é legal.

Entrevista com a professora Daniela Amato

A professora Daniela Amorim Amato é professora do Departamento de Matemática da UnB e foi bolsista do PETMAT no período de 1997/2 a 2000/2. A entrevista foi realizada por e-mail.

PETMAT: Qual sua cidade natal?

Daniela Amato: Minha cidade natal é Clacton-on-sea, na Inglaterra.

PETMAT: Qual a sua formação acadêmica?

Daniela Amato: Fiz bacharelado e mestrado em Matemática na UnB e doutorado na Universidade de Oxford, na Inglaterra.

PETMAT: Quando você ingressou no PET?

Daniela Amato: Se me recordo corretamente, ingressei no PET quando cursava o 2º semestre do Bacharelado, portanto no 2º semestre de 1997.

PETMAT: Quais motivos o levaram a entrar no PET?

Daniela Amato: Os motivos foram ter uma formação acadêmica mais abrangente, além da possibilidade de desenvolver habilidades, além daquelas relacionadas ao estudo da Matemática, que enriqueceriam minha formação.

PETMAT: Era bolsista?

Daniela Amato: Sim.

PETMAT: Quanto tempo permaneceu no PET?

Daniela Amato: Permaneci por cerca de três anos, até o final do curso de graduação.

PETMAT: Quais eram as exigências para permanecer no PET?

Daniela Amato: Se me recordo corretamente, para permanecer no PET o aluno não poderia ter reprovações.

PETMAT: Quem era o tutor de sua época?

Daniela Amato: Era o professor Celius e, em seguida, o professor Hemar.

PETMAT: Qual a importância do PET na sua formação acadêmica? E pessoal?

Daniela Amato: A participação no PET permitiu que eu fosse exposta a diversas possibilidades de atividades que poderiam ser desenvolvidas como uma Matemática. Assim, pude decidir o caminho que seguiria com mais embasamento. Além disso, o PET permitiu o desenvolvimento de habilidades adicionais, por meio da realização de atividades relacionadas e não relacionadas diretamente ao estudo da Matemática, que contribuíram para o desenvolvimento de espírito crítico e, assim, enriquecimento pessoal.

PETMAT: Como era o convívio social?

Daniela Amato: Era ótimo! Fiz bons amigos no PET.

PETMAT: O que mais gostava no PET?

Daniela Amato: Eu gostava muito das conversas e discussões com os outros alunos do PET e com o professor Celius.

PETMAT: Você já participou de algum evento ou encontro do PET?

Daniela Amato: Sim, do ENAPET em Viçosa.

PETMAT: Algum comentário, curiosidade ou mensagem que queira deixar?

Daniela Amato: Fiz amizades no PET que duram até hoje, muitos deles também se tornaram professores do Departamento de Matemática.

Entrevista com o professor Mauro Patrão

O professor Mauro Moraes Alves Patrão foi voluntário do PETMAT no período de 1998/1 a 2000/2, é professor do Departamento de Matemática da UnB. A entrevista foi realizada pelos PETianos Manoel Reis e Carlos Campos.

Manoel Reis: Qual é a sua cidade natal?

Mauro Patrão: Brasília.

Manoel Reis: Qual é a sua formação acadêmica?

Mauro Patrão: Eu comecei a fazer Engenharia Mecânica em Florianópolis, Santa Catarina, minha família é de Brasília, mas resolvi cursar em Florianópolis. Durante os dois primeiros anos da minha graduação fiz um curso especial de Matemática, envolvendo Cálculo e Álgebra Linear. Ao término do curso, resolvi voltar para Brasília. Então fiz o vestibular para Engenharia Mecânica para a Universidade de Brasília, ingressei e terminei a graduação aqui (UnB). Eu já estava interessado em Matemática desde o período da graduação, por isso, assim que ingressei na UnB procurei iniciação científica e o Marcus Vinícius foi o meu primeiro orientador. Ele é um professor que quase não aparece no Departamento, porque está há muito tempo no Cespe (antigo nome do atual Cebraspe, Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos). Ele é da área de Teoria dos Números, então foi essa área que estudei no PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica). Posteriormente, fui orientado pelo professor João Carlos, que também é aposentado e lecionava a matéria de Métodos e, eventualmente, oferta alguma outra disciplina, como professor voluntário na graduação, na área de Análise ou de Cálculo das Variações. Comecei a participar do PET informalmente, depois terminei a graduação em Engenharia e percebi que eu gostava de Matemática. Fiz o mestrado na UnB em Matemática com o professor Guy, que trabalha com Teoria de Lie. Comecei em Análise com o professor Elves, entretanto não estava muito satisfeito. Então o professor Elves sugeriu que eu conversasse com o Guy e, pela conversa que tive com ele, achei interessante. No final do mestrado, eu já tinha interesse em Teoria de Lie e acabei conhecendo o meu orientador de doutorado na Unicamp, onde fiz o doutorado. E ele trabalha com Teoria de Lie, mas também com muitas outras áreas, principalmente Sistemas Dinâmicos. Fiz o meu doutorado na Unicamp e fiz um sanduíche na Alemanha, depois retornei à UnB. Mais recentemente, resolvi fazer um mestrado em Economia e agora estou terminando o doutorado em Economia, além de já ter o doutorado em Sistemas Dinâmicos.

Manoel Reis: Quando você ingressou no PET?

Mauro Patrão: Ingressei no PET, creio eu, no final de 1997, ano em que vim para a UnB. Eu estava sendo orientado pelo Marcus Vinícius no PIBIC e

comecei a conversar com o pessoal do grupo, acredito que no final do segundo semestre.

Manoel Reis: Quais foram os motivos que o levaram a entrar no PET?

Mauro Patrão: Como havia dito, realmente me apaixonei por Matemática. Quando estava estudando para o vestibular, comecei a gostar e quando fiz esse curso em Florianópolis percebi que gostava muito. Quando estava na UnB, também descobri a existência do PETMAT UnB. Então comecei a querer assistir às apresentações e comecei a participar das atividades, já que tinha uma liberdade bem grande de integração.

Manoel Reis: Era bolsista?

Mauro Patrão: Eu nunca fui bolsista, sempre fui voluntário. Mas participava de tudo, inclusive quando o pessoal foi para o Colóquio de 1999, o Colóquio Brasileiro de Matemática no Rio de Janeiro, que acontece de dois em dois anos. A gente fez uma excursão para lá. Tinha também algumas atividades culturais que o Celius promovia, como a leitura de livros. Eu participava de todas as atividades.

Manoel Reis: Quanto tempo permaneceu no PET?

Mauro Patrão: Foi até o final da graduação. Como entrei no final de 1997 e foi uns três anos, até o final de 2000.

Manoel Reis: Quais eram as atividades que praticavam?

Mauro Patrão: O PET era organizado da seguinte maneira: havia o tutor e todo semestre tinha um professor orientador de um assunto único que a gente estudava. Não era como atualmente, que cada bolsista procura seu orientador. O assunto dependia do semestre, Geometria, Análise, entre outros. Me matriculava na disciplina do PET nomeada como Tópicos Especiais que gerava dois créditos, acredito eu. Eu participava disso e também das atividades culturais. Dentre elas, tinha a leitura de livros, apreciação musical e demais atividades muito interessantes. Na época, não tinha tanto espaço para estudar como tem agora, hoje em dia está tudo mais organizado. O Departamento da Matemática era menor, ainda não tinha a parte de cima completa como é hoje. Mas tinha

a sala do PET e eu a usei muito para estudar. Apesar de fazer Engenharia, estudava muito no PET, além de estudar em casa.

Manoel Reis: Quais eram as exigências para permanecer no PET?

Mauro Patrão: Acredito que tinha que participar de todas as atividades. Eventualmente apresentávamos algum seminário, cujos assuntos eram divididos pelo professor orientador. Não me recordo se era ao longo ou no final do semestre, mas a gente apresentava o que tínhamos estudado. Porém era parte de um todo, todos apresentavam uma parte do conteúdo geral, essa era a diferença. Inclusive, havia a confecção de livros no início. Acho que não peguei essa parte, mas posteriormente os PETianos fizeram um livro, Passo da Montanha, sobre Métodos Variacionais. Também foi feito um livro sobre o Grau Topológico de Brouwer. Outro aspecto importante para o PET foi o contato com o LaTeX, que eu já conhecia de Florianópolis, mas não tinha muito contato. Na UnB, comecei a trabalhar mais com esse programa, inclusive, a minha monografia na Engenharia fiz usando essa ferramenta. Fiz as minhas iniciações científicas no Word, que tinha complicações para transcrever equações. A monografia de Engenharia, entretanto, que também tinha muita Matemática, optei por fazer em LaTeX.

Carlos Campos: E quanto à questão do desempenho acadêmico? Porque isso é algo muito ressaltado com os atuais PETianos. Como não deixar o PET influenciar negativamente nesse quesito, como isso era tratado?

Mauro Patrão: Não sei. Como eu era da Engenharia, era voluntário, meu desempenho não era levado em conta. Mas eu tinha muita facilidade com as disciplinas de Matemática. Acredito que, em todas que fiz, fiquei com SS (menção máxima, acima de 9,0), então não tinha muito problema em relação a isso. Eu tinha mais problema com as matérias da Engenharia, pois havia alguns conteúdos com os quais não me identificava bem.

Carlos Campos: Mas em relação a algum colega seu do PET, você chegava a ver como é que era dada essa relação?

Mauro Patrão: Acho que tinha um cuidado, não me lembro quais eram as exigências, não sei ao certo, mas elas existiam. Obviamente não podia reprovar, além das regras da CAPES acerca das bolsas. Mas não me lembro ao certo. Sei

que tinha um acompanhamento, mas acho que era mais específico aos bolsistas. Também fui monitor de algumas disciplinas. As monitorias ocorriam na parte de cima do Departamento. O PET ficava na parte de cima. Não sei se vocês sabem, mas a estrutura desse prédio era diferente, não tinha a parte superior. Se vocês puderem notar, o lado de lá (térreo e lado norte do piso superior) é de concreto, mas essa parte aqui (lado sul do piso superior) não é. Se você anda aqui dá para perceber o barulho da madeira. Antigamente esse setor era aberto. As salas aqui embaixo já existiam, mas tinha um pé direito enorme, ia até o teto, e só tinham essas salas daqui. Então acredito que o Departamento aumentou cerca de um quarto de seu tamanho. Lembrei disso porque eu também gostava muito de ser monitor, o que tinha um pouco a ver com a questão do PET. Muitos PETianos foram monitores. E você também é monitor, né?

Manoel Reis: Sim, nossa exigência também é ser monitor.

Mauro Patrão: Ah, tá. Então, não tinha essa exigência comigo, mas eu gostava. Até porque me dava crédito, eu achava legal.

Manoel Reis: Quem era o tutor da sua época?

Mauro Patrão: O tutor era o Celius durante todo o meu período de PETiano. Eu acho que, quando fui para o mestrado, ainda era o Celius, mas já estava virando o Hemar, logo o tutor passou a ser ele. E aí quando fui para o doutorado em algum momento passou para o João Carlos. O João Carlos, que citei anteriormente, também foi tutor do PET, faz parte dessa história, foi meu segundo orientador de iniciação científica.

Manoel Reis: Qual foi a importância do PET na sua formação acadêmica?

Mauro Patrão: Foi muito importante porque deu vazão a essa minha vontade de aprender Matemática e tinha assuntos que não se encontravam na graduação, aprendemos coisas diferentes. Também conheci muita gente que gostava do mesmo que eu, e isso era muito legal. Tem essa outra parte cultural que também foi muito interessante. A gente leu, por exemplo, que eu me lembre, um livro de uma espécie de linguista, um estudioso da obra de Dostoiévski. Se tratava da crítica poética de Dostoiévski, de um cara chamado Mikhail Bakhtin, algo que eu nunca lia. E era legal porque a gente lia, discutia, trocava um monte de ideias. Durante uns dois semestres tivemos contato com um

colega que fez mestrado em Matemática na UnB. Ele tinha um outro colega na Escola de Música. Eles fizeram uma introdução à Música para nós, faziam apresentações musicais, tocavam violoncelo, colocavam umas luzes. Isso tudo foi muito interessante, foi uma experiência culturalmente bacana. No Brasil é um pouco raro essas atividades, não tem muitos clubes de ciências e esse tipo de abordagem. Em alguns outros países isso é muito mais comum, mas no Brasil é raro. Então o PET cumpre um pouco esse papel de clube de ciência dentro da Universidade, como o clube de xadrez. Em outros países tem mais enfoque para essas atividades, no Brasil tem, mas é muito pouco.

Manoel Reis: Como que era o convívio social?

Mauro Patrão: Tinha essa parte cultural, às vezes a gente saía para eventos até fora da Universidade. Assistíamos alguma peça de teatro, por exemplo. Eu fiz um vínculo muito grande com algumas pessoas. O maior de todos foi com o Lucas Seco, no doutorado moramos juntos. Mas tinham alguns colegas dos quais a gente também era muito próximo. Eu lembro uma vez que saímos eu, o Lucas, o Thiago Drummond, que também era do PET e o Santiago, que não era do PET, mas era próximo. A gente foi assistir uma peça de teatro sobre Heisenberg lá em São Paulo. A gente pegou o ônibus e ficou na casa do meu primo. Assistimos e depois voltamos, foi muito legal. A gente foi para um colóquio, todos os PETianos, e ficamos em uma casa juntos. Tinha contato com o Marcelo Furtado, que era veterano da gente. Tinha também a Aline e a Daniela Amato. E também tinham uns que já eram meus calouros. Eu já estava no mestrado quando o Paulo Henrique e o Luís Miranda eram PETianos, que também conhecíamos. Era um ambiente muito legal, eu tinha muito mais identificação pessoal com a turma daqui da Matemática do que com os estudantes da Engenharia. Lá, eu já tinha alguns amigos, mas muito menos do que no PET, que eu me identificava um pouco mais.

Manoel Reis: O que mais gostava no PET?

Mauro Patrão: O que eu mais gostava era isso, você estar junto com pessoas que gostavam muito de conhecer os mesmos temas que eu. Quando você vai contar o que você fez ou descobriu e as pessoas ficarem interessadas. É frustrante quando você compartilha algo com alguém e a pessoa não está animada

em te ouvir. Então o fato de encontrar gente que tem os mesmos interesses que você era a questão que mais me agradava.

Manoel Reis: Você já participou de algum evento ou encontro do PET?

Mauro Patrão: Eu não sei se continua assim, mas os Encontros Nacionais do PET eram em conjunto com a SBPC, pelo menos foi dessa vez, em 2000. Teve uma reunião da SBPC na UnB. Ela faz esses encontros anuais desde a década de 40, 50, que foi quando começou, em diversas universidades. Já aconteceu algumas vezes em Brasília, uma das vezes acredito que foi em 2000. Esse Encontro Nacional dos PETs foi um dos primeiros. Não sei se foi o primeiro, mas foi um dos primeiros encontros dos PETs, aconteceu aqui na UnB e era de todos os PETs, não era só da Matemática. E quem estava organizando era a tutora do PET da Biologia, que inclusive virou vice-reitora na gestão anterior. E eu, mesmo sendo voluntário, ajudei a organizar, e então a gente participou. Mas eu nunca fui a encontros fora de Brasília.

Manoel Reis: Algum comentário, curiosidade ou mensagem que queira deixar?

Mauro Patrão: Eu acho que a mensagem é essa: eu acho o PET muito interessante. Acho legal a iniciação científica de qualquer forma. Mas uma iniciação científica que é compartilhada, mesmo que seja no modelo atual, que cada um busque um tutor específico, mas que existe uma interação coletiva, ao menos para trocar figurinhas, é muito bacana. Há muitas dicas que são repassadas de um para o outro, isso ajuda no desenvolvimento. Quando você está numa iniciação científica tradicional é muito mais isolado. Eu acho essa ideia do PET muito bacana por isso, porque não é tão isolado. Então eu espero que continue assim para sempre, por muito tempo. Enquanto existir o Departamento de Matemática tem que ter o PET. A única coisa que eu acredito, que é uma luta minha desde que entrei aqui como professor, é que deveria haver mais integração entre a pós-graduação daqui da UnB e a graduação no seguinte sentido: o final da graduação poderia estar mais conectado com o início do mestrado. Por exemplo, na Unicamp, você pode fazer algumas disciplinas estando na graduação que são do mestrado, contando isso como disciplina da graduação. Isso já foi cogitado muitas vezes porque já levantei essa bandeira diversas vezes. Em duas ou três ocasiões parecia que iria acontecer, mas por uma série de problemas burocráticos ainda não aconteceu. O que já vi acontecer foi algumas

disciplinas da pós-graduação estarem sendo feitas por estudantes da graduação e sendo oferecidas como se fossem da graduação. Mas acho que se enquadra como optativa. Creio que por ora poderia, por exemplo, fazer Introdução à Análise, e de repente valer por Análise 2 e 3. Atualmente não pode, mas deveria porque é o mesmo conteúdo. Se a pessoa se dispôs a fazer, acha que consegue e for bem, por quê não? Seria muito bom, na minha opinião, por exemplo, pessoas que foram fazer curso na Unicamp, no IMPA, ou foram para algum outro lugar, pudessem ter ficado aqui. Isso só fortalece o programa do mestrado. Acho que isso não está relacionado diretamente com o PET, mas tem a ver com o programa indiretamente, porque os estudantes do PET estão entre os melhores. Então acredito que estimularia pelo menos as pessoas a fazerem o mestrado aqui, faria o mestrado em um ano, ou algo semelhante a isso. Terminando a graduação, com uma parte do mestrado já feita, poderia terminá-lo aqui, concluindo com a dissertação. Enfim, creio que a gente tem que aperfeiçoar esse aspecto para o futuro.

Manoel Reis: Há alguma pergunta que você gostaria que fosse feita e que você gostaria de responder?

Mauro Patrão: Acho que não tenho uma pergunta que eu gostaria de responder, mas uma pergunta que eu gostaria que vocês respondessem. Vocês se identificaram com as coisas que eu falei?

Manoel Reis, Carlos Campos: Sim.

Entrevista com o professor Wescley Bezerra

O professor Wescley Well Vicente Bezerra foi bolsista do PETMAT no período de 1998/2 até 2001/1 e é professor da UnB, Campus Planaltina. A entrevista foi realizada por e-mail.

PETMAT: Qual sua cidade natal?

Wescley Bezerra: Brasília - DF.

PETMAT: Qual a sua formação acadêmica?

Wescley Bezerra: Doutorado em Educação pela UnB. Mestre e licenciado em Matemática pela UnB.

PETMAT: Quando você ingressou no PET?

Wescley Bezerra: Em 1998.

PETMAT: Quais motivos o levaram a entrar no PET?

Wescley Bezerra: Oportunidade de aprender temas interessantes de Matemática.

PETMAT: Era bolsista?

Wescley Bezerra: Era bolsista da CAPES.

PETMAT: Quanto tempo permaneceu no PET?

Wescley Bezerra: Fiquei no programa de 1998 a 2001.

PETMAT: Quais eram as exigências para permanecer no PET?

Wescley Bezerra: Não faltar às reuniões, participar das atividades do grupo, não reprovar nas disciplinas e manter notas altas.

PETMAT: Quem era o tutor da sua época?

Wescley Bezerra: Celius Antônio Magalhães.

PETMAT: Qual a importância do PET na sua formação acadêmica? E pessoal?

Wescley Bezerra: Teve uma grande importância. Tive a oportunidade de conhecer diferentes pesquisadores e seus trabalhos, além disso estudar temas matemáticos que normalmente não são explorados na graduação. Isso contribuiu para meu amadurecimento como estudante de Matemática. Além disso, nessa época, tivemos a oportunidade de termos aulas de apreciação musical, o que foi fantástico e extremamente enriquecedor.

PETMAT: Como era o convívio social?

Wesley Bezerra: O convívio social se dava de forma cortês, com trocas de experiências entre os PETianos mais experientes e os calouros no programa.

PETMAT: O que mais gostava no PET?

Wesley Bezerra: Ter a oportunidade de conhecer temas matemáticos diferentes e conviver com uma equipe de colegas brilhante, além de ter acesso a leituras interessantes como por exemplo: Bakhtin ou Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho. Essas leituras geravam ricas discussões e aprendizagens.

PETMAT: Você já participou de algum evento ou encontro do PET?

Wesley Bezerra: Sim. Em 2000, teve um Encontro Nacional dos Grupos PET.

PETMAT: Algum comentário, curiosidade ou mensagem que queira deixar?

Wesley Bezerra: Queria deixar um agradecimento ao professor Celius Antônio Magalhães (tutor do grupo na minha época) por sua dedicação ao programa e por nos estimular a darmos continuidade aos nossos estudos. E também gostaria de deixar um agradecimento a todos os meus colegas do PET que tanto contribuíram para minha formação Matemática.

Entrevista com o professor Jhames Sampaio

O professor Jhames Matos Sampaio foi bolsista do PETMAT no período de 2001/2 a 2003/2 e é professor do Departamento de Estatística da UnB. A entrevista foi realizada pela PETiana Bárbara Guerra e o PETiano Seabra Fernando.

Bárbara Guerra: Qual é a sua cidade natal?

Jhames Sampaio: Brasília.

Bárbara Guerra: Qual a sua formação acadêmica?

Jhames Sampaio: Fiz a graduação em Matemática. Acho que é uma regra que os PETianos sejam da Matemática, ou mudou isso?

Bárbara Guerra: Sim, o PETMAT é fechado para a Matemática.

Jhames Sampaio: Fiz graduação na Matemática, mestrado também. Fiz o mestrado na área de Probabilidade com a professora Chang Dórea e o doutorado, na Universidade de São Paulo, com o professor Pedro Alberto Morettin, que é um dos autores daquele livro de Estatística Básica que todo mundo usa. Ele deu até uma palestra aqui ano passado.

Bárbara Guerra: O doutorado você fez em Estatística?

Jhames Sampaio: Sim, no IME - USP (Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo).

Bárbara Guerra: Quando você ingressou no PET?

Jhames Sampaio: Talvez eu não saiba exatamente a data, mas creio que foi no primeiro semestre de 2001 porque, para entrar no PET, tem que ter cursado o terceiro semestre.

Bárbara Guerra: Hoje em dia basta o segundo.

Jhames Sampaio: Acho que, na minha época, precisávamos estar pelo menos no terceiro. Na época, o professor Célius me chamou juntamente com o Luís Miranda, que é professor do Departamento de Matemática da UnB e o Luverci, que é professor hoje no Rio Grande do Sul, mas esqueci em qual Universidade. Nós três fizemos o que naquela época chamava-se pré-PET, no segundo semestre e iniciamos no PET no terceiro. Tenho quase certeza que foi no primeiro de 2001.

Bárbara Guerra: O PET já era oficial nessa época?

Jhames Sampaio: Sim.

Bárbara Guerra: O que fez você mudar de área de atuação?

Jhames Sampaio: Eu gostava da parte computacional, de Probabilidade e de finanças. Então queria entender um pouco mais o ponto de vista prático, acredito que foi nesse sentido. No mestrado comecei a ter contato com esse panorama, alguns colegas me influenciaram na época também. Eles me contaram as experiências de vida deles e então comecei a querer vir para a Estatística, para

ver uma abordagem mais aplicada também, não ficar somente na Matemática Pura, que é muito legal, mas foi só uma questão pessoal. Eu queria ver onde a Matemática poderia ser aplicada de maneira mais direta. Mas os estudos teóricos nas áreas aplicadas também são fortes. Tem gente fazendo estudos muito fortes em todas as áreas.

Seabra Pimenta: Quais foram os motivos que te levaram a entrar no PET?

Jhames Sampaio: O primeiro motivo foi o convite do professor Celius. A gente fez Cálculo 1 com ele e nós três fomos os que tiramos as maiores notas: eu, o Luís e o Luverci. Ele nos convidou para fazer o pré-PET, porque na época o PET começava no terceiro semestre. Então nós conhecemos o que seria a pesquisa, porque, na época em que entrei na UnB, eu não tinha noção do que era pesquisa, não sabia nem o que era mestrado e doutorado. Fomos descobrir isso trabalhando com o professor Celius. Depois, fui monitor dele de Cálculo 3. Na época, dentro do programa, não tinha apenas a parte da pesquisa orientada por um professor, a gente sempre trabalhava com professores diferentes a cada semestre. Então eram projetos diferentes, que eram legais. Ser do PET também era um estímulo para se manter na linha, porque era cobrado um certo rendimento acadêmico. Não sei como é hoje, mas tínhamos que obter menções MS ou SS (as menções mais altas que se pode conseguir) nas matérias, portanto não podíamos tirar abaixo disso se não saíamos do programa. Hoje em dia ainda é assim?

Bárbara Guerra: Hoje em dia você sai se reprovar duas vezes enquanto está no PET. A pesquisa era com todos vocês em conjunto estudando um mesmo tema com o mesmo professor?

Jhames Sampaio: Sim. Nosso primeiro trabalho foi com o Celius, mas ainda era o pré-PET. Estudamos os pares de Cauchy. Nesse trabalho, eu estava envolvido juntamente com o Luís e o Luverci. Eu não vou lembrar todos, mas vou citar alguns: a gente estudou Dinâmica dos Fluidos com a professora Liliane, Geometria com a professora Ketí, Matemática Computacional com o professor Jorge Lucero, Introdução à Relatividade Geral e Especial com o professor Guy e Álgebra com o professor Hemar. É um nome muito específico, era um tipo de Álgebra diferente. Esse foi o que eu entendi menos, então é o que lembro menos também. Esses são os que lembrei agora.

Seabra Pimenta: Você era bolsista?

Jhames Sampaio: Sim. Tiveram acontecimentos interessantes sobre isso. Na época que a gente entrou, estávamos enfrentando muitas dificuldades, porque, se não me engano, queriam acabar com o PET. Foi no final do governo do Fernando Henrique, creio eu. Acredito que o Ministro da Educação era o Paulo Renato e quem ia no Congresso para fazer o lobby era eu e a PETiana da Pedagogia, Cláudia. Então nós dois fomos muitas vezes ao Congresso para convencer a bancada da Educação a manter a bolsa. E conseguimos. Na época foi trabalhoso, mas como era a gente de Brasília que estava mais próximo, ficávamos responsáveis. Gostava de estar engajado em movimentos estudantis, gostava de política e ainda gosto. Atuei dessa forma. Teve o ENAPET também, que na época foi em Recife, onde conhecemos os PETianos do Brasil todo. Essa época foi de muita luta para manter o PET, inclusive ficamos um bom tempo sem receber e de repente recebemos uma bolada. Na época, para a gente, era muito dinheiro. Para quem não tinha nada, de repente receber cerca de dois mil, era uma boa quantia. Aconteceu dessa forma, todos nós passamos por isso.

Seabra Pimenta: Por quanto tempo você permaneceu no PET?

Jhames Sampaio: Praticamente a graduação inteira, porque participei do pré-PET no segundo semestre e, depois, permaneci do terceiro até me formar, isto é, durante cerca de três anos, três anos e meio. Acho que se contarmos o pré-PET foram três anos e meio.

Bárbara Guerra: Você mencionou isso antes, mas você lembra quais eram exatamente as exigências para permanecer no PET?

Jhames Sampaio: As exigências eram que você tinha que ser aluno MS/SS. Lógico que eles avaliavam casos, por exemplo, tirei um MM (menção para notas entre 5,0 e 7,0), o que faço? Vou sair ou não? Geralmente deixavam passar. Mas reprovação não deixavam passar não. A regra era MS (notas entre 7,0 e 9,0) ou SS (notas acima de 9,0), MM era um caso atípico que eles avaliavam e decidiam.

Bárbara Guerra: Você já mencionou, mas o tutor na época era o Celius, certo?

Jhames Sampaio: Houve duas fases. A gente começou com o Celius e depois acredito que trocou para o Hemar. Não tenho muita certeza, mas creio que foi isso. Não lembro exatamente como é que funcionava, se o tutor era o responsável por tudo e os professores orientavam. Mas acho que era assim, porque tínhamos umas reuniões com o Celius fora dessa área de pesquisa nas quais líamos algum livro e discutia sobre. A gente leu várias obras muito legais e depois isso foi feito com o Hemar. Eles que sugeriam os temas, então muitos dos melhores livros que eu tenho lembrança até hoje foram sugestões dos dois professores. O Celius sugeriu algumas obras, por exemplo, “Matéria e Pensamento” foi uma leitura difícil; “A História da Filosofia Ocidental”, de Bertrand Russell. Outro tema que lemos também, “A Parte e o Todo”, que considero o melhor de todos que a gente leu, é uma autobiografia do Heisenberg. A gente também leu algumas obras dos pseudônimos de Fernando Pessoa, das poesias dele, isso já foi com o Hemar. E teve outros que não estou lembrando, mas esses foram os que me vieram à memória agora. O pessoal gostava muito. A primeira vez que fomos a uma exposição de arte foi o Celius quem nos levou. Lá visitamos uma exposição do Miró, se não me engano. Muito legal, até hoje me lembro disso.

Bárbara Guerra: Tinha alguma outra atividade cultural?

Jhames Sampaio: Não era exatamente cultural, mas a gente prestava uma monitoria para os alunos do CEAN, perto da UnB. E me lembro que na época eu tinha cerca de 19 anos e havia uma aluna que era super boazinha e era muito fechada. Acho que ela sofria bullying no colégio, ou algo parecido. Ela me chamava de professor e, quando acabou o projeto, ela escreveu uma carta para mim. Fiquei super emocionado, pois não estava exercendo um cargo como o de professor, apenas estava dando uma monitoria e ela me chamava de professor. Ela foi super agradecida. Essas experiências são legais. Nunca esqueci isso, apesar de nunca mais ter visto ela.

Seabra Pimenta: Como era o convívio social no PET?

Jhames Sampaio: Era ótimo, porque, como no grupo havia pessoas com muitas habilidades diferentes, um ajudava o outro. Eu lembro que o Luís era um cara muito criativo, mas ele tinha dificuldade em organizar as coisas. Eu já era um cara mais disciplinado então a gente se ajudava. O Luverci era muito bom

no xadrez, ninguém conseguia ganhar dele, nem o Ricardo, que era o gênio da nossa turma. Era muito legal e eu aprendi muitas coisas com os colegas. O Ricardo mesmo, que era um PETiano um ano mais velho que a gente, era excepcional. Ele tirava SS em tudo com muita facilidade, então ele conversava com a gente, sentava e mostrava algumas curiosidades. Dessa forma, a gente já estava estudando Análise antes de fazer a disciplina, pois ele já nos dava algumas ideias e algumas delas íamos guardando. Na época, os dois professores que hoje são da Matemática, o Lucas Seco e o Mauro Patrão, também entraram antes da gente e também aproveitávamos os trabalhos deles. Esporadicamente havia discussões calorosas, temas polêmicos, mas era normal. Então aprendíamos muito um com o outro. Depois foi o contrário, a gente começou a ensinar os que foram entrando, então tinha esse ganho, creio eu.

Seabra Pimenta: O que você mais gostava do PET?

Jhames Sampaio: Eu gostava de muitas coisas. A gente gostava dos projetos: de uns a gente gostava mais que de outros. Quanto ao convívio com os colegas, a gente também se ajudava; como era um grupo em que a gente tinha um foco parecido, todo mundo queria crescer, estudar, fazer mestrado, quem sabe até doutorado. Então era um grupo que tinha uma espécie de competição construtiva, um puxava o outro, acho que isso era muito bom. Eu também gostei da parte dos livros, sempre me agradava aprender assuntos fora da Matemática. Lembro-me de que os dois projetos que mais gostamos foram o da professora Liliane e o da professora Keti Tenenblat. O da professora Liliane foi talvez o ápice da nossa geração, porque ela escolheu muito bem o tema e todo mundo conseguiu se envolver no projeto. O pessoal ia ao quadro e dava aulas. Todos, desde nós, que éramos do terceiro semestre, até o pessoal que estava perto de se formar. Foi interessante e possível acompanhar para todo mundo. Então achei que a experiência com ela foi a mais bem-sucedida e é a que eu me lembro melhor. Chegamos a escrever um livro, mas eu não sei se está disponível ou se chegou a ser impresso, mas o referente ao projeto dela foi possível fazer porque deu tempo. Outro aprendizado interessante que tivemos no programa foi o uso de programas como o LaTeX e o Maple, então todas as experiências eram proveitosas para nós. Eu tenho uma lembrança de que, quando fui cursar Cálculo 2, a gente tinha estudado o Maple com o Celius, mas os restantes dos alunos sofriam muito na hora de fazer aqueles Testes de Convergência das Séries e

então eu fiz um algoritmo no Maple e em 30 minutos finalizávamos a lista de exercícios. Então, subitamente, todo mundo queria esse algoritmo, nos pediam: “Cadê? Passa para nós!” Eu fazia isso porque tinha preguiça de fazer as contas à mão. A verdade era essa, economizava tempo. Então eu acho que tem muitas lembranças ótimas. Essa viagem que fizemos para Recife também foi muito especial, porque a gente se descobriu um pouco como jovens, porque na época éramos muito tímidos. Eu e o Luís sempre fomos muito amigos. Nesse evento, a gente se soltou e conhecemos gente de fora. Foi muito legal.

Bárbara Guerra: Você mencionou o Maple. Acredita que foi nesse momento que despertou seu interesse em Computação, que te levou a vir para a Estatística?

Jhames Sampaio: Eu já tinha essa vontade, tanto que considerava fazer outros cursos que não a Matemática. Vim de uma escola que não era muito forte, eu tinha um certo talento na área de exatas, mas, por outro lado, não sabia Inglês. Tive dificuldades em algumas provas no início. Na época, fazíamos o PAS (Programa de Avaliação Seriada) da UnB. Lembro que, nos dois primeiros PAS, fui muito mal, tirei nota negativa em Inglês. Então acordei e, no terceiro PAS, tirei uma nota bem alta, que dava para passar até em Medicina. Depois, comecei a estudar Inglês, que aprendi no PET. Não sabia nada desse idioma, mesmo na terceira avaliação do PAS eu tirei nota negativa e ainda assim fiquei com uma nota muito alta. Lembro que tirei a maior nota de Física e de Redação desse PAS, mas fui muito mal em Inglês, creio que tirei -2. Aprendi esse idioma neste grupo, o Luís já o sabia e me ofereceu ajuda. A gente pegava os livros de Matemática e descobri que o jeito mais fácil de aprender essa língua era lendo um livro de Matemática, porque era mais técnico. Então eu aprendia primeiramente as palavras técnicas e depois fui compreendendo as demais, foi outro ponto em que o grupo me ajudou, são muitos ganhos. A gente tentou criar um PET aqui, contudo na época eles queriam um programa com um outro perfil e acabou não dando certo. Ganharam os projetos mais da área social e agora estou criando um outro projeto novo, que seria uma espécie de PET, mas com algumas diferenças, que vai servir de extensão. Sempre quis fazer isso aqui na Estatística, agora que está começando a sair da minha cabeça a ideia, por conta de uma disciplina que está sendo feita e também estou aproveitando um pouco da experiência de vocês.

Bárbara Guerra: Você já participou de algum evento ou encontro do PET, além do ENAPET de Recife?

Jhames Sampaio: Eu lembro o seguinte: A gente só foi nesse, porque, na época, batalhamos muito para conseguir dinheiro e transporte. Um dos professores que deu muito apoio foi o professor Noraí Rocco. Se não me engano, foi ele quem conseguiu o transporte para irmos. E nós não fomos os únicos beneficiados, ou seja, todos os alunos da UnB que faziam parte de algum PET também o foram. Então havia alunos da Biologia, tinha gente da Pedagogia, da Matemática, da Física, conhecemos muitas pessoas nesse trajeto. Para nós foi uma experiência incrível, porque foram dois ou três dias de viagem dentro de um ônibus de dois andares e, lá dentro, a gente ficava brincando e na parte de baixo assistíamos a filmes. Eventualmente ficávamos jogando na mesa que havia lá e interagia com o pessoal. Para nós, Luverci, Luís e eu, achei que foi muito legal para nos soltarmos, interagir mais com as pessoas, pois éramos tímidos e na viagem a gente se soltou. Dançamos forró pela primeira vez. Foi muito legal, fomos numas praias bonitas e fizemos muitos amigos. Apesar do intuito principal, que era promover o PET dentro dos diferentes grupos, de diferentes estados e Universidades, tivemos muito contato com pessoas e muitas trocas de experiências. O evento foi dentro da SBPC, então também pudemos participar de outras atividades científicas e culturais. A gente descobriu uma banda que adoramos: chamava-se Cordel do Fogo Encantado. Depois, ela ficou famosa no Brasil. Tinha um colega nosso que era do PET da Biologia, o Beto, ele era da banda Móveis Coloniais de Acaju, na época era pouco conhecida e ele aproveitava os intervalos dele para ir nas rádios levar o CD deles. Ele apresentava seu trabalho humildemente: “Está aqui nosso CD, estamos apresentando...” e hoje eles são muito famosos. Ele também tem um canal no Instagram. É flautista e sabe tocar vários outros instrumentos. Eu gostava muito de conversar com ele, pois eu tinha estudado violão clássico e gostava de música. Era minha dúvida, na época, se cursaria Matemática ou Música. Essa viagem foi ótima, acredito que os alunos têm que viajar.

Bárbara Guerra: Qual foi a importância do PET na sua formação acadêmica e pessoal?

Jhames Sampaio: Muito grande. Foi no PET, como eu disse, que aprendi Inglês, a usar o LaTeX e a usar o Maple. O Maple, na verdade, foi o professor Celius que nos apresentou no Cálculo 1, mas dentro do PET a gente tinha acesso às licenças e demais ferramentas. Tivemos contato com Literatura, com projetos de pesquisa. Não há outra palavra, foi fundamental para a nossa formação tanto intelectual como social. O pessoal que interagiu e caminhava junto desde o primeiro momento até se formar. Então foi muito legal.

Bárbara Guerra: Algum comentário, curiosidade ou mensagem que você queira deixar?

Jhames Sampaio: A mensagem, talvez a principal, é que o PET não pode acabar, tem que continuar. Foi importante para toda essa geração pelo que tenho de lembranças e acredito que vai continuar sendo fundamental, porque é uma forma de incentivar os alunos a se dedicarem mais. E é importante ter a bolsa, porque o dinheiro é uma forma de manter o aluno. Na época, recebíamos uma quantia pequena de bolsa, mas, para nós, era o suficiente para pagar o lanche, a passagem. E foi por meio da Matemática que conseguimos crescer dentro da sociedade para ter alguma relevância e o programa foi muito importante nisso. A minha mensagem é procurar manter o projeto, porque as coisas estão difíceis e a gente já passou por isso no passado, mas conseguimos manter pela qualidade que os PETs tinham, pelo que produziam. Então creio que tem que focar nessa qualidade novamente, tentar retribuir para a sociedade de alguma forma, acredito que isso é o mais importante.

Bárbara Guerra: Tem alguma pergunta que você gostaria que tivesse sido feita, que você gostaria de responder?

Jhames Sampaio: Não, acredito que está completo. Um aspecto que acho que talvez seja importante registrar eram os nossos treinamentos para apresentar e a diferença entre apresentar para um professor e para uma audiência que tenha um conhecimento menor que o seu. Quando você apresenta para um professor, você está mais preocupado em não errar do que transmitir o conhecimento, você fica nervoso. Então, a gente teve experiências desse tipo; alguns professores eram mais linha dura, outros deixavam a gente mais confortável. É uma experiência que talvez seja boa, seria vocês darem aulas para os alunos do Ensino Médio. Vocês poderiam escolher temas, ou eles virem para cá ou

vocês irem até as escolas para ver como é lidar com aquele que está aprendendo quando você já tem um conhecimento mais amplo, sendo assim creio que essa seria uma experiência legal para os alunos do PET. E quando os projetos eram muito megalomaníacos, os alunos ficavam mais desmotivados do que motivados. Às vezes, o professor chegava com um tema complicado demais, o aluno não aproveitava tanto porque exigia tempo demais e ele tinha as disciplinas dele que tinha que cursar e, eventualmente, ficava nervoso. Quando o projeto era mais claro, sensato e mais bem pensado, rendia mais e os alunos aprendiam mais e conseguiam ter tempo para interagir o assunto entre eles. E é por isso que eu cito em particular os projetos da Liliane e da Ketí, que foram na minha visão os que trouxeram mais, os que mais contribuíram mais para a nossa formação. Em Dinâmica dos Fluidos, a gente já estava estudando Variáveis Complexas a fundo, uma pesquisa bem legal que foi a Liliane que trouxe para a gente. A Ketí pegou um artigo só, de bolhas, a Geometria das Bolhas, como o processo acontece, era um assunto bem legal.

Entrevista com o professor Luís Miranda

O professor Luís Henrique de Miranda foi bolsista do PETMAT no período de 2001/2 a 2003 e é professor do Departamento de Matemática da UnB. A entrevista foi realizada pelo PETiano Seabra Pimenta e pela tutora, professora Luciana Ávila Rodrigues.

Seabra Pimenta: Qual a sua cidade natal?

Luís Miranda: Primeiramente, obrigado pelo convite. É um enorme prazer poder falar um pouco sobre o PET, pois tenho muito carinho pelo programa. Agradeço à Luciana e aos PETianos. Eu nasci no Plano Piloto e depois fui morar no Guará 1. O Guará 1 não é uma cidade do Distrito Federal, mas me considero guaraense, porque depois fui criado lá. Minha cidade natal é Brasília, mas de coração sou guaraense.

Seabra Pimenta: Qual a sua formação acadêmica?

Luís Miranda: Fiz graduação e mestrado na UnB, este sob orientação da professora Liliane Maia, e fiz doutorado na Unicamp sob orientação do professor José Luiz Boldrini e da professora Gabriela Planas.

Seabra Pimenta: Quando você ingressou no PET?

Luís Miranda: Ingressei oficialmente no PET no segundo semestre de 2001, mas a minha relação com o grupo começou na segunda metade de 2000. Fiz Cálculo 1 no primeiro semestre de 2000 com o professor Célius Magalhães, que foi o primeiro tutor do programa, e depois fizemos uma espécie de pré-PET, já que na época não podia entrar no PET no segundo período de graduação. Então eu e mais alguns colegas, inclusive o professor Jhames da Estatística, fizemos esse “pré-PET” com o Célius no semestre seguinte, sem receber bolsa. A gente se encontrava na hora do almoço para estudar Números Reais. Se não me falha a memória, ingressei oficialmente na metade do ano seguinte.

Luciana Ávila: Esse encontro era junto com os PETianos à época ou separado?

Luís Miranda: Era separado. O Célius nos atendia no horário do almoço, duas vezes na semana. Era inclusive para dar um pouco de bagagem, porque o aluno de primeiro semestre, por mais que seja esforçado e tenha feito Cálculo 1, não tem um conhecimento aprofundado de Matemática. Fizemos uma Introdução à Análise Matemática. Tenho até hoje esse material, uma apostila sobre Pares de Cauchy, “Construção dos Números Reais via Pares de Cauchy”. Éramos eu, o professor Jhames Sampaio e o professor Luverci Nascimento que agora está em alguma Universidade do Sul.

Luciana Ávila: O Luverci também foi do PET? Depois ele entrou?

Luís Miranda: Sim, nós três éramos alunos de segundo semestre na época. Depois fizemos a seleção todos nós passamos. A seleção consistia na análise do IRA e outros aspectos. Mas teve a seguinte questão: a gente entraria no primeiro semestre de 2001, mas houve um problema na época porque o PET ficou ameaçado de extinção. Houve um debate sobre a continuação do programa. Ficamos muito tristes, mas depois foi decidido que iria continuar. Então a gente fez a seleção e eu, o Jhames e o Luverci passamos. Era baseada no IRA que creio que era no máximo quatro, não sei se mudou hoje.

Luciana Ávila: Hoje o IRA é no máximo cinco e para ingressar no PET o aluno tem que ter IRA maior ou igual a três, mas pode ser que antigamente fosse diferente.

Luís Miranda: Três ou quatro, não vou lembrar qual era a exigência. Mas na época tinha pouca demanda no PET, até por conta do debate acerca da extinção do programa.

Seabra Pimenta: Quais os motivos que o levaram a entrar no PET?

Luís Miranda: Influência do professor Celius e do Ricardo Sandoval, que era PETiano na época. A gente conhecia o Ricardo e ele explicou um pouco sobre como funcionava o PET e nós achamos muito legal. Já em relação à influência do professor Celius, fizemos Cálculo 1 com ele e achamos fantástico. Posteriormente descobrimos que ele era tutor de um programa e a gente queria mais contato com Matemática.

Seabra Pimenta: Você era bolsista?

Luís Miranda: Sim. Se não me engano a bolsa era de 241 reais e 50 centavos, que era um valor considerável na época, cerca de 240 dólares, era muito dinheiro. Quando a gente entrou no PET, mesmo depois da seleção, não sabíamos se ia ter bolsa. Particpei do programa por um semestre, orientado pela professora Liliane, sem receber bolsa. Claro que para mim, na época, a bolsa seria importante, mas o principal ponto era estar no programa. Então, de repente, ou o Jhames ou o Luverci, me liga falando “Luís, caíram as bolsas”. Eu acredito que recebi 6 bolsas do PET, em 2002 era uma quantia exorbitante de dinheiro, por volta de 1700 reais. Eu pensei: “Meu Deus, é muito dinheiro, o que vou fazer com isso?”

Seabra Pimenta: Quanto tempo você permaneceu no PET?

Luís Miranda: Por volta de 2 anos ou 2 anos e meio. Primeiramente tivemos a orientação com a Liliane, sobre Dinâmica de Fluidos, em seguida com o professor Guy Grebot. O PET funcionava da seguinte maneira: tinha o tutor, o orientador geral e tinham algumas atividades culturais. Era geralmente uma apreciação musical ou a leitura de um livro. Então quando a gente entrou estava na transição de tutor do Celius para o Hemar Godinho. Quando o Guy

foi orientador do PET o Hemar já era o tutor. A gente estudou Relatividade Espacial. Foi fantástico, mas muito difícil na época. Posteriormente, tivemos uma orientação com o próprio Hemar, outra com o Celius e, se não me engano, com a professora Ketí Tenenblat.

Luciana Ávila: Então as atividades eram: o professor os orientava em alguma disciplina e vocês estudavam o conteúdo, e as atividades culturais consistiam na leitura de livro e apreciação musical.

Luís Miranda: Sim, o que é fantástico. Na época, tinham alguns livros do PET e a gente tinha que apresentar um resumo em LaTeX do que a gente fez, pelo menos na época da Liliane e do Guy era assim, mas depois isso acabou. Agora, com relação a essas atividades culturais, é muito interessante, porque a primeira vez que eu fui assistir a uma exposição de arte foi com o PET. O Celius nos levou ao espaço cultural da Caixa Econômica Federal (Caixa Cultural Brasília) em 2001, eu devia ter uns 19 anos. Era uma exposição do pintor Miró. Achei aquilo fantástico. Há alguns anos falei para o Celius: “Poxa professor, sabia que a primeira vez que eu fui assistir a uma exposição de arte foi com o PET?” Ele não sabia na época, ficou muito feliz.

Seabra Pimenta: Quais eram as exigências para permanecer no PET?

Luís Miranda: Tinha que ter presença nas atividades e você não podia ter reprovação. Acredito que era isso.

Seabra Pimenta: Quem era o tutor?

Luís Miranda: Era o Hemar. Começou com o Celius, depois foi o Hemar Godinho.

Seabra Pimenta: Qual a importância do PET na sua formação acadêmica? E pessoal?

Luís Miranda: Foi fundamental. Tenho aqui um livro de Aspectos de Modelagem Matemática em Dinâmica dos Fluidos, do André Nachbin, do 23º Colóquio. Eu não fui neste Colóquio, que ocorreu no meio do ano de 2001. A Liliane deve ter participado, então ela viu isso e achou super legal e trabalhou com a gente e foi uma mega introdução à EDP (Equação Diferencial

Parcial). Eu já gostava desse tema sem saber exatamente o que era, porque eu sabia que o Celius trabalhava com isso e tudo que ele fizesse eu achava legal e acho até hoje. Foi um enorme desafio para um aluno do terceiro para o quarto semestre estudar um assunto dessa complexidade. Depois fui trabalhar com Dinâmica de Fluidos no doutorado, mas aprendi um pouco na época do PET e isso foi muito importante. Lembro que o curso com o professor Guy sobre Relatividade foi um desafio enorme porque a gente tinha que saber um pouco de Geometria Diferencial e um pouco de Álgebra Tensorial, mas a gente estava no quarto ou quinto semestre. Isso teve uma importância enorme. Acredito que se eu cheguei até aqui e consegui virar professor da UnB o PET foi um auxílio enorme. Ajudou a me moldar como um pesquisador e como pessoa.

Seabra Pimenta: Como era o convívio social?

Luís Miranda: Era ótimo. Mesmo com o Luverci, que mora no Rio Grande do Sul, eu ainda tenho contato. Também tenho contato com o Jhames e com o Ricardo Sandoval. Depois entraram alguns PETianos voluntários, como o professor Marcus Marrocos, que hoje é professor da UFABC (Universidade Federal do ABC). A sala do PET era no “mezanino”, que agora virou segundo andar, na última sala à esquerda. Foi lá que conheci o professor Marcelo Furtado, que era uma referência para nós. Ele tinha acabado de ser PETiano e tinha ido fazer doutorado, se não me engano na Unicamp. Ele também montou uma apostila sobre o “Passo da Montanha”. Eu e o Jhames falávamos “temos que fazer que nem o Marcelo, a gente tem que ir para a Unicamp”, e eu acabei indo para lá depois, foi muito legal. Quando cheguei lá, a Daniela e a Aline eram recém-saídas do PET, acho que elas estavam no mestrado.

Seabra Pimenta: O que mais gostava no PET?

Luís Miranda: Eu gostava muito da parte cultural, da apreciação musical. Às vezes a gente lia um livro e discutíamos sobre ele. Os amigos que eu formei, que me ajudaram nessa caminhada como matemático e também como pessoa também foi outro aspecto legal. Mas creio que o que eu mais gostava no PET era a possibilidade de aprender Matemática mais avançada do que a graduação proporcionava. Eu pensava assim: “quando eu for fazer mestrado ou doutorado, tudo isso aqui vai ser útil na minha formação”. Era um mistério, porque no terceiro semestre se estuda Cálculo 3 e IAL (Introdução à Álgebra

Linear), na época tinha EDO (Equações Diferenciais Ordinárias), talvez isso seja o máximo que você já viu. Às vezes também tínhamos acesso a um livro de Dinâmica de Fluidos falando de Formulação Lagrangeana, Euleriana, era muito legal. Lembro também que a primeira vez que eu vi o Google funcionando foi na sala do PET, acredito que foi em 2002. Na época tinham outros buscadores de pesquisa como o Altavista e o Buscapé. Um dia o Ricardo Sandoval falou: “Luís, eu tenho que te mostrar uma coisa: o Google. O Google acha tudo!”. Eu a princípio fiquei confuso, porque já existia o Altavista, por exemplo. Então ele me propôs a pesquisar qualquer coisa e eu solicitei a dissertação do Celius no IMPA. Ele me orientou a colocar “Celius Magalhães, IMPA”. Na época os buscadores não tinham essa especificidade, não se conseguia achar assuntos específicos. Se colocasse “Celius”, apareceria coisas da UnB. Mas coloquei conforme ele indicou. Então apareceu um “link” da dissertação de mestrado do Celius no IMPA. Pensei: “Nossa! O Google é muito bom.” Na época não tinha Google nem Wikipédia, não se obtinham resultados imediatos de pesquisa como atualmente. Já tinha internet, mas não funcionava como hoje, as pesquisas eram mais difíceis.

Seabra Pimenta: Você já participou de algum evento ou encontro no PET?

Luís Miranda: Sim. Eu participei de um ENAPET, que ocorreu concomitante à SBPC na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), se não me engano em 2003. Inclusive fomos em um ônibus aqui da UnB, foram todos os grupos PET na época, cerca de 18 grupos. Foi legal a concentração dos PETs e o convívio proporcionado. Lembro de algumas pessoas. Tem um rapaz que era da Física, acredito que não tinha PET de Física na época. Ele participava do PET Serviço Social. Atualmente ele é professor da UnB. Nesse ENAPET também conheci a Deliane, que se formou em Serviço Social e hoje a minha filha é amiga da filha dela. A gente chegou a se reencontrar. Eu falei “ENAPET!”, ela respondeu “É, sim, daquela época”.

Seabra Pimenta: Algum comentário, ou curiosidade, ou mensagem que queira deixar?

Luís Miranda: Eu gostaria mais de agradecer o PET por tudo que fez na minha vida, parabenizar a professora Luciana pelo trabalho que tem feito, os professores Mauro Rabelo, João Carlos, Hemar e Celius, que já foram tutores,

porque é um trabalho que contribui muito na formação dos alunos da UnB, em particular dos alunos que frequentam o PETMAT. É um trabalho muito bonito e foi muito importante para mim. Eu espero que continue. O programa é de 1995, fará 25 anos em agosto do ano que vem, então que continue mais 24 anos.

Seabra Pimenta: Alguma pergunta que você gostaria que fosse feita e que você gostaria de responder?

Luís Miranda: Não. Parabéns pela iniciativa de escrever. Creio que isso é muito importante para os atuais PETianos, para os recém-PETianos e para os futuros PETianos, para que eles possam ter acesso a essas histórias e que, de alguma forma, isso possa motivá-los. Em um certo sentido aconteceu comigo quando eu pegava os livros do PET, do Marcelo Furtado, e via que ele estava fazendo doutorado na Unicamp. Eu pensava: “Poxa, quero fazer isso, é legal”. Então que fique para as próximas gerações e atual geração de PETianos. Mais uma vez eu agradeço pelo convite, sempre é um enorme prazer falar do PET.

Entrevista com o professor Paulo Henrique

O professor Paulo Henrique Pereira da Costa foi bolsista do PETMAT no período de 2005/1 a 2007/1, é professor do Departamento de Matemática da UnB. A entrevista foi realizada pelos PETianos Rafael Meira e Matheus Andrade.

Rafael Meira: Qual é a sua cidade natal?

Paulo Henrique: Eu sou do interior de Goiás, de uma cidade chamada Campos Belos, que fica na divisa com o Tocantins.

Rafael Meira: Você fez a graduação em sua cidade natal?

Paulo Henrique: Não. Fiz a graduação aqui na UnB.

Rafael Meira: Quando você ingressou no PET?

Paulo Henrique: Eu participei do processo de seleção no final de 2004 e entrei em 2005.

Rafael Meira: Quais foram os motivos que te levaram a entrar no PET?

Paulo Henrique: Minha curiosidade. Eu estava entre o terceiro e o quarto semestre e queria saber mais sobre o que estavam estudando, principalmente sua utilidade. Contudo, no PET não apareceu o que eu queria saber.

Rafael Meira: Por que não?

Paulo Henrique: Porque a ideia principal do PET era o enfoque em assuntos que não tinham possibilidade de serem vistos na graduação.

Matheus Andrade: Eram assuntos extracurriculares?

Paulo Henrique: Sim. Eu achei interessante e acabei optando por permanecer no grupo.

Matheus Andrade: Você era bolsista?

Paulo Henrique: Sim.

Matheus Andrade: Quanto tempo você permaneceu no PET?

Paulo Henrique: Até o final da graduação. Permaneci por dois anos e meio, até a metade do ano de 2007.

Matheus Andrade: Quais eram as exigências para permanecer no programa?

Paulo Henrique: Acredito que as exigências eram parecidas com as de hoje, não tenho certeza. Não podia ter reprovação e além disso tinha também um acompanhamento ao PETiano, se estava conseguindo seguir o curso e fazer as atividades do PET.

Rafael Meira: Quem era o tutor do PET na época?

Paulo Henrique: Inicialmente era o Hemar, em seguida teve a transição para o João Carlos, não me lembro exatamente quando.

Rafael Meira: Qual a importância do PET na sua formação acadêmica? E na parte pessoal?

Paulo Henrique: Tem vários pontos. Conheci várias pessoas no PET, sobretudo nas atividades que fazíamos. Na parte acadêmica foi importante porque foi possível aprender bastante. Um exemplo de aprendizado foi a utilização do LaTeX, uma ferramenta que eu não sabia manipular e que possui aplicações para o resto da vida, principalmente para aqueles que porventura seguirem a carreira acadêmica. Outro destaque foi o conhecimento adquirido sobre conteúdos que não eram abordados em cursos de graduação formal.

Matheus Andrade: Como era o convívio social dos PETianos na época?

Paulo Henrique: Era bem agradável. A gente fazia diversas atividades durante a semana, além dos encontros com o professor. Acredito que hoje tenha mais atividades, na época tinha um pouco menos. As nossas pesquisas eram coletivas, todos sob a tutoria de um mesmo professor. Diferentemente dos dias de hoje, na minha época não realizávamos pesquisas individuais.

Matheus Andrade: O que você mais gostava do PET?

Paulo Henrique: Na parte das atividades, tínhamos que preparar algum assunto diferente e mostrar para o pessoal, ou na Universidade ou em algum colégio. Eu achava legal essa parte em que tentávamos mostrar algo, a importância da Matemática ou de um assunto específico para um público leigo.

Rafael Meira: Você já participou de algum evento ou encontro do PET?

Paulo Henrique: Participei de alguns. Tinha o ENAPET, o ECOPET, eram vários, não me lembro de quantos eu participei.

Rafael Meira: Algum comentário, curiosidade ou mensagem que queira deixar?

Paulo Henrique: Foi uma época bem agradável de passagem pela Universidade em que pude ter contato com outras pessoas que tinham, de certa forma, um objetivo comum. Algumas pessoas tinham maior interesse na parte de pesquisa, outras na parte de ensino, mas essa troca de experiências era interessante, foi bastante proveitoso.

Entrevista com o professor Igor Lima

O professor Igor dos Santos Lima foi membro voluntário do PETMAT no período de 2004/2 a 2005/1, é professor do Departamento de Matemática da UnB. A entrevista foi realizada por e-mail.

PETMAT: Qual sua cidade natal?

Igor Lima: Taguatinga/DF.

PETMAT: Qual a sua formação acadêmica?

Igor Lima: Bacharel em Matemática (UnB), Mestrado em Matemática (UnB), Doutorado em Matemática (Unicamp) e Pós-doutorado em Matemática (UnB).

PETMAT: Quando você ingressou no PET?

Igor Lima: Em agosto de 2004.

PETMAT: Quais motivos o levaram a entrar no PET?

Igor Lima: A boa fama do PET entre os alunos, com certeza. A gente associava PET, PIBIC e monitoria como atividades que ajudariam a ingressar no Mestrado, porque era isso que acontecia em geral: veteranos no PET (PIBIC e monitoria) indo para o Mestrado. Já era visto como uma ótima oportunidade de complementar a formação. E hoje em dia a boa fama continua.

PETMAT: Era bolsista?

Igor Lima: Não, eu era voluntário.

PETMAT: Quanto tempo permaneceu no PET?

Igor Lima: Entrei em agosto de 2004 e saí em agosto de 2005.

PETMAT: Quais eram as exigências para permanecer no PET?

Igor Lima: Na época que fiquei ninguém saiu por nenhum motivo que não fosse se formar ou ir para outro projeto (PIBIC, por exemplo). Então eu

imagino que os requisitos de permanência era a participação em atividades do PET (orientações, reuniões, extensões) e boas notas.

PETMAT: Quem era o tutor da sua época?

Igor Lima: Professor Hemar Godinho.

PETMAT: Qual a importância do PET na sua formação acadêmica? E pessoal?

Igor Lima: No PET tive minhas primeiras experiências acadêmicas sob orientação científica em grupo de conteúdos para além da graduação (Transformações Conformes e o Teorema de Riemann, sob orientação do professor Nigel Pitt; Teoria de Resposta ao Item, sob orientação do professor Mauro Rabelo), uso do LaTeX, com seminários de pesquisa, responsabilidade com reuniões inclusive com outros PETs, etc. Pessoalmente, além das amizades e primeiras experiências com eventos/culturais como os encontros (ECOPEM, Colóquio Brasileiro de Matemática no IMPA), exposição de arte, concertos musicais, todas as atividades envolvidas no PET contribuíram fortemente para eu almejar a carreira acadêmica.

PETMAT: Como era o convívio social?

Igor Lima: Com outros participantes do PET fomos em concertos musicais no Teatro Nacional e também na exposição de arte de Cathleen Sidki (esposa do professor Said Sidki do MAT/UnB).

PETMAT: O que mais gostava no PET?

Igor Lima: Eu gostava de tudo, pois tudo era novo para mim, mas destacando uma coisa apenas: gostei muito de reunir com outros participantes de outros PET na hora do almoço, principalmente com o PET de Ciências Políticas (PET/POL).

PETMAT: Você já participou de algum evento ou encontro do PET?

Igor Lima: Sim, do ECONPET, que ocorreu na Faculdade de Tecnologia (FT) em 2004.

PETMAT: Algum comentário, curiosidade ou mensagem que queira deixar?

Igor Lima: O PET mudou bastante desde 2004, principalmente na parte de extensão. Isso é ótimo. Antes a extensão do PET podia se resumir em “Aulões” para graduação (Cálculo 1) e monitorias na escola CEAN. Hoje, o PET atua propositivamente em cursos/minicursos/oficinas, eventos, palestras, etc. Acho que cabe um espaço de atuação fixa do PET no Workshop de Verão em Matemática do MAT/UnB.

Entrevista com o professor Matheus Bernardini

O professor Matheus Bernardini é professor da Faculdade do Gama da UnB. Foi bolsista do PETMAT no período de 2008/2 até 2010/2. A entrevista foi realizada por e-mail.

PETMAT: Qual sua cidade natal?

Matheus Bernardini: Brasília/DF.

PETMAT: Qual a sua formação acadêmica?

Matheus Bernardini: Bacharel, licenciado e mestre em Matemática pela UnB. Doutor em Matemática pela Unicamp.

PETMAT: Quando você ingressou no PET?

Matheus Bernardini: No segundo semestre de 2008.

PETMAT: Quais motivos o levaram a entrar no PET?

Matheus Bernardini: O principal motivo foi ter a possibilidade de trabalhar com pesquisa, ensino e extensão, que são os três pilares da Universidade.

PETMAT: Era bolsista?

Matheus Bernardini: Sim.

PETMAT: Quanto tempo permaneceu no PET?

Matheus Bernardini: Dois anos e meio.

PETMAT: Quais eram as exigências para permanecer no PET?

Matheus Bernardini: Não tenho certeza absoluta, mas me lembro que não poderia haver reprovação em disciplinas e havia uma cota inferior para o IRA.

PETMAT: Quem era o tutor da sua época?

Matheus Bernardini: No meu primeiro semestre (2008/2), o professor João Carlos era o tutor. De 2009/1 até minha saída, o tutor era o professor Mauro Rabelo.

PETMAT: Qual a importância do PET na sua formação acadêmica? E pessoal?

Matheus Bernardini: Ter participado do PET fez com que eu tivesse meu primeiro contato com pesquisa em Matemática. No meu primeiro semestre, o tema de pesquisa era Transformações de Bäcklund. Eu tinha acabado de sair do Cálculo 3 e comecei a estudar esse assunto em conjunto com os demais PETianos. Foi um momento de bastante aprendizado e foi a primeira vez que apresentei um seminário sobre Matemática Pura. Nesse mesmo semestre, apresentei meu primeiro minicurso, sobre aplicações de Álgebra Linear. Foi um momento de crescimento profissional e pessoal. Dali em diante, com supervisão do professor Mauro Rabelo e apoio dos PETianos, desenvolvemos outros trabalhos de pesquisa, de ensino e de extensão. As participações nas Vivências de Matemática foram bastante importantes na minha trajetória. Para essas atividades, levávamos materiais concretos ou algum item teórico para apresentar para estudantes das redes pública e privada, para professores em formação e para professores que já atuavam. Lembro-me da atividade sobre a Ponte de Königsberg com estudantes e a atividade sobre Imposto de Renda com professores.

PETMAT: Como era o convívio social?

Matheus Bernardini: Quando entrei, o PET tinha uma sala no subsolo do MAT e costumava ficar nessa sala estudando com os demais PETianos. Um pouco depois, nos mudamos para uma sala no segundo andar do MAT e mantivemos o hábito de estudar nessa sala. Foi nessa sala que elaborei os dois primeiros pôsteres da minha vida acadêmica, sendo um deles em parceria com o Phillippo. Com alguma frequência, jantávamos em um restaurante mexicano próximo à UnB e tínhamos as confraternizações de fim de semestre na casa do

professor Mauro Rabelo. Fiz bons amigos na época de PET que trago comigo até os dias de hoje.

PETMAT: O que mais gostava no PET?

Matheus Bernardini: Ter a oportunidade de receber orientação para estudar tópicos de Matemática que não são vistos na graduação, certamente foi um dos itens de que mais gostei no PET. Participar de ações de ensino em parceria com a SBEM-DF e a Secretaria de Educação também está entre os itens favoritos.

PETMAT: Você já participou de algum evento ou encontro do PET?

Matheus Bernardini: Infelizmente, nunca participei de um encontro específico do PET. Em 2010, eu e colegas do PET participamos do X ENEM (Encontro Nacional de Educação Matemática) em Salvador e do V Simpósio Nacional / Jornadas de Iniciação Científica no Rio de Janeiro.

PERFIL DOS EGRESSOS DO PETMAT UnB

Neste capítulo, apresentamos um estudo quantitativo sobre o perfil dos PETianos egressos nos 25 anos do PETMAT, mais especificamente de agosto de 1995 a agosto de 2020.

Com esse objetivo, iniciamos nossos esforços em compor a lista com os nomes de todos os egressos. Em 2015, na ocasião dos 20 anos do PET, tínhamos iniciado essa lista, mas estava cheia de lacunas. A dificuldade de encontrar registros antigos do grupo dificultou a sua conclusão. Então, em 2019, como parte das atividades do grupo, retomamos a busca de informações para atualizá-la.

Para tal, usamos as informações que constam no sistema SIGPET, que é a plataforma do Sistema de Gestão do Programa de Educação Tutorial, desenvolvida pelo Ministério da Educação, que tem como objetivo otimizar as ações do programa (<http://sigpet.mec.gov.br>). Entretanto, nesse sistema, só conseguimos informações a partir de 2011. Assim, os nomes dos egressos anteriores a 2011 foram coletados de relatórios antigos do grupo e alguns nomes foram indicados pelos próprios colegas. Estes foram contactados, por e-mail ou mensagem de WhatsApp, para confirmar o status da participação como bolsista ou não bolsista e o período em que estavam no PET. Portanto, embora não traga prejuízos aos resultados apresentados, é possível que algum nome de egresso não esteja registrado.

De posse desta lista, o próximo objetivo foi analisar se o egresso, ao concluir o curso de graduação, ingressou em algum programa de pós-graduação (mestrado, doutorado ou pós-doutorado) e também em qual instituição, e se no Brasil ou no exterior. Para os que não ingressaram em programas de pós-graduação e os que já concluíram os seus cursos de pós-graduação, analisamos, separadamente, como estes egressos estão inseridos no mercado de trabalho. Em particular, procuramos saber se o egresso é docente em Escola Particular, Escola Pública, Instituição de Ensino Superior ou ainda se está trabalhando em Órgão Público. Para esta análise, foi realizada uma pesquisa documental nos currículos Lattes dos egressos, que está disponível na plataforma Lattes,

que é um sistema de currículos virtual, de acesso livre e gratuito, criado e mantido pelo CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) disponível em <https://lattes.cnpq.br/>.

Assim, o capítulo está dividido em 3 seções. Na primeira seção, listamos a relação dos egressos de agosto de 1995 a agosto de 2020, Quadro 3.1 completamos com a lista dos egressos de setembro de 2020 até outubro de 2021, Quadro 3.2. Finalizamos apresentando a composição atual do grupo, em outubro de 2021, na Quadro 3.3.

Na segunda seção, apresentamos o perfil dos egressos no que se refere à inclusão ou não do egresso em algum programa de pós-graduação e/ou a inserção no mercado de trabalho. Finalizamos o capítulo com a terceira seção, em que analisamos a relação de gênero no PETMAT.

Relação dos PETianos egressos

A seguir, apresentamos os nomes dos egressos do PETMAT no período de agosto de 1995 até agosto de 2020. Ao todo, encontramos 120 egressos que são listados no Quadro 3.1 e são considerados na análise dos dados descritos a seguir. Para que a relação de todos os nomes dos PETianos fique completa até o presente momento, em 2021, optamos por listar, no Quadro 3.2, os nomes dos egressos no período de setembro de 2020 até agosto de 2021 e finalizamos, no Quadro 3.3, com a relação da composição atual do grupo, em outubro de 2021.

Quadro 3.1: Listas dos PETianos egressos de agosto de 1995 até agosto de 2020.

Adler Vieira Marques	Luciano Sasaki Cordeiro
Alexandre Dutra Maia	Luis Fernando Mendes Cury
Alexandre do Nascimento Oliveira Sousa	Luis Henrique de Miranda
Aline Gomes da Silva Pinto	Luiz Galvão
Allan Matheus Cardoso Neto	Luverci do Nascimento Ferreira
Amadeus Cabral Maldonado	Marcelo Fernandes Furtado
Ana Paula Borges Marcelino	Marcelo Teixeira
Angélica Lorraine Gomes Cornelio	Marcelo Santos Novais
Angélica Félix Laurindo Silva	Marcos Vinícius Borges Teixeira Lima
Ângelo Bezerra de Lima	Marcus Antônio Mendonça
Augusto Cesar Ribeiro Nunes	Marcus Vinicius Teixeira Borba
Carlos Renato de Melo Castro	Mariana Motta Andrade Puga
Claud Wagner Gonçalves Dias	Marina Gabriella Ribeiro
Cleida de Assis Coutinho	Maryane da Silva Moreira Figueiredo

<p>Cynara da Rocha Dahisy Valadão de Souza Lima Daniel Cavalcante Oliveira Daniela Amorim Amato Davi Correa Débora Borges Ferreira Deborah Pereira Domingues Deivid Rodrigues do Vale Edson Alves da Costa Júnior Elaine C. Kimura Ewerson de Sousa Ewerton Rocha Vieira Fernando Lima Madeira Fernando Meyer Fontes Filipe Balduino Pires Fernandes Francisca das Chagas Alves Lemos Gabriel Dias do Couto Gabriel Mesquita dos Santos Gabriel Nóbrega Bufolo Gabriel Silva Carvalho Gabrielly Girard Reis Geiza Severino Botelho George Demétrios Fernandes Leitão Kiametis Guilherme Borges Brandão Guilherme Gennari Sobrinho Gustavo Silva Marques de Paula Hanna Carolina da Silva Rezende Henrique Renno Zanata Henrique Roscoe de Oliveira Igor dos Santos Lima Igor Fernandes da Costa Jéssyca Cristine Lima de Souza Jhames Matos Sampaio José Teixeira Moura Júnior Josimar da Silva Rocha Juliana Cordeiro da Cunha Laércio Souto Leandro Chiarini Medeiros Leandro Ramos Leonardo Bezerra Coelho Leonardo Melo Batista Leonardo Maciel Lia Feitosa Beaklini Lucas Bispo da Cruz Lucas Conque Seco Ferreira Lucas Durães da Silva Luciana Lima Ventura</p>	<p>Mateus de Andrade Cruz Dutra Matheus Bernardini de Souza Mauro Moraes Alves Patrão Maxwel Lizete da Silva Mayra Camelo Madeira Melissa de Sousa Luiz Michael Marcondes de Freitas Nailson Andrade da Silva Nicholas Alves Amaral Olimpio Ribeiro Gomes Paula Macedo Lins de Araújo Paulo Henrique Pereira Pedro Gabriel Ferreira Jordão Pedro Matos Correia de Souza Phillipo Lappicy Lemos Gomes Rafael da Costa Aguiar Rafael Meira Carvalho Lino Rebeca Chuffi Saccocchi Renato Bianchini Renato Ferreira de Velloso Vianna Ricardo Augusto Brito Dantas Ricardo Matos Roberta Paula Brandão de Novais Roberto de Santana Araújo Roberto dos Santos Melo Robson Alves Nascimento Filho Rodrigo Duarte Freitas de Oliveira Porto Santiago Parado Parentes Fortes Seabra Fernando Alves Pimenta Sérgio Leandro Nascimento Neves Solange Maria da Conceição Tainá Luara Ferreira Salles Thales Filipes de Souza Thiago Drummond Thiago Raposo Milhomem de Carvalho Thiago Almeida de Araújo Ulisses Dias da Silva Victor Barbosa Jatobá Victor Hugo Cardoso Simões Vitória Soares dos Santos Vivaldo Pereira da Silva Wesley Well Vicente Bezerra Wesley de Freitas Mendes Weverton Ataíde Pinheiro Yuri Santos Rego</p>
---	---

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 3.2: Relação dos PETianos egressos de setembro de 2020 até setembro de 2021

Bárbara Guerra Ribeiro Carlos Henrique Campos Souza Giulia Albuquerque de Oliveira	Manoel Fernando dos Reis Matheus Andrade Ribeiro de Moura Horácio Rafael Meira Carvalho Lino
--	---

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 3.3: Composição atual do grupo (atualizada em outubro de 2021)

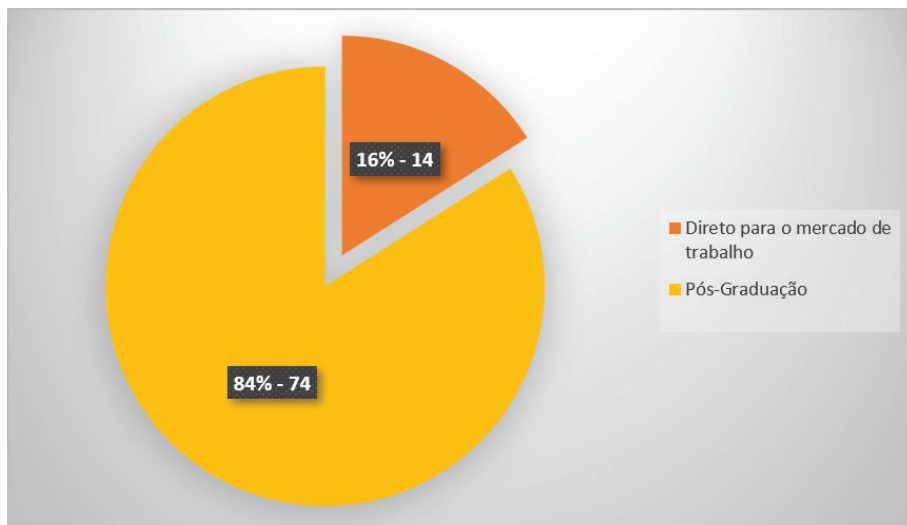
Anita Boaventura Carneiro Ayrton Anjos Teixeira Caio Tomás de Paula Davi Batisaco Lírio Nunes Herbert Luan Silva Isadora Silva Teles João Vitor Teixeira	Jorge Lucas de Azevedo Ribeiro Livia Nascimento de Alencar Matheus de Freitas Souza Rafael de Almeida Guimarães Railandi Sousa Assunção Thailany Machado dos Santos Thais Regina Duarte Marçal
--	--

Fonte: Dados da pesquisa

Perfil dos PETianos egressos e análise dos dados

Para os dados analisados nesta seção, consideramos a lista dos 120 PETianos egressos, conforme descrita na seção anterior e constante no Quadro 3.1. Do total dos 120 egressos pesquisados, temos que 5 ainda estão concluindo a sua graduação e 27 não foram encontradas informações nos seus currículos Lattes. Logo, para a análise que segue, consideramos os 88 PETianos egressos que já concluíram a graduação e sobre os quais foi possível encontrar informações. Destes, 74 (84%) fizeram pós-graduação e 14 (16%) foram direto para o mercado de trabalho sem ingressar em programa de pós-graduação. Veja Gráfico 3.1.

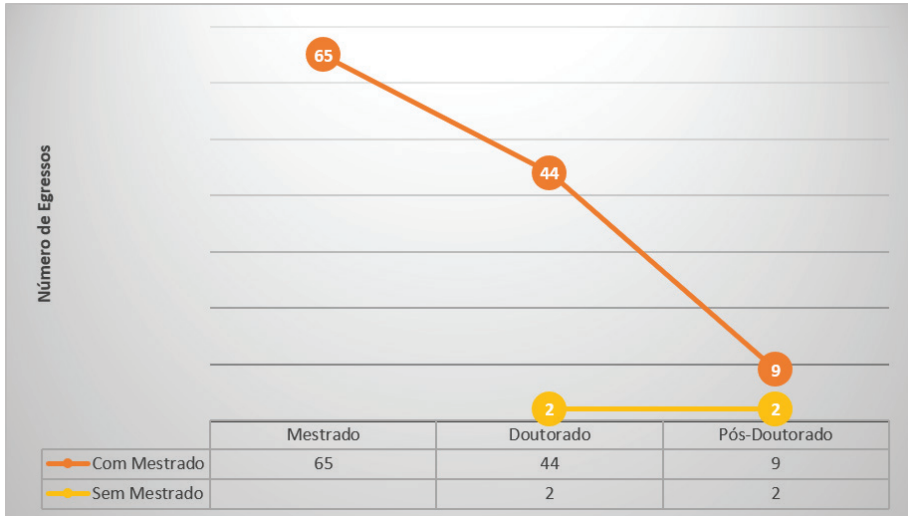
Gráfico 3.1: Relação de PETianos egressos que fizeram pós-graduação ou foram direto o para o mercado de trabalho.



Fonte: A autora.

Vamos detalhar um pouco mais o perfil dos 74 que ingressaram em algum programa de pós-graduação. Destes, 7 ainda não terminaram seus cursos e não foram considerados na análise que segue. Considerando então os 67 egressos que já concluíram os cursos de pós-graduação, constatamos que 2 (3%) foram direto para o doutorado e fizeram também pós-doutorado. Dos 65 que fizeram mestrado, 45 (69%) foram para o doutorado e destes 1 (2%) ainda está cursando o doutorado. Sendo assim, o total de alunos que terminaram o doutorado é de 46 (68%), ou seja, os dois que foram direto para o doutorado somados aos 46 que passaram pelo mestrado e, dos que fizeram doutorado, 11 (24%) já finalizaram o pós-doutorado. Esses dados estão resumidos no Gráfico 3.2.

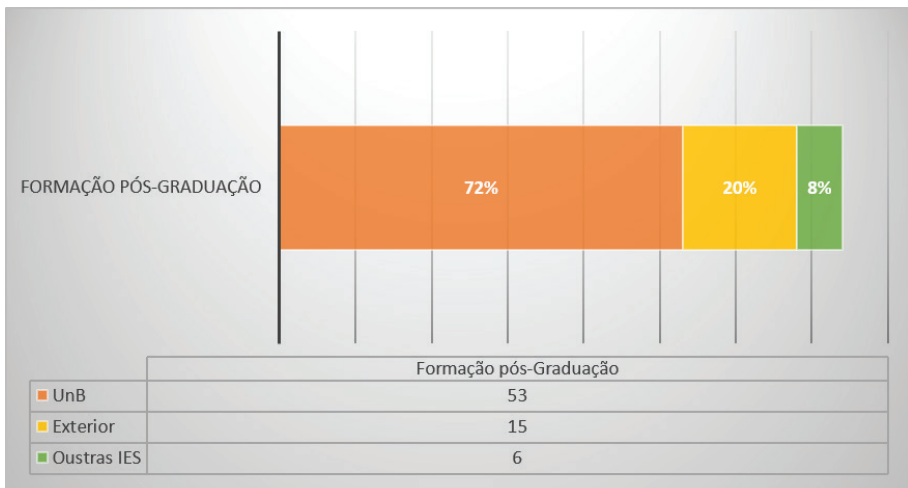
Gráfico 3.2: Quantitativo dos egressos que já terminaram o mestrado, o doutorado e o pós-doutorado.



Fonte: A autora.

Retornando aos 74 egressos que ingressaram em programas de pós-graduação, constatamos que 53 (72%) fizeram seus cursos na UnB, 15 (20%) foram para alguma universidade no exterior e 6 (8%) foram para outras instituições de ensino superior no Brasil, veja o Gráfico 3.3.

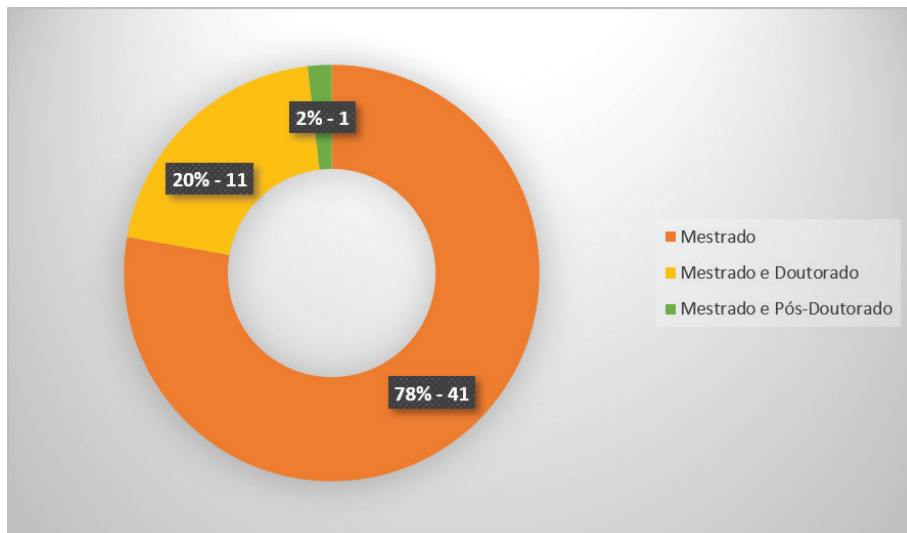
Gráfico 3.3: Dados quantitativos sobre o local onde os egressos fizeram sua pós-graduação: se na UnB ou em outras instituições do Brasil, ou em alguma instituição do exterior.



Fonte: A autora.

No Gráfico 3.4, apresentamos a análise sobre quais cursos os egressos fizeram na UnB, sendo que do total de 53, todos concluíram o mestrado. Destes, 11 (20%) seguiram para o doutorado e 1 (2%) fez, além do mestrado, o pós-doutorado.

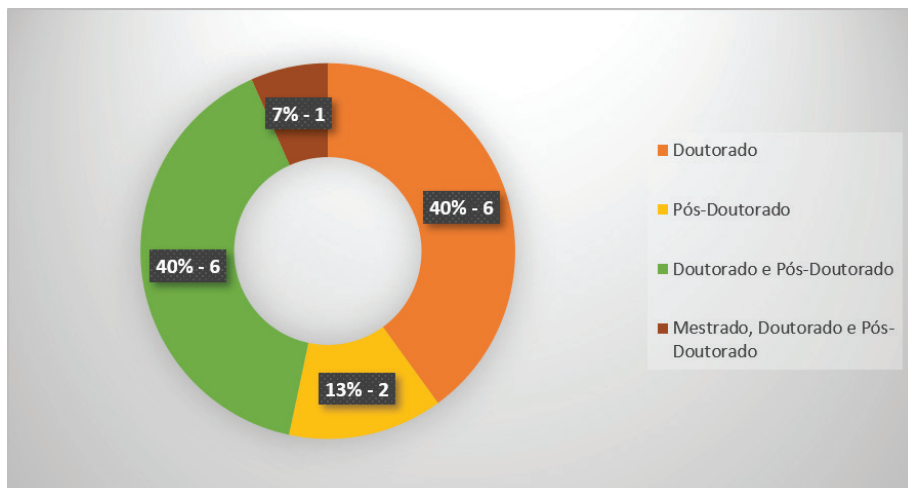
Gráfico 3.4: Quantitativo de alunos que fizeram os cursos de mestrado, doutorado e pós-doutorado na UnB.



Fonte: A autora.

Quanto aos 15 que fizeram sua pós-graduação no exterior, 6 (40%) deles fizeram o doutorado no exterior, 6 (40%) fizeram doutorado e pós-doutorado no exterior, 2 (13%) fizeram pós-doutorado e 1 (7%) fez dois mestrados, sendo um na UnB e outro no exterior, seguindo para o doutorado e pós-doutorado no exterior também. Veja o Gráfico 3.5.

Gráfico 3.5: Quantitativo de egressos que cursaram mestrado, doutorado ou pós-doutorado no exterior.



Fonte: A autora.

Com relação ao mercado de trabalho, consideramos os 14 que foram direto para o mercado de trabalho e os 41 que já concluíram sua pós-graduação e dos quais temos informações, ou seja, excluindo mestrandos, doutorandos e também os 25 egressos dos quais não foram encontradas informações no currículo Lattes após sua pós-graduação. Portanto, para esta análise temos 55 egressos.

Analisando os 41 que fizeram pós-graduação, temos que 32 (78%) são docentes apenas em IES, 2 (5%) são docentes em IES e estão em Órgãos Públicos, 4 (10%) estão apenas em Órgãos Públicos, 2 (5%) são docentes em escolas particulares e 1 (2%) está atuando em outra área.

Considerando os 14 que não passaram por uma pós-graduação, temos que 6 (43%) são docentes da Secretária de Educação do Distrito Federal (SEDF), 3 (22%) são docentes em escolas particulares, 3 (22%) estão em Órgãos Públicos e 2 (13%) estão atuando em outras áreas. Os dados estão resumidos na Tabela 3.1.

Tabela 3.1: Dados percentuais sobre a inserção dos egressos do PETMAT no mercado de trabalho.

	Pós-graduação – Total: 41	Direto para o Mercado de Trabalho – Total :14
Docente IES	32 – 78%	0
Docente IES e Órgão Público	2 – 5%	0
Órgão Público	4 – 10%	3 – 22%
Docente Particular	2 – 5%	3 – 22%
Docente SEDF	0	6 – 43%
Outros	1 – 2%	2 – 13%

Fonte: A autora.

Considerando os 34 egressos que são docentes de IES, 2 são de instituição particular e 32 de instituição pública e destes 32 temos que 26 são de Universidades Federais e 6 de Institutos Federais. Um fato curioso é que destes 26 docentes de Universidades Federais, 13 (50%) são professores da UnB.

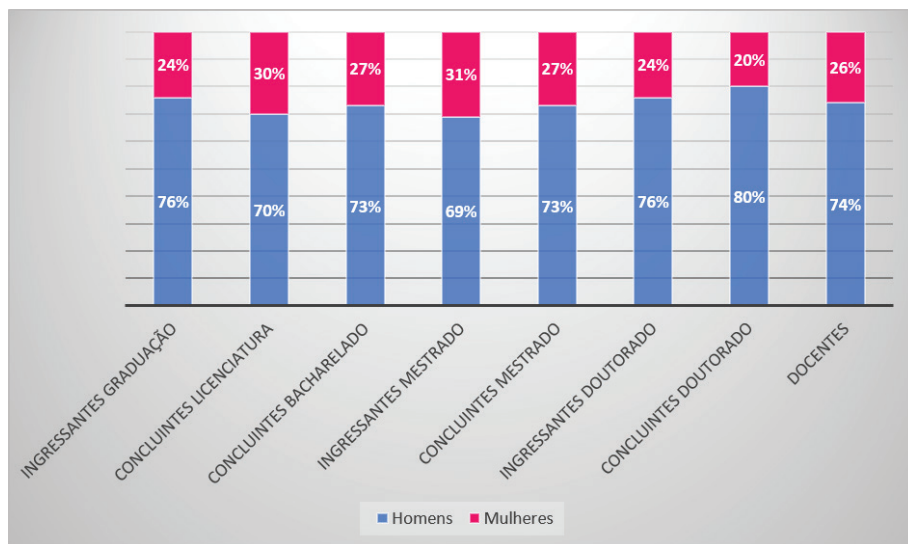
Análise dos egressos com relação a gênero

Nos últimos tempos, têm sido realizados estudos sobre as questões de gênero nas áreas das exatas. Tais estudos evidenciam a discrepância entre o número de mulheres e homens nessas áreas. Segundo Araújo, Barbosa, Felizi, Magno (2018), a área de Ciências Exatas, Tecnologia, Engenharia e Matemática (CETEM) no Brasil tem, dentre os estudantes de graduação, um percentual de mulheres em torno de 30%.

No departamento de Matemática da UnB, em um estudo feito no âmbito da pesquisa individual do PETMAT e orientado pela tutora professora Luciana Ávila, analisamos a questão de gênero no que se refere a porcentagem de homens e mulheres entre os discentes, ingressantes e concluintes, dos cursos de graduação, pós-graduação, e entre os professores. Como resultados deste estudo, concluímos que o percentual médio de ingressantes mulheres nos cursos de graduação, de 1997 a 2020, é de 24%. Dentre os concluintes no curso de licenciatura, 30% são mulheres e, no curso de bacharelado, 27% são mulheres. Já nos cursos de pós-graduação, a porcentagem média de mulheres nos ingressantes do curso de mestrado é de 31%, caindo para 27% dentre os concluintes. No curso de doutorado, dentre os ingressantes 24% são mulheres e dentre os concluintes o percentual cai para 20%. Dentre os docentes, temos

que o percentual médio de mulheres é de 26%. Uma visão resumida desses dados pode ser encontrada no Gráfico 3.6.

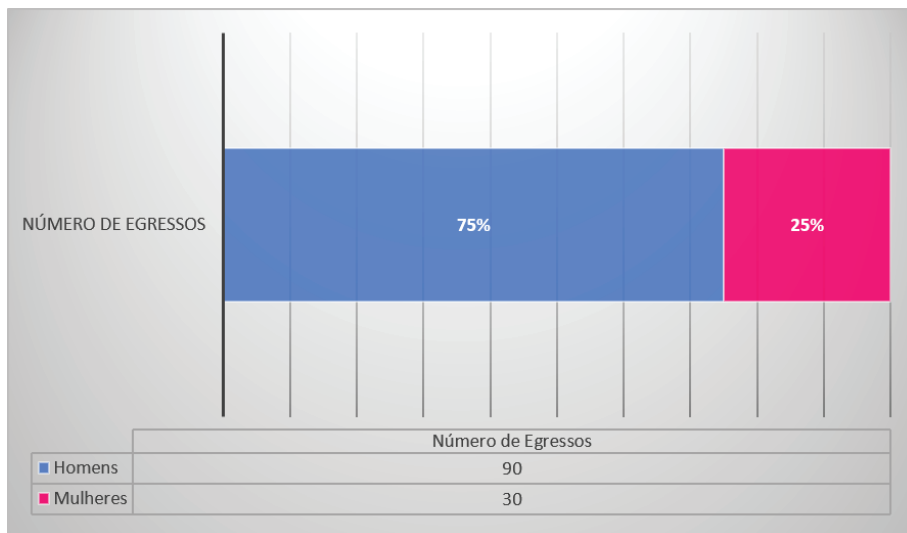
Gráfico 3.6: Dados quantitativos da análise de gênero no Departamento de Matemática da UnB.



Fonte: A autora.

Motivados por esses resultados, buscamos analisar o perfil dos egressos do PETMAT com relação ao gênero. Considerando a lista inicial dos 120 egressos, 90 (75%) são homens e 30 (25%) são mulheres, conforme observamos do Gráfico 3.7.

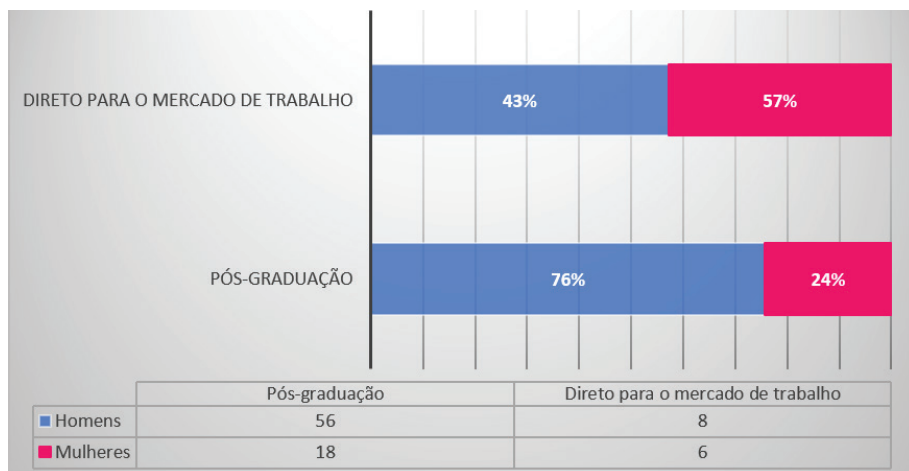
Gráfico 3.7: Proporção entre homens e mulheres egressos do PETMAT.



Fonte: A autora.

Dos 74 egressos que ingressaram em um programa de pós-graduação, 18 (24%) são mulheres e 56 (76%) homens. Dos 14 que foram direto para o mercado de trabalho, 8 (57%) são homens e 6 (43%) mulheres. Esse número mostra que a porcentagem de mulheres que terminam a graduação e vão direto para o mercado de trabalho é maior quando comparada a porcentagem de mulheres que terminam a graduação e ingressam em algum programa de pós-graduação. Esses dados estão listados no Gráfico 3.8.

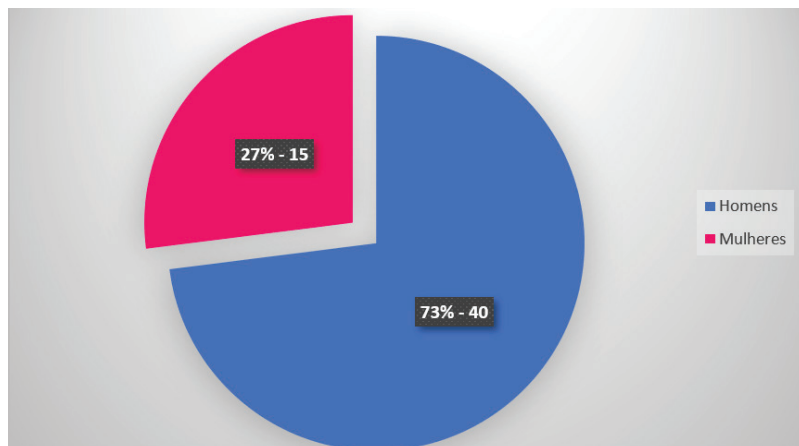
Gráfico 3.8: Análise de gênero entre os egressos que, ao finalizarem a graduação, ingressaram em um programa de pós-graduação ou foram direto para o mercado de trabalho.



Fonte: A autora.

Para a análise do mercado de trabalho, consideramos o total de 14 egressos que foram direto para o mercado de trabalho sem ingressar em algum programa de pós-graduação e os 41 que terminaram seus cursos de pós-graduação e já estão inseridos no mercado de trabalho, totalizando na análise 55 egressos. Destes 55 constatamos que 40 (73%) egressos são homens e 15 (27%) são mulheres. Veja o Gráfico 3.9.

Gráfico 3.9: Análise de gênero entre os egressos do PETMAT que estão inseridos no mercado de trabalho.



Fonte: A autora.

Das 15 mulheres egressas do PETMAT que estão inseridas no mercado de trabalho, 2 (13%) são docentes da SEDF, 2 (13%) são docentes em escolas particulares, 9 (60%) são docentes apenas em IES, 1 (7%) é docente em IES e está em Órgão Público e 1 (7%) está atuando em outra área.

Quanto aos 40 homens egressos que estão inseridos no mercado de trabalho, 4 (10%) são docentes da SEDF, 3 (8%) são docentes em escolas particulares, 23 (57%) são apenas docentes em IES, 2 (5%) estão em Órgãos Públicos, 6 (15%) são docentes em IES e estão em Órgão Público e 2 (5%) estão atuando em outras áreas. Esses dados estão resumidos na Tabela 3.2.

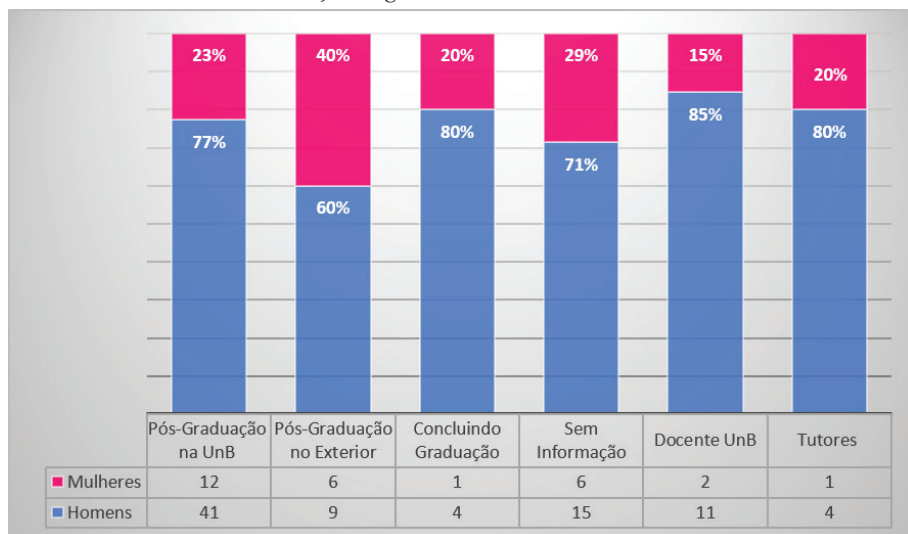
Tabela 3.2: Sobre a distribuição dos egressos do PETMAT no mercado de trabalho com relação ao gênero.

	Homens – Total: 40	Mulheres – Total: 15
Docente IES	23 – 57%	9 – 60%
Docente IES e Órgão Público	6 – 15%	1 – 7%
Órgão Público	2 – 5%	0
Docente Particular	3 – 8%	2 – 13%
Docente SEDF	4 – 10%	2 – 13%
Outros	2 – 5%	1 – 7%

Fonte: A autora.

Para finalizar o estudo sobre gênero no PETMAT, observamos que, dos 53 egressos que fizeram pós-graduação na UnB, 12 (23%) são mulheres, dos 15 que fizeram pós-graduação no exterior, 6 (40%) são mulheres, dos 5 que ainda estão concluindo a sua graduação 1 (20%) é mulher, dos 21 que não foram encontradas informações após sua conclusão da graduação 6 (29%) são mulheres e entre os 13 egressos que hoje são professores da UnB, 2 (15%) são mulheres. Por fim, dentre os 5 tutores que já passaram pelo PETMAT temos que 1 (20%) é mulher. No Gráfico 3.10, fazemos um resumo dessas informações.

Gráfico 3.10: Dados sobre a relação de gênero no PETMAT UnB.



Fonte: A autora.

Diante dos dados apresentados acima, finalizamos este capítulo observando que a pós-graduação continua sendo o caminho natural escolhido pelos PETianos. Os resultados revelam que, embora o PET tenha revertido o pensamento elitista da época em que foi criado, ainda é um programa que contribui para o fortalecimento da pós-graduação e fomenta a formação de docentes para as IES, que era um dos objetivos do programa à época da sua criação. A participação no PETMAT contribuiu para a escolha e o desenvolvimento da carreira acadêmica dos egressos, já que a grande maioria se tornou professor de alguma IES, e também ajudou a desenvolver habilidades técnicas que contribuíram para uma melhor inserção no mercado de trabalho dos seus integrantes.

COMEMORAÇÕES DOS 25 ANOS DO PETMAT UnB

Para comemorar os 25 anos do PETMAT, além das entrevistas apresentadas anteriormente, tinha sido planejado um evento presencial, que aconteceria em agosto de 2020. Porém, em 11 de março de 2020, a OMS (Organização Mundial da Saúde) anunciou a pandemia devido à COVID-19, o que ocasionou o distanciamento físico e a consequente suspensão das atividades presenciais na UnB, que se estende até o presente momento, em 2021. Neste cenário, tivemos que repensar o evento presencial e, assim, optamos por organizar uma série de 6 webinários, abertos ao público da UnB e à comunidade externa. Quatro deles foram voltados a contar a história do grupo dividindo-a por tutores, ou seja, cada webinário contava sobre o período em que um tutor ficou à frente do grupo e os outros deles trataram sobre o mestrado e o doutorado no exterior e sobre as meninas e mulheres do PETMAT. Esses webinários são detalhados na primeira seção.

Além dos webinários, iniciamos, nas redes sociais do PETMAT, Instagram e Facebook, uma campanha chamada “PETMAT 25 anos: Eu faço parte dessa história!”, em que PETianos e tutores, tanto egressos quanto atuais, puderam contar, em depoimento, um pouco da sua história, das suas experiências como participantes do grupo e do impacto que essa participação teve em suas vidas.

Na segunda seção, descrevemos como foi realizada a campanha “PETMAT 25 anos: Eu faço parte dessa história!”, na terceira seção listamos os depoimentos de PETianos e tutores, egressos e atuais, sobre o que o PETMAT foi ou é para eles.

Webinários: 25 anos do PETMAT UnB

Nesta seção, descrevemos como foram realizados os webinários em comemoração aos 25 anos do PETMAT. No total, foram realizados 6 webinários, sendo que 4 deles foram voltados a contar a história dividindo-a por tutores, ou seja, cada webinário contava sobre o período em que um tutor ficou à frente

do grupo. Os dois restantes tiveram temáticas especiais, um sobre o mestrado e doutorado no exterior e outro sobre as meninas e mulheres do PETMAT. A seguir, detalhamos cada um deles.

O primeiro versou sobre o período de 1995 a 2001 em que o professor Célius Magalhães foi tutor. Além do professor Célius, foram convidados para um momento de fala, os PETianos egressos da sua época, Marcelo Furtado e Claud Wagner, que tiveram a oportunidade de falar sobre suas experiências e depois foi dada, aos participantes, a oportunidade de fala. Vários deles relembrou sua participação no PET e disseram que foi uma oportunidade única de lembrar os tempos de graduação, rever amigos e também o saudoso tutor à época. Foi um momento de nostalgia e muita emoção, expressados na fala de todos que participaram.

O segundo contou a história do grupo de 2001 a 2006, em que o tutor foi o professor Hemar Godinho e foram convidados para falar os PETianos egressos Igor dos Santos Lima, Luciana Ventura, Luis Miranda e Paulo Henrique. Ambos puderam falar sobre suas experiências e, junto com os participantes, rememorar histórias vividas.

No período de 2006 a 2009, o tutor foi o professor João Carlos de Pádua, que não pode participar dos webinários. Então, o terceiro webinário compreendeu o período de 2009 a 2012 em que o professor Mauro Rabelo foi tutor. Foram convidados os PETianos egressos Mayra Madeira, Matheus Bernardini, Victor Jatobá e Yuri dos Santos, que falaram sobre como a participação no PETMAT influenciou positivamente a sua carreira acadêmica. Também foi um momento de matar saudades dos colegas da graduação e do tutor por meio de histórias contadas pelos próprios integrantes. Foi um momento descontraído.

O quarto webinário teve como tema “Mestrado e Doutorado no exterior” e contou as experiências de PETianos egressos que realizaram o que muitos sonham: estudar no exterior. Este foi um webinário de grande interesse também para os estudantes de graduação que puderam ouvir as histórias de pessoas que partiram de realidades relativamente parecidas com as deles e ver que é possível estudar fora do Brasil. Foram convidados 5 PETianos egressos que estudaram ou ainda estudam na Alemanha, Bruxelas, Estados Unidos e Holanda. São eles: Deivid Rodrigues do Vale, Leandro Chiarini, Rebeca

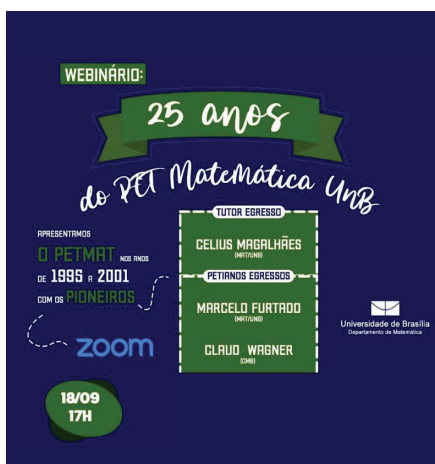
Chuffi, Roberto de Santana e Robson Alves, que deram bastante dicas sobre editais, moradia e mostraram possíveis caminhos a todos aqueles interessados.

No quinto webinar, foi a vez de ressaltarmos a presença das Mulheres e Meninas do PETMAT. Foram convidadas 5 PETianas, egressas e atuais, Aline Pinto, Giulia Albuquerque, Melissa de Sousa, Roberta Paula e Paula Lins. Cada uma teve a oportunidade de falar sobre a sua participação, como mulher, no PETMAT. Com o objetivo de provocar reflexões sobre esse tema, foi mostrado um comparativo sobre a representatividade das mulheres do PETMAT e do departamento de Matemática. Também foram apresentadas as histórias de Matemáticas importantes como, Hipátia e Emmy Noether, entre outras.

Por fim, o sexto e último webinar contou a história do PETMAT no período da atual tutora Luciana Ávila Rodrigues. Foi mostrada a trajetória do PETMAT de 2013 a 2020, as atividades que o grupo vem realizando, ressaltando as suas mudanças. Também foi mostrada a composição do grupo em cada período. Além da tutora, participaram 4 PETianos convidados: Alexandre do Nascimento, Bárbara Guerra, Gabriel Dias e Lucas Bispo, que contaram um pouco sobre a sua trajetória do PETMAT.

Finalizamos deixando registrado, nas figuras 4.1 a 4.6, os cartazes usados na divulgação dos webinários.

Figura 4.1: Cartaz do primeiro webinar.



Fonte: Acervo do PETMAT.

Figura 4.2: Cartaz do segundo webinar.



Fonte: Acervo do PETMAT.

Figura 4.3: Cartaz do terceiro webinar.



Fonte: Acervo do PETMAT.

Figura 4.4: Cartaz do quarto webinar.



Fonte: Acervo do PETMAT.

Figura 4.5: Cartaz do quinto webinar.



Fonte: Acervo do PETMAT.

Figura 4.6: Cartaz do sexto webinar.



Fonte: Acervo do PETMAT.

PETMAT 25 anos: Eu faço parte dessa história!

Com o objetivo de abrir um espaço para que PETianos e tutores, tanto egressos quanto atuais, pudessem contar um pouco de sua história, de suas experiências como participantes do grupo e do impacto que o PET teve em

suas vidas, foi iniciado, no perfil do Instagram e do Facebook do PETMAT, a campanha “PETMAT 25 anos: Eu faço parte dessa história!”

Entramos em contato com todos os PETianos e tutores, egressos e atuais, solicitando que enviassem uma foto, uma frase sobre a importância do PET na sua formação e uma minibiografia dando um depoimento sobre o PET. Os que aceitassem participar deveriam enviar os dados solicitados autorizando a divulgação nas mídias sociais do PET, Instagram e Facebook, e neste livro.

Para isso, com o objetivo de incentivar a participação de todos, criamos avatares PETianos fictícios, com os nomes de PETra MATilda e PETágoras FerMAT, que foram escolhidos por meio de uma votação no Instagram do grupo. As imagens dos avatares foram criadas pelo PETiano Herbert Luan. A partir daí, criamos, para esses personagens, as minibiografias descritas a seguir, que foram enviadas por email, como modelo, a todos os PETianos, egressos e atuais.

Foram divulgados os depoimentos de 68 PETianos, distribuídos entre tutores egressos e a atual tutora, membros atuais e egressos do PETMAT, que aceitaram participar dessa campanha. Esses depoimentos estão listados na terceira seção. Foi uma experiência bastante interessante e enriquecedora, pois possibilitou descobrir a história do grupo pela voz das próprias pessoas que ajudaram a construí-lo como ele é hoje. A divulgação completa está disponível no Instagram ([instagram.com/petmatunb/](https://www.instagram.com/petmatunb/)) e Facebook ([facebook.com/PETMATUNB/](https://www.facebook.com/PETMATUNB/)) do PETMAT. A seguir, apresentamos os modelos criados para a campanha com a imagem dos avatares dos PETianos fictícios PETra MATilda e PETágoras FerMAT e suas minibiografias.

Figura 4.7: Avatar da Petiana fictícia PETra MATilda



Fonte: Acervo do PETMAT.

Olá, sou PETra MATilda, tenho 28 anos. Eu nasci em Formosa-GO, uma cidade próxima a Brasília. Sempre fui aluna de escola pública e sempre gostei muito de estudar. Desde pequena gostava de me destacar em tudo o que fazia, então nos estudos era o mesmo. Sempre gostei muito de ler, pois a leitura me levava a muitos lugares que eu imaginava visitar um dia. Eu gosto de ler fantasias, histórias fantásticas de romance e de ficção. Gosto de escutar músicas e sou bem eclética, então gosto do samba ao pop. Eu sempre gostei de todas as disciplinas, mas a Matemática sempre me encantava devido à sua capacidade de estar presente em tudo ou, pelo menos, quase tudo. Meus pais me apoiavam muito em estudar o que eu gostava, por isso decidi fazer Matemática na UnB e, desde que comecei o curso, o meu amor pela Matemática só faz aumentar a cada dia.

Quando eu estava no terceiro semestre, entrei no PETMAT, o que foi muito importante, pois fiz novas amizades que perduram até hoje. Aprendi muita coisa com meus colegas, com o tutor e com os outros professores. No PET, tive a oportunidade de fazer várias atividades diferentes, estudar coisas

novas, ir às escolas, dar minicursos e monitorias. Mas o que eu mais gostava era estudar Matemática e demonstrar teoremas.

Ainda no PET aprendi a falar em público, ampliar meus planos e conhecer um universo novo que é a pesquisa. Foi então que conheci a Matemática aplicada, que me conquistou de todas as formas. Foi quando eu me interessei por seguir os estudos nessa área. Enquanto eu cursava a graduação fiquei sabendo que poderia ter bolsa de estudos para o mestrado e doutorado, inclusive no exterior. Então decidi tentar e deu certo, fiz mestrado na Universidade de Florença, na Itália, e lá morei por 3 anos, até concluir e ser Mestre em Mecânica dos Fluidos. Meu doutorado também foi na mesma área, só que na Universidade de Trento. Atualmente sou professora pesquisadora da Unicamp e continuo, cada vez mais, apaixonada pela matemática e por tudo que ela me proporcionou.

Figura 4.8: Avatar do PETiano fictício PETágoras FerMAT.



Fonte: Acervo do PETMAT.

Sou PETágoras FerMAT, tenho 18 anos, moro no Plano Piloto. Sou aluno do curso de Matemática da UnB, estou no 3º semestre. Eu sempre estudei em colégios particulares. Fiz o ensino médio no SIGMA e foi lá que me interessei pela matemática. Falo inglês fluentemente e me arrisco no espanhol

e francês, já que morei por um ano em cada um desses países durante a minha infância. O que eu mais gosto de fazer nas horas vagas é jogar futebol e fazer judô. Por um período de tempo, quis fazer Educação Física, mas desisti, pois gosto dos esportes apenas para hobby. No início, me incentivaram a fazer medicina, mas não gosto de ver sangue, então logo desisti. Acredito que cogitei essa ideia por influência dos meus pais que são médicos. Depois pensei que fazer engenharia seria uma boa, mas um professor que eu tive no ensino médio me inspirou e me incentivou muito e então decidi fazer Matemática. Quero ser professor, acredito que posso influenciar na transformação da educação. No meu segundo semestre da UnB, eu entrei no PETMAT. O programa é muito legal, os PETianos e a tutora são legais. Fazemos atividades de ensino, pesquisa e extensão, mas as que eu mais gosto são as atividades relacionadas ao ensino, quando já vou me realizando como professor. Eu quero ser professor do ensino médio, mas pode ser que eu faça dupla habilitação. Também penso no mestrado e doutorado, para assim me tornar professor do ensino superior, vamos ver.

Depoimentos

A seguir apresentamos os depoimentos de alguns tutores e de alguns PETianos, egressos e atuais, que compartilharam suas experiências de vida como membros do grupo. Ao ler os depoimentos observamos que os impactos do PETMAT na vida profissional dos egressos são tão marcantes quanto os impactos na trajetória acadêmica, é perceptível a atuação no programa no crescimento dos integrantes nos aspectos profissionais, pessoais e culturais. Os depoimentos são ricos em informações e emoção. Vale a pena ler.

Os depoimentos fizeram parte da divulgação dos 25 anos do PETMAT nas redes sociais e de vídeos que foram utilizados nas apresentações dos webinários comemorativos. Estão listados em ordem alfabética considerando os nomes dos participantes. Usamos a notação 2014/2 para indicar o segundo semestre de 2014 e analogamente para os outros períodos.

Adler Vieira Marques (PETiano: 2014/2 a 2015/1)

Olá! Me chamo Adler. Meu interesse pela Matemática começou a partir do segundo ano do Ensino Médio por conta de um professor que lecionava de maneira divertida. Apesar desse interesse, eu também gostava bastante de Química e fiquei em dúvida entre os dois cursos. Logo descobri que, na verdade, tinha uma queda maior pela Matemática.

Durante o terceiro ano, estudei números complexos e vi que as soluções de $x^n = 1$ formavam vértices de um polígono com n lados. Achei isso fascinante! Também foi no terceiro ano que tive o meu primeiro contato com o PETMAT. Particpei de uma vivência que fizeram na minha escola. Os PETianos da época passaram atividades relacionadas a grafos. Me diverti muito. Iniciei minha participação no PETMAT durante o segundo semestre de graduação, em 2014/02. Engraçado que foi apenas ao longo da entrevista que descobri que os participantes da vivência na minha escola eram do PET. Estar no programa foi muito bom e importante para mim. Apesar de eu ter ficado apenas um semestre, devido à desorganização vivida por mim durante aquele semestre, frequentei a sala por um bom período da graduação. Fiz vários amigos lá e era um bom local de estudos, principalmente por estar com os PETianos. Também tenho uma grande admiração pela professora Luciana. Terminei a graduação no bacharelado em 2018 e iniciei o mestrado logo em seguida, também na UnB. Atualmente eu estou fazendo o doutorado na UFRJ.

Alexandre do Nascimento de Oliveira Sousa (PETiano: 2012/2 a 2015/1)

Meu nome é Alexandre, eu entrei no PET no final do meu primeiro semestre de graduação em 2012 e participei do PET até me formar em 2015. No meu primeiro semestre, “caí de paraquedas” na disciplina de Análise Combinatória, durante a qual conheci dois PETianos, Yuri e Paula, que, desde que os conheci, me fizeram propaganda do PETMAT. Dessa forma, quando houve a seleção, no final do meu primeiro semestre, eu resolvi fazer a prova e felizmente fui aprovado.

Tenho ótimas recordações dessa fase, tanto dos colegas PETianos, que me ajudaram bastante em toda a graduação, como das atividades de pesquisa

coletiva e das vivências que fazíamos nas escolas. Na minha época, lembro-me de duas pesquisas coletivas, uma sobre topologia algébrica, na qual tive muita dificuldade pois estava no segundo semestre, e outra sobre espaços de Minkowski, que foi mais proveitoso. Além disso, como não mencionar as atividades do PETMAT Monitorias que desenvolvia com o Prof. Celius, foi uma excelente oportunidade.

Ademais, foi por meio do PET que comecei minha primeira iniciação científica com a Professora Simone M. Bruschi e, desde então, sigo estudando Sistemas Dinâmicos em infinitas dimensões. Estudei diversos temas em Teoria Qualitativa para EDOs, Análise Funcional e Sistemas Dinâmicos não lineares. Por indicação da Simone, fui fazer mestrado no Instituto de Ciências Matemáticas e Computacionais, ICMC, na Universidade de São Paulo. Minha dissertação foi sobre o problema de um milhão de dólares para a equação de Navier-Stokes.

Atualmente, faço doutorado no ICMC e na Universidade de Sevilla, Espanha, por meio de uma cotutela acadêmica entre as duas universidades. Por incrível que pareça, minha tese de doutorado tem relação direta com o primeiro pôster que apresentei como PETiano no Colóquio Brasileiro de Matemática no IMPA em 2013, intitulado “Propriedade do ponto de sela”. Ainda hoje sigo estudando a robustez da hiperbolicidade sob perturbação.

Sou muito grato a todos os companheiros desta época de PETMAT, especialmente aos meus ex-tutores Mauro Rabelo e Luciana Ávila, minha orientadora de IC, Simone, e ao professor Celius, pelas belas experiências que vivi neste período.

Aline Gomes da Silva Pinto (PETiana: 1997/2 a 2000/2)

Fui aluna do PET no período de 1997/2 a 2000/2. Entrei para a UnB no segundo semestre de 1996 em Bacharelado em Matemática. Tinha desistido de cursar Ciência da Computação, pois vi que gostava mesmo era de Matemática. No meu primeiro semestre, tive aula de Cálculo 1 com a professora Haydée, a primeira professora de Matemática que tive até então. No colégio, só havia tido professores nas aulas específicas de Matemática.

Após cursar a disciplina Cálculo 1, recebi um convite do professor Celius Magalhães para participar de um estudo em grupo com outros alunos também

convidados, que depois se revelou ser um pré-PET. Após um semestre participando desse estudo informal, entrei para o PET e permaneci no programa até me formar.

No PET, sob a tutoria do professor Celius, participei, a cada semestre, de estudos em grupo de tópicos das diversas áreas da Matemática orientados por professores das áreas, de rodas de leitura de livros de literatura com discussões semanais e atividades culturais esporádicas sugeridas pelo professor Celius.

Pelo programa, tive a oportunidade de participar de eventos como a Reunião Anual da SBPC e fazer um curso de verão no IMPA. Com essa rica ambientação dada pelo programa, passei então a me dedicar à carreira acadêmica. Fiz Mestrado em Matemática na UnB, com dissertação em Teoria dos Números, concluído em 2002, e Doutorado em Matemática na Unicamp, com tese em Álgebra, concluído em 2005. Logo após concluir o doutorado, iniciei um pós-doutorado na Unicamp que foi interrompido para assumir a posição de Professora do Departamento de Matemática da UnB ainda em 2005.

Como professora da UnB, adoro dar aulas, tento buscar formas motivadoras e conectadas de apresentar os conteúdos teóricos aos alunos. E adoro a diversidade que ser professora de uma universidade pública proporciona, pois cada semestre é um recomeço, uma nova rotina, com alunos de diversos cursos e novos desafios.

Amadeus Cabral Maldonado (PETiano: 2017/2 a 2019/2)

Olá, eu sou o Amadeus. Nasci no Rio de Janeiro, mas minha família se mudou para Brasília quando eu tinha 4 anos. Tenho o privilégio de ter um pai matemático que me incentivou a gostar de Matemática, então desde cedo eu tive facilidade com a matéria na escola e a encarava como algo divertido. No meu Ensino Médio, Matemática era de longe a minha matéria preferida, mas ainda não havia decidido o que estudar no ensino superior. As pessoas da época diziam que, por gostar tanto de Matemática, eu me daria bem em alguma engenharia e eu estava adotando essa ideia. Era bastante incomum encontrar colegas que queriam cursar Matemática, ao contrário de engenharia. Ainda no Ensino Médio, tive mais contato com o que realmente um matemático estuda por meio de conversas com professores e meu pai. Tendo isso, percebi rapidamente que minha paixão verdadeira estava na Matemática pura.

Ingressei no curso de Matemática na UnB no primeiro semestre de 2017 e tive meu primeiro contato com o PETMAT na Recepção aos Calouros, uma atividade que achei bastante interessante e acolhedora. No final do semestre, participei do PETMAT Seminários e, mesmo não tendo entendido a Matemática apresentada por ser muito acima do meu nível na época, fiquei extremamente motivado para não só seguir estudando, mas também para estudar coisas além do currículo comum de Matemática na universidade. No semestre seguinte, ingressei no PET, onde conheci pessoas bastante dedicadas e apoiadoras que me forneceram contatos e dicas valiosas sobre o curso.

Durante os semestres no PET, eu ampliei a minha visão sobre o meu dever como matemático. Não só tive a oportunidade de estudar Matemática além do que era passado e apresentar os meus estudos, mas também desenvolvi minhas habilidades de ensinar, preparar atividades para a divulgação Matemática, trabalhar em equipe. Adquiri habilidades e conhecimentos no PET que um curso de Matemática sozinho não me proporcionaria. Participei de eventos onde pude conhecer outras pessoas e seus trabalhos e até tive a oportunidade de participar da organização de um evento. Entendi a grande importância do aspecto social da Matemática. Esse impacto que o PET teve em mim torna possível o impacto que quero fazer no mundo.

Após me formar, ingressei no programa de mestrado em Matemática pura do IMPA e não só levo as experiências e habilidades que adquiri no PET, levo também as grandes amizades que fiz durante o período.

Angélica Lorrane Gome Cornélio Lima (PETiana: 2008/2 a 2009/2)

A experiência no PET foi riquíssima, por meio do programa pude participar do Colóquio Brasileiro de Matemática e ter contato com as pesquisas em desenvolvimento à época. Sem dúvidas, é um diferencial na formação acadêmica.

Ayrton Anjos Teixeira (PETiano: 2020/1 - atual)

Olá, meu nome Ayrton e eu tenho 20 anos. Atualmente moro no Riacho Fundo II, onde passei a maior parte da minha vida. Minha relação com a

Matemática sempre foi boa, tive ótimos professores ao decorrer do meu ensino básico e tive algum contato com a OBMEP, chegando a receber menção honrosa nesse projeto, mas foi só no final do Ensino Médio que tive um foco maior em estudar Matemática. No final do meu terceiro ano, eu havia decidido que queria ser professor, mas ainda estava em dúvida se cursava Física ou Matemática (mesmo todos me recomendando alguma engenharia).

Fiz minha escolha e hoje vejo que escolhi bem, estou adorando o curso e não penso em trocar para algum outro. No meu tempo livre, gosto de assistir a filmes (às vezes séries), ler livros de fantasia ou ficção científica e jogar videogame. Nessa quarentena, estou tentando reaver dois hábitos que eu costumava ter, desenhar e jogar xadrez, que foram se perdendo ao decorrer da minha vida.

Entrei no PET em abril de 2020, após a quarentena ter começado, foi uma experiência diferente pois todas as atividades (e as reuniões) foram realizadas de forma virtual. Estou gostando muito de fazer parte do projeto, pois pude realizar atividades interessantes que me fizeram aprender bastante. Procurei fazer parte do programa pois queria realizar atividades diferentes e poder me aprofundar mais na Matemática.

Bárbara Guerra Ribeiro (PETiana: 2017/2 a 2020/2)

Olá, meu nome é Bárbara, tenho 21 anos, nasci em Brasília e morei aqui minha vida toda. Estou me formando agora, 2020, no curso de Bacharelado em Matemática. Esse curso é o resultado de uma vida toda sendo apaixonada pela Matemática.

Tenho a grande sorte de sempre ter tido minha mãe como inspiração, que também é formada em Matemática e possui mestrado na área, por isso sempre fui muito incentivada na área de estudos. Tive vários professores excelentes, razão pela qual sou muito grata de ter estudado no Sigma desde o sexto ano até o final do Ensino Médio. Graças a esses professores, tive inclusive a oportunidade de estudar cálculo ainda no Ensino Médio, o que firmou minha vontade de cursar Matemática.

A Matemática não é meu único amor, no entanto. Sempre amei muito a leitura, desde a cópia surrada de Hércules que minha mãe lia para meu irmão e eu e os livros de poesia e lendas brasileiras que meu pai me deu quando era criança até os livros de ficção histórica de Bernard Cornwell e os clássicos da

literatura que leio hoje em dia. Talvez por isso também gosto muito de escrever. Não tenho tido tempo de escrever muito recentemente, mas fui felizada em participar de alguns projetos no Ensino Médio.

Gosto muito também de música, de cantar e de séries, em particular de séries policiais, razão pela qual me interessei muito pela ciência forense. Já fiz até curso online e se existisse um curso no Brasil teria ficado em dúvida entre ciência forense e Matemática.

No meu primeiro semestre de universidade, descobri também uma nova paixão: o cubo mágico. Meu melhor amigo me ensinou a resolvê-lo e comecei a competir no ano passado e tive a oportunidade de conhecer um pouco da comunidade cubista, que não poderia ser mais amigável, acolhedora e prestativa. Já conquistei medalha de bronze em 3x3 vendado, a décima melhor média feminina do Brasil em 3x3 e a melhor média feminina em FMC da América do Sul. Infelizmente a COVID-19 impossibilitou que mais um sonho nesse hobby se realizasse de ter uma competição em meu próprio lar.

No meu segundo semestre, tive a oportunidade de entrar pro PET e, antes mesmo de ser oficializada minha participação no projeto, tive a oportunidade de participar de minha primeira oficina como PETiana. Também tive a oportunidade de estudar Teoria dos Jogos como parte de minha pesquisa individual, um conteúdo que não teria tido a oportunidade de conhecer no curso normal e que tenho interesse em seguir estudando mais aprofundadamente. O PET me permitiu ter experiências como educadora, pesquisadora, aluna e pessoa que não teria tido se não fosse pelo projeto e pelas pessoas maravilhosas que tive o privilégio de conhecer dentro dele. O PET me mudou e para melhor.

Só espero ter também deixado algo de mim para o projeto, em particular tenho trabalhado numa oficina unindo duas de minhas paixões: a Matemática e o cubo mágico. O PET para mim sempre vai ser as coisas que eu ganhei dele, os conhecimentos, as amizades, as oportunidades. O PET abriu minha cabeça e meus horizontes, sempre vou ser muito grata por isso. Minha graduação não teria sido a mesma sem o PET, não saberia tanto sobre mim, muito menos sobre a Matemática ou sobre as áreas na qual posso atuar com ela. Agora que estou me despedindo dessa fase da minha vida de graduação e de PET. Vai deixar muita saudade.

Caio Tomás de Paula (PETiano: 2020/1 - atual)

Me chamo Caio, tenho 19 anos e sou PETiano recém ingressado. Tenho 4 irmãos, dois mais velhos e dois gêmeos (não, não somos idênticos). Atualmente estou no 3º semestre do bacharelado em Matemática, buscando a dupla habilitação.

Desde pequeno, eu sempre gostei de estudar, de aprender, e eu sempre tive (relativa) facilidade nisso. Isso não só em Matemática, mas nas matérias da escola como um todo. Eu também sempre gostei muito de ler e de jogar (videogames e/ou esportes).

No 6º ano do meu Ensino Fundamental, eu fui para o Sigma, onde fiquei até terminar o Ensino Médio. Foi lá que eu conheci a maioria dos meus amigos de hoje e conheci professores que mudaram a minha vida.

Em 2018, eu participei, pela primeira vez, da OBMEP (Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas) e recebi uma Menção Honrosa. Até então eu já tinha participado de OBM's (Olimpíada Brasileira de Matemática) durante o Ensino Fundamental e de uma OMDF (Olimpíada de Matemática do Distrito Federal), mas nunca cheguei a ganhar nada.

Até mais ou menos a metade do meu 3º ano do Ensino Médio, eu achava que queria cursar Engenharia Elétrica. Eu não sei exatamente porque eu troquei para Matemática, mas acho que os dois fatores principais foram: em algum momento eu percebi que não seria algo tão puro/abstrato quanto eu queria, e a partir daí Matemática se tornou a opção lógica; e também a influência de um dos meus professores, que sempre me incentivou a seguir por esse caminho.

Inclusive, foi no 1º ano do Ensino Médio que eu realmente me apaixonei pela Matemática e foi também quando eu percebi que tem muita coisa que a gente não aprende no Ensino Médio e que são muito mais interessantes do que as coisas que a gente aprende lá (mas claro, é necessário aprender o conteúdo da escola, porque ele é a base para os conteúdos legais).

A história é a seguinte: eu assisti um vídeo do canal Vsauce no YouTube em que o Michael Stevens (criador e apresentador do canal) explicava o paradoxo de Banach-Tarski (dada uma esfera, você consegue construir duas esferas iguais à primeira, fazendo uso do Axioma da Escolha) e então eu fui perguntar sobre esse paradoxo para esse professor, para entender melhor e conversar

sobre, mas ele falou que não conhecia e eu fiquei um pouco chocado e surpreso (num sentido positivo).

No meu 1° semestre de UnB, eu participei do Rei e Rainha da Derivada (um amigo meu que faz Engenharia de Software no Gama me contou sobre e sugeriu de irmos). Como eu já tinha feito um curso de Cálculo no meu Ensino Médio, eu achei bem legal, bem divertido e deu para ajudar um pessoal a aprender/melhorar em Cálculo 1.

Foi no RRDD também que eu conheci o professor Igor dos Santos aqui do Departamento de Matemática e, por meio dele, eu tive a oportunidade de fazer um PIBIC em Álgebra, com uma outra professora do departamento. Hoje, terminando o projeto, eu não me arrependo de ter feito, foi uma experiência muito boa. Mesmo assim, senti falta do contato humano com outras pessoas, alguém para poder contar e conversar sobre Matemática e a pesquisa além do seu orientador.

Esse foi um dos principais atrativos do PET para mim, ter um grupo, um coletivo, e também não ficar restrito somente a atividades de pesquisa. Ter feito um PIBIC também foi positivo no sentido de abrir meus olhos para a importância de uma boa network de contatos, porque eu só consegui fazer parte do projeto por ter conhecido o Igor.

Hoje eu continuo gostando muito de ler (eu geralmente estou lendo mais de um livro ao mesmo tempo), sobre os mais variados temas (mas principalmente Matemática e ciência), e hoje gosto mais ainda de aprender sobre outras coisas (Biologia, Física, Química, Política) porque eu acho que é importante ter um conhecimento geral para ter uma visão mais macro do mundo. Também gosto bastante de música, de cinema, de sair, de viajar, de conversar.

Hoje eu trabalho como monitor de Matemática do Ensino Médio no Sigma, junto com esse professor que me motivou a vir para a Matemática.

Mesmo com pouco tempo de PET, eu já vejo que esse programa é e será muito enriquecedor para mim, tanto pessoal quanto profissionalmente. A dedicação e o trabalho em equipe são fenomenais e espero poder contribuir!

Carlos Henrique Campos de Souza (PETiano: 2019/2 a 2020/2)

Sou Carlos Campos, tenho 24 anos, nasci em Belo Horizonte, Minas Gerais e moro no Guará, Distrito Federal. Sou aluno do curso de Matemática da UnB, estou no 4º semestre. Estudei em colégios particulares a maior parte da minha vida. Parte do meu Ensino Médio foi na cidade do Rio de Janeiro, no então Colégio e Curso Martins, onde me preparei para ingressar na Escola Preparatória de Cadetes. Cursei o Ensino Médio por completo e tive aprendizados e amizades para a vida toda.

Desde criança, gostei de Matemática e, após me deparar com dificuldades com a atividade aérea na Academia da Força Aérea, me reencontrei na Matemática. Estou trabalhando na minha fluência em inglês e espanhol e já consigo comunicar o básico em ambos idiomas. Meus principais hobbies são a prática de esportes (principalmente corrida), música, viajar e me reunir com família e amigos. Por um período de tempo, também quis fazer Engenharia Química, mas desisti por identificar meu real gosto pela Matemática e por ter professores da área que me inspiraram. Tive, em um grande período da minha vida, professores inspiradores e sempre gostei de ensinar, ajudar meus amigos em disciplinas que tinha mais facilidade. Acredito que poderei, no exercício da docência, ser um legado dos ótimos professores que tive e influenciar na transformação da educação.

Ingressei no PETMAT no meu segundo semestre de graduação. A filosofia do programa de trabalhar com ensino, pesquisa e extensão me motivou bastante para ingressar ao grupo. Atualmente estou cursando licenciatura, mas pretendo fazer dupla habitação. Ainda não estou certo quanto à área que farei mestrado e doutorado, mas acredito que o PET me ajudará muito nessa decisão.

O PET está sendo fundamental na ampliação dos meus horizontes no mundo acadêmico, pois me proporciona aprender constantemente nos três pilares da Universidade: ensino, pesquisa e extensão. Além da academia, o grupo me proporciona constante crescimento profissional, lidando com demandas, prazos e trabalho em equipe.

Daniela Amorim Amato (PETiana: 1998/1 a 2000/2)

Sou professora Associada do Departamento de Matemática da UnB. Meu interesse pela Matemática foi despertado muito cedo. Minha mãe era professora de Matemática, em escolas de Ensino Fundamental e pesquisadora em um projeto no Departamento de Matemática da UnB que visava testar materiais didáticos para o ensino de Matemática. Eu participei dos experimentos do projeto como aluna quando tinha por volta de 7 anos e, a partir desta experiência, meu interesse pela Matemática só cresceu. Morei durante muitos anos na Colina e cresci comendo no “bandejão”.

Ingressei na UnB no 2º semestre de 1997 para cursar Bacharelado em Matemática e participei do PET do início de 1998 até me formar, em 2000. Na época, o PET estava sob tutoria do Professor Celius Magalhães. O PET permitiu o desenvolvimento de habilidades adicionais às desenvolvidas no curso de graduação, além de ter proporcionado grande enriquecimento pessoal.

Fiz mestrado na UnB e, em 2002, fui para a Inglaterra, onde fiz doutorado pela Universidade de Oxford, sob orientação do Professor Peter Neumann. Após concluir o doutorado, em 2006, fui tutora no Brasenose College da Universidade de Oxford, durante 1 ano. Em 2008, iniciei um pós-doutorado na Universidade de Leeds, seguido, em 2009, de um pós-doutorado na Universidade de East Anglia, ambos na Inglaterra. Em abril de 2010, minha filha, Clara, nasceu e, em maio de 2011, grávida de 6 meses do meu segundo filho, interrompi meu pós-doutorado para retornar ao Brasil com minha família e assumir a posição de professora no Departamento de Matemática da UnB. Mais recentemente, em Julho de 2019, fui para os EUA fazer pós-doutorado na Universidade da Califórnia, San Diego, retornando em Julho de 2020.

Minha área de pesquisa é “grupos infinitos de permutação e teoria algébrica dos grafos”, mais especificamente o estudo de grafos em conexão com a teoria de grupos.

No tempo livre gosto de brincar e estudar com meus filhos, correr e experimentar novas receitas culinárias.

Débora Borges Ferreira (PETiana: 1999/2 a 2002/1)

Possuo graduação em Licenciatura em Matemática, mestrado em Matemática e doutorado em Matemática, ambos pela Universidade de Brasília. Atualmente sou professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e coordenadora do PROFMAT em Natal. Tenho experiência na área de Probabilidade e Estatística, com ênfase em Probabilidade e Estatística Aplicadas.

Gosto de estudar probabilidade: processos de risco e distribuições de cauda pesada. Amo teatro, desenhar, artesanato, cozinhar, montar quebra cabeça, brincar com minha filha e com cachorros.

Eu entrei no PETMAT no segundo semestre de 1999 e fiquei até o fim da graduação. Me apaixonei mais ainda por matemática nesse período. Tínhamos o tutor maravilhoso, Celius Magalhães, que, além de grande profissional, era amigo, dava conselhos pra tudo, conselhos sábios que guardo até hoje. O PET foi uma experiência que tenho muito orgulho de compartilhar.

Deivid Rodrigues do Vale (PETiano: 2014/2 a 2017/1)

Meu nome é Deivid Vale e fui PETiano por 4 anos. Minha história no PET – como a de muitos de vocês, imagino – começou na famosa Recepção aos Calouros. O PET teve papel fundamental em meu desenvolvimento acadêmico. Durante quatro anos no programa, participei de variadas atividades dentro do tripé ensino, pesquisa e extensão. Foi importante para eu ter uma visão ampla desses três aspectos e, em especial, ensino e pesquisa.

Nas atividades de ensino, pude compartilhar ideias e experiências com os colegas da licenciatura aproximando o que muitos, ainda hoje, pensam ser duas áreas disjuntas: bacharel e licenciatura. Essas atividades me ensinaram a reduzir ideias complicadas a exemplos simples, a prestar atenção como alunos aprendem e, com isso, proporcionar uma boa didática sendo intuitivo, mas formal ao mesmo tempo. Hoje tenho muito mais alunos e a tarefa de ministrar uma disciplina não é tão pesada quanto vejo outros colegas descreverem. Olhando para trás, posso ver que todo o trabalho que fazíamos no PET resultou em uma experiência recompensadora e extremamente útil para o desenvolvimento de minha didática.

As atividades de pesquisa me ensinaram a estudar temas bem mais complexos que meu próprio conhecimento, a adquirir os pré-requisitos que não tinha no começo, ser independente, e o mais importante: com o tempo aprendi a saber julgar a qualidade do conhecimento adquirido. Eu poderia inserir essas e muitas outras coisas que aprendi com pesquisa em uma só noção: atividades de pesquisa me deram “maturidade Matemática”, seja lá o quão amplos indivíduos tendem a definir tal termo.

Durante esses anos, três professores tiveram papel significativo em todo meu desenvolvimento. Minha orientadora, na época da pesquisa individual, a professora Daniele Nantes, basicamente acolheu um aluno de primeiro semestre e tentou ensiná-lo a ler artigos! Com toda a paciência do mundo, basicamente pegou em minha mão guiando-me naquelas trilhas sombrias da lógica e computação. Revisou cada palavra que eu escrevia, compartilhou comigo a alegria de aprender e viu meus olhinhos brilhando quando, finalmente, entendi o que estava fazendo. Ainda hoje a professora Daniele é um modelo de pesquisadora e orientadora que quero seguir e sou extremamente grato a tudo que ela me ensinou.

Também na pesquisa individual, trabalhei com o professor Celius Magalhães em uma área completamente diferente: análise. O resultado foi um minicurso de medida e integração. Além disso, fizemos vários projetos juntos, estendendo-se por toda minha graduação, mestrado, e mesmo estando distantes ainda trabalhamos juntos. O professor Celius foi meu mentor durante todos esses anos e sem sua ajuda certamente o caminho teria sido muito mais difícil.

No âmbito geral, a professora Luciana Ávila teve papel fundamental. O PET poderia ter sido uma experiência totalmente diferente sem sua orientação e dedicação por todos esses anos. Criticou meu trabalho no PET quando foi preciso, me ensinou valiosas lições e me apoiou até mesmo em problemas pessoais. Sou grato por ter me convencido a ficar no PET, quando minhas motivações e ânimos estavam baixos.

Por último, mas não menos importante, sou grato por tudo que vivenciei com meus colegas do PET (também PIBID, devo adicionar). Dali tirei amizades que perduraram até hoje, por falta de espaço deixo meus agradecimentos de forma geral. Todos vocês fizeram um PET divertido, amistoso e gostoso de

se vivenciar. Agora, após alguns anos, ainda bate uma nostalgia de um tempo bem vivido.

Fernando Lima Madeira (PETiano: 2001/2 a 2002/1)

Apaixonado por Matemática desde criança, comecei a ajudar meus colegas como monitor em turno contrário aos 11 anos de idade, na quinta série do Ensino Fundamental. Continuei tirando as dúvidas dos meus colegas até o Ensino Médio, sempre os que tinham dificuldade em Matemática.

O meu sonho sempre foi a UnB. A aprovação veio no primeiro vestibular e a graduação em Licenciatura em Matemática se iniciou no primeiro semestre de 2000. No segundo semestre de 2000, iniciei estágio na Embrapa, que teve duração de 12 meses.

O primeiro contato com pesquisa acadêmica foi no grupo PET em 2001. Permaneci no grupo até 2002. O tema trabalhado foi a dinâmica dos Fluidos, com a professora Liliane Almeida e Relatividade Geral, com o professor Guy Grebot.

Fui admitido como professor adjunto na UNIP-Brasília em 2006, onde fui professor da instituição por 12 anos tendo lecionado para diversos cursos de graduação, sempre da área de Exatas, sendo que nos últimos seis anos praticamente apenas para o curso de Matemática. Atuei junto à SBEM- DF, Diretoria Ampliada, como representante da Unip em diversos eventos tais como EBREM e Fórum das Licenciaturas em Matemática do DF.

Fiz mais uma graduação na UnB, de 2008 a 2010: Bacharelado em Estatística. Em 2009, fui professor de Matemática em curso preparatório para vestibular, ENEM e PAS, no ALUB por 12 meses. Em 2011, fui professor da Inferência Estatística e Amostragem no curso de Especialização em Estatística da Faculdade Fajesu por 6 meses.

Fui convidado a trabalhar no Ministério da Fazenda em 2013, onde trabalho até hoje. Agora Ministério da Economia, tendo passado por duas áreas. Fiz uma especialização em Econometria e Finanças na UCB de 2013 a 2015. Iniciei a terceira graduação na UnB, dessa vez em Licenciatura em Computação, em 2016. Fui professor substituto do Departamento de Matemática da UnB entre agosto de 2019 e julho de 2020.

Francisca das Chagas Alves Lemos (PETiana: 2014/2 a 2016/1)

Oi pessoal, meu nome é Francisca! Atualmente estou cursando o mestrado em Matemática na UnB. Eu entrei no PETMAT em 2014, no meu terceiro semestre do curso de bacharelado em Matemática. Embora eu quisesse ter permanecido no PETMAT até o término do meu curso, isto não foi possível na época, então eu tentei ao máximo ficar por exatamente 2 anos, para que eu tivesse pelo menos o direito ao certificado do MEC.

Nestes 2 anos que eu estive nesta família PETMAT, eu posso dizer que eu vivi experiências maravilhosas. Tanto que eu acredito que o PETMAT deveria ser obrigatório para todos os alunos do curso de Matemática! Lá é o lugar onde você tem uma ideia de qual área seguir e se encoraja! Sim, é verdade, eu sempre fui muito medrosa com relação a apresentações em geral, entretanto minha experiência como PETiana me proporcionou várias oportunidades de me expressar oralmente e por escrito. Como? Começou com a tutora Luciana, que percebeu meu medo (mas não me confrontou, acho que ela guardou para ela mesma que sabia disso). Então como eu sei que ela sabia? Porque ela me encorajou a fazer minha primeira apresentação sobre um tema muito, muito simples e por meio de pôster: o tema da minha primeira apresentação foi sobre “adivinhar” os dois últimos dígitos do CPF de uma pessoa.

O fato de ter sido por meio de pôster foi determinante para me ajudar a perder o medo, porque eu tinha tudo escrito, então eu poderia consultar sempre que eu me sentisse insegura. Além disso, as pessoas demonstravam bastante interesse por este tema e me procuravam para tirar dúvidas. Isso me ajudou a interagir um pouco mais com este tipo de público.

Depois disso, ainda fiz uma viagem com alguns PETianos e a tutora: fomos para Ouro Preto-MG. Lá estava previsto para eu fazer uma oficina sobre este tema também, mas de última hora decidiram que eu teria que fazer uma apresentação oral para um público de mais ou menos 300 pessoas e eu lá no palco com um microfone. Meu coração quase saiu pela boca, acreditem!

Felizmente, tudo deu certo e parece que fiz uma boa apresentação. Quando voltamos a tutora me encorajou a preparar um minicurso de LaTeX para alunos do PROFMAT, que eram professores da rede pública em sua maioria. Pensem na responsabilidade. Consegui, gente! Adorei.

No departamento de Matemática, eu fiz uma apresentação oral no auditório sobre um tema que me despertou uma paixão pela área de Sistemas Dinâmicos. Eu falei sobre hiperbolicidade, estabilidade e caos em dimensão um. Minha última experiência como PETiana foi durante um verão que participei em 2016 na USP São Carlos. Eu apresentei um pôster sobre superfícies mínimas. Outra área apaixonante é a da Geometria Diferencial! Impossível descrever tudo que vivi lá em poucas palavras, há vivências não relatadas aqui na área de licenciatura também, afinal de contas, foram 2 anos. Foram experiências marcantes, que valeram a pena. E, se fosse preciso, eu faria novamente!

Gabriel Dias do Couto (PETiano: 2016/2 a 2019/2)

Olá! Sou o GD em Brasília, Gabs em Goiás e Gabriel Dias no Rio de Janeiro. Tenho 22 anos. Nascido e crescido em Goiânia, puxo o “r” desde pequeno, mas com menos intensidade que meus conterrâneos. No nono ano do Fundamental, participei da Feira de Ciências da minha escola, quando descobri como calcular o CPF e a probabilidade de ganhar na Mega Sena.

Ali que eu descobri que, 8 anos depois, estaria fazendo Mestrado em Combinatória na PUC- RIO (e estou!). Até o fim do Ensino Médio, nunca fui de estudar. Hoje, com certeza, tenho que estudar: ler cinco páginas por dia - às vezes menos - de um livro de Matemática é uma conquista! Essa fala não é para desanimar ninguém de fazer um curso como esse, é um desafio empolgante! E eu nem falei de senso de humor esquisito que você ganha, lendo e ouvindo outros matemáticos. Sério! Você sabe o motivo daquela superfície se chamar Sela de Macaco? E eu que estudo grafos coloridos com subgrafos arco-íris, que têm poucas cerejas?! Acho isso tudo hilário!

Mas sobre mim: gosto de ler, jogar videogame ou jogos de tabuleiro, jogar RPG de mesa e assistir a desenhos japoneses (sim, otaku fedido). Falo Inglês e estou aprendendo Francês. Além de Matemática, gosto de Filosofia e Gramática. Quando pequeno, escrevi e pintei muito e em vários estilos: talvez isso tenha me ajudado a ser um bom orador.

Finalmente, o PET! Uma etapa importante da minha vida. A partir de quando me integrei a ele, em meu segundo semestre, diversas portas se abriram na minha graduação. E - ainda bem! - aproveitei a maioria delas. Embora tenha tido meus deslizes durante minha estadia, sei que nossa relação foi

simetricamente positiva. Considero-me um diamante bruto que o PET ajudou a lapidar e a começar a brilhar, por todas as tarefas e desafios de que tive o prazer de participar. Por fim, gostaria de agradecer por me ajudarem, por meio dos eventos, a conhecer mais seis Estados (RN, SP, MG, RJ, PR, DF) – sem falar nas pessoas conhecidas de tantos outros! Grato ainda sou pelas orientações nas pesquisas em Probabilidade e Lógica. E gratíssimo sou pelos amigos e colegas com quem tive contato, e pelas minhas duas ou três novas mães – aquelas que me acolheram – (minha mãe de verdade também é ótima!).

Gabriel Nóbrega Bufolo (PETiano: 2014/1 a 2015/1)

Sou Gabriel, tenho 26 anos e moro na Asa Norte, Brasília. Nasci em Natal, mas, por conta da profissão do meu pai, acabei me mudando para cá quando tinha 12 anos. Desde que cheguei aqui, estudei no Colégio Militar.

O primeiro contato que eu tive com Ciências Exatas foi por meio de um presente que meu avô me deu quando eu tinha uns 10 ou 11 anos: um livro chamado “Uma breve história do tempo”, de Stephen Hawking. É um livro curto sobre física teórica que me deixou realmente fascinado.

Um dia, quando acabei no escritório da diretora do colégio em que estudava na época, ela me perguntou, certamente frustrada com meu comportamento aquém do desejado, o que eu queria ser quando crescer. Influenciado pelo livro, eu respondi que queria estudar Física e ela retorquiu que Física precisa de muita Matemática e que meu desempenho nesta não era tão bom. Como o livro que li era puramente teórico, não havia passado pela minha cabeça que Matemática seria necessário. Mas, daquele dia em diante, meu interesse pela Matemática só cresceu.

Eventualmente, passei no vestibular e entrei na UnB para fazer o tão desejado curso de Física. Ao longo de 5 semestres, me frustrei cada vez mais com o curso e me interessei cada vez mais pela Matemática. Um dia, finalmente, perguntei ao meu professor de Cálculo 3 quais matérias eu deveria fazer se eu quisesse ter um gostinho do curso de Matemática, já que considerava a possibilidade de mudar de curso. Suas recomendações foram: Álgebra 1, Teoria dos Números e Análise 1. No semestre seguinte, fiz essas duas últimas. Enquanto a primeira não se mostrou meu forte, a segunda me encantou.

Fiquei apaixonado pelo jeito como tudo aquilo que eu aceitei minha vida toda foi construído bem ali na minha frente.

Mudei de curso e assim que a burocracia do processo estava terminada, me juntei ao PET. Ali encontrei um lugar onde conversar de Matemática era sempre bem-vindo em todos os momentos. Era quase como um clubinho de Matemática. Além disso, sem perceber na época, fui criando gosto por divulgar resultados matemáticos incríveis: nas conversas com meus amigos, nas palestras de bem-vindas aos calouros, nos eventos em outros estados que o PET me proporcionou e em outras ocasiões. Eventualmente eu saí do PET por motivos pessoais, mas guardei grandes aprendizados e o privilégio de poder participar de uma comunidade tão intelectualmente instigante.

O PET me fez ver que em quase todas as situações da vida existe uma beleza Matemática oculta, mas você precisa ter o conhecimento para reconhecê-la e a habilidade para abordar isso de forma interessante com as pessoas envolvidas.

Terminei meu bacharelado em Matemática na UnB e cursei meu mestrado em Matemática nessa mesma instituição, onde estudei análise. Depois iniciei meu doutorado - também na UnB - em análise, mas recentemente mudei minha área de estudos para Matemática Aplicada, com foco em simulações numéricas de grãos e partículas. Um dos motivos para essa mudança foi o desejo de continuar divulgando resultados matemáticos incríveis, instigados anos antes pelo PET. E acredito que a Matemática aplicada tem uma linguagem e apelo maior para isso.

Para o futuro, desejo terminar meu doutorado e continuar estudando Matemática em suas diversas formas: pura, aplicada, computacional... qualquer coisa que me interesse vale a pena estudar, a despeito de qualquer que seja a “minha área”.

Geiza Severino Botelho (PETiana: 2000/1 a 2002/1)

Me chamo Geiza Severino Botelho, sou mineira de Bonfinópolis de Minas, licenciada em Matemática pela UnB, casada, mãe de duas meninas. Eu participei do PET de 2000 a 2002, sou servidora da Secretaria de Educação do Distrito Federal há 17 anos. Atualmente moro no Gama, trabalho com Iniciação Científica no Centro de Ensino Médio e Integrado - CEMI do

Gama e estou cursando Psicologia na Uniceplac. Sou curiosa e reservada, gosto de ficar com minha família, conversar com amigos, viajar, andar de bicicleta e ver filmes! Muita gratidão por todas as pessoas que contribuíram em minha formação e em minha vida!

George Demetrios Fernandes Leitão Kiametis (PETiano: 2015/1 a 2018/1)

Olá, meu nome é George, tenho 25 anos e sou brasileiro. Ingressei na UnB pela primeira vez no primeiro semestre de 2013 no curso de Engenharia no campus do Gama, mas, ao longo do tempo, percebi que o que me interessava mais era a Matemática.

Mudei para a Matemática no segundo semestre de 2014 com a intenção de ser pesquisador. Embora soubesse que queria fazer pesquisa em Matemática, não sabia qual área seguir ou o que deveria fazer para seguir no meio acadêmico. Foi quando fui à Recepção aos Calouros organizada pelo PET que pude ter uma primeira noção de como poderia fazer pesquisa, e foi quando soube o que o PET fazia.

Decidi me inscrever na seleção do PET no meu segundo semestre e posso dizer que foi uma das melhores escolhas que fiz. O PET não só me ajudou a entender como a pesquisa em Matemática funcionava e a conhecer a pesquisa em diferentes áreas, como também me proporcionou contato com a área de educação e a diferentes realidades no DF por meio do Circuito de Vivências organizado pela Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) DF, o que me fez refletir sobre o impacto do meu papel profissional e social em meu meio. Também foi por meio do PET que tive a oportunidade de assistir a uma palestra sobre como tornar o ensino de Matemática acessível para pessoas com deficiência visual. Entre as várias atividades do PET, pude participar de minicursos e palestras, dar um minicurso de LaTeX e palestras sobre fluxos geométricos que estudei ao longo da graduação.

Entrei para o mestrado na UnB dando continuidade aos meus estudos em geometria e, recentemente, concluí o mestrado. O PET foi muito importante para mim, não só me proporcionou amadurecimento matemático que amenizou as dificuldades ao longo da minha trajetória no mestrado, como

também teve impacto na minha formação pessoal e fiz amizades com pessoas incríveis no PET que levarei para a vida toda.

O PET foi um programa que me proporcionou um amadurecimento em Matemática, que ajudou muito ao longo da graduação e mestrado e que dificilmente teria obtido se não tivesse contato com o programa. Além do aspecto acadêmico, o PET contribuiu na minha formação pessoal: formei amizades que levarei para a vida inteira e tive contato com realidades diferentes, o que me faz refletir sobre o impacto do meu papel profissional e social em meu meio.

Giulia Albuquerque de Oliveira (PETiana: 2017/2 a 2021/1)

Olá, meu nome é Giulia (mas alguns amigos PETianos me chamam de Épsilon) e eu tenho 21 anos. Sou daqui de Brasília e meu interesse pela Matemática surgiu na sexta série, graças a um professor que viu meu interesse na matéria e começou a me incentivar bastante. O que me fez escolher licenciatura em Matemática na UnB foi o fato de eu sempre ter gostado muito de escola e de aprender, isso sem contar que ao longo da minha vida tive ótimos professores que me influenciaram muito.

Mas se engana quem acha que eu gostava só disso na escola. Desde muito nova eu gostava muito de ler e escrever. Aos 7 anos, escrevi minha primeira poesia e a apresentei na minha escola na época. Além disso, tinha muito interesse em aprender outras línguas, então comecei a aprender inglês sozinha aos 10 anos (depois fiz um curso para obter um certificado) e, aos 15, comecei também sozinha a aprender a tocar violão, hoje em dia tenho dois, um ukulele e coordeno uma equipe de canto na igreja. Também já fiz parte da TdF (Turma do Fundão) na Revista Mundo Estranho em 2017 e agora durante a quarentena estou me aventurando pelo crochê e pelo francês. Também passo muito tempo assistindo séries, filmes e ouvindo música.

Hoje estou no sétimo semestre da graduação, mas entrei no PETMAT quando estava no meu segundo semestre. Eu apenas queria ver como funcionava a seleção, mas acabei entrando no grupo e amei. Graças ao PET, tive contato com outras opções dentro da Matemática, pude participar de oficinas com alunos de diferentes idades, pude fazer pesquisas em áreas do meu interesse, participei de eventos que foram muito importantes para a minha formação e

fiz amigos incríveis que eu espero levar comigo para a vida. O PET me permitiu conhecer melhor o que a Matemática pode me oferecer, seja no ensino, na pesquisa ou na extensão e me trouxe pessoas incríveis e com certeza me ajudou a ser melhor.

Guilherme Borges Brandão (PETiano: 2018/2 a 2019/2)

Meu nome é Guilherme Brandão e tenho 21 anos. Desde bem pequeno, meus pais me incentivaram à leitura e a brincar com brinquedos que estimulam o raciocínio lógico. Isso garantiu que eu fosse uma criança bem esperta e com bastante facilidade nos primeiros anos da escola. Lembro-me bem dos meus parentes falando com orgulho “esse menino vai ser doutor!”.

Nos Ensinos Fundamental e Médio, tive o prazer de ter ótimos professores de Matemática e História (minhas matérias preferidas) e, por causa deles, sempre tive essa voz na cabeça dizendo para fazer um desses dois cursos. No entanto, sentia a necessidade de fazer Medicina ou Direito pelas expectativas da família, então depois de formado entrei num preparatório para o ENEM, a fim de prestar para Medicina. Mal sabia eu que nesse cursinho eu me apaixonaria ainda mais por Matemática, e então decidi que era isso mesmo que eu iria fazer.

Assim que entrei no curso, fiquei bastante surpreso porque havia tanta coisa que eu não sabia, e coisas que eu achava que sabia, contudo não eram exatamente como eu imaginava. No início fiquei com medo, achando que esse curso seria difícil demais para mim, até que eu encontrei uma amiga, a Bárbara, e ela me ajudou muito. No segundo semestre, ela entrou no PETMAT, e eu infelizmente não consegui, mas eu ia para a sala do PET acompanhá-la e ficava fascinado com as conversas dos PETianos mais veteranos. Falavam coisas de Topologia, Análise, Álgebra e eu não entendia nada, mas isso só me intrigava mais.

Então quis tentar entrar no PET novamente e dessa vez consegui. Assim que entrei, percebi que lá é muito mais que um grupo de estudantes, é um grupo de amigos, de parceiros, fiz grandes amigos lá, amigos que nem eu imaginava que faria. Além disso, o PET me ajudou a ser uma pessoa mais compreensiva e disciplinada, mas o mais importante é que agora eu entendo as coisas que os PETianos veteranos conversavam.

Bom, talvez eu não seja o doutor que meus parentes esperavam. Não tenho muita aptidão para Medicina e tampouco me interesso por legislações e burocracias, mas serei um doutor naquilo que eu mais amo, a Matemática, e sempre serei muito grato à minha segunda família do PETMAT por participar dessa minha jornada.

Jhames Matos Sampaio (PETiano: 2001/2 a 2003/2)

Cursei o Bacharelado em Matemática na UnB de 2000 a 2003. Logo que entrei, conheci o professor Celius Antônio Magalhães que foi meu professor de Cálculo 1. Foi uma honra ser seu aluno. Como a entrada no PET se dava no 3º semestre, o professor Celius me convidou para um “pré-PET” no segundo semestre, onde estudamos os pares de Cauchy. Ali mesmo já conheci alguns PETianos e, no semestre seguinte, entrei para o PET formalmente.

Foi no PET que conheci alguns dos meus professores mais queridos, assuntos mais interessantes e tive contatos culturais inesquecíveis (como a exposição de Miró e a leitura da autobiografia de Heisenberg). Além disso, vale lembrar que passamos um período difícil em relação aos investimentos em educação. Era sabido que havia um desejo de se cortar o financiamento do PET. Nesta ocasião, conheci uma PETiana da Educação chamada Cláudia. Por diversas vezes, fomos ao Congresso Nacional conversar com deputados e senadores em favor do PET. Foi a primeira vez em que entrei no congresso. Felizmente, fomos bem-sucedidos nesta tarefa.

Com a mudança de tutor para o professor Hemar Godinho e em um cenário mais propício a investimentos em educação, tive o imenso prazer de conhecer uma das obras de Fernando Pessoa indicada por ele e tivemos a oportunidade de viajar para o ENAPET, que era parte da 55ª SPBC, com a ajuda do decano de pós-graduação, professor Noraí Rocco. Foi uma viagem incrível. Conhecemos PETianos de todo o país e trabalhos dos mais diversos, além de nos divertir bastante. Em suma, o PET para mim foi símbolo de engrandecimento científico, cultural, político, social e afetivo. Não cabe nestas linhas toda a história que, no PETMAT-UnB, vivi.

João Vítor Teixeira (PETiano: 2020/1 - atual)

Olá, meu nome é João. Sou filho de um matemático chamado José Teixeira e irmão de um matemático também chamado José Teixeira. Talvez o interesse pela matemática seja algo de família ou apenas uma coincidência danada. Meu primeiro contato com o PET foi antes mesmo da minha graduação. Meu irmão fez parte do programa durante a graduação dele e nesse tempo eu conseguia ver o entusiasmo presente enquanto ele falava sobre as coisas que desenvolvia como PETiano. Assim, uma curiosidade ia se criando dentro de mim, querendo descobrir o que acontecia de fato que deixava o meu irmão tão animado.

Sempre tive uma certa afinidade com a matemática (novamente, não sei se o ambiente influenciou ou não), então, no ensino médio, já tinha a minha escolha bem definida. A forma de analisar o mundo por um viés matemático foi o que sempre me encantou, usar ferramentas para entender como as coisas funcionam é algo fantástico. Entrei para a Matemática no início de 2020 e, logo no meu segundo semestre, entrei no PET.

Dentro do grupo, percebi porque meu irmão ficava tão entusiasmado. Estando sobre a tutoria da professora Luciana Ávila (que, por acaso, foi minha professora de Cálculo 1), comecei a participar de várias atividades que só aumentaram o meu gosto de trabalhar com a Matemática, fazendo parte de eventos como o ENAPETMAT e a Semana Universitária. De realizações pessoais à minha idealização de divulgação científica, encontrei no PET um lugar em que eu poderia fazer algo que tivesse um resultado significativo. E, além disso, pude dividir esses sentimentos com pessoas incríveis que estão na mesma frequência, com objetivos muito parecidos com os meus: os outros PETianos.

Tendo participado remotamente de todas as experiências que o PET me ofereceu por causa da pandemia, tenho a certeza de que, num eventual retorno das atividades presenciais, ficarei mais animado e feliz de fazer parte do grupo, dada toda a experiência positiva que o grupo já me proporcionou.

Jorge Lucas de Azevedo Ribeiro (PETiano: 2018/2 - atual)

Meu nome é Jorge Lucas de Azevedo Ribeiro, tenho 21 anos. Eu nasci no DF e moro aqui desde então.

Eu gosto bastante de passar o tempo com jogos, principalmente eletrônicos ou de cartas e ainda jogo alguns quando tenho tempo disponível. Muitos deles eram em inglês e me ajudaram muito a aprender a língua na época de escola.

Estudei tanto em escola pública, na infância, quanto em particular, na adolescência. Sempre gostei de Matemática e, no último ano de escola, decidi seguir um curso tanto no Bacharelado quanto na Licenciatura e acabei entrando no da UnB, meu rumo principal é atuar dentro da faculdade. Entrei no PETMAT no meu 4º semestre na UnB e, durante esse período, participei de várias atividades e eventos dentro da universidade e de algumas fora dela.

O PETMAT foi uma ótima oportunidade de obter experiências principalmente nas áreas de pesquisa e ensino que deram recursos para após a graduação. Atualmente estou no meu 7º semestre do curso e ainda faço parte do grupo. Pretendo ainda participar das atividades que estão por vir e espero que seja uma ótima experiência assim como foram nas outras vezes.

José Teixeira Moura Júnior (PETiano: 2015/2 a 2017/2)

Me chamo José Teixeira, filho de um pai também chamado José Teixeira. O Júnior no final do meu nome representa não somente a minha origem paterna, mas também uma criação que me fez ter contato com a Matemática desde cedo. Meu pai, formado em Matemática pela UnB em 1990, sempre me incentivou e me auxiliou a estudar os números e a desenvolver raciocínio lógico. Nos ensinamentos Fundamental e Médio, tive a sorte de encontrar professores que fizeram com que eu me apaixonasse ainda mais pela área e pela profissão de docente. No final da escola, já estava decidido: queria ser professor de Matemática.

Já na faculdade, fui surpreendido em como o curso era diferente do que eu imaginava. “Onde estão os números?” Isso não abalou minha motivação, mas me deixou um pouco desorientado sobre como seguir naquela área, até que conheci os integrantes do PET. Como aquelas pessoas eram legais! Desenvolvi projetos e pesquisas com os professores do departamento, ajudavam uns aos outros nos estudos e tinham uma sala super legal para estudar e confraternizar. Foi amor à primeira vista. Me inscrevi no programa e ali conheci pessoas maravilhosas, alunos e professores. Vivi aventuras incríveis,

viajando para apresentar seminários ou me reunindo com os amigos para jogar RPG aos sábados. Tive altos e baixos, correndo com a pesquisa individual e preparando oficinas.

Fui PETiano do segundo semestre de 2015 ao segundo semestre de 2017. Ali me desenvolvi não só como matemático, mas como ser humano. Sou eternamente grato às experiências que vivenciei nesse programa.

Hoje tenho 23 anos e continuo sendo José, filho de José, mas agora também graduado em Matemática, filho de graduado em Matemática. Atualmente curso mestrado na própria UnB, mantendo contato com os amigos PETianos de graduação, mesmo aqueles que estudam longe. E cá ou lá, quando a pandemia permite, passo na sala do PET para matar a saudade.

Leandro Chiarini Medeiros (PETiano: 2013/1 a 2013/2)

Meu nome é Leandro Chiarini, tenho 27 anos, sou brasileiro e atualmente estou no meu último ano de doutorado que é uma cotutela entre o IMPA e a Universidade de Utrecht (Países Baixos).

Eu só comecei a me interessar por Matemática no meu último ano do Ensino Médio. Logo no meu primeiro semestre, me interessei pelas palestras da semana de boas vindas aos calouros feitas pelo PET e no semestre seguinte comecei a participar do programa. Creio que o PETMAT tenha sido fundamental para meu desenvolvimento pessoal e profissional durante os dois anos e meio de que participei do programa. De fato, só deixei de ser PETiano para participar do programa de graduação sanduíche na Universidade de St Andrews (Reino Unido) pelo Ciência sem Fronteiras. Continuei na UnB durante meu mestrado, onde segui sob a orientação do professor Leandro Cioletti, com o qual já trabalhava desde 2012 por conta do PETMAT. A mistura da experiência dos PETianos veteranos e o convívio com outros PETianos do meu semestre colaboraram para minha motivação no curso e para minhas escolhas dentro da carreira.

Lívia Nascimento de Alencar (PETiano: 2020/1 - atual)

Olá, meu nome é Lívia e tenho 19 anos. Nasci aqui em Brasília e cursei o ensino médio no Colégio Rogacionista, no Guará. Sempre achei que seria

professora, pois adorava ensinar e tinha facilidade com a maioria das matérias, mas um dia descobri que queria ser pesquisadora.

Assim que entrei na UnB no curso de matemática começou a pandemia do Covid-19, então ainda não vivenciei a universidade ou mesmo o PET em sua plenitude. Atualmente estou no terceiro semestre da graduação no curso de bacharelado e segundo semestre de PET. É pouquíssimo tempo, mas é tempo suficiente pra dizer o quanto eu amo esse programa.

Entreí na universidade decidida em permanecer no mundo acadêmico, até porque escolhi o curso depois de descobrir que a matemática não é só o que vemos na escola e isso também foi um dos motivos pelo qual quis tanto entrar no PET: eu queria ver com meus próprios olhos o que era a tal da pesquisa.

Dentro do PET, pude vivenciar de tudo um pouco. Fui bombardeada por eventos e informações que jamais imaginei existirem e não estou exagerando. O PETMAT me colocou em contato direto com pessoas apaixonadas não só pela matemática, mas também pelo ensino dessa disciplina tão rica e isso me impactou bastante. Resolvi dar uma chance à educação e aqui estou eu fazendo estágio numa escola. Confesso que adoro e agradeço muito ao PET por essa recém (re)descoberta paixão.

O PET é um lugar de muito aprendizado e conhecimento. Todo mundo se incentiva a ser melhor e isso nos proporciona um crescimento absurdo. Sou muito grata a tudo que vivi e vivo no PETMAT.

Além de estudar eu gosto de ler, andar de patins e arrisco pintar uns quadros de vez em quando. Também escrevo (poemas e afins) e gosto de olhar as nuvens e as cores do céu quando estou andando por aí.

Lucas Bispo da Cruz (PETiano: 2018/1 a 2019/1)

Me chamo Lucas, tenho 22 anos. Sou nascido em uma cidade satélite de Brasília um pouquinho distante: Brazlândia. Aluno de escola pública durante todo o período da educação básica, descobri o gosto pela Matemática ainda cedo, na 8ª série do Ensino Fundamental. Amava poder representar as situações do cotidiano em forma de números, expressões e problemas. Todo este entusiasmo e gosto pela Matemática foi crescendo com o tempo, sempre buscando conhecer novos conceitos e novos desafios. Ao final do Ensino Médio, concretizei o desejo de poder cursar Matemática a um nível superior e, ainda

com 16 anos, passei para uma vaga no curso de Licenciatura em Matemática pela Universidade de Brasília. Acredito ser uma das minhas maiores conquistas: me tornar um aluno da UnB.

Ao entrar no curso de Matemática, me deparei com bastante dificuldade, mas também com coisas belíssimas. Vi que realmente era aquilo que eu queria para mim! O contato com a Matemática num nível superior é bastante apaixonante, difícil, mas apaixonante. Ao contrário de muitos PETianos, eu não entrei no programa já no 2º semestre. No meu 6º semestre, com o incentivo de meus amigos e principalmente de minha namorada, eu decidi entrar no processo seletivo do PET. Entrei como não-bolsista primeiramente e pouco mais de 8 meses depois virei bolsista do PET. A partir do momento que entrei no programa, minha graduação mudou bastante: conheci o LaTeX e o GeoGebra a fundo, ferramentas que utilizo até hoje na produção de material para meus alunos.

O contato com a Matemática num nível de mestrado/doutorado realizando pesquisas individuais me desafiou bastante nesse tempo de PETMAT, oportunidade de poder viajar com o grupo para eventos e apresentar resultados de minha pesquisa, poder participar de oficinas/eventos para alunos das escolas do DF e poder apresentar seminários/minicursos e palestras para o ambiente universitário, como a Recepção aos Calouros e o minicurso de GeoGebra, tudo isso foi de suma importância na minha formação como pessoa e como profissional da educação.

Atualmente, sou professor-temporário da Secretaria de Educação do DF. O profissional que sou hoje certamente foi moldado pela rica experiência de ser PETiano e carregarei comigo todo esse aprendizado ganho nos tempos de graduação.

Lucas Conque Seco Ferreira (PETiano: 1996/2 a 1998/2)

Fui voluntário do PETMAT no período de 1996/02 a 1998/02 e atualmente sou professor do Departamento de Matemática da Universidade de Brasília. Entrei na UnB em 1995/2 para Computação, querendo fazer Arquitetura, mas no curso de Cálculo 1 com o professor Celius me apaixonei por Matemática e não houve volta.

Fiz bacharelado (2000) e mestrado (2002) em Matemática pela UnB, doutorado (2007) e pós-doutorado (2009) em Matemática pela Unicamp. Pesquiso e publico artigos nas áreas de Dinâmica e Geometria com Simetrias, Grupos e Álgebras de Lie. Oriente alunos na graduação e na pós-graduação.

Adoro orientar, pesquisar, descobrir novas ideias, descobrir novos jeitos de ensinar, preparar aulas, palestras e livros, além de brincar no Geogebra. Ainda me sinto muito tímido para dar aulas, mas quando o assunto é Matemática a timidez desaparece!

No meu tempo livre, curto desenhar e estudar Filosofia, Política, Arquitetura, Artes Plásticas, Filmes, Literatura e Música. E também Carnaval: que junta tudo isso! Estou aprendendo a tocar trompete e desde o ano passado toco na fanfarra do Calango Careta.

Minha filha, Luana, que nasceu no meu primeiro semestre de mestrado na UnB, entrou ano passado no curso de Farmácia da UnB!

Luciana Lima Ventura (PETiana: 2004/1 a 2017/1)

Sou Luciana, tenho 35, nasci, cresci e moro em Brasília. Estudei em escolas particulares até os 10 anos, depois fui para o Colégio Militar de Brasília, onde fiz o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, me formando em 2002.

Sempre gostei de Matemática e, aos 10 anos, quando estava fazendo o cursinho para a prova do CMB (Colégio Militar de Brasília), volta e meia me deparava com problemas que não conseguia resolver, tentava até a cabeça fundir, não saía do lugar, precisava de ajuda e mesmo assim eu gostava. Dali para frente, que eu me lembre, a única coisa que eu gostava de estudar era Matemática ou o que envolvesse Matemática. Era tão mais fácil do que literatura, história, biologia, era lógico. Por isso, escolhi Matemática para a graduação.

Passsei para Matemática na UnB em 2002. Sim, as datas estão corretas, terminei o EM e entrei na UnB no mesmo ano, porque eu passei no vestibular no meio do 3º ano e naquela época quando isso acontecia o colégio entregava o certificado de conclusão e mandava a gente ser feliz. E sou muito grata por fazer parte da turma de 2002/2, porque ali se formou um grupo muito unido que sempre se ajudava e a amizade extrapolou o espaço da UnB tanto que mantemos contato até hoje.

Tomei conhecimento da existência do PETMAT no 3º semestre da graduação quando dois colegas entraram no programa e aí entrei no semestre seguinte. No PET aprendi a me preparar e apresentar um seminário, o que levo para as minhas aulas até hoje. Conheci vários colegas, entre veteranos e calouros, com quem tive a oportunidade de trocar experiências. Foi ali também que tive a certeza de que gostava mesmo da Matemática pura. Por mais interessante que fosse ver as aplicações, a sensação é que a pura era muito livre, não tinha as “amarras” da aplicação.

E eu lembro muito de uma citação do professor Hemar após um seminário: “as respostas estão aqui, agora façam as perguntas”, no sentido de que a Matemática pura ainda não tem aplicação, ela responde uma pergunta que ainda não foi feita. Não vou lembrar quem disse isso pela primeira vez, mas foi bem marcante para mim ouvir isso naquele seminário.

Graças ao PET decidi a área que queria seguir: fiz o mestrado e o doutorado em Teoria dos Números com o professor Hemar, que era o tutor do PETMAT quando entrei. Hoje, sou professora do IFB e acabei me afastando um pouco da pesquisa, por conta das circunstâncias na época em que comecei a trabalhar, mas a paixão pela Matemática é a mesma e é isso que tento passar aos meus alunos.

Mas minha vida não tem só Matemática não. Gosto muito de ler, esse hábito vem de casa, sempre tivemos à disposição uma estante com muitos livros. Adoro assistir a filmes, seja em casa ou no cinema. E por último, mas não menos importante, tem a dança de salão, principalmente o tango que já está na minha vida há 18 anos.

Luciana Maria Dias de Ávila Rodrigues (Tutora: 2013/1 - atual)

Meu nome é Luciana, sou professora do Departamento de Matemática da Universidade de Brasília e a atual tutora do PET em Matemática.

O meu amor pelo PET começou quando eu ainda era aluna de graduação na UFU, onde fui PETiana por 3 anos. Por estar no PET, tive oportunidades que delinearão a minha trajetória acadêmica.

Fiz graduação (licenciatura e bacharelado) em Matemática pela UFU, mestrado em Matemática pela Unicamp e doutorado em Matemática pela

UnB, na área de Geometria Diferencial. Iniciei minha carreira como professora efetiva na UFG e agora sou professora efetiva na UnB.

No âmbito acadêmico tenho experiência em ensino, pesquisa, extensão e gestão, mas ser tutora do PETMAT está sendo a experiência mais marcante da minha trajetória, uma responsabilidade prazerosa.

Ser tutora, pertencer ao grupo PETMAT, é um aprendizado de mão dupla. Aproximei-me mais dos alunos, tanto os do PET como os do curso no geral. Aprendi a olhar os alunos de forma diferente, aprendi a entender seus anseios, suas tristezas, suas alegrias, seus fracassos e suas vitórias. Em vários momentos, sofro com muitos deles e me alegro com muitos deles.

Aprendo, a cada dia, com as diferenças. A diversidade do grupo, proporciona, a cada semestre, desafios, muda a rotina do grupo e desperta em mim o interesse e a criatividade em propor novas atividades.

Readaptei meu estilo de dar aula, melhorei como professora e melhorei como pessoa. Amo ser tutora do PETMAT, amo ser professora, amo dar aulas, amo o contato com os alunos, conversar e ouvir suas histórias, acompanhar seu crescimento ao longo do curso e dividir com eles a sensação de vitória no momento da formatura.

Tenho imensa gratidão por tudo que vivi e ainda vivo no PETMAT. Se tivesse que escolher, escolheria viver tudo de novo. Tenho muito orgulho de ser PET Matemática UnB!

Luis Fernando Mendes Cury (PETiano: 2016/2 a 2018/2)

Brasiliense, 24 anos, entrei no curso de Matemática no começo de 2015, sob os protestos de meu pai, que insistia que deveria cursar engenharia. A escolha do curso não foi fácil, mas hoje acredito que foi uma boa opção.

Meu primeiro contato com o PET foi na primeira quinzena de aulas na já famosa Recepção aos Calouros. Este acolhimento despertou meu interesse no grupo, para o qual acabei entrando no segundo semestre de 2016, assim que acabei um PIBIC. Continuei como PETiano até o fim da graduação em dezembro de 2018.

Certamente ser PETiano foi a melhor experiência de minha graduação, sendo fundamental para o bom aproveitamento das oportunidades oferecidas

pela UnB. As atividades de pesquisa coletiva e minicursos do PET permitiram uma visão mais ampla da Matemática que a usual apresentada em disciplinas. A pesquisa individual possibilitou que seguisse meus interesses em Matemática aplicada à mecânica. A Recepção aos Calouros era um ótimo momento para conhecer os novos colegas de curso e retribuir a acolhida que o programa deu a mim quando calouro. Os PETMAT Seminários eram a oportunidade de apresentar o seu trabalho e conhecer os interesses dos colegas. As participações nos Circuitos de Vivências, Geometria Natalina e SNCT permitiam alcançar o público externo e, com sorte, despertar nos outros a curiosidade pela Matemática. Resumindo, o PET ensinou-me a estudar melhor, a ensinar melhor e a conviver com as particularidades dos outros, que, por vezes, são tão diferentes de nós.

Atualmente, estou concluindo o mestrado em Modelagem Computacional no Laboratório Nacional de Computação Científica, Petrópolis-RJ, no qual trabalho com a modelagem hemodinâmica do rim humano. Sem o PET não teria esta oportunidade.

Sou grato pelos colegas e amigos feitos, dentro e fora do grupo, e pelos momentos acalorados discutindo Matemática e demais assuntos. Sou grato ao professor Yuri Dumaresq, meu orientador de pesquisa individual durante meu tempo no programa, por levar-me ao mundo, até então por mim desconhecido, da mecânica de materiais granulares. E, claro, sou grato à professora Luciana, nossa tutora, sem a qual nada disso teria sido possível e quem sempre com muita habilidade e paciência guiava o grupo. Orgulho de ser PETMAT UnB!

Luverci do Nascimento Ferreira (PETiano: 2001/2 a 2003/2)

Entrei no PET Matemática em 2001, no terceiro semestre na UnB e permaneci até a minha formatura no curso de Matemática Licenciatura em 2003. Meu primeiro tutor foi o professor Hemar Godinho.

Desde pequeno sempre gostei de Matemática e queria trabalhar e pesquisar na Universidade.

E quando ingressei na UnB nos anos 2000, tive a honra de ter como primeiro professor o grande Celius Magalhães, que fez com que gostasse ainda mais de Matemática e, graças ao seu incentivo sempre de forma empolgada, conheci o PET Matemática e me inscrevi para a seleção.

Ao longo desses 2 anos de PET, aprendi muito junto com os colegas e professores que nos auxiliaram nas tarefas, nos desafios e nas leituras e discussões dos livros que líamos em conjunto. Lembro que, nas quintas-feiras, tínhamos encontro para discussão e análise de livros que eram sugeridos para a leitura. Analisávamos clássicos da literatura sempre com forte embasamento científico com grandes discussões e embates acerca dos temas tratados. Éramos um grupo que analisava não somente os temas relativos à Matemática, mas também da cultura geral.

Sem dúvidas, o PET foi um dos catalisadores para o meu ingresso na pós-graduação e, como consequência, na docência e pesquisa acadêmica. Atualmente sou Professor do Instituto de Matemática, Física e Estatística da Universidade Federal do Rio Grande – FURG desde 2008. Sempre que tenho a oportunidade, passo a meus alunos a importância de uma boa formação acadêmica desde cedo e isso o PET nos ensina, não só do ponto de vista científico, mas também cultural e social.

Tive a oportunidade de trabalhar com grandes professores e colegas na construção e estudo do conhecimento e preparação para a pós-graduação. Ao longo deste tempo que estou na minha instituição, tentei implantar o programa PET na Matemática como forma de disseminar o que eu aprendi na época de PETiano. Agradeço aos professores que tive ao longo do meu período no PET, aos colegas e também aos funcionários do MAT UnB.

Marcelo Fernandes Furtado (PETiano: 1995/2 a 1997/1)

Fiz a minha graduação na UnB entre os anos de 1994 e 1997. Foram 6 semestres como integrante do PETMAT, incluindo um em que o programa ainda era “experimental”. Não tenho dúvidas de que foi o período em que mais aprendi Matemática na minha vida, com os semestres temáticos percorrendo todas as áreas.

Para além da Matemática, muitos momentos dedicados à leitura de livros, idas ao teatro, cinema, entre outras atividades culturais. Lembro com muito carinho dos muitos PETianos e colaboradores com os quais convivi nessa época. Muitas saudades de alguns deles.

Após os estudos de mestrado e doutorado, retornei para a UnB no final de 2005. Desde então, tenho o prazer de ser colega do primeiro tutor do PET, professor Celius Magalhães, que me honra muito com sua amizade.

Manoel Fernando dos Reis (PETiano: 2018/2 a 2020/1)

Olá, sou o Manoel e tenho 21 anos. Sou de uma cidade chamada Santo Ângelo. Minha história com a Matemática começa com a minha mãe, ela era professora de Matemática e de Ciências Naturais, por consequência sempre estive em contato com essas áreas desde cedo, porém sempre fui curioso com diversos assuntos. No meu primeiro ano de Ensino Médio, eu entrei em contato com divulgadores científicos, onde pude aprender sobre metodologia científica e ceticismo e perceber o perigo das pseudociências e teorias da conspiração.

Voltando à Matemática, sempre tive facilidade na escola e gostava de resolver problemas. Quando fui apresentado à OBMEP, foi amor à primeira vista, consegui participar do Programa de Iniciação Científica Jr. (PIC) da OBMEP devido a uma menção honrosa. Com as aulas do PIC, consegui ganhar medalha de prata no 2º e 3º anos do Ensino Médio. E também graças à OBMEP decidi fazer Matemática, pois o caminho de um medalhista até uma pós-graduação neste curso é cheio de oportunidades.

Então, entrei para o curso de Matemática em 2017 e logo no segundo semestre comecei o PICME, fiquei como bolsista por 2 anos. Com o PICME tive oportunidade de estudar conteúdos da graduação de forma diferente ou conteúdos que não são passados na graduação e também pude entrar em contato com estudantes de outros cursos das exatas.

Mas ainda sentia que o curso não estava completo até que ingressei no PET Matemática no 2º semestre de 2018. Um dos maiores motivos de eu querer entrar no PET foi a gama de atividades diversas que eu poderia fazer. Algumas atividades que participei foram ministrar oficinas de xadrez, participar da Semana de Ciência e Tecnologia e pesquisar sobre sistemas dinâmicos. Eu escolhi aprofundar os estudos em sistemas dinâmicos, pois essa é área da Matemática pura mais próxima das ciências biológicas e cosmológicas, das quais gosto tanto.

Hoje, pesquisa modelagem epidemiológica, que é uma aplicação em biologia, e estou no processo de entender e explicar a pandemia da COVID-19 com Matemática. Enfim, graças ao PET, pude experimentar as maravilhas do mundo da pesquisa, ensino e extensão e ficar ainda mais em dúvida de qual desses caminhos seguir.

Mateus de Andrade Cruz Dutra (PETiano: 2013/2 a 2016/2)

Olá, meu nome é Mateus e sou um ex-PETiano do grupo PETMAT-UnB. Recebi um convite dos atuais membros do grupo para falar um pouco sobre minha trajetória com a Matemática e como o PETMAT cumpriu um papel fundamental nela.

Na época em que eu estava no Ensino Fundamental, eu criei o hábito de resolver desafios de raciocínio lógico. Na oitava série eu fui incentivado a fazer a prova da OBMEP. Eu fiz praticamente sem pretensão nenhuma, pois até então eu não conhecia direito a Matemática. Mas talvez meu costume de resolver problemas de raciocínio lógico tenha me ajudado a ganhar uma medalha.

Receber essa medalha foi uma surpresa, pois até então eu nunca tinha percebido como a Matemática poderia ser uma evolução natural desse meu hobby. Esse meu interesse se manteve ao longo dos anos e eu entrei no curso de Matemática na UnB. No meu primeiro semestre, eu tive a sorte e o prazer de fazer uma matéria com a professora Luciana, atual tutora do PETMAT. Digo sorte por dois motivos: ter tido uma excelente professora logo no início do curso e por ela ter me apresentado o grupo PETMAT.

No meu segundo semestre da graduação eu ingressei no grupo PETMAT e esse foi o início de uma experiência que durou 7 semestres. Seria muito difícil expor todo o impacto que o grupo teve para mim, mas tentarei dar alguns exemplos.

Eu diria que o PETMAT foi a parte mais importante da minha graduação. Na verdade, o restante da minha formação acadêmica sempre foi meio conturbada. Raramente eu comparecia em todas as provas das matérias que eu fazia, hábito que mantenho até hoje, e raramente tinha algum interesse nelas. Incontáveis vezes em que isto me fazia questionar meu interesse em continuar estudando Matemática o PETMAT era fundamental para eu confirmar que

ainda tinha muito interesse e energia para a Matemática, apesar da instabilidade com as outras questões acadêmicas.

A influência do PETMAT na minha trajetória com a Matemática tem muito a ver com o significado que a Matemática tem para mim. Eu enxergo a Matemática como um campo extremamente vasto do conhecimento, no qual o interesse pode ir de estudar números primos, que é o meu caso, até coisas como métodos numéricos em dinâmica molecular para simular a interação de um fármaco com uma proteína. As possibilidades são infinitas. E fazer parte de um grupo com várias pessoas interessadas e dispostas a conversar sobre diversos caminhos possíveis a se percorrer na Matemática foi um divisor de águas na minha formação. Lá dentro tive a oportunidade de ver a Matemática sendo exposta de uma forma muito plural.

Em paralelo a isto, o ânimo de trocar experiências com tantas pessoas sempre me motivava a apresentar seminários, o que foi uma experiência muito boa para desenvolver habilidades de falar em público, de preparar uma apresentação, etc. Foi uma ótima experiência ter participado do PETMAT. Espero que o grupo se mantenha por muitos anos e que possa ser enriquecedor para os atuais e futuros graduandos em Matemática.

Matheus Andrade Ribeiro de Moura Horácio (PETiano: 2018/2 a 2020/1)

Oi, eu sou o Matheus e estou no último semestre do Bacharelado em Matemática. Nem sempre fui apegado à Matemática ou até mesmo gostei dela, mas devido principalmente à inspiração de alguns livros e documentários maravilhosos que tive acesso no Ensino Médio (obrigado, Carl Sagan!), acabei desenvolvendo um grande gosto pela mesma na hora certa.

Desde que entrei na UnB, me apaixonei ainda mais do que achava possível antes pelo curso, graças principalmente a vários professores incríveis e ao PETMAT. Fora do estudo da Matemática, as coisas que eu mais gosto de fazer no meu tempo livre são ler (principalmente ficção científica!), assistir a séries e aprender aleatoriedades com os vários hubs do site StackExchange e alguns subreddits do Reddit. Nesse ano, também descobri um prazer imenso em corridas e caminhadas longas, que agora são uma parte necessária da minha semana.

Tive a sorte de descobrir a subárea da Matemática em que queria me aprofundar bastante cedo na minha graduação: Geometria. Desde que descobri essa paixão ela felizmente só tem crescido cada vez mais e atualmente meus estudos relacionados a ela são os blocos construtores de um objetivo que espero concluir num futuro certamente ainda bem distante: entender a prova da Conjectura da Geometrização de Thurston dada por Grigori Perelman no início do século XXI.

A oportunidade de entrar no PET MAT veio no terceiro semestre, que inicialmente me atraiu ainda antes disso pelo seu ambiente tanto acolhedor quanto altamente inspirador. Estar no PETMAT me proporcionou várias experiências únicas e enriquecedoras que eu certamente não poderia ter tido fora dele e espero deixar minha contribuição no grupo para que ele continue sendo tudo o que já é para mim.

Matheus de Freitas Souza (PETiano: 2020/1 - atual)

Sou Matheus de Freitas, tenho 19 anos e estou cursando o 3º semestre do curso de Matemática da UnB. Moro em São Sebastião-DF, na mesma casa desde que nasci.

No período da escola, tive a oportunidade de estudar inglês e francês, então consigo me virar bem em qualquer um dos dois idiomas. Nas horas vagas, gosto de assistir a filmes e séries legais, me arrisco um pouco no violão e na guitarra, mas estou um pouco enferrujado. Gosto de ler, principalmente livros em francês ou inglês. Meus livros favoritos são aqueles que trazem reflexões interessantes. Também gosto de esportes, principalmente vôlei e futebol.

As pessoas se surpreendem quando digo que estudo Matemática, creio que muitos nunca pensariam em fazer este curso. Por conta disso, nunca fui muito incentivado a me inscrever para Matemática, sempre me sugeriam engenharias. No entanto, não poderia fazer outra coisa que não Matemática, que bom que fiz esta escolha! E o PET torna tudo melhor.

Entrei no PET no meu terceiro semestre de graduação, foi uma experiência interessante, pois foi tudo on-line, já que havia começado a pandemia de Covid-19 nesta época. Mesmo com todo o distanciamento social, realizamos diversas atividades e tive várias experiências legais.

O PET é uma experiência incrível. Aprendo muito com a pesquisa individual e com os membros do grupo, não imaginava encontrar tanta gente com gostos tão diversos. Uma das coisas mais legais é como o pessoal do grupo se organiza e trabalha bem em grupo. Aprendi muito com isso!

Após me formar, pretendo continuar estudando, fazer mestrado e doutorado em Matemática e ser professor numa universidade. A UnB e o PET mudaram minhas perspectivas e expectativas sobre a vida.

Melissa de Sousa Luiz (PETiana: 2017/1 a 2019/1)

Oi, gente, meu nome é Melissa (mas, por favor, me chamem de Mel), tenho 23 anos e nasci em Brasília. Sou romá (grupo étnico popularmente conhecido como ciganos) e, apesar de minha cultura não prezar muito pela educação formal, meus pais sempre lutaram para que eu e meus irmãos fizéssemos faculdade e, durante a maior parte da minha formação, eu tive a oportunidade de estudar em uma escola particular.

Além de Matemática, sempre gostei muito de ler e de estudar outros idiomas e consigo pelo menos me virar em inglês, romanês, francês e espanhol e estou tentando aprender alemão. Também adoro dançar, faço aulas de ballet clássico desde os 10 anos de idade e, durante o Ensino Médio, cheguei a ser professora de algumas turmas e assim pude perceber o quanto eu gostava de dar aulas.

Durante esse período, eu cogitei fazer vários cursos diferentes até que fiquei em dúvida entre Física e Matemática. Na época eu não via representatividade feminina na Matemática e essa foi a maior razão de eu ter decidido fazer Física. Felizmente eu não passei nos processos seletivos e, no momento da inscrição do vestibular do semestre seguinte, resolvi mudar minha escolha e marquei a opção da Matemática, que, afinal, sempre foi minha maior paixão.

Já no primeiro semestre, interessei-me pelo PETMAT, mas só entrei no programa durante o quarto semestre. Só que o PET foi muito mais do que eu pensei que seria. Por meio dele, eu participei de diversas atividades, como vivências em escolas ou na própria faculdade e pude participar até mesmo de organizações de eventos e bancas de processos seletivos. Descobri que o programa tem uma organização nacional impressionante, o que ampliou não só

a minha visão da Matemática, mas também minhas amigas e meus colegas de profissão.

O PET foi basicamente toda a minha graduação. Também foi pelo PET que comecei minha pesquisa na área de Álgebra, pela qual me apaixonei e pude pesquisar e participar de ações sobre gênero na área de Exatas e até cheguei a apresentar um trabalho no Congresso Internacional de Matemáticos (ICM) sobre esse assunto. Hoje faço mestrado em Álgebra pela UNICAMP e pretendo seguir a carreira acadêmica na mesma área.

Acho que, para mim, o PET foi, acima de tudo, descoberta. Descoberta de inúmeras oportunidades e possibilidades, descoberta de amigos e colegas incríveis, mas, principalmente, descoberta de habilidades e qualidades minhas que sequer imaginava ter.

Marina Gabriella Ribeiro Bardella (PETiana: 2007/2 a 2009/2)

O PETMAT acrescentou muito valor na minha formação com conhecimento e experiências únicas, me proporcionou boas amigas, ótimos momentos e muitas oportunidades.

Matheus Bernardini de Souza (PETiano: 2008/2 a 2010/2)

Ao entrar no PETMAT, tive o primeiro contato com pesquisa em Matemática, pude ministrar minicursos pela primeira vez, além de participar de vivências de Matemática. No meu primeiro semestre no PET, estudamos tópicos de geometria diferencial, com todo o grupo. A partir do 1/2009, o estudo passou a ser em grupos menores.

Estudei Teoria das Distribuições em 2009, sob orientação do professor João Carlos, e superfícies mínimas em 2010, sob orientação do professor Mauro Rabelo. Coincidentemente, ambos foram tutores do PETMAT na minha época de PETiano. Foi durante a preparação de pôsteres que comecei a aprender a digitar em LaTeX. Os trabalhos foram apresentados no IMPA, em 2010 (até hoje, foi a única vez que fui ao IMPA).

Lembro-me das atividades de leitura de livros (por exemplo, A música dos números primos) e sessões de filmes (por exemplo, A Prova), além de discussões entre PETianos, colegas da UnB e, às vezes, público externo. Foi uma

época que fiz amizades que duram até os dias de hoje e tive muito crescimento pessoal e profissional. Sou eternamente grato ao professor Mauro Rabelo por tantos ensinamentos desde o período no PETMAT até os dias de hoje.

Mayra Camelo Madeira de Moura (PETiana: 2007/2 a 2009/2)

Eu entrei no PET em 2007, no meu terceiro semestre. Dentro do PET tive contato com a pesquisa desde o início, o que me motivou a seguir meu mestrado logo assim que me formei, na área de Teoria dos Números.

Após o mestrado, fui professora substituta na UnB por 6 meses, em seguida fui para o Banco do Brasil, atuei 4 anos na área de Análise de Dados e em seguida voltei para sala de aula, estando há 3 anos no Instituto Federal de Goiás, dentro do curso de Licenciatura em Matemática. Confesso que no dia que formei a primeira turma do curso, a emoção que eu sentia era a mesma de quando entrei na sala do PET pela primeira vez, uma emoção sem tamanho, de saber que ali eu fazia parte de algo grandioso.

Paulo Henrique Pereira da Costa (PETiano: 2005/1 a 2007/1)

Fiz graduação na UnB entre 2003 e 2007 e fiquei dois anos e meio no PET. Foi um período muito bom e produtivo da minha trajetória. O PET me ajudou a melhorar em muitos pontos, dando-me uma preparação mais completa para a vida profissional. Fiz vários amigos, tive ótimas experiências (acadêmicas e pessoais) e, além disso, demos muitas risadas juntos. Momentos que guardo com muito carinho.

Tive o prazer de ter como tutores os professores Hemar Godinho e João Carlos de Pádua e hoje tenho o prazer de tê-los como colegas de departamento. Duas pessoas incríveis e super divertidas e que me deram muitos conselhos valiosos. Sem dúvidas, o PET marcou a minha história e influenciou as minhas escolhas.

Phillipo Lappicy Lemos Gomes (PETiano: 2009/1 a 2010/2)

Me chamo Phillippo Lappicy. Nasci e cresci em Brasília. Tenho memórias ternas da minha juventude na cidade, com banhos de sol na Água Mineral, ou

passaios de perna de pau no Jardim Botânico. Contrário a muitos, eu não fui atraído para a Matemática por meio de olimpíadas: eu fiz uma única prova no Ensino Médio, após a sugestão de uma professora de Matemática, porém eu não tive a agilidade e rapidez necessária para terminar os problemas no tempo determinado. Fui logo traumatizado e decidi fazer graduação em engenharia.

Entrei no curso de Matemática, que era mais fácil para entrar, com o intuito de mudar o curso em seguida e estive desmotivado todo o primeiro ano de graduação. No terceiro semestre, comecei a fazer uma iniciação científica e, no semestre seguinte, entrei no PET, sob orientação do professor Mauro Rabelo e virei monitor do Celius. Com o passar dos semestres, estes dois professores me conquistaram com todas as atividades extracurriculares propostas, desde buscar projetos de pesquisa, criar exercícios para alunos mais jovens, ler livros e ver filmes com temas científicos, e fazer as “vivências Matemáticas”.

No último ano, eu tive certeza que queria ser matemático. Apliquei para vários programas de doutorado fora do Brasil e consegui duas bolsas: uma em Nova Iorque, outra em Berlim. Acabei optando por Berlim, onde terminei o meu doutorado em 2017 e continuei as pesquisas de pós-doutorado em Lisboa e na USP. Não fosse o PET, guiado pelo Mauro e a exposição do Celius, eu provavelmente seria só mais um engenheiro. A eles, sou muito grato.

Railandi Sousa Assunção (PETiana: 2020/1 - atual)

Sou Railandi Sousa Assunção, mas sou conhecida apenas por Rai. Tenho 18 anos e uma mentalidade um pouco mais velha. Nasci no Goiás, mas atualmente moro em Brasília. Desde pequena, sempre tive maior interesse por assuntos diferentes e amor em conhecer. Gostava das áreas de estudo em que se tornam desafiadoras, a Matemática então era uma dessas.

Comecei a estudar espanhol ainda com 10 anos, em uma instituição pública, foi assim que me mudei para o DF. Esse estudo perdurou até meus 16 anos, língua esta que me conquistou e que acredito ser a mais linda, desde a pronúncia até a escrita diversificada.

Aos 14 anos, busquei outro idioma, me apaixonei então pelo alemão, mas fui convencida pelos familiares e próximos a estudar Inglês, nesta mesma instituição. Assim, estudei este idioma por mais 3 anos, mas confesso que ainda tenho interesse no alemão.

O meu amor pela Matemática nesta época se destacava. A dúvida entre engenharia e Matemática também surgiu, quando então alguns professores sugeriram-me um atendimento na Sala de Recursos de Altas Habilidades da minha escola, que era um grupo de estudantes que tinham habilidades, seja ela na Matemática, nas artes, na escrita, entre outros. Fiz o teste para 3 destas habilidades e fui convidada pelas três a participar. No grupo de Habilidades em Matemática estudei um curso introdutório a robótica por 1 ano, em artes estudei teatro por 5 anos e em escrita não persisti, já que o grupo se baseava em escrever poesias por comandos de informações e minhas poesias nem eu mesmo sabia como surgiam. Um pouco estranho!

Atualmente, sou aluna do terceiro semestre do curso de Licenciatura em Matemática na UnB, além de dar aulas de reforço escolar nas disciplinas de Matemática e Espanhol. Gosto de ler noticiários e livros populares, nada muito específico. Não gosto muito de filmes, já que nestes sempre durmo. Tenho uma paixão especial pela música clássica e MPB. Mas não existe ninguém mais diversificada que eu, para isto. Minha cor preferida são as cores, talvez eu exagere nela, às vezes, mas gosto de animações e acredito que as cores expressam muito bem.

Amo a Matemática desde sempre e tenho certeza que não seria tão feliz estudando outra coisa. E do PET espero o melhor, que ele me aproxime ainda mais da Matemática e de seus desafios.

Rebeca Chuffi Saccochi (PETiana: 2011/1 a 2013/2)

Meu nome é Rebeca Chuffi Saccochi, tenho 26 anos, moro atualmente no Jardim Botânico. Passei por algumas escolas públicas durante o Ensino Fundamental e lá encontrei os melhores professores de Matemática que eu podia querer. Eles me influenciaram muito a continuar gostando de uma área que eu já tinha certa facilidade.

Eu sempre gostei de estudar, de fazer as coisas certinhas e a parte de Exatas sempre foi a que eu tive mais facilidade e gostava mais. No fim do Ensino Médio, eu descobri que o que as matérias de Exatas tinham em comum, que era a parte de que eu gostava, era a Matemática e então entrei para o curso no meio do terceiro ano do Ensino Médio em 2010.

No meu segundo semestre da UnB, entrei para o PET por influência de alguns PETianos que eu tinha contato na época e foi a melhor decisão que eu tomei! Apesar de estar no curso de Matemática, eu não tinha muita noção do que um matemático fazia além de dar aula, por exemplo, não sabia como funcionava a pesquisa na área e dentro do PET. Achei pessoas que estavam seguindo esse caminho de mestrado e doutorado e pude entender melhor como funcionava e escolher também esse caminho para mim. Aprendi também a ser mais social, a apresentar minicursos, a ensinar e a aprender. Foi um dos melhores ambiente que já fiz parte.

Com relação à parte social, conheci pessoas maravilhosas lá dentro, amigos que levo até hoje, éramos realmente parte de um grupo, nos ajudávamos, jogávamos juntos, fazíamos projetos, era realmente uma comunidade que eu amava fazer parte e que tenho apenas ótimas memórias. Depois que me formei na UnB, segui a área do mestrado também na UnB e tive a oportunidade de fazer doutorado na University of Illinois at Chicago (UIC) com bolsa do CNPq pelo Ciência sem Fronteiras, o que foi uma oportunidade maravilhosa. Tenho muito a agradecer ao PET e a tudo que ele proporciona, conheci diversos professores, amigos, fiz projetos de ensino e extensão, aprendi LaTeX. É um lugar que simplesmente vou levar para o resto da minha vida e ao qual devo grande parte da minha vida acadêmica!

Roberta Paula Brandão de Novais (PETiana: 2013/1 a 2015/1)

Olá, sou Roberta Paula, tenho 27 anos, nasci e cresci em Brasília. Sempre tive facilidade com a Matemática e gostava de estudar e ajudar minhas colegas com a disciplina. Entrei na UnB em 2011 e me formei em 2015. Entrei no PET meio que de paraquedas e hoje posso falar que foi simplesmente o fator decisivo para a minha profissão atual. Como disse, sempre gostei de Matemática e tive facilidade com a disciplina, porém quando resolvi fazer Matemática, não pensava em ser professora, tanto que fiz a minha inscrição para o bacharelado, apesar de gostar de ensinar as colegas da escola desde pequena. Às vezes, nossa vocação e missão estão na nossa frente e a gente não percebe. Porém, em um congresso que participei no Rio Grande do Sul pelo PET, descobri o sangue de professora. Lá me encontrei e vi o que realmente fazia o meu coração bater mais forte na área profissional.

Terminei o mestrado recentemente na UNESP de Rio Claro-SP, com planos de fazer o doutorado em Matemática Aplicada ou uma graduação em Engenharia Aeroespacial. Em minha defesa, uma membra da banca até comentou, entrei pensando na Educação Matemática e saí pensando na Matemática Aplicada. Acredito que este é o bonito da vida, a gente vai se descobrindo no meio do caminho. Acredito que hoje sou uma interseção entre pesquisar, aplicar e sempre buscar novas didáticas de forma objetiva e clara. E digo que todos estes aspectos foram construídos em minha experiência no PET.

No segundo semestre do curso, lembro que alguns colegas se inscreveram para ingressar no PET e eu também resolvi fazer a minha inscrição, sem ao menos entender direito o que era o PET, mas estava afim de entender um pouco mais sobre a pesquisa. Hoje falo em minhas aulas tanto no cursinho, quanto na graduação que dei uma disciplina, que todos deveriam não apenas ir para a faculdade fazer a disciplina e voltar para casa, mas que deveriam ingressar em algum projeto de extensão e observar as grandes oportunidades que a universidade dispõe para a sua formação.

No PET fiz amigos com os quais tenho contato até hoje, pude estar mais perto dos professores, aprendi na prática a área de Educação Matemática (atividades das Vivências Matemática SBEM que participamos) e a pesquisa Matemática (pesquisa em grupo e individual). Fiz algumas viagens, conheci lugares e países incríveis. Foi através do PET que fiz a minha primeira viagem internacional (México), onde tive a oportunidade de conhecer grandes pesquisadores matemáticos, aprender muito sobre a Matemática e, claro, sobre uma nova cultura também.

Fazer parte do PET foi bastante enriquecedor para o meu crescimento pessoal também. Com as bolsas tive meu primeiro contato com dinheiro (“primeiro salário”). Aprendi a administrar as contas e compreender o porquê de prestar contas também, além de aprender a como continuar com os estudos, os planos e objetivos no meio de dificuldades financeiras e a importância de se ter uma boa administração.

Aprendi a não desistir em meio ao caos, que tudo tem uma solução ou um novo ângulo a ser observado. Quando disse no início sobre o Congresso no Rio Grande do Sul, ele só ocorreu devido ao atraso da verba destinada ao programa. Lembro que, na época, devido a este atraso, nós PETianos buscamos outras alternativas para continuar com as atividades. A verba para aquele ano

chegou no outro ano e em um prazo muito curto para fazer as prestações das contas. Corremos, fizemos um planejamento dos materiais essenciais que estavam faltando e ainda assim restou um pouco que poderia ser gasto no auxílio para congressos e, caso esse valor não fosse gasto, ficaria retido “sem utilidade”, isto é, ficaria um dinheiro parado.

Alguns PETianos foram para um congresso no Rio, se não me engano, e eu e outro PETiano fomos para o congresso de educação no RS. E lá foi onde descobri o porquê de ter feito Matemática, onde e como poderia trabalhar. Lá que descobri a vontade e vocação para ser professora, por isso agradeço imensamente ao PET pela oportunidade. Talvez, se não tivesse esse atraso, minha realidade e realização profissional hoje não teriam acontecido. Depois deste contexto, fiz uma disciplina na UnB chamada Financiamento da Educação, a qual, na minha opinião, todos deveriam fazer. Lá aprendi tudo o que está por trás do financiamento da educação pública e que eu e você, aluno de uma universidade ou escola pública, somos um investimento do governo.

Outro ponto que não poderia deixar de mencionar é a Recepção aos Calouros. Atividade do PET que acho super válida, em que os PETianos, durante uma semana, apresentam o curso para os calouros, dão dicas sobre como funciona a universidade, questões de matrículas e das disciplinas. Momento que desenvolvemos a tão famosa empatia de que necessitamos nos dias atuais.

No mais é isso, converso muito, mas gostaria de agradecer a todos os envolvidos com o PET, aos tutores Mauro e Luciana, aos professores envolvidos com o programa e aos colegas e amigos. Sem sombra de dúvidas, minha experiência como PETiana foi o diferencial para o meu crescimento profissional e pessoal. Obrigada!

Roberto de Santana Araújo (PETiano: 2016/1 a 2018/1)

Meu nome é Roberto de Santana Araújo. Tenho 28 anos. Entrei na UnB em 2010 no curso de Direito. Entrar na UnB foi a melhor coisa da minha vida, mas claramente eu estava no curso errado. Apesar disso, durante o curso de Direito desenvolvi um interesse por filosofia e seguindo o aviso de Platão em cuja entrada de sua Academia alertava “Não entrem aqui aqueles que não sabem Geometria”, decidi que deveria estudar, em algum momento, Matemática. De

qualquer forma, até essa altura não imaginava que faria disso nada mais do que um hobby e, portanto, decidi terminar o curso de Direito e começar o curso de bacharel em Matemática na UnB sem muita pretensão.

Acontece que foi amor à primeira vista e, com poucos dias no curso, já percebi que queria a Matemática por ela mesma. Participei da Semana de Recepção de Calouros elaborada pelo PETMAT e de cara já sabia que tinha que fazer parte daquilo.

No semestre seguinte, entrei para o programa como bolsista onde fiquei até me formar em 2018. Fazer parte do PET foi uma excelente decisão acadêmica. A autonomia que o programa tem nos permite explorar tantas dimensões diferentes do que é fazer Matemática. Pude participar das atividades de pesquisa do programa que me mostraram como essa é uma atividade colaborativa e desafiadora.

Depois de me formar na UnB, fiz mestrado no IMPA onde frequentemente encontrava PETianos nas escolas de verão. Em 2020 concluí o mestrado e comecei o doutorado na Universidade de Münster, na Alemanha, onde pesquisei em Geometria Diferencial.

Minha participação no PET permitiu direta ou indiretamente que eu conhecesse pessoas incríveis, como por exemplo a professora Luciana Ávila, que já era tutora do PET quando entrei e que também foi minha primeira orientadora na pesquisa individual e que plantou em mim a semente do fascínio pela geometria; a professora Jaqueline Mesquita que foi minha orientadora na pesquisa individual por quase todo meu período no PET e que me ajudou a acreditar no meu potencial e a planejar minha carreira acadêmica; e, claro, vários colegas PETianos que viraram meus grandes amigos para vida e com quem encontrar para conversar sobre qualquer coisa, seja Matemática ou não, sempre alegrou meu dia.

Robson Alves Nascimento Filho (PETiano: 2007/1 a 2011/2)

Me chamo Robson e talvez tenha sido o PETiano com mais tempo no PETMAT. Oficialmente fui membro de 1/2007 a 2/2009 e como visitante ilustre de 1/2010 a 2/2011. Como visitante, aproveitava as instalações do PET durante as noites e aos finais de semana (obrigado Paula, Yuri e Jatobá) e, claro,

participava das vivências no entorno do DF e de alguns eventos. O que o professor Mauro falasse eu topava na hora.

Fiz graduação (2010) e mestrado (2012) na UnB, onde escrevi uma dissertação sob os puxões de orelha do Marcelo Furtado (ex-PETiano e corinthiano). Durante o primeiro semestre do mestrado não sabia se iria fazer um doutorado nos EUA ou na Europa, então passei 4 meses estudando Inglês e Francês de bula de remédio para os exames do TOEFL, GRE e DELF. No final, a diversidade cultural e linguística da Europa pesou na minha decisão e vim aventurar a vida em terras belgas. Em 2018, concluí minha tese em Matemática em Bruxelas e fiquei mais um ano e meio na academia, viajando e descobrindo outros países. Atualmente, sou um cigano aventureiro entre a Bélgica e a Bulgária.

Os melhores anos da minha curta carreira na academia foram sem dúvidas os anos no PET. A interação entre nós era maravilhosa, discutíamos Matemática no quadro, uns com as listas de análise, outros estudando álgebra e os calouros com as listas do Célius. As vivências no entorno do DF eram geniais e as reuniões de final de semestre eram um momento de alegria e descontração. Claro, também aproveitava para comer bem! Sempre que vejo os ex-PETianos (e vizinhos), Paula e Yuri, relembramos de tantas coisas dessa época. Talvez eu me considere ainda um PETiano. Sem dúvidas, foi ótimo fazer parte do PET.

Thailany Machado dos Santos (PETiana: 2020/1 - atual)

Sou Thailany Machado dos Santos, tenho 24 anos, moro no Núcleo Bandeirante. Sou aluna do curso de Matemática da UnB e estou no 2º semestre. Dividi meus estudos entre escolas públicas e particulares e, desde muito pequena, quando fui apresentada aos números, foi amor à primeira vista. Desde sempre gostava de ir bem em tudo o que fazia, mas quando o assunto era Matemática eu sempre tinha que ser a melhor.

Aprendi a gostar de leitura no meu 9º ano, quando tínhamos aula de literatura e quando li o primeiro livro do ano, O preço do sucesso. Eu adorei e passei a ler mais e mais e hoje sou uma convicta viciada em leitura. Eu gosto de fantasia, romance e ficção. Gosto de ouvir música no meu tempo livre, como

quando estou dentro do ônibus, me ajuda a passar o tempo. Além de ler no meu tempo livre, eu assisto a filmes e a séries.

Eu sempre ia bem em todas as matérias, mas sempre amei a Matemática e, talvez, por gostar tanto, sempre achei meus professores desta matéria incríveis. Achava incrível como resolver um teorema, uma expressão algébrica, achar o x , mas era o máximo quando conferia o gabarito e minha resposta estava certa.

Lendo isso parece que minha decisão de fazer o curso de Matemática era meio óbvia. E na verdade deveria ter sido. Mas as coisas não foram assim. No terceiro ano, por causa da pressão familiar e de colegas e até professores da disciplina me desencorajaram a fazer este curso, pois era algo desvalorizado, ou assim eles disseram e eu os ouvi. Acabei decidindo fazer Engenharia Civil em 2012, quando terminei o Ensino Médio, até 2019, quando finalmente decidi parar de ouvir as opiniões de outras pessoas e finalmente escolhi fazer Matemática.

Passei na UnB no segundo semestre de 2019, um pouco perdida nessa nova estrada, mas pronta para seguir em frente. Entrei no PETMAT no segundo período do meu curso esperando crescer na minha vida acadêmica, aprender com outros PETianos, com a tutora e com a vivência de algo novo, esperando me encontrar como matemática.

Thais Regina Duarte Marçal (PETiana: 2020/1 - atual)

Oi, me chamo Thais. Nasci em Taguatinga-DF no dia 11/06/2000, tenho 20 anos e sou aluna de graduação da UnB. Curso Licenciatura em Matemática e pretendo cursar o Bacharelado também. Ingressei na instituição em 2018 e, no segundo semestre desse mesmo ano, dei início a minha primeira graduação.

Quando era criança, frequentei uma escola pequena perto da minha casa, fazendo os primeiros anos da escola lá. Mudei para a escola pública e no Ensino Fundamental II fui para o EDUSESC de Taguatinga Norte, onde terminei o Ensino Médio. No geral, minha vida foi bem marcada pela prática de esportes, por causa da minha mãe. Ela é professora de educação física, mas atualmente não trabalha mais na área. Tenho 4 irmãos e um cachorro. Pais separados. Gosto muito de ver séries e filmes, além de testar receitas gostosas na cozinha.

O PET me trouxe muitos aprendizados. Ele me tirou da zona de conforto, mostrando outras atividades na graduação. Além disso, consegui entender

como funcionam certas coisas na área acadêmica, e também conheci diferentes áreas na matemática, por conta da pluralidade dos integrantes. Fico feliz de ter participado do grupo e feito amigos.

Thiago Linhares Drummond (PETiano: 1999/1 a 2001/1)

Cursei o Bacharelado em Matemática na UnB de 1998 a 2001 e tive a imensa alegria de fazer parte do programa PETMAT entre os anos 1999 a 2001. O PETMAT foi uma experiência riquíssima e diversa em que pude aprender desde a digitar em LaTeX nos deveres de casa dos muitos cursos oferecidos até a diferença entre uma fuga e uma sonata no curso de apreciação musical, a menina dos olhos do nosso querido tutor na época, o professor Celius Magalhães.

Foi por meio do PETMAT que tive o incentivo de me aventurar nos cursos de verão no IMPA, dividindo um apartamento em Copacabana com colegas do PETMAT e, daí, decidir fazer o mestrado e doutorado nesse instituto. Penso que o programa serve como um laboratório de práticas que vão muito além do fazer matemático. Trago comigo lembranças muito alegres do PETMAT e desejo longa vida ao programa.

Thiago Raposo Milhomem de Carvalho (PETiano: 2007/2 a 2009/2)

Fui membro do grupo PET-MAT de 2007 a 2009, no Departamento de Matemática da UnB, onde concluí a licenciatura e o bacharelado. Como também sou graduado em Engenharia Elétrica, segui na engenharia em meu mestrado e doutorado (apesar de, por pouco, não os terem feito na Matemática!), no programa de Engenharia de Sistemas Eletrônicos e Automação (UnB), sob a orientação do professor Francisco Assis de Oliveira Nascimento. Em minha época de PETiano, estive sob a tutoria dos professores João Carlos Nascimento de Pádua e Mauro Luiz Rabelo.

Há 10 anos sou professor no Centro Universitário IESB, nos cursos de Engenharia Elétrica e da Computação e de Ciência da Computação, nos quais já orientei algumas dezenas de trabalhos (de graduação, iniciação científica etc.). Trabalho, principalmente, com Processamento Digital de Sinais e suas

aplicações (sinais biológicos, áudio, voz, imagens, codificação de sinais etc.), em que se empregam muitos resultados de Análise de Fourier, Corpos de Galois, Processos Estocásticos, entre outras coisas maravilhosas que a Matemática tem para nos oferecer. Lembro com muito carinho de minha época de PETiano e dos colegas com quem convivi!

Victor Barbosa Jatobá (PETiano: 2009/2 a 2011/2)

Meu nome é Victor Jatobá, tenho 31 anos e participei do PETMAT UnB de 2009 até 2012. Sou natural de Maceió, Alagoas, porém me mudei aos 5 anos para Brasília.

Logo ao entrar para Matemática na UnB, conheci diversos calouros como eu, com quem formei uma amizade. Acredito que foi um desses calouros, o Yuri Santos, que comentou sobre o PETMAT e o processo seletivo. Fizemos o processo e entramos no segundo semestre do curso. Foi também o primeiro semestre com o professor Mauro Rabelo como tutor. Nos 3 anos que estive no PETMAT, só tive experiências boas. Era um lugar de encontro para estudos, lágrimas e risadas, frequentemente era uma combinação dois a dois dessas três opções. A lista de atividades feitas por mim no PETMAT é extensa, contendo, por exemplo: minicursos, semana da Matemática, encontro dos PETMATs, viagens, Bienal, ENEM, sábados indo para escolas com projetos de extensão, ler livros como o Andar do Bêbado, ir para antiga escola Normal, monitoria, dentre outras. O PET foi um lugar que me acolheu muito bem e que gerou diversos frutos.

Minha história como PETiano oficialmente acabou em 2012, quando passei no Mestrado na UnB. Porém, sempre dava um pulo e ia para a sala no subsolo. De fato, acho que só parei de ir ao PET quando me mudei para Chicago, após ser aceito no Doutorado na Universidade de Illinois em Chicago. Me formei em maio de 2020 e, em setembro do mesmo ano, recebi a notícia que meu artigo foi aceito e será publicado na Proceedings of the American Mathematical Society. Retornei ao Brasil durante a pandemia e atualmente estou trabalhando como professor na Escola das Nações.

Yuri Santos Rego (PETiano: 2009/2 a 2012/2)

Me chamo Yuri Santos Rego, maranhense nascido e criado em São Luís, onde bumba o Boi de Morros e canta Alcione. Fã de Michael Jackson e Tim Maia desde o berço e de cinema desde a infância, corinthiano simpático do Sampaio Corrêa, ex-competidor de cardgames e videogames, e ferrenho apreciador de quase toda culinária. Minha mãe, como fez minha avó, dava nó em pingo d'água para que eu e minha irmã tivéssemos boa escolaridade. Tivemos o privilégio que poucas famílias negras têm, formação em boas escolas. No colégio adorava História e, por ironia do destino, minha afinidade por Matemática originou justo de aulas de Matemática lecionadas pelo meu professor de História! Porém acreditava que cursaria Engenharia Eletrônica. Enquanto suava como vestibulando, descobri que investigar estruturas e problemas fomentava minha sede por conhecimento. Ao aprender ser Matemática a disciplina que disso trata, ingressei no bacharelado em Matemática na UnB.

Cedo descobri programas de fomento, consegui uma bolsa de Iniciação Científica ao fim do meu 2º período e entrei para o PETMAT como voluntário pouco depois. Fiquei em ambos os programas até o fim da graduação. Fui então para o Mestrado na Unicamp. Relembrando meu treinamento algébrico em disciplinas da UnB e estudos no PETMAT e, após contato com o Grupo Fundamental em um verão no IMPA, entrei para a Teoria de Grupos. Em paralelo, tinha a sensação de que o destino me levaria à Alemanha, apesar de ser um lugar sem bobó de camarão ou beiju. Talvez por admiração à Matemática de Gauss ou pelo futebol germânico? (Destaque para a aula de contra-ataque no 4x0 sobre a Argentina em 2010.) Enfim, fui “recrutado” pelos alemães por meio do DAAD e doutorei na Universidade de Bielefeld, à beira da Floresta de Teuteburg. Hoje sou pesquisador assistente, focando em teoria geométrica de grupos e 3-variedades, na Universidade de Magdeburg, onde corre o Rio Elbe.

Minha jornada, como cidadão e cientista, não teria sido tão positiva não fossem os anos no PETMAT. Desnecessário destacar a Matemática que conheci por lá, reforço principalmente o impacto que muitos dos ensinamentos e atividades do PETMAT tiveram na minha vida e aprendizados subsequentes, os quais sempre me acompanharão.

O PETMAT da UnB é também inclusão. É onde alunos e professores das mais diversas origens e histórias se reúnem pela Matemática e pela educação, na interseção dos três pilares da academia.

PALAVRAS FINAIS

Finalizar esta obra me fez retornar às páginas iniciais para o processo de revisão e, com isso, pude percebê-lo como um todo. Revisitei, então, a frase “Sonho que se sonha só é só um sonho, mas sonho que se sonha junto é realidade...” de Raul Seixas, a qual me trouxe à memória os primeiros movimentos para a produção deste livro. Posso afirmar que meu sonho está materializado em cada página dele. Sendo assim, não posso deixar de exprimir a minha alegria ao vê-lo concluído e entregue para leitura e apreciação e a minha satisfação em escrever estas últimas palavras.

A motivação inicial para produzir este livro, registrando os dados, as informações e a história do PETMAT UnB foi pautada na percepção de que o registro torna o objeto perene. Sendo assim, a concatenação das informações dimensiona a grandeza do PETMAT na vida de todos os envolvidos como tutores, PETianos e a comunidade, por reverberação.

Meus calorosos agradecimentos a você que leu todas essas páginas, que embarcou nessa viagem ao passado relembando e descobrindo os momentos únicos da história dos 25 anos do PETMAT.

Escrever essas páginas foi deveras desafiador, mas como a aprendizagem é uma constante para qualquer ser humano, afirmo que aprendi muito na escrita deste livro e espero que a sua leitura tenha sido prazerosa.

Despeço-me com a alegria de poder ter dividido com você o meu sonho e assim finalizamos sonhando juntos, permitindo que o sonho se torne realidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carolina; BARBOSA, Márcia C.; FELIZI, Natasha; MAGNO, Bruna S. **O cristal e o vidro - Obstáculos pouco visíveis para mulheres nas ciências exatas, tecnologia, engenharia e matemática.** Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/~barbosa/Publications/Blog/blog-barbosa-magno-araujo-felizi-junho-2018.pdf> . Acesso em: 11 nov. 2021.

BORBA, Flávia P.; SOARES, Swamy. Abordagens metodológicas na avaliação de políticas: o Programa de Educação Tutorial na UFPB. **Tópicos Educacionais**, Recife, v. 21, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/view/22426>. Acesso em: 08 set. 2021.

BRASIL, s/d. PET, Ministério da Educação. **Apresentação.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pet>. Acesso em: 08 set. 2021.

BRASIL. **Manual de Orientações Básicas.** Ministério da Educação, 2006. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/pet/manual-de-orientacoes>. Acesso em: 08 set. 2021.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação.** Ministério da Educação, 2014. Disponível em <http://pne.mec.gov.br/>. Acesso em: 08 de setembro, 2021.

BRASIL. **Lei n. 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Poder Executivo, Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2021.

BRASIL. **Lei n. 11.180**, de 23 de setembro de 2005. Poder Executivo, Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111180.htm. Acesso em: 11 nov. 2021.

BRASIL. **Lei n. 5.537**, de 21 de novembro de 1968. Poder Executivo, Brasília, DF. Disponível em: [https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5537-21-novembro-1968-359186-publicacaooriginal-1-pl.html#:~:text=Cria%20o%20Instituto%20Nacional%20de,\)%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAncias.&text=Fa%C3%A7o%20saber%20o%20CONGRESSO,Art](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5537-21-novembro-1968-359186-publicacaooriginal-1-pl.html#:~:text=Cria%20o%20Instituto%20Nacional%20de,)%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAncias.&text=Fa%C3%A7o%20saber%20o%20CONGRESSO,Art). Acesso em: 11 nov. 2021.

BRASIL. **Ministério da Educação.** Poder Executivo, DF. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12226&Itemid=483. Acesso em: 11 nov. 2021.

BRASIL. **Portaria nº 3.385**, de setembro de 2005. Poder Executivo, Brasília, DF. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12227&Itemid=484. Acesso em: 11 nov. 2021.

BRASIL. **Lei n. 11.653**, de 7 de abril de 2008. Anexo I – Programas de Governo – Finalísticos. Poder Executivo, Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111653.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2011.653%2C%20DE%207%20DE%20ABRIL%20DE%202008.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Plano%20Plurianual%20para%20o%20per%C3%ADodo%202008%2F2011.&text=Art.&text=2o%20O%20Plano%20Plurianual,para%20o%20per%C3%ADodo%20do%20Plano. Acesso em: 11 nov. 2021.

CASTRO, Claudio. **O PET visto por seu criador**. Disponível em: <https://petagronomia.ufc.br/wp-content/uploads/2020/11/o-pet-visto-por-seu-criador.pdf>. Acesso em: 08 set. 2021.

CORRÊA, Aline F., A origem do Programa de Educação Tutorial: considerações sobre o processo de criação e alguns de seus resultados, **Revista Multiface**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 93-103, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.29327/223163.9.1-5>. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/multiface/article/view/6380/3452>. Acesso em: 27 dez. 2021.

MAFRA, Simone; MACHADO, Aparecida de Paula; PEREIRA, Glauciane Aparecida; FORTES, Taís Ribeiro. **Memórias Contadas, 20 anos do Programa de Educação Tutorial em Economia Doméstica**. Disponível em: <https://www.novos cursos.ufv.br/projetos2/ufv/pet/www/wp-content/uploads/LIVRO-MEMORIAS-CONTADAS.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2021.

MARTINS, Iguatemy Lucena. **Educação Tutorial no ensino presencial** – uma análise sobre o PET, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/PET/pet_texto_iv.pdf. Acesso em: 08 set. 2021.

MÜLLER, Angélica. **Qualidade no Ensino Superior**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

PET – **Programa de Educação Tutorial**. Decanato de Ensino de Graduação. Brasília. Disponível em: <http://deg.unb.br/o-programa-pet>. Acesso em: 08 set. 2021.

PETMAT – **Programa de Educação Tutorial em Matemática** – UnB. Disponível em: <http://pet.mat.unb.br/>. Acesso em: 08 set. 2021.

RODRIGUES, Luciana Ávila. Atividades de extensão do Programa de Educação Tutorial (PET) em Matemática da Universidade de Brasília, *In*: MUNDIM,

Carina Maia de Castro; NEVES, Regina da Silva Pina (org.). **Práticas Formativas na Extensão Universitária**: Contribuições do Instituto de Ciências Exatas da Universidade de Brasília. São Paulo: Paco Editorial, 2021.

ROSIN, Sheila M.; GONÇALVES, Antonio C.; HIDALGO, Mirian M. Programa de Educação Tutorial: Lutas e Conquistas. **Revista ComInG- Communications and Innovations Gazette**, v. 2, n. 1. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/coming/article/view/24495>. Acesso em: 11 nov. 2021.

TORINA, Helen F.; ALMEIDA, Larissa; SILVA, Jayter. História do Programa de Educação Tutorial da FMRP – USP, **Medicina (Ribeirão Preto)**. v. 49, n. 4, 374-380, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v49i4p374-380>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/122731>. Acesso em: 08 set. 2021.

Este livro registra os principais momentos das comemorações dos 25 anos do grupo PETMAT – Programa de Educação Tutorial em Matemática da Universidade de Brasília. Resgata a história do grupo por meio da escuta e do registro de entrevistas realizadas com tutores e PETianos egressos que, por meio do compartilhamento de suas experiências, permitiram-nos resgatar a história do grupo a partir das experiências de quem ajudou a construí-la. Faz também uma análise do perfil dos egressos, reafirmando os reflexos da importância que a participação no grupo proporciona aos integrantes na sua formação acadêmica e pessoal. Narra também a história do programa PET no Brasil, desde a criação dos primeiros grupos em 1979.

Fazer este registro é uma forma de assegurar a continuidade da memória e da história do PET Matemática da UnB, para que futuros PETianos, gestores e professores envolvidos com o programa possam conhecê-la e assim compreender os benefícios que o programa representa na vida acadêmica e pessoal de cada um que por ele passa.

Esperamos que o leitor possa embarcar nessa viagem ao passado conosco para que possamos, juntos, relembrar e descobrir os vários momentos únicos que fizeram do PETMAT o que ele é hoje.



ISBN 978-65-5563-175-3



9 786555 631753